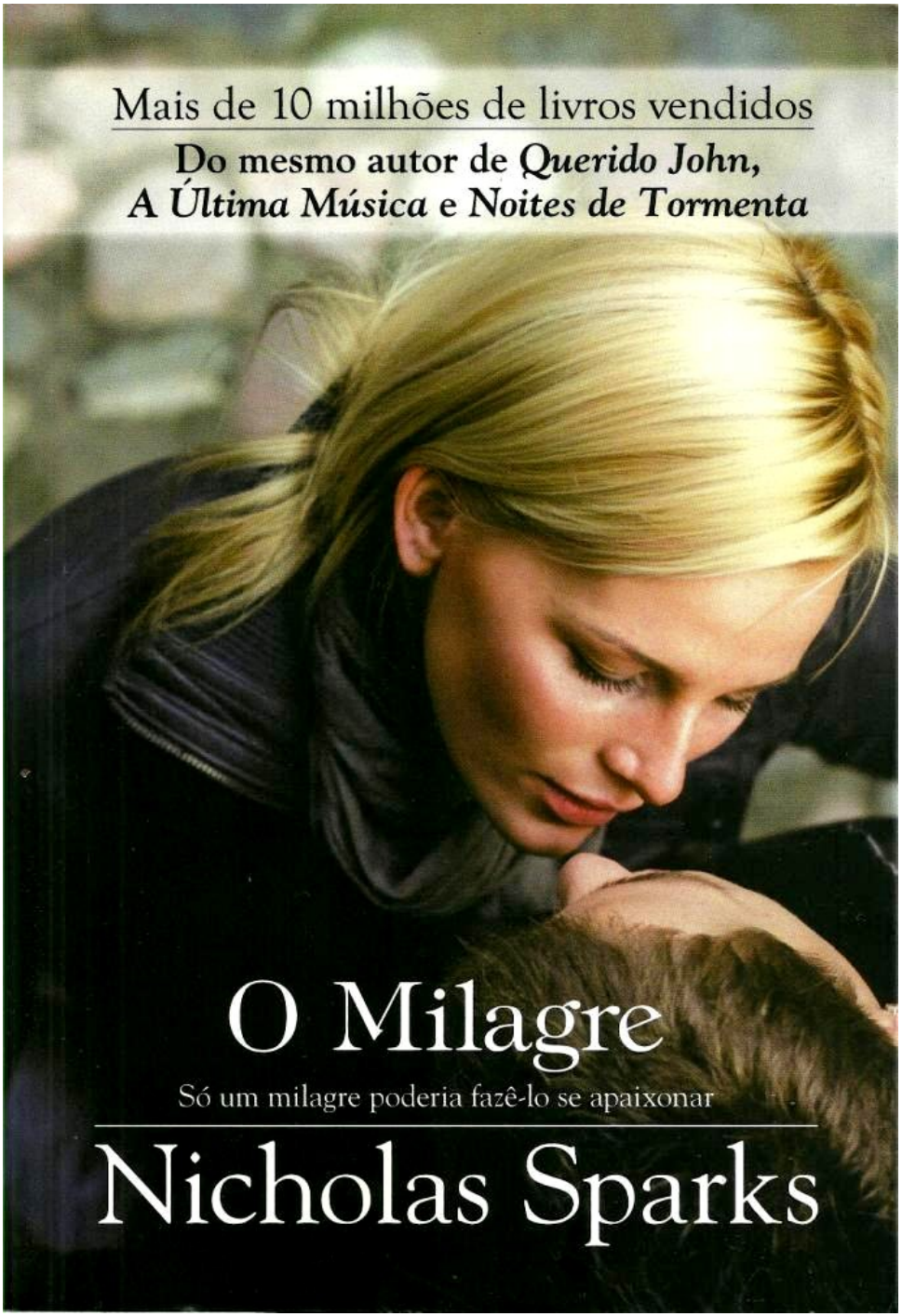
Mais de 10 milhões de livros vendidos
Do mesmo autor de *Querido John*,
A Última Música e *Noites de Tormenta*
O Milagre
Só um milagre poderia fazê-lo se apaixonar
Nicholas Sparks

Nicholas Spark

O MILAGRE

Tradução
Elvira Serapicos

AGIR
2010

Para Rhett e Valerie Little, pessoas maravilhosas,
amigos maravilhosos.

Agradecimentos

Como sempre, tenho de agradecer à minha esposa, Cathy, por seu apoio enquanto escrevia este romance. Tudo o que consigo fazer devo a ela.
Também tenho de agradecer a meus filhos: Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah. O que posso dizer? Fui abençoado no momento em que cada um de vocês surgiu na minha vida e tenho muito orgulho de todos vocês.

Theresa Park, minha agente, merece uma grande salva de palmas por tudo o que faz por mim. Parabéns por sua nova agência — a *Park Literary Group* (para todos os aspirantes a escritor que estão por aí). Sinto orgulho por poder chamada de amiga.

Jamie Raab, minha editora, merece meu agradecimento, não apenas pelo modo como ela edita meus romances, mas por toda a confiança que deposita em mim. Eu não sei o que teria acontecido com minha carreira se não fosse por você, e sou muito grato por sua generosidade e atenção.

Larry Kirshbaum e Maureen Egen são amigos e colegas, e considero um privilégio trabalhar com eles. Eles são simplesmente os melhores naquilo que fazem.

Denise DiNovi também merece meu agradecimento, não apenas por causa dos filmes que fez a partir de meus romances, mas por aqueles telefonemas nas horas certas, que sempre iluminam meus dias.

Obrigado também a Howie Sanders e Dave Park, meus agentes na UTA, e também a Richard Green, na CAA.

Lynn Harris e Mark Johnson, que ajudaram a transformar *The notebook* naquele filme maravilhoso, também merecem minha gratidão. Obrigado por nunca terem deixado de acreditar no romance.

Agradecimentos especiais também para Francis Greenburger. Ele sabe por quê — e eu lhe devo uma.

E, finalmente, obrigado àquelas pessoas que trabalham tanto nos bastidores e se tornaram como uma família para mim com o passar dos anos: Emi Battaglia, Edna Farley e Jennifer Romanello, no Departamento de Publicidade; Flag, que fez

outro trabalho fantástico com a capa; Scott Schwimer, meu advogado; Harvey-Jane Kowal, Shannon O'Keefe, Julie Barer e Peter McGuigan. Eu tenho muita sorte por trabalhar com pessoas tão maravilhosas.



Capítulo UM

Jeremy Marsh sentou-se com o resto do público do estúdio ao vivo, sentindo-se estranhamente visível. Sentado no meio de apenas meia dúzia de homens presentes no auditório, naquela tarde de meados de dezembro, estava vestido de preto, é claro, e com seu cabelo escuro ondulado, olhos azul-claros e a estilosa barba por fazer, parecia exatamente o nova-iorquino que era. Enquanto estudava o convidado que ocupava o palco naquele momento, ele conseguiu observar sorrateiramente a loira atraente sentada três fileiras acima. Sua profissão freqüentemente exigia que fizesse várias coisas ao mesmo tempo. Ele era um jornalista investigativo em busca de uma história, e a loira era apenas mais uma pessoa no auditório;

ainda assim, o observador profissional que havia dentro dele não poderia deixar de notar o quanto ela ficava atraente com aquele *top* frente única *e jeans.* Jornalisticamente falando, é claro.

Desviando o pensamento, ele tentou voltar sua atenção de novo para o convidado. Aquele cara era mais do que ridículo. Ofuscado pelas luzes da televisão, Jeremy tinha a impressão de que o guia espírita parecia estar com prisão de ventre, enquanto garantia ouvir vozes do além. Ele havia assumido uma intimidade falsa, agindo como se fosse o irmão ou o melhor amigo de todo mundo, e parecia que a grande maioria do público, apavorada — inclusive a loira atraente e a mulher com quem o convidado estava falando —, considerava-o a própria dádiva dos céus. O que fazia sentido, pensou Jeremy, já que era sempre esse o destino das pessoas amadas falecidas. Os espíritos do além estavam sempre cercados por uma luz angelical brilhante e envoltos em uma aura de paz e tranqüilidade. Jeremy jamais ouvira falar de um guia espírita que se comunicasse com aquele outro lugar, mais quente. Os mortos queridos jamais diziam que estavam sendo assados num espeto ou cozidos num caldeirão de óleo, por exemplo. Mas Jeremy sabia que estava sendo cínico. E, além disso, tinha de admitir, era um ótimo espetáculo. Timothy Clausen era bom — muito melhor do que a maioria dos charlatães sobre os quais Jeremy tinha escrito ao longo dos anos.

— Eu sei que é difícil — Clausen disse no microfone —, mas Frank está lhe dizendo que está na hora de deixar que ele se vá.

A mulher para quem ele se dirigia com tanta ó-meu-Deus empatia, parecia que ia desmaiar. Cinqüentona, ela usava uma blusa verde listrada e seu cabelo vermelho encaracolado parecia crescer e encaracolar em todas as direções. Suas mãos estavam tão apertadas na altura do peito que os dedos estavam esbranquiçados por causa da pressão.

Clausen fez uma pausa e colocou a mão na testa, aproximando-se do "além", como ele dizia. No silêncio, a multidão inclinou-se coletivamente para a frente em suas poltronas. Todos sabiam o que viria em seguida; a mulher era a terceira pessoa da platéia escolhida por Clausen. Não era de surpreender que Clausen fosse o único convidado apresentado pelo popular *talk show* naquela tarde.

— Você se lembra da carta que ele lhe mandou? — Clausen perguntou. — Antes de morrer?

A mulher sufocou um grito. A seu lado, o assistente da produção aproximou o microfone ainda mais para que todos os que estivessem assistindo à televisão pudessem ouvir claramente.

— Sim, mas como você poderia saber...? — ela gaguejou.

Clausen não deixou que ela terminasse. — Você se lembra do que dizia? — ele perguntou.

— Sim — a mulher resmungou.

Clausen acenou com a cabeça, como se ele próprio tivesse lido a carta. — Ela falava sobre perdão, não é mesmo?

No sofá, a apresentadora do programa, o *talk show* vespertino mais popular da América, cravou o olhar em Clausen e depois na mulher, e depois em Clausen de novo. Ela parecia ao

mesmo tempo surpresa e satisfeita. Guias espíritas eram sempre bons para os índices de audiência.

Enquanto a mulher da platéia acenava com a cabeça, Jeremy notou que o rímel começou a escorrer por seu rosto. Rapidamente, as câmeras se aproximaram para exibir o *close.* Isso era a televisão em seu aspecto mais dramático.

– Mas como é que você poderia...? — a mulher voltou a dizer.

– Ele também estava falando a respeito de sua irmã — Clausen murmurou. — E não apenas dele.

A mulher encarou Clausen, transfigurada.

— Sua irmã Eilen — Clausen acrescentou, e com aquela revelação a mulher finalmente soltou um choro convulsivo. As lágrimas brotavam como num esguicho automático. Clausen — bronzeado e elegante em seu terno preto sem um único fio de cabelo fora do lugar — continuava a acenar com a cabeça como aqueles cachorrinhos que você prende no retrovisor do carro. A platéia olhava para a mulher em silêncio profundo.

— Frank deixou outra coisa para você, não é? Uma coisa do seu passado.

Apesar do calor provocado pelas luzes do estúdio, a mulher pareceu ter ficado realmente pálida. Em um canto do *set,* além da área mais ampla em torno do palco, Jeremy viu o produtor girando o dedo indicador como se fosse o movimento de um helicóptero. Estava chegando a hora do intervalo comercial. Clausen olhara de maneira quase imperceptível naquela direção. Ninguém, além de Jeremy, parecia ter notado, e ele sempre se perguntava por que as

pessoas nunca questionavam o fato de a comunicação com o mundo dos espíritos estar em tão perfeita sincronia com os intervalos comerciais.

Clausen continuou. — Que ninguém mais poderia saber a respeito. Uma chave, certo?

Os soluços continuavam, enquanto a mulher concordava com a cabeça.

— Você nunca pensou que ele tivesse guardado, não é?

O.k., esse é o gancho, Jeremy pensou. Outro verdadeiro crente a caminho.

— É do hotel em que vocês ficaram em sua lua-de-mel. Ele a deixou lá para que, quando a achasse, você se lembrasse dos tempos felizes que passaram juntos. Ele não quer que você se lembre dele com sofrimento, porque ele a ama.

— Ooooooooohhhhhhhhhhhhh...! — a mulher choramingou.

Ou algo parecido. Um gemido talvez. Do lugar em que estava sentado, Jeremy não poderia dizer com certeza, porque o choro foi interrompido por aplausos súbitos e entusiasmados. De repente, o microfone foi retirado. As câmeras se afastaram. Acabado o seu momento de glória, a mulher da platéia desabou na poltrona em que estava sentada. Nesse exato momento, a apresentadora se levantou do sofá e olhou direto para a câmera.

— Lembrem-se de que isto que vocês estão assistindo é real. Nenhuma dessas pessoas jamais se encontrou com Timothy Clausen. — Ela sorriu. — Estaremos de volta com mais uma comunicação depois dos comerciais.

Mais aplausos quando o programa foi interrompido para os comerciais, e Jeremy recostou-se em sua poltrona.

Como jornalista investigativo conhecido por seu interesse pela ciência, ele havia construído uma carreira escrevendo sobre pessoas como essas. Na maior parte do tempo, gostava do que fazia e tinha orgulho de seu trabalho, como se fosse uma espécie de serviço público valioso, numa profissão tão especial que tinha seus direitos enumerados pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Em sua coluna habitual na *Scientific American,* ele havia entrevistado ganhadores do Prêmio Nobel, explicado as teorias de Stephen Hawking e de Einstein em termos acessíveis aos leigos, e uma vez teve seu mérito reconhecido por ter deflagrado um movimento na opinião pública que levou a Food and Drug Administration (FDA) a tirar do mercado um poderoso antidepressivo. Ele escrevera extensivamente a respeito da missão Cassini, a respeito do espelho defeituoso nas lentes do telescópio espacial Hubble, e fora um dos primeiros a condenar publicamente a experiência da fusão fria realizada em Utah como sendo uma fraude.

Infelizmente, apesar de toda a repercussão da sua coluna, ela não dava muito dinheiro. Era o seu trabalho como *freelancer* que pagava a maioria das contas, e, como todos os *freelancers,* ele estava sempre se movimentando para descobrir histórias que pudessem interessar aos editores de revistas e jornais. Seu segmento de atuação tinha se ampliado de forma a incluir "tudo o que fosse incomum" e, nos últimos quinze anos, ele havia pesquisado e investigado videntes, guias espíritas, médicos espirituais e médiuns. Ele havia revelado fraudes,

mistificações e embustes. Visitara casas assombradas, lançara-se na procura por criaturas místicas e envolvera-se na busca das origens de lendas urbanas. Cético por natureza, era dotado da rara capacidade de explicar conceitos científicos difíceis de uma forma que o leitor mediano conseguisse entender, e seus artigos haviam sido publicados por centenas de revistas e jornais ao redor do mundo. A desmistificação científica, para ele, era tão nobre quanto importante, mesmo que o público nem sempre gostasse. Freqüentemente, depois da publicação de seus artigos como *freelancer,* seu correio eletrônico ficava repleto de palavras como "idiota", "retardado" e a sua favorita, "puxa-saco do governo".

O jornalismo investigativo, ele tinha aprendido, era um negócio ingrato.

Refletindo sobre isso com o semblante fechado, ele observou a platéia conversando animadamente, imaginando quem seria o próximo a ser escolhido. Jeremy lançou outro olhar furtivo na direção da loira, que examinava o batom em um espelhinho de mão.

Jeremy já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen oficialmente não faziam parte do número. Porém, como a presença de Clausen havia sido anunciada com antecedência, os ingressos para o programa haviam sido disputados furiosamente. O que significava, é claro, que a platéia estava cheia de pessoas que acreditavam na vida após a morte. Para elas, Clausen era autêntico. Como ele saberia coisas tão pessoais a respeito de estranhos, se não falasse com os espíritos? Mas como com qualquer bom mágico que tinha seu repertório muito bem decorado, a ilusão ainda era uma ilusão;

e, pouco antes de começar o programa, Jeremy não só havia percebido como ele iria agir, como também havia obtido provas fotográficas para mostrar.
Desmascarar Clausen seria o maior feito de Jeremy até então, e era exatamente o que merecia o sujeito. Clausen era um trapaceiro da pior espécie. Ainda assim, o lado pragmático de Jeremy compreendia que esse era o tipo de história que raramente fazia sucesso e ele queria tirar o máximo proveito dela. Afinal, Clausen estava no auge de uma enorme celebridade; e, na América, celebridade era tudo o que importava. Apesar de saber que era uma possibilidade absolutamente improvável, ele fantasiou sobre o que aconteceria se Clausen realmente o escolhesse a seguir. Ele não esperava que isso acontecesse; ser escolhido seria o mesmo que ganhar um prêmio acumulado na loteria; mas mesmo que não acontecesse, Jeremy sabia que tinha uma excelente história. A diferença entre excelente e excepcional, entretanto, muitas vezes dependia dos caprichos do destino, e ao terminar o intervalo comercial ele sentiu dentro dele um pequeno lampejo de injustificada esperança para que de alguma forma Clausen dirigisse sua atenção para ele.
Então, como se Deus também não estivesse muito satisfeito com o que Clausen estava fazendo, foi exatamente isso o que aconteceu.

Três semanas depois, o inverno castigava Manhattan sem compaixão. Uma frente fria vinda do Canadá tinha feito as temperaturas despencarem até quase zero, nuvens de vapor saíam das grades dos esgotos antes de pousar sobre as calçadas

escorregadias. Não que alguém parecesse se importar. Os intrépidos cidadãos nova-iorquinos exibiam sua habitual indiferença a tudo o que dissesse respeito às condições meteorológicas, e as noites de sexta-feira não poderiam ser desperdiçadas de maneira alguma. As pessoas davam um duro danado durante a semana e não iriam deixar de sair uma noite, principalmente quando havia motivos para celebrar. Nate Johnson e Alvin Bernstein já estavam celebrando fazia uma hora, assim como uma dúzia de amigos e jornalistas — alguns da *Scientific American* — que tinham se reunido para homenagear Jeremy. Muitos já estavam na fase mais animada da noite e se divertiam bastante, principalmente porque os jornalistas costumam ter uma grande preocupação com o orçamento, e aquela noite era por conta de Nate.

Nate era o agente de Jeremy. Alvin, que trabalhava como *cameraman freelancer,* era o melhor amigo de Jeremy, e eles haviam se reunido naquele bar modernoso do Upper West Side para celebrar a presença de Jeremy no *Primetime Live* da rede ABS. As chamadas do *Primetime Live* tinham ido ao ar naquela semana — a maioria delas mostrando Jeremy de frente e no centro, e prometendo uma grande revelação — e pedidos para entrevistas em todos os cantos do país estavam chovendo no escritório de Nate. No início daquela tarde, a revista *People* telefonara e eles haviam marcado uma entrevista para a segunda-feira pela manhã.

Não fora possível organizar um espaço reservado para o encontro, mas ninguém parecia se importar. Com seu imenso bar de granito e uma iluminação teatral, o lugar superlotado era o próprio reino dos *yuppies.* Enquanto os jornalistas da

Scientific American usavam jaquetas esportivas de *tweed* com protetores de bolso e se amontoavam num canto do salão, conversando sobre fótons, a maioria dos outros clientes parecia ter vindo direto do trabalho, na Wall Street ou na Madison Avenue: paletós de ternos italianos pendurados nas costas das cadeiras, gravatas Hermes com o nó frouxo, homens que pareciam não querer fazer outra coisa além de examinar as mulheres que freqüentavam o lugar, enquanto mantinham o olho grudado no Rolex. Mulheres que trabalhavam em editoras ou agências de publicidade vestiam roupas de *griffe* e usavam saltos absurdamente altos, bebericando Martinis aromatizados, enquanto fingiam ignorar os homens. Jeremy estava de olho numa ruiva alta do outro lado do bar que, aparentemente, estava olhando em sua direção. Ele se perguntou se ela o teria reconhecido das chamadas da televisão, ou se queria companhia apenas. Ela virou o rosto, aparentemente desinteressada, mas depois olhou de novo para ele. Diante do olhar que se demorou um pouco mais desta vez, Jeremy ergueu o copo.

— Vem cá, Jeremy, presta atenção — disse Nate, cutucando-o com o cotovelo. — Você está na TV! Você não quer ver como foi?

Jeremy desviou sua atenção da ruiva. Erguendo o olhar na direção da tela, ele se viu sentado diante de Diane Sawyer. Estranho, ele pensou; era como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ainda parecia que não tinha acontecido de verdade. Nada naquelas três últimas semanas parecia ter acontecido de verdade, apesar de todos os seus anos na mídia.

Na tela, Diane o estava descrevendo como "o jornalista científico mais respeitado dos Estados Unidos". A história não só acabara por se transformar em tudo o que ele queria, como Nate estava negociando com o *Prime-time Live* uma colaboração regular de Jeremy, com a possibilidade de matérias adicionais para o *Good Morning America.* Apesar de muitos jornalistas acharem que a televisão era um veículo menos importante do que outros, mais sérios, para reportagens, isso não impedia que a maioria deles alimentasse intimamente a idéia da televisão como o Santo Graal, o que no fundo queria dizer muito dinheiro. Apesar dos cumprimentos, havia inveja no ar, uma sensação tão estranha para Jeremy quanto uma viagem espacial. Afinal, jornalistas da sua espécie não estavam exatamente no topo da hierarquia social da mídia — até hoje.

— Ela falou que você é respeitado? — Alvin perguntou. — Você escreve a respeito do Pé Grande e da lenda de Atlantis?

— Sshhh! — Nate soprou, os olhos grudados na televisão. — Estou tentando ouvir. Pode ser importante para a carreira de Jeremy.

Como agente de Jeremy, Nate estava eternamente promovendo eventos que "poderiam ser importantes para a carreira de Jeremy", pela simples razão de que o trabalho como *freelancer* não era assim tão lucrativo. Alguns anos antes, quando Nate estava começando, Jeremy havia aceitado a proposta para fazer um livro, e eles estavam trabalhando juntos desde então, simplesmente porque tinham se tornado amigos.

— Tudo bem — disse Alvin, ignorando a rabugice.

Enquanto isso, brilhando na tela atrás de Diane Sawyer e de Jeremy, estavam os momentos finais da *performance* de Jeremy no programa vespertino da televisão, quando Jeremy havia fingido que era um homem lamentando a morte do irmão que perdera na infância. Esse menino, segundo Clausen, estava querendo entrar em contato com Jeremy.

— Ele está comigo — Clausen estava anunciando. — Ele quer que você o deixe ir, Thad.

A imagem então mudou para mostrar a interpretação que Jeremy fazia de alguém angustiado, o rosto contorcido. Ao fundo, Clausen acenava com a cabeça, exalando compaixão ou revelando a prisão de ventre, conforme a perspectiva.

– Sua mãe nunca mexeu no quarto dele — o quarto que você dividia com ele. — Ela insistia para que fosse mantido do mesmo jeito, e você ainda tinha de dormir ali — Clausen prosseguiu.

– Sim — Jeremy soluçou.

– Mas você tinha medo de ficar lá e, de raiva, você pegou uma coisa dele, uma coisa muito pessoal, e a enterrou no quintal dos fundos.

– Sim — Jeremy conseguiu dizer de novo, como se estivesse muito emocionado para falar mais do que isso.

– O aparelho que ele usava para corrigir os dentes.

– Ooooooohhhhhhhhh! — Jeremy gemeu, cobrindo o rosto com as mãos.

– Ele o ama, mas você precisa entender que ele está em paz agora. Ele não sente raiva de você...

– Ooooooohhhhhhhhh! — Jeremy choramingou de novo, contorcendo ainda mais o rosto.

No bar, Nate observava os bacanas em concentração silenciosa. Alvin, ao contrário, estava gargalhando quando ergueu bem alto o seu copo de cerveja.

– Esse cara merece um Oscar! — ele gritou.

– Foi bastante impressionante, não foi? —Jeremy perguntou, com um sorriso cínico.

– Eu já avisei vocês dois... — Nate falou, sem esconder sua irritação. — Esperem para falar durante os comerciais.

– Tudo bem — Alvin disse novamente. "Tudo bem" sempre fora a expressão favorita de Alvin.

No *Primetime Live,* a fita de vídeo sumiu numa tela preta e a câmera enfocou Diane Sawyer e Jeremy sentados um de frente para o outro novamente.

– Então, nada do que o Timothy Clausen disse era verdade? — Diane perguntou.

– Nem uma palavra — disse Jeremy. — Como você já sabe, meu nome não é Thad, e embora eu realmente tenha cinco irmãos, todos estão vivos e bem.

Diane segurava uma caneta sobre um bloco de papel, como se estivesse prestes a fazer alguma anotação. — Então como é que o Clausen fazia essas coisas?

— Bem, Diane — Jeremy começou.

No bar, Alvin ergueu a sobrancelha que tinha um *piercing.* Inclinando-se na direção de Jeremy, ele perguntou: — Você a chamou de Diane? Como se vocês fossem *amigos!*

— Por favor! — disse Nate, a exasperação aumentando naquele instante.

Na tela, Jeremy continuou a falar: — O que Clausen faz é simplesmente uma variação do que as pessoas têm feito há

centenas de anos. Em primeiro lugar, ele é bom na leitura das pessoas, e é um especialista em fazer associações extremamente vagas mas com grande carga emocional, respondendo ao que as pessoas da platéia deixam escapar.

— Sim, mas ele foi tão específico. Não só com você, mas com os outros convidados. Ele tinha nomes. Como ele consegue?

Jeremy encolheu os ombros. — Ele me ouviu falar de meu irmão Marcus antes de começar o programa. Eu simplesmente inventei uma vida imaginária e a divulguei em alto e bom som.

— E como isso chegou aos ouvidos de Clausen?

— Trapaceiros como Clausen são conhecidos por usar uma infinidade de truques, incluindo microfones e "ouvintes" pagos que circulam pela área de espera antes do programa. Antes de me sentar, eu dei algumas voltas e conversei com muita gente da platéia, prestando atenção para ver se alguém demonstrava algum interesse especial pela minha história. E não tenha dúvida, eu me deparei com um homem especialmente interessado.

Atrás deles, a fita de vídeo foi substituída por uma foto ampliada que Jeremy havia tirado com uma pequena câmera escondida em seu relógio, um brinquedinho de espionagem de alta tecnologia que ele já havia lançado como despesa na *Scientific American.* Jeremy adorava brinquedos de alta tecnologia, tanto quanto adorava lançá-los na conta dos outros.

— O que estamos vendo aqui? — Diane perguntou.

Jeremy mostrou. — Este homem estava se misturando com as pessoas no estúdio, fazendo-se passar por um visitante de

outra cidade. Eu tirei essa foto enquanto conversávamos, pouco antes de começar o programa. Por favor, alguém dê um *zoom* aqui.

Na tela, a foto foi ampliada e Jeremy fez um gesto para se aproximar dela.

— Está vendo o pequeno broche dos EUA na lapela? Isso não é apenas um enfeite. Na verdade, é um microtransmissor conectado a um gravador nos bastidores.

Diane franziu a testa. — Como você sabe disso?

— Porque — Jeremy falou, erguendo uma sobrancelha — eu por acaso tenho um igual a esse.

Dito isso, Jeremy colocou a mão no bolso do paletó e tirou dali o que parecia ser o mesmo broche dos EUA, ligado por um fio comprido como um arame a um transmissor.

— Este modelo em especial é fabricado em Israel — a voz de Jeremy podia ser ouvida ao fundo, enquanto a câmera mostrava um *close* da engenhoca — e é bastante sofisticado. Ouvi dizer que é usado pela CIA, mas, é claro, não tenho como confirmar essa informação. O que eu posso lhe dizer é que a tecnologia é bastante avançada — este pequeno microfone é capaz de captar conversas em uma sala lotada, barulhenta e, com os sistemas de filtro apropriados, também é capaz de isolá-las.

Diane examinou o broche com evidente fascinação. — E você tem certeza de que isto era realmente um microfone e não apenas um broche?

— Bem, como você sabe, eu já estava de olho em Clausen há algum tempo, e uma semana depois do programa eu consegui obter mais algumas fotos.

Uma nova fotografia apareceu na tela. Apesar de um pouco granulosa, era uma foto do mesmo homem que estava usando o broche dos EUA.

– Esta foto foi tirada na Flórida, diante do escritório de Clausen. Como você pode ver, o homem está entrando no escritório. O nome dele é Rex Moore, e ele é realmente um funcionário de Clausen. Ele trabalha para Clausen há dois anos.

– Uuuuuuhhhhh! — Alvin berrou, e o resto da transmissão, que já estava terminando, foi abafada quando os outros, invejosos ou não, se juntaram com vaias e gritos. A boca-livre tinha feito sua mágica, e Jeremy foi sufocado por cumprimentos quando o programa acabou.

– Você estava fantástico — disse Nate. Aos quarenta e três anos, baixo e ficando careca, Nate tinha o costume de usar paletós muito apertados na cintura. Mas isso não importava. O homem era a encarnação da energia e, como a maioria dos agentes, ele realmente se movimentava com intenso otimismo.

– Obrigado — disse Jeremy, tomando o que restava de sua cerveja.

– Isso vai ser muito bom para sua carreira — continuou Nate. — É sua passagem para uma apresentação permanente na televisão. Você não mais vai ter de batalhar por trabalhos ruins como *freelancer* para uma revista qualquer, não mais vai ter de procurar histórias de OVNIS. Eu sempre disse que com esse visual você foi feito para a TV.

– Você sempre disse isso — Jeremy concordou, com um virar de olhos típico de alguém que ouve um sermão repetido muitas vezes.

– Estou falando sério. Os produtores do *Primetime Live* e do *Good Morning America* não param de telefonar, falando que poderiam aproveitar você como colaborador permanente dos programas. Você sabe, "o que essas últimas notícias científicas significam para você" e coisas do gênero. Um salto e tanto para um repórter de ciências.

– Eu sou jornalista — Jeremy disse, torcendo o nariz —, não um repórter.

– Tudo bem — disse Nate, gesticulando como se estivesse tentando se livrar de um mosquito. — Como eu sempre disse, seu visual é perfeito para a televisão.

— Eu sou obrigado a concordar com Nate — Alvin acrescentou, piscando o olho. — Quer dizer, de que outra forma você conseguiria fazer mais sucesso do que eu com as mulheres, apesar de ter personalidade zero? — havia anos que Alvin e Jeremy andavam juntos pelos bares, atrás de garotas.

Jeremy soltou uma risada. Alvin Bernstein, cujo nome evocava um contador bem-apessoado, de óculos — um daqueles inúmeros profissionais que usavam sapatos Florsheim e levavam uma valise para o trabalho — não parecia um Alvin Bernstein. Quando era adolescente, ele tinha assistido Eddie Murphy em *Delirious* e decidira então fazer do couro-total seu próprio estilo, para horror de Melvin, seu pai, que usava sapatos Flörsheim e carregava uma valise quando ia para o trabalho. Felizmente, o couro parecia combinar com suas tatuagens. Alvin achava que as tatuagens

eram um reflexo de sua estética singular, e ele era singularmente estético em ambos os braços, até os espaldares dos ombros. Tudo isso complementava os múltiplos *Piercings* nas orelhas de Alvin.

— Então, você ainda está pensando em fazer aquela viagem para o Sul, para investigar aquela história de fantasma? — Nate apertou o cerco. Jeremy podia sentir claramente a corda puxando e apertando dentro de sua cabeça. — Quer dizer, depois da sua entrevista para a *People.*

Jeremy tirou os cabelos escuros da frente dos olhos e fez um sinal pedindo outra cerveja para o *barman.* — Claro, acho que sim. Com *Primetime* ou sem *Primetime,* eu ainda tenho contas para pagar, e acho que poderia usar isso em minha coluna.

– Mas você vai manter contato, certo? Não vai fazer como daquela vez em que se infiltrou entre os "Justos e Sagrados"? — Ele estava se referindo a uma matéria de seis mil palavras que Jeremy havia feito para a *Vanity Fair* a respeito de um culto religioso; naquela ocasião, Jeremy tinha cortado basicamente toda a comunicação por um período de três meses.

– Eu manterei contato — Jeremy disse. — Essa história não é tudo isso. Talvez eu saia de lá em menos de uma semana. "Luzes misteriosas no cemitério" não é grande coisa.

– Ei, por acaso você não vai precisar de um *cameraman!* — Alvin sugeriu.

Jeremy olhou para ele. — Por quê? Você está querendo ir junto?

— Claro. Pegar o inverno no Sul, talvez encontrar uma bela sulista simpática, enquanto você estiver concentrado no trabalho. Ouvi dizer que as mulheres daquelas bandas deixam um homem louco, no bom sentido. Vai ser como tirar umas férias exóticas.

— Você não deveria estar filmando alguma coisa para *Law & Order* na semana que vem?

Por mais estranho que Alvin parecesse, sua reputação era impecável e seus serviços eram sempre muito requisitados.

— Claro, mas vou estar livre lá pro fim de semana — Alvin disse. — E olha só, se você está levando a sério esse negócio de televisão, do jeito que Nate disse que você deveria levar, seria bom ter imagens decentes dessas luzes misteriosas.

— Isso se acreditarmos que há alguma luz para filmar.

– Você vai começando o trabalho e me mantém informado. Eu vou deixar minha agenda em aberto.

– Mesmo que haja alguma luz, não é uma grande história — Jeremy avisou. — Ninguém da televisão vai se interessar por ela.

– Até o mês passado, talvez — disse Alvin. — Mas depois de terem visto você esta noite, eles vão se interessar. Você sabe como são as coisas na televisão — todos aqueles produtores correndo atrás do próprio rabo, tentando descobrir qual vai ser o próximo grande acontecimento. Se o *Good Morning America* ficar de repente muito em evidência, então você sabe que o *Today* não vai demorar a telefonar e o *Dateline* vai bater na sua porta. Nenhum produtor quer ficar de fora. É assim que eles perdem o emprego. A última coisa que eles querem é ter de explicar para os executivos porque é que

perderam o barco. Acredite — eu trabalho na televisão. Conheço essa gente.

– Ele tem razão — Nate falou, interrompendo a conversa. — Você nunca sabe o que vai acontecer, e talvez seja uma boa idéia planejar alguma coisa. Você definitivamente marcou presença esta noite. Não se faça de bobo. E se você puder conseguir alguma imagem dessas luzes, talvez seja exatamente o que o GMA ou o *Primetime* estão esperando para tomar uma decisão.

Jeremy lançou um olhar enviesado para seu agente. — Você está falando sério? Essa história não é nada. Eu só aceitei fazer porque precisava de uma folga depois do Clausen. Essa história, sim, tomou quatro meses da minha vida.

— E veja o que você conseguiu com ela — disse Nate, colocando a mão no ombro de Jeremy. — Talvez essa não seja uma grande matéria, mas com imagens sensacionais e um bom pano de fundo, quem sabe o que a televisão vai achar?

Jeremy ficou em silêncio por um instante, antes de sacudir os ombros e dizer finalmente: — Está certo. — Ele olhou para Alvin. — Eu saio na terça. Veja se consegue estar lá na sexta. Eu telefono antes disso para passar os detalhes.

Alvin pegou sua cerveja e tomou um gole. — Por Deus! — ele disse, imitando um comediante bonachão. — Eu vou pra terra do torresmo e da polenta. E prometo que não vou cobrar caro.

Jeremy riu. — Você já esteve no Sul alguma vez?

– Não. E você?

– Eu já estive em Nova Orleans e em Atlanta — Jeremy admitiu. — Mas são cidades grandes, e cidades assim são praticamente iguais em qualquer parte. Para fazer esta

matéria, vamos ter de ir para o Sul de verdade. Para uma cidadezinha da Carolina do Norte, um lugar chamado Boone Creek. Você devia ver o *website* da cidade. Fala das azaléias e cornisos que florescem em abril, e exibe com orgulho uma foto do cidadão mais importante da cidade. Um cara chamado Norwood Jefferson.

– Quem?

– Um político. Ele fez parte do Senado Estadual da Carolina do Norte, de 1907 a 1916.

– Quem liga?

– Exatamente — Jeremy disse, com um aceno da cabeça. Olhando para o outro lado do bar, ele percebeu, desapontado, que a ruiva tinha sumido.

– Onde fica esse lugar exatamente?

– Entre o "meio do nada" e "onde é que nós estamos?". Eu vou ficar num lugar chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara do Comércio descreve como um lugar pitoresco e rústico, embora moderno. Sabe lá o que isso quer dizer.

Alvin riu. — Isso está com cara de aventura.

– Não se preocupe com isso. Tenho certeza de que você vai se adaptar muito bem por lá.

– Você acha?

– Com certeza — Jeremy disse. — Eles provavelmente vão querer adotar você.



Capítulo DOIS

Na terça-feira, um dia depois de sua entrevista para a revista *People*, Jeremy chegou na Carolina do Norte. Passava um pouco do meio-dia; quando saiu, Nova Iorque estava cinza, coberta de neve e chuva, e a meteorologia anunciava mais neve ainda. Ali, com um imenso céu azul se estendendo sobre sua cabeça, o inverno parecia muito distante.

De acordo com o mapa que ele havia adquirido na lojinha de presentes do aeroporto, Boone Creek ficava no Condado de Pamlico, quase duzentos quilômetros a sudeste de Raleigh e — se a estrada pudesse ser considerada indicativo de alguma coisa — a zilhões de quilômetros do que ele considerava civilização. Em ambos os lados, a paisagem era plana e esparsa, e tão excitante quanto uma chapa de fazer panquecas. As fazendas eram separadas por estreitas fileiras de pinheiros, e levando em consideração o tráfego esparso, não havia muita coisa para impedir que Jeremy pisasse no acelerador por puro tédio.

Mas não era tão ruim, ele tinha de admitir. Bem, pelo menos a parte que dizia respeito a ter de dirigir. Estava provado que a leve vibração do volante, o barulho do motor e a sensação causada pela aceleração aumentavam a produção de adrenalina, principalmente nos homens (ele já publicara uma matéria a respeito disso). Mas a vida na cidade tornava supérflua a posse de um carro, e ele jamais teria como justificar tal despesa. Em vez disso, ia de um lugar a outro em trens de metrô superlotados, ou correndo o risco de fraturar o pescoço dentro de um táxi. A locomoção na cidade era barulhenta, febril e, dependendo do motorista do táxi, bastante arriscada. Porém, tendo nascido e crescido em Nova Iorque, há muito tempo ele havia aceitado o fato de que esse era apenas mais um aspecto excitante da vida no lugar que ele chamava de lar.

Seus pensamentos se voltaram para sua ex-mulher. Maria, ele pensou, teria adorado um passeio desses. Nos primeiros anos de seu casamento, eles de vez em quando alugavam um carro e iam até as montanhas ou até a praia, passando às vezes muitas horas na estrada. Ela trabalhava na publicidade da revista *Elle* quando se conheceram numa festa da revista. Ao perguntar se ela gostaria de ir com ele até um café das redondezas, ele não fazia a menor idéia de que ela acabaria sendo a única mulher que ele amaria na vida. A princípio, ele pensou que tinha cometido um erro convidando-a para sair, simplesmente porque eles pareciam não ter nada em comum. Ela era irascível e emotiva, mas depois, quando a beijou na porta de seu apartamento, ficou encantado.

Ele acabou gostando de sua forte personalidade, de suas intuições infalíveis a respeito das pessoas, e do modo como ela parecia aceitá-lo inteiramente sem julgamento, bom ou mau. Um ano depois, eles se casaram na igreja, cercados por amigos e pela família. Ele estava com vinte e seis anos, ainda não era um colunista da *Scientific American,* mas estava decididamente construindo sua reputação, e eles mal podiam pagar o pequeno apartamento que tinham alugado no *Brooklyn.* Na cabeça dele, era o êxtase conjugal de batalha e juventude. Na cabeça dela, ele acabaria por suspeitar depois, o casamento deles era forte na teoria, mas sua base de sustentação não era muito firme. No começo, o problema era simples: por causa do trabalho, ela tinha de ficar na cidade, enquanto Jeremy viajava em busca da grande história, onde quer que ela estivesse. Freqüentemente, ele ficava fora durante semanas seguidas, e apesar de garantir a ele que conseguia lidar com a situação, ela deve ter percebido, durante suas ausências, que não conseguia. Logo depois de seu segundo aniversário de casamento, quando ele se preparava para outra viagem, Maria sentou na cama ao lado dele. Com as mãos entrelaçadas, ela ergueu os olhos castanhos para olhar nos olhos dele.

— Isso não está dando certo — ela disse apenas, deixando as palavras soltas no ar por um instante. — Você não pára mais em casa e isso não é justo comigo. Não é justo conosco.

— Você quer que eu desista? — ele perguntou, sentindo uma pequena onda de pânico crescer dentro dele.

— Não, desistir não. Mas talvez você pudesse encontrar alguma coisa na cidade. No *Times,* por exemplo. Ou no *Post.* Ou no *Daily News.*

— Isso não será assim para sempre — ele argumentou. — E só por algum tempo.

— Foi o que você disse seis meses atrás — ela falou. — Não vai mudar nunca.

Fazendo esse retrospecto, Jeremy percebeu que devia ter prestado atenção naquele aviso. Mas, na época, ele tinha uma matéria para escrever, sobre Los Álamos. Ela apresentava um sorriso vago no rosto quando ele lhe deu um beijo de adeus, e ele pensou brevemente na expressão dela ao ocupar seu lugar no avião, mas quando voltou para casa ela parecia ter voltado ao normal e eles passaram o fim de semana enfiados na cama. Maria começou a falar em ter um bebê, e apesar do nervosismo que sentiu, ficou emocionado com a idéia. Ele deduziu que tinha sido perdoado, mas o escudo protetor de seu amor havia sido arranhado, e ranhuras imperceptíveis iam aparecendo cada vez que ele se ausentava. A rachadura final ocorreu um ano mais tarde, um mês depois de uma visita a um médico no Upper East Side, que lhes apresentou um futuro que nenhum dos dois jamais tinha imaginado. Muito mais que suas viagens, a visita prenunciou o fim do seu relacionamento, e Jeremy percebeu isso.

— Eu não posso ficar — ela disse a ele depois. — Eu quero, e uma parte de mim vai te amar para sempre, mas eu não posso.

Ela não precisou dizer mais nada, e nos momentos silenciosos, de auto-comiseração, depois do divórcio, ele às vezes se perguntava se ela realmente o amara. Podia ter dado certo, ele

disse a si mesmo. Mas, no final, ele entendeu intuitivamente porque ela havia ido embora — e não guardava nenhum rancor. Ele até conversava com ela pelo telefone de vez em quando, apesar de não ter conseguido ir ao casamento dela com um advogado de Chappaqua três anos depois.

O processo do divórcio fora encerrado sete anos atrás e, para ser franco, isso foi a única coisa realmente triste que lhe aconteceu em toda a sua vida. Poucas pessoas poderiam dizer uma coisa dessas, ele sabia. Nunca tinha se ferido gravemente, tinha uma vida social ativa, e tinha deixado a infância sem aquele tipo de trauma psicológico que parecia afligir tantas pessoas da sua idade. Seus irmãos com suas respectivas esposas, seus pais e até seus avós — todos os quatro na faixa dos noventa anos — eram saudáveis. Eles também eram chegados uns aos outros: em alguns fins de semana todo o clã se reunia na casa de seus pais, que ainda moravam na mesma casa em que Jeremy havia crescido, no Queens. Ele tinha dezessete sobrinhos e sobrinhas, e apesar de, às vezes, se sentir um peixe fora d'água nessas reuniões familiares, já que ele estava solteiro de novo numa família de pessoas muito bem casadas, seus irmãos o respeitavam bastante e não questionavam os motivos que provocaram o divórcio.

E ele já havia superado. A maior parte, pelo menos. Às vezes, em passeios como esse ele sentia uma dor lancinante, imaginando o que poderia ter acontecido, mas agora esses momentos eram raros, e o divórcio não azedara suas relações com as mulheres em geral.

Alguns anos atrás, Jeremy havia acompanhado um estudo que pretendia verificar se a percepção da beleza era produto de

regras culturais ou da genética. Para a realização desse estudo, mulheres atraentes e mulheres menos atraentes foram convidadas a segurar crianças, e a distância do contato dos olhos entre as mulheres e as crianças foi comparada. O estudo havia mostrado a existência de uma correlação direta entre beleza e contato do olhar: as crianças olhavam mais demoradamente para as mulheres atraentes, sugerindo que a percepção que as pessoas têm da beleza é instintiva. O estudo ganhou destaque na *Newsweek* e no *Time.*

Ele teve vontade de escrever uma matéria criticando o estudo, em parte porque omitia o que ele achava que eram requisitos importantes. A beleza exterior poderia atrair rapidamente o olhar de alguém — ele sabia que era tão suscetível a uma supermodelo quanto o cara do lado —, mas ele sempre acreditara que a inteligência e a paixão eram muito mais atraentes e determinantes com o passar do tempo. Essas características demoravam um pouco mais para ser decifradas, e beleza não tinha nada a ver com isso. A beleza poderia prevalecer a curto prazo, mas a médio e longo prazo, as normas culturais — basicamente aqueles valores e normas influenciadas pela família — eram mais importantes. O seu editor, entretanto, engavetou a idéia por considerá-la "muito subjetiva" e sugeriu que ele escrevesse alguma coisa a respeito do uso excessivo de antibióticos na alimentação das galinhas, fato com potencial para transformar o *streptococus* na próxima peste bubônica. Isso fazia sentido, Jeremy observou contrariado: o editor era vegetariano, e sua esposa era tão linda e quase tão radiante quanto o céu do Alaska no inverno.

Editores. Havia muito tempo que Jeremy chegara à conclusão de que a maioria deles era hipócrita. Mas, como em quase todas as profissões, imaginava ele, os hipócritas costumam ser tão apaixonados quanto sábios politicamente — em outras palavras, sobreviventes corporativos —, o que significava que eram eles os que não apenas distribuíam as tarefas, como também os que acabavam pagando as contas.

Mas, como havia sugerido Nate, talvez ele caísse fora logo. Bom, não totalmente fora. Alvin provavelmente estava certo quando dizia que os produtores de televisão não eram diferentes dos editores, mas a televisão pagava o bastante para tocar a vida, o que significava que ele teria condições de escolher seus projetos, em vez de estar agitando o tempo todo. Maria estava certa quando reclamara de sua carga de trabalho tanto tempo atrás. Em quinze anos, essa carga de trabalho não tinha mudado absolutamente nada. Está certo que as histórias podiam agora ter outro perfil, ou talvez ele tivesse mais tempo para fazer seus trabalhos como *freelancer,* por causa das relações que construíra ao longo dos anos, mas nada disso tinha alterado o desafio essencial de ter sempre de aparecer com alguma coisa nova e original. Ele ainda tinha de produzir dezenas de matérias para a *Scientific American,* pelo menos uma ou duas grandes matérias investigativas, e mais uns quinze artigos pequenos por ano, alguns ligados aos assuntos da estação. Está chegando o Natal? Escreva uma matéria sobre o verdadeiro São Nicolau, que nasceu na Turquia, tornou-se bispo de Myra, e ficou conhecido por sua generosidade, amor pelas crianças e preocupação com os marinheiros. É verão? Que tal uma matéria sobre *(a)* o aquecimento global e o

inegável aumento de 0.8 graus na temperatura no decorrer do último século, que antevê conseqüências como um cenário tipo Saara por todo os Estados Unidos, ou *(b)* como o aquecimento global pode provocar a próxima era do gelo e transformar os Estados Unidos em uma tundra gelada. O Dia de Ação de Graças, por outro lado, era bom para contar a verdade a respeito da vida dos Pilgrims, que não era feita apenas de jantares amigáveis com os americanos nativos, mas também incluía a caça às bruxas de Salém, epidemias de varíola e uma grave tendência ao incesto.

Entrevistas com cientistas famosos e artigos sobre inúmeros satélites ou projetos da NASA eram sempre respeitados e fáceis de publicar, não importava a época do ano, assim como revelações a respeito de drogas (legais e ilegais), sexo, prostituição, jogo, bebida, casos envolvendo ações coletivas nos tribunais e qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, a respeito do sobrenatural, a maioria com pouca ou nenhuma ligação com a ciência, e mais com embusteiros como Clausen.

Ele tinha de admitir que o processo não fora nada do que ele havia imaginado que seria a carreira no jornalismo. Em Columbia — ele fora o único dos irmãos a entrar para a faculdade e tornara-se o primeiro na história da família a tirar um diploma universitário, fato que sua mãe jamais deixara de contar às pessoas de fora —, ele se formara em física e em química, com a intenção de se tornar professor. Mas uma namorada que trabalhava no jornal da universidade convenceu-o a escrever uma matéria — construída com o uso abundante de dados estatísticos — sobre os resultados tendenciosos dos exames de SAT usados para a admissão no

ensino superior. Seu artigo acabou sendo o estopim de uma série de manifestações estudantis, e Jeremy percebeu que tinha jeito para escrever. Ainda assim, sua opção profissional não mudaria até seu pai ser lesado em quarenta mil dólares por um consultor financeiro desonesto, pouco antes de Jeremy se formar. Com a casa da família em perigo — seu pai era motorista de ônibus e trabalhara para a Port Authority de Nova Iorque até se aposentar —, Jeremy deixou de lado a cerimônia de formatura para ir atrás do vigarista. Como um possesso, ele pesquisou registros públicos e judiciais, entrevistou colegas do vigarista e produziu um dossiê minucioso.

Como se fosse obra do destino, a promotoria pública de Nova Iorque estava atrás de peixes mais graúdos do que um artista da fraude sem importância, de forma que Jeremy voltou a checar todas as informações com suas fontes, condensou o dossiê e redigiu a primeira peça de jornalismo investigativo de sua vida. No final, a casa foi salva e a revista *New York* publicou a matéria. O editor da revista o convenceu de que a vida acadêmica não o levaria a nada e, com uma sutil mistura de adulação e discurso sobre a busca do grande sonho, sugeriu que Jeremy escrevesse uma matéria sobre o Leffertex, um antidepressivo que, na época, já estava na fase número III dos testes clínicos e era tema de intensa especulação por parte da mídia.

Jeremy aceitou a sugestão, trabalhando durante dois meses na história por sua própria conta. Ao final, seu artigo levou o fabricante a retirar o remédio do exame da FDA. Depois disso, em vez de seguir para o MIT e fazer seu mestrado, ele viajou

para a Escócia, a fim de acompanhar um grupo de cientistas que iriam investigar o monstro do lago Ness, a primeira de suas matérias de entretenimento. Aí, ele presenciou a confissão no leito de morte de um proeminente cirurgião que admitiu ter forjado, junto com um amigo, a fotografia que ele havia tirado do monstro em 1933 — foto que havia tornado pública a lenda —, em um domingo à tarde, com a idéia de passar um trote. O resto, como dizem, faz parte da história.

Não obstante, quinze anos correndo atrás de histórias eram *quinze anos* correndo atrás de histórias, e o que ele havia recebido em troca? Estava com trinta e sete anos, solteiro e vivendo em um sombrio apartamento de um quarto no Upper West Side, a caminho de Boone Creek, Carolina do Norte, para explicar um caso de luzes misteriosas em um cemitério.

Ele sacudiu a cabeça, sentindo a mesma perplexidade de sempre com os rumos que sua vida havia tomado. O grande sonho. Estava por aí em algum lugar, e ele ainda sentia na alma a paixão para buscá-lo. Só que agora ele começava a refletir se a televisão não seria o instrumento para alcançá-lo.

A história das luzes misteriosas havia começado com uma carta que Jeremy recebera um mês antes. Assim que terminou de ler, sua primeira idéia foi a de que daria uma boa história para o Halloween. Dependendo da abordagem da história, talvez despertasse o interesse da *Southern Living* ou mesmo do *Reader's Digest* para a edição de outubro; se acabasse ficando mais literária e narrativa, talvez interessasse a *Harper's* ou mesmo a *New Yorker.* Por outro lado, se a cidade estivesse tentando faturar um pouco como Roswell, no Novo

México, com os OVNIS, a história talvez fosse mais adequada para um dos grandes jornais do Sul, que poderia talvez revendê-la depois. Se ficasse pequena, ele poderia usá-la em sua coluna. Seu editor na *Scientific American,* apesar da seriedade com que encarava o conteúdo da revista, também estava extremamente interessado em aumentar o número de assinantes, e estava sempre falando a respeito disso. Ele sabia muito bem que o público adorava uma boa história de fantasmas. Podia mostrar alguma hesitação enquanto lançava um olhar para a foto de sua esposa, fingindo que avaliava a qualidade, mas nunca deixaria passar uma história dessas. Os editores gostavam de entretenimento tanto quanto uma pessoa comum, pois os assinantes eram a força vital do negócio. E o entretenimento, infelizmente, estava se tornando a matéria-prima da mídia.

No passado, Jeremy havia investigado sete aparições fantasmagóricas; quatro delas tinham ido parar em sua coluna do mês de outubro. Algumas eram decididamente banais — visões de espectros que ninguém poderia documentar cientificamente —, mas três delas envolviam fantasmas, teoricamente espíritos malignos que conseguiam efetivamente movimentar objetos e causar estragos. Segundo pesquisadores paranormais — um oximoro, no entendimento de Jeremy —, os fantasmas em geral eram atraídos para uma determinada pessoa em vez de um lugar. Em cada um dos casos investigados por Jeremy, inclusive aqueles muito bem documentados pela mídia, a fraude havia sido a causa dos acontecimentos misteriosos.

As luzes de Boone Creek, entretanto, pareciam ser algo diferente; aparentemente, eram tão previsíveis que haviam levado a cidade a patrocinar um "Passeio pelo Cemitério Assombrado e pelas Casas Históricas", durante o qual, segundo o folheto, as pessoas poderiam ver não apenas casas construídas nos anos de 1700, mas também, se as condições meteorológicas permitissem, "os aflitos ancestrais da nossa cidade em sua marcha noturna no mundo dos mortos".
O folheto, cheio de fotos da ordeira cidade e declarações melodramáticas, lhe havia sido enviado junto com a carta. Enquanto dirigia, Jeremy recordava as palavras da carta.

Prezado Sr. March:
Eu me chamo Dóris McCllelan, e dois anos atrás eu li a história que o senhor escreveu para a Scientific American *sobre o fantasma que estava assombrando Brenton Manor em Newport, Rhode lsland. Na época eu pensei em lhe escrever, mas não sei por que, não escrevi. Acho que simplesmente esqueci, mas com as coisas que estão acontecendo agora em minha cidade, reconheço que já está mais do que na hora de lhe falar a respeito.*
Eu não sei se já ouviu falar do cemitério de Boone Creek, Carolina do Norte, mas diz a lenda que o cemitério é assombrado por espíritos de antigos escravos. No inverno — de janeiro até o início de fevereiro — tem-se a impressão de que há luzes azuis dançando sobre as lápides das sepulturas quando cai a neblina. Alguns dizem que elas parecem luzes estroboscópicas, outros juram que têm o tamanho de bolas de basquete. Eu também as vi; para mim, parecem aquelas bolas

que ficam girando e refletindo as luzes nas danceterias. De qualquer modo, no ano passado, algumas pessoas da Universidade Duke estiveram aqui investigando; acho que eram meteorologistas ou geólogos ou algo assim. Eles também viram as luzes, mas não conseguiram dar uma explicação, e o jornal local publicou uma grande matéria sobre esse mistério todo. Se viesse até aqui, o senhor talvez conseguisse explicar o que são realmente essas luzes.
Se precisar de mais informações, ligue pra mim no Herbs, um restaurante aqui da cidade.

O resto da carta oferecia mais informações sobre possíveis contatos; depois ele examinou o folheto da Sociedade Histórica local. Leu as legendas que descreviam as várias casas visitadas durante o passeio, passou os olhos pelas informações relativas à parada e ao baile do celeiro na sexta-feira à noite, e viu-se erguendo uma sobrancelha diante do anúncio de que, pela primeira vez, uma visita ao cemitério seria incluída no passeio de sábado à noite. No verso do folheto — cercados pelo que pareciam ser alguns desenhos feitos à mão pelo próprio Gasparzinho — havia testemunhos de pessoas que haviam visto as luzes e um trecho que parecia ter sido retirado de um artigo do jornal local. No centro, havia uma foto granulada de uma luz brilhante em um lugar que poderia, ou não, ter sido o cemitério (a legenda dizia que era).
O seu interesse havia sido despertado, apesar de aquilo não ser exatamente a Borley Rectory, uma construção "mal-assombrada" da era Vitoriana, que fica ao norte do rio Stour, no condado de Essex, na Inglaterra, a casa mal-assombrada

mais famosa da história, onde o "roteiro turístico" incluía cavaleiros sem cabeça, músicas de órgãos e tilintar de sinos sobrenaturais.

Depois de tentar encontrar sem sucesso o artigo mencionado na carta — não havia arquivos no *website* do jornal local —, ele fez contato com vários departamentos da Universidade Duke e acabou encontrando o projeto de pesquisa original. Ele havia sido escrito por três estudantes da graduação e, apesar de ter seus nomes e telefones, ele duvidava que houvesse alguma razão para telefonar. O relatório da pesquisa não tinha nenhum dos detalhes que ele esperava encontrar. Ao contrário, o estudo tinha apenas documentado a existência das luzes e o fato de o equipamento dos estudantes estar funcionando adequadamente, o que não significava absolutamente nada diante das informações de que ele precisava. Além disso, se existia uma coisa que ele tinha aprendido nos últimos quinze anos, era que não devia confiar no trabalho de ninguém além do seu.

Na verdade, esse era o grande segredo desse ramo de trabalho. Apesar de todos os jornalistas alegar que faziam sua própria pesquisa, e a maioria realmente fazia uma *parte,* eles ainda confiavam muito nas opiniões e meias-verdades que já tinham sido publicadas. Assim, muitas vezes cometiam erros, normalmente pequenos, às vezes colossais. *Todos* os artigos de todas as revistas tinham erros, e, dois anos atrás, Jeremy tinha escrito uma matéria a esse respeito, expondo os hábitos menos louváveis de seus colegas de profissão. Seu editor, contudo, vetou a publicação. E nenhuma outra revista mostrou qualquer entusiasmo pela história.

Ele via os carvalhos passarem pela janela, pensando que talvez precisasse de uma mudança em sua carreira, e de repente sentiu vontade de investigar a história dos fantasmas a fundo. E se não existissem as tais luzes? E se a pessoa que escreveu a carta fosse uma impostora? E se não houvesse sequer uma lenda que justificasse a redação de um artigo? Ele sacudiu a cabeça. Sua preocupação era inútil e, além disso, agora era tarde demais. Ele já estava ali, e Nate estava ocupado, administrando os telefonemas em Nova Iorque.

No porta-malas, Jeremy tinha todos os itens necessários para a caça aos fantasmas (de acordo com o que tinha sido publicado no livro *Ghost busters for real!,* que ele tinha comprado de brincadeira depois de uma noite de bebedeira). Ele tinha uma câmera Polaroid, uma câmera de 35mm, quatro filmadoras e tripés, gravadores de áudio e microfones, detector de radiação de microondas, detectores eletromagnéticos, bússola, óculos para visão noturna, *laptop* e uma porção de bugigangas.

Tinha de fazer a coisa direito, afinal de contas. A caça a fantasmas não era coisa para amadores.

Como era de se esperar, seu editor havia reclamado dos custos das engenhocas mais modernas que ele tinha comprado, e que pareciam absolutamente necessárias em investigações desse tipo. A tecnologia avançava com rapidez, e as engenhocas de ontem eram o equivalente a ferramentas da idade da pedra, Jeremy havia explicado ao editor, fantasiando sobre a compra de uma mochila com o raio *laser* que Bill Murray e Harold Ramis tinham usado em *Caça-fantasmas.* Ele adoraria ter visto a expressão de seu editor ao ouvir isso pelo telefone. Como era de se esperar, o cara havia ficado alterado como um

coelho cheio de anfetaminas antes de finalmente autorizar a compra desses itens. Ele certamente ficaria muito bravo se a história acabasse na televisão e não na coluna.

Sorrindo ao lembrar da expressão de seu editor, Jeremy passeou por várias estações de rádio — rock, *hip-hop, country, gospel* — antes de parar em um programa local que estava entrevistando dois pescadores de linguado que defendiam apaixonadamente a necessidade de reduzir o peso permitido para a pesca. O apresentador, que parecia excessivamente interessado no assunto, falava com sotaque carregado. Os comerciais anunciaram a exibição de armas e moedas na Loja Maçónica de Grifton e as últimas mudanças nas equipes da NASCAR.

O tráfego ficou mais complicado perto de Greenville, e ele fez um desvio em torno da cidade, perto do campus da Universidade da Carolina do Leste. Ele atravessou o largo curso de águas salobras do rio Pamlico e pegou uma estrada rural. O asfalto parecia mais estreito à medida que serpenteava pelo campo, espremido em ambos os lados por terras não cultivadas por causa do inverno, densos bosques de árvores e, eventualmente, uma sede de fazenda. Cerca de trinta minutos depois, ele viu que estava chegando em Boone Creek.

Depois do primeiro e único semáforo, o limite de velocidade caía para quarenta quilômetros por hora, e ele reduziu a velocidade, observando o cenário desanimador. Além da meia dúzia de casas pré-fabricadas, amontoadas indiscriminadamente na beira da estrada, e algumas ruas cruzando o asfalto, a paisagem era dominada por dois postos

de gasolina e uma borracharia caindo aos pedaços. O luminoso que anunciava a borracharia de Leroy fora colocado no alto de uma pilha de pneus usados que, em qualquer outro lugar do mundo, seria visto como um estopim em potencial para um incêndio. Jeremy chegou no outro lado da cidade em um minuto, e a partir desse ponto o limite de velocidade subia de novo. Ele estacionou o carro no acostamento.

Ou a Câmara do Comércio tinha usado fotografias de outra cidade em seu *website* ou ele tinha feito alguma coisa errada. Verificou o mapa novamente, e de acordo com aquela versão do guia *Rand McNally,* estava em Boone Creek. Ele deu uma olhada pelo espelho retrovisor, perguntando-se onde diabos ficava aquilo. As ruas tranqüilas e arborizadas. As azaléias em flor. As lindas mulheres usando vestidos.

Enquanto tentava entender, ele viu a torre de uma igrejinha branca despontando acima da linha das árvores e decidiu ir até lá pegando uma das ruas que tinha cruzado. Depois de uma curva em S, a paisagem mudou abruptamente, e então ele começou a atravessar uma cidade que talvez tivesse sido graciosa e pitoresca, mas agora parecia estar morrendo de velhice. Varandas fechadas, decoradas com plantas que caíam dos vasos pendurados, e bandeiras americanas não conseguiam esconder a pintura descascada e o bolor sob os beirais dos telhados. Os quintais eram protegidos por árvores maciças de magnólias, mas os arbustos de rododendros, cuidadosamente podados, escondiam apenas parcialmente as fundações em ruínas. Ainda assim, tudo parecia bem amigável. Alguns casais mais idosos, protegidos por suéteres,

descansavam nas cadeiras de balanço de suas varandas, e acenavam quando ele passava.

Foram necessários muitos acenos para que ele percebesse que eles estavam acenando não porque pensassem que o tinham reconhecido, mas porque as pessoas aqui acenavam para todo mundo que passava de carro. Serpenteando de uma estrada para outra, ele acabou chegando na zona ribeirinha, o que o lembrou de que a cidade havia se desenvolvido na confluência do córrego Boone e do rio Pamlico. Atravessando a área central, que sem dúvida alguma já havia sido uma região comercial movimentada, ele percebeu como a cidade parecia estar definhando. Perdidas entre espaços desocupados e janelas cobertas com tábuas, havia duas casas antigas, uma lanchonete antiquada, um bar chamado Lukilu e uma barbearia. A maioria dos estabelecimentos tinha nomes típicos do lugar e parecia que funcionavam há décadas, mas estavam travando uma batalha inglória contra a extinção. Os únicos sinais de vida moderna eram as camisetas com cores berrantes, enfeitadas com *slogans* do tipo *Eu sobrevivi aos fantasmas de Boone Creek!,* penduradas na janela do que deveria ser a versão rural e sulista de uma loja de departamentos.

O Herbs, onde trabalhava Dóris McClellan, foi bem fácil de achar. Ele ficava perto do final do quarteirão, em uma casa vitoriana da virada do século que fora restaurada, cor de pêssego. Havia carros estacionados na frente e no pequeno estacionamento com piso de cascalho que ficava do lado. Era possível ver as mesas através das cortinas das janelas e também na varanda fechada. Ao constatar que todas as mesas

estavam ocupadas, Jeremy decidiu que talvez fosse melhor voltar para falar com Dóris depois que a multidão tivesse se dispersado.

Ele localizou a Câmara do Comércio, um pequeno edifício de tijolos, indefinível e localizado na beira da cidade, e voltou para a estrada. Impulsivamente, entrou em um posto de gasolina.

Depois de tirar os óculos de sol, Jeremy abaixou o vidro. O proprietário tinha cabelos grisalhos e usava um macacão encardido e um boné de Dale Earnhardt. Ele se levantou lentamente e começou a andar na direção do carro, mastigando o que Jeremy supôs ser uma espécie de fumo.

— Posso ajuda? — o sotaque era inconfundivelmente sulista e seus dentes eram amarelados. Seu nome era Tully.

Jeremy pediu uma orientação para chegar até o cemitério, mas em vez de responder, o proprietário ficou olhando para Jeremy longamente.

– Quem morreu? — ele perguntou finalmente. Jeremy piscou. — Desculpe?

– Tá indo prum enterro, né? — perguntou o proprietário.

– Não. Eu só queria ver o cemitério.

O homem acenou com a cabeça. — Bom, parece que o senhor tá indo prum enterro.

Jeremy olhou para suas roupas: *blazer* preto sobre uma blusa preta de gola alta, calça *jeans* preta, sapatos pretos Bruno Magli. O homem realmente tinha razão.

— Acho que eu simplesmente gosto de me vestir de preto. Quanto à direção...

O proprietário ergueu a aba do boné e falou lentamente. — Eu num gosto de enterro. Me faz pensa que eu devia ir mais na igreja pra acerta as coisas antes que seja tarde demais. Já aconteceu isso pro senhor?

Jeremy não estava muito certo sobre o que responder. Não era uma pergunta que ele estivesse habituado a ouvir, principalmente como resposta a uma pergunta sobre qual direção seguir. — Eu acho que não — ele arriscou finalmente.

O proprietário tirou um farrapo do bolso e começou a limpar a graxa das mãos. — Tô vendo que o senhor não é daqui. O senhor fala engraçado.

— Nova Iorque — Jeremy revelou.

— Já ouvi falá, mas nunca tive lá — ele disse. Então olhou para o Taurus: — Esse carro é seu?

— Não, é alugado.

Ele acenou com a cabeça, sem dizer nada.

— Bem, quanto ao cemitério — Jeremy lembrou. — Pode me dizer como chegar lá?

– Acho que sim. Qual que o senhor tá procurando?

– O nome é Cedar Creek?

O homem olhou-o com curiosidade. — Purque que o senhor quer ir até lá? Num tem nada lá pra ninguém vê. Tem uma porção de cemitério mais bonito no outro lado da cidade.

— Para ser franco, estou interessado apenas neste.

O homem não parecia ter escutado. — O senhor tem algum parente enterrado lá?

— Não.

— O senhor é um daqueles manda-chuva cheio de dinheiro lá do Norte? Deve tá pensando em fazê uns apartamentos ou um daqueles *shopping* que vocês têm por lá?

Jeremy negou com a cabeça. — Não. Na verdade, eu sou jornalista.

– Minha mulher gosta de *shopping.* De apartamento também. Pode ser uma boa idéia.

– Ah! — disse Jeremy, imaginando quanto tempo ainda aquilo iria demorar. — Eu gostaria de ajudar, mas essa não é minha área de trabalho.

– Precisa de gasolina? — o homem perguntou, caminhando para a traseira do carro.

— Não, obrigado.

Ele já estava tirando a tampa do tanque. — *Premium* ou comum? Jeremy endireitou-se no banco, concluindo que o homem tinha todo o direito de trabalhar de vez em quando.

— Comum, eu acho.

Depois de ligar a bomba, o homem tirou o boné e passou a mão pelo cabelo, enquanto caminhava de volta para o lado da janela do carro.

– Se tiver qualquer problema com o carro, não tenha dúvida em me procurar. Eu sei conserta os dois tipos de carro, e por um preço justo, também.

– Os dois?

– Os de fora e os daqui — ele disse. — Que que o senhor achou que eu tava falando? — Sem esperar por uma resposta, o homem sacudiu a cabeça, como se Jeremy fosse idiota. — A propósito, o nome é Tully. E o seu é?

– Jeremy Marsh.

— E o senhor é urologista?
— Jornalista.
— Não tem nenhum urologista na cidade. Mas tem alguns em Greenville.
— Certo — disse Jeremy, sem se preocupar em corrigi-lo. — Mas, afinal de contas, sobre o caminho para Cedar Creek...
Tully coçou o nariz e ergueu os olhos na direção da estrada, antes de olhar novamente para Jeremy. — Bom, o senhor não vai ver nada agora. Os fantasmas só aparecem de noite, se é pra isso que veio.
— Perdão?
— Os fantasmas. Se o senhor não tem parente enterrado no cemitério, então o senhor veio por causa dos fantasmas, certo?
— O senhor ouviu falar dos fantasmas?
— É claro que ouvi. Eu vi eles com meus próprios olhos. Mas se o senhor quiser ingresso, vai ter de ir até a Câmara do Comércio.
— Precisa ter ingresso?
— Bom, o senhor não pode simplesmente ir entrando na casa dos outros, pode?
Demorou um pouco para Jeremy acompanhar a linha de pensamento.
— Claro, está certo — Jeremy falou. — "O Passeio pelo Cemitério Assombrado e as Casas Históricas", certo?
Tully encarou Jeremy como se ele fosse a pessoa mais estúpida sobre a face da terra. — Bom, é claro, nós num tamo falando do passeio? — ele disse. — Do que é que o senhor achou que eu tava falando?

— Eu não tenho muita certeza — Jeremy falou. — Mas a direção...

Tully sacudiu a cabeça.

— Tá bem, tá bem — ele disse, como se tivesse ficado aborrecido de repente. Ele apontou na direção da cidade.

— O que tem a fazer é voltar para o centro da cidade, aí seguir pela estrada principal para o norte até chegar no desvio que fica uns seis quilômetro longe de onde a estrada acabava antes. Aí tem que virar para oeste e continuar em frente até onde tem a bifurcação, e aí seguir pela estrada que passa pela propriedade do Wilson Tanner. Aí é só virar pro norte de novo onde ficava o ferro-velho, aí tem que ir reto um pedaço, e o cemitério vai estar bem ali.

Jeremy assentiu com a cabeça. — O.K.

— Tem certeza que entendeu?

— Bifurcação, propriedade de Wilson Tanner, ferro-velho — ele repetiu mecanicamente. — Obrigado por sua ajuda.

— Não tem de quê. Fico feliz em ajuda. Deu sete dólares e quarenta e nove centavos.

— O senhor aceita cartão de crédito?

— Não. Nunca gostei dessas coisas. Não gosto do governo sabendo tudo que eu ando fazendo. Não é da conta de ninguém.

— Bem — disse Jeremy, procurando pela carteira —, isso é um problema. Ouvi dizer que o governo tem espiões em toda a parte.

Tully fez que sabia com a cabeça. — Aposto que isso é pior pra vocês, médicos. O que me lembra...

Tully continuou a falar sem qualquer intervalo durante quinze minutos. Jeremy ficou sabendo das excentricidades do tempo, dos ridículos atos governamentais e como Wyatt — o proprietário do outro posto de gasolina — seria capaz de esfolar Jeremy se algum dia ele parasse lá para abastecer, pois Wyatt adulterava a calibragem das bombas assim que o caminhão da Unocal ia embora. Mas o que Jeremy mais teve de ouvir foi o relato de Tully sobre seus problemas com a próstata, que o obrigavam a levantar-se pelo menos umas cinco vezes todas as noites para ir ao banheiro. Ele pediu a opinião de Jeremy a respeito disso, já que ele era urologista. E também fez perguntas sobre o Viagra.

Depois de ele ter recomeçado a mastigar umas duas vezes, parou outro carro do lado contrário da bomba, interrompendo a conversa. O motorista levantou o capo, e Tully abaixou a cabeça para dar uma olhada, antes de mexer uns fios e dar uma cuspida no chão. Tully garantiu que poderia fazer o conserto, mas já que ele estava muito ocupado, o homem teria de deixar o carro ali por pelo menos uma semana. Parecia que o estranho já esperava uma resposta desse tipo, e pouco depois eles estavam falando a respeito da sra. Dungeness e do gambá que havia invadido sua cozinha na noite anterior e comido as frutas de sua fruteira.

Jeremy aproveitou a oportunidade para escapar. Ele parou na loja de departamentos para comprar um mapa e um jogo de cartões-postais que mostravam os pontos mais importantes de Boone Creek, e em pouco tempo já estava na estrada sinuosa que o levaria para fora da cidade. Como que por mágica, ele encontrou tanto o desvio quanto a bifurcação, mas

infelizmente deixou passar a propriedade de Wilson Tanner. Refazendo um pedaço do caminho no sentido contrário, ele acabou chegando em um estreito caminho coberto por cascalho, quase escondido sob árvores exageradamente grandes de ambos os lados.

Ele então virou e foi sacudindo pelo caminho cheio de buracos até a floresta começar a ficar menos densa. No lado direito havia uma placa indicando que ele estava chegando em Riker's Hill — local onde havia ocorrido um dos conflitos da Guerra Civil —, e alguns minutos depois ele parou o carro diante do portão principal do Cemitério Cedar Creek. Ao fundo, elevava-se a colina de Riker's Hill. Naturalmente, "elevava-se" era um modo de dizer, pois parecia que era a única colina naquela parte do estado. Qualquer coisa pareceria elevada por aquelas bandas, pois o lugar era tão plano quanto os peixes pescados na região.

Cercado por colunas de tijolos e rodeado por uma cerca de ferro batido enferrujado, o Cemitério de Cedar Creek ficava em um pequeno vale, de forma que parecia estar afundando aos poucos. A superfície estava coberta pelas marcas da sombra dos carvalhos carregados de bromélias, mas a maciça árvore de magnólia que ficava no centro dominava tudo. As raízes se espalhavam desde o tronco e despontavam sobre a terra como se fossem dedos atacados pela artrite.

Embora o cemitério pudesse ter sido algum dia um lugar de descanso ordeiro e pacífico, agora estava abandonado. O caminho cheio de sujeira que vinha do portão principal estava tomado por sulcos causados pelas águas das chuvas e coberto de folhas. Os poucos caminhos com grama encoberta

pareciam fora do lugar. Havia galhos caídos aqui e ali, e o terreno ondulado fez Jeremy se lembrar das ondas correndo para a praia. Havia muito mato em torno das lápides, e quase todas pareciam estar quebradas.

Tully estava certo. Não havia muito o que olhar. Mas, para um cemitério mal-assombrado, estava perfeito. Especialmente para um que poderia acabar aparecendo na televisão. Jeremy sorriu. O lugar parecia ter sido produzido em Hollywood.

Jeremy saiu do carro e esticou as pernas antes de tirar a câmera do porta-malas. A brisa estava fresca, mas não lembrava em nada o ar gelado de Nova Iorque, e ele respirou profundamente, aproveitando o cheiro de pinho e capim-do-campo. Acima dele, nuvens brancas passeavam pelo céu e um falcão solitário rodava em círculos a distância. Riker's Hill era salpicada de pinheiros, e nos campos que se estendiam à sua frente ele viu um imenso barracão abandonado. Coberto por trepadeiras, com metade do telhado de zinco faltando e uma das paredes desmoronando, ele estava caindo para o lado, como se o sopro de uma brisa mais forte pudesse ser suficiente para derrubá-lo. Fora isso, não havia qualquer outro sinal de civilização.

Jeremy ouviu o ranger da dobradiça quando empurrou o portão enferrujado e caminhou pela trilha coberta de sujeira. Olhou de relance para as lápides em ambos os lados, perplexo pela ausência de palavras, até compreender que as linhas escritas originalmente deviam ter sido apagadas pelo tempo e pelo passar dos anos. As poucas que ele conseguiu identificar datavam do final dos anos de 1700. Mais à frente, uma cripta tinha o aspecto de que havia sido invadida. A cobertura e as

paredes estavam caindo, e, pouco mais adiante, outro monumento desabara no caminho. Ele viu outras criptas danificadas e monumentos destruídos. Jeremy não encontrou sinais de vandalismo proposital, apenas a decadência natural, ainda que séria. Também não viu sinais de que alguém tivesse sido enterrado ali nos últimos trinta anos, o que explicaria por que o lugar parecia tão abandonado.

A sombra da magnólia, ele parou, imaginando o aspecto daquele lugar em uma noite nebulosa. Provavelmente fantasmagórico, o que poderia dar asas à imaginação de qualquer pessoa. Mas se havia luzes inexplicáveis, de onde estariam vindo? Imaginou que os "fantasmas" seriam apenas luzes refletidas, transformadas em prismas pelas gotas de água da névoa, mas não havia postes de luz ali e o cemitério não era iluminado. Ele também não viu qualquer sinal de moradia em Riker's Hill que, talvez, pudesse ter sido responsável por isso. Ele imaginou que elas talvez pudessem vir das luzes de carros que estivessem passando, apesar de ter visto apenas uma estrada estreita, e as pessoas já teriam percebido essa ligação há muito tempo.

Ele teria de conseguir um bom mapa topográfico da região, além do mapa de ruas que havia trazido. Talvez a biblioteca local tivesse um. De qualquer forma, ele teria de dar uma parada na biblioteca para pesquisar a história do cemitério e da própria cidade. Ele precisava saber quando é que as luzes tinham sido vistas pela primeira vez; talvez isso lhe desse alguma idéia do que poderia explicá-las. Naturalmente, ele também teria de passar algumas noites na cidade dos fantasmas, se o tempo enevoado estivesse disposto a cooperar.

Caminhou algum tempo pelo cemitério, tirando algumas fotos. Essas não seriam publicadas; serviriam como pontos de comparação, caso ele encontrasse fotos mais antigas do cemitério. Ele queria ver quais tinham sido as mudanças ocorridas com o passar dos anos, e talvez pudesse lhe ser útil saber quando — ou por que — os estragos tinham ocorrido. E também tirou uma foto da árvore de magnólias. Era sem dúvida a maior que ele já havia visto. Seu tronco negro estava enrugado, e seus galhos baixos teriam mantido a ele e seus irmãos ocupados durante horas quando eram meninos. Quer dizer, se não estivesse cercada pelos mortos.

Enquanto estava revendo as fotos digitais, para ter certeza de que eram suficientes, com o canto do olho ele viu alguma coisa se mexer ali perto.

Erguendo os olhos, viu que era uma mulher caminhando em sua direção. Usando *jeans,* botas e um suéter azul-claro, que combinava com a bolsa de lona que ela carregava, tinha cabelos castanhos que batiam levemente nos ombros. Sua pele, com um leve toque de oliva, dispensava o uso de maquilagem, mas foi a cor de seus olhos que atraiu sua atenção: à distância, pareciam quase violeta. Quem quer que fosse, tinha estacionado seu carro bem atrás do dele.

Por um momento, ele ficou imaginando se ela estava se aproximando para pedir-lhe que fosse embora. Talvez o cemitério estivesse condenado e a entrada fosse proibida. Mas talvez aquela visita fosse apenas uma coincidência.

Ela continuava a caminhar em sua direção.

O que o levou a pensar que aquela era uma coincidência bastante *atraente.* Jeremy endireitou o corpo enquanto

colocava a câmera de volta no estojo. Ele abiu um sorriso largo quando ela se aproximou.

— Muito bem, olá pra você — ele disse.

Ao ouvir isso, ela diminuiu ligeiramente o passo, como se não tivesse notado sua presença. A expressão da moça era quase divertida, e ele achou que ela fosse parar. Em vez disso, passou por ele, embora ele fosse capaz de jurar que tinha ouvido uma risada.

Com as sobrancelhas erguidas em sinal de avaliação, Jeremy ficou olhando para ela. Ela não olhou para trás. Antes de poder pensar em algo, ele saiu atrás dela.

— Ei! — ele chamou.

Em vez de parar, ela simplesmente se virou e continuou a andar de costas, a cabeça erguida com curiosidade. Mais uma vez Jeremy viu a expressão de divertimento.

— Sabe, você não deveria ficar encarando desse jeito — ela falou com a voz alta. — As mulheres gostam de homens que sabem ser sutis.

Ela se virou de novo, ajeitou a bolsa de lona no ombro e continuou andando. De longe, ele ouviu a risada de novo.

Jeremy ficou de boca aberta, sem saber o que responder dessa vez.

Tudo bem, ela não estava interessada. Nada demais. Mesmo assim, a maioria das pessoas teria dado pelo menos um olá como resposta. Talvez fosse coisa típica do Sul. Talvez os caras estivessem sempre dando em cima e ela estivesse cansada. Ou talvez ela simplesmente não quisesse ser interrompida enquanto estivesse... estivesse...

Estivesse o quê?

Está vendo? Esse era o problema do jornalismo, ele suspirou. Tinha feito dele um sujeito muito curioso. Na verdade, não era da sua conta. Além disso, ele lembrou a si mesmo, aquilo era um cemitério. Ela provavelmente estava ali para visitar alguém que havia morrido. As pessoas faziam isso o tempo todo, não é?

Ele franziu a testa. A única diferença era que, na maioria dos cemitérios, tinha-se a impressão de que, de vez em quando, alguém aparava a grama, enquanto este se parecia com São Francisco depois do terremoto de 1906. Ele calculou que poderia ter ido atrás dela para descobrir o que tinha vindo fazer ali, mas ele já havia conversado com um número suficiente de mulheres para saber que bisbilhotar poderia gerar conseqüências muito mais horripilantes do que encarar.

Jeremy procurou seriamente desviar o olhar enquanto ela desaparecia atrás de um dos carvalhos, a bolsa de lona balançando no compasso de cada uma de suas passadas graciosas.

Somente depois que ela desapareceu é que ele conseguiu se lembrar de que garotas bonitas não tinham importância agora. Ele tinha um trabalho para fazer e o que estava em jogo era o seu futuro. Dinheiro, fama, televisão etc., etc., etc. Está certo, e agora? Ele tinha visto o cemitério... talvez fosse bom dar uma olhada na área ao redor. Meio que sentir o lugar.

Voltou para seu carro e pulou para dentro, feliz por não ter feito nada além de dirigir um rápido olhar, a fim de ver se ela estava olhando para ele. Dois poderiam jogar um jogo. Mas é claro que isso pressupunha que ela ao menos se preocupasse

com o que ele estava fazendo, e ele tinha certeza de que não era o caso.

Um olhar rápido do banco do motorista mostrou que ele estava certo.

Ele ligou o motor e foi saindo devagar; enquanto se afastava do cemitério, descobriu que não teria dificuldade em tirar a imagem da mulher de sua cabeça e concentrar-se na tarefa que deveria executar. Ele avançou pela estrada para verificar se havia outras — cobertas com cascalho ou asfalto — que a cruzassem, e ficou atento para ver se localizava algum moinho ou qualquer construção com teto de zinco, mas sem sucesso. Também não encontrou sequer uma simples casa de fazenda.

Fazendo a volta com o carro, ele começou a retornar pelo caminho que tinha seguido, à procura de uma estrada que o levasse até o alto de Riker's Hill, mas acabou desistindo e sentindo-se frustrado. Enquanto se aproximava do cemitério novamente, ele se perguntava quem seria o proprietário daquelas terras e se Riker's Hill seria propriedade pública ou privada. Ele certamente poderia obter essa informação na prefeitura. O jornalista atento que havia dentro dele não pôde deixar de observar que o carro da mulher havia desaparecido, o que o fez sentir uma leve, embora inesperada, sensação de contrariedade, que passou tão depressa quanto surgiu.

Ele olhou o relógio, passava das duas; calculou que a correria do almoço no Herbs provavelmente já estaria acabando. Poderia aproveitar para falar com Dóris. Talvez ela pudesse lançar alguma luz sobre o assunto.

Ele sorriu para si mesmo, imaginando se a mulher que tinha visto no cemitério teria achado graça nessa observação.



Capítulo
TRÊS

Apenas algumas mesas na varanda ainda estavam ocupadas quando Jeremy chegou ao Herbs. Enquanto subia as escadas na direção da porta da frente, as conversas silenciaram e os olhares se viraram para ele. Só a mastigação continuou, e Jeremy se lembrou da maneira curiosa com que as vacas olhavam quando alguém se aproximava da cerca do pasto. Jeremy mexeu a cabeça e acenou, fazendo o mesmo gesto que havia visto quando passara pelas varandas.

Ele tirou os óculos de sol e empurrou a porta. As mesas pequenas, quadradas, estavam espalhadas por dois grandes salões, separados no meio por uma escada. Um remate branco dava um certo equilíbrio às paredes cor de pêssego, deixando o lugar com um aspecto caseiro, interiorano; na parte de trás da construção, ele viu a cozinha de relance.

Mais uma vez, as mesmas expressões bovinas dos clientes enquanto ele passava. As conversas foram interrompidas. Os olhares o acompanharam. Quando ele mexeu a cabeça e acenou, os olhos baixaram e o murmúrio das conversas aumentou de novo. Essa coisa de acenar, ele pensou, era uma espécie de varinha mágica.

Jeremy ficou parado, rodando os óculos com os dedos, esperando que Dóris estivesse ali, quando uma das garçonetes saiu da cozinha. Beirando os trinta anos, era alta e extremamente magra, com um rosto corado e franco.

— Pode pegar qualquer lugar, bem — ela disse, com a voz aguda. — Volto num instante.

Depois de se instalar confortavelmente perto de uma janela, ele ficou observando a garçonete enquanto ela se aproximava. Seu crachá dizia RACHEL. Jeremy pensou no fenômeno dos crachás na cidade. Será que todos os trabalhadores tinham um? Calculou que talvez fosse uma espécie de regra. Como mexer a cabeça e acenar.

– Posso lhe trazer algo para beber, querido?

– Vocês têm *capuccino?* — ele arriscou.

– Não, sinto muito. Mas temos café.

Jeremy sorriu. — Café seria ótimo.

– Já vem. O cardápio está na mesa, se quiser comer alguma coisa.

– Para falar a verdade, eu estava pensando se a Dóris McClellan estaria por aqui.

– Ah, ela está lá atrás — Rachel disse, e seu rosto se iluminou. Quer que a chame?

— Se você não se importar.

Ela sorriu. — Não tem problema nenhum, querido.
Ele a viu caminhar na direção da cozinha e empurrar a porta vaivém. Pouco depois, uma mulher que ele imaginou ser Dóris apareceu. Era o oposto de Rachel: baixa e robusta, ralos cabelos brancos que um dia haviam sido louros, ela usava um avental, mas sem crachá, sobre uma blusa florida. Parecia ter uns sessenta anos. Parando junto à mesa, ela colocou as mãos nos quadris antes de exibir um sorriso.
— Bom — ela disse, dividindo a palavra em duas sílabas —, você deve ser Jeremy Marsh.
Jeremy piscou. — Você me conhece?
— É claro. Vi você no *Primetime Live* na sexta. Deduzo que recebeu minha carta.
— Recebi, obrigado.
— E você está aqui para escrever uma história sobre os fantasmas? Ele levantou as mãos. — Parece que sim.
— Bom, é isso. — Seu sotaque dava a impressão de que ela terminara a palavra nos esses. — Por que não me avisou que estava vindo?
– Eu gosto de surpreender as pessoas. Às vezes é mais fácil obter informações exatas desse modo.
– Isso — ela disse de novo. Depois que passou a surpresa, ela puxou uma cadeira. — Se importa se eu sentar? Acho que está aqui pra falar comigo.
— Eu não quero lhe criar problemas com a chefia, se estiver trabalhando.
Ela olhou por cima do ombro e gritou. — Ei, Rachel, você acha que a chefia vai se importar se eu sentar? Esse homem aqui quer conversar comigo.

Rachel esticou a cabeça por detrás da porta vaivém. Jeremy pôde ver que estava segurando um bule.

— Não, eu não acho que a chefia vai se importar — Rachel respondeu. — A chefia adora conversar. Principalmente com um cara tão bonito.

Dóris se virou. — Viu? — ela disse, e acenou com a cabeça. — Sem problemas.

Jeremy sorriu. — Parece um bom lugar para trabalhar.

– É.

– Pelo que vejo, você é quem manda.

— Culpada, pode apostar — Dóris respondeu. Os olhos brilhando de satisfação.

— Há quanto tempo está neste ramo?

— Quase trinta anos. Agora, aberto pro café e pro almoço. Fazíamos comida saudável bem antes de virar moda, e temos as melhores omeletes neste lado de Raleigh. — Ela se inclinou para a frente. — Está com fome? Devia experimentar um dos nossos sanduíches de almoço. É tudo fresco — até o pão nós fazemos todo dia. Você está com cara de quem precisa fazer uma boquinha, e com a sua aparência... — ela parou, fazendo uma avaliação. — Aposto que você iria adorar o sanduíche de *pesto* de frango. Vem com brotos, tomate, pepino, e sou eu mesma quem faz a receita do *pesto.*

— Eu realmente não estou com fome.

Rachel se aproximou com duas xícaras de café.

— Bom, só pra você saber... se vou contar uma história, gosto de contar com uma boa refeição na mesa. E costumo levar o tempo que for preciso.

Jeremy se rendeu. — O sanduíche de pesto de frango parece uma boa idéia.
Dóris sorriu. — Você pode trazer pra gente uns "Albermales", Rachel?
– Claro — Rachel respondeu. Ela o examinou com um olhar inquiridor. — A propósito, quem é o seu amigo? Nunca vi por aqui antes.
– Este é Jeremy Marsh — Dóris respondeu. — É um jornalista famoso que veio até aqui pra escrever uma história sobre a nossa hospitaleira cidade.
– Verdade? — Rachel perguntou com interesse.
– Sim — respondeu Jeremy.
– Graças a Deus — disse Rachel, com uma piscadela. — Por um momento, achei que você tivesse acabado de vir de um enterro.
Jeremy piscou os olhos, enquanto Rachel se afastava.
Dóris achou graça de sua expressão. — Tully passou por aqui depois que você parou para pedir informações — ela explicou. — Acho que ele deduziu que eu podia ter algo a ver com sua vinda, e queria ter certeza. De qualquer modo, ele relatou toda a conversa de vocês, e Rachel provavelmente não deve ter conseguido resistir. Ninguém deu a mínima para esse comentário dele.
— Sei — Jeremy disse.
Dóris se inclinou para a frente de novo. — Aposto que ele ficou buzinando um tempão na sua orelha.
– Um pouco.
– Ele sempre falou demais. Ele seria capaz de conversar com uma caixa de sapatos se não tivesse ninguém por perto, e eu

juro que não sei como foi que a mulher dele, a Bonnie, conseguiu agüentar tanto tempo. Mas já tem uns doze anos que ela ficou surda, e ele agora conversa com os clientes. É tudo o que uma pessoa pode fazer para sair de lá em menos tempo do que um cubo de gelo leva pra derreter no inverno. Eu tive de enxotá-lo daqui hoje quando ele deu uma passada. Não se consegue trabalhar se ele estiver por perto.

Jeremy pegou seu café. — A mulher dele ficou surda?

— Acho que o Bom Deus percebeu que ela já tinha sofrido muito. Abençoado seja seu coração.

Jeremy sorriu antes de tomar um gole do café. — Por que ele pensaria que foi você quem fez o contato comigo?

— Toda vez que acontece alguma coisa diferente, eu sou sempre a culpada. É o preço que se paga, eu acho, por ser a médium da cidade.

Jeremy ficou apenas olhando para ela e Dóris sorriu.

— Pelo que sei, você não acredita em médiuns — ela observou.

— Não, para ser sincero, não — Jeremy admitiu.

Dóris tirou o avental. — Bom, na maior parte deles, eu também não. A maioria é biruta. Mas algumas pessoas têm mesmo o dom.

— Então... você consegue ler a minha mente?

— Não, não é nada disso — Dóris falou, balançando a cabeça. — Pelo menos na maior parte do tempo. Eu tenho uma intuição muito boa a respeito das pessoas, mas ler a mente dos outros é coisa que a minha mãe fazia. Ninguém conseguia esconder nada dela. Ela sabia até o que eu estava planejando comprar para lhe dar de presente de aniversário, o que fazia

as coisas perder a graça. O meu dom é diferente. Sou uma vidente. E também sei dizer qual é o sexo de um bebê antes mesmo de ele nascer.

— Sei.

Dóris olhou-o com atenção. — Você não acredita em mim.

— Bem, vamos apenas dizer que você *é* uma vidente. Isso quer dizer que você sabe onde encontrar água e me dizer onde é que eu deveria cavar o poço.

— É claro.

– E se eu lhe pedisse para fazer um teste, cientificamente controlado, sob supervisão estrita...

– Você até poderia ser o supervisor, e se tiver de me amarrar como uma árvore de Natal para ter certeza de que eu não vou trapacear, não teria problema algum.

– Sei — disse Jeremy, pensando em Uri Geller. Geller tinha tanta confiança em seus poderes telecinéticos que procurou a televisão britânica em 1973, onde apareceu diante de cientistas e uma platéia no estúdio. Quando balançou uma colher no dedo, ambos os lados começaram a se curvar para baixo diante de observadores estupefatos. Só mais tarde é que se descobriu que ele tinha dobrado a colher várias vezes antes do programa, produzindo uma fadiga no metal.

Dóris parecia saber exatamente o que ele estava pensando.

– Vou lhe dizer uma coisa... pode me testar a qualquer hora, da maneira como quiser. Mas não é por causa disso que veio. Você quer que eu fale a respeito dos fantasmas, certo?

– Claro — disse Jeremy, aliviado por irem direto ao assunto.

— Importa-se se eu gravar nossa conversa?

— De modo algum.

Jeremy enfiou a mão no bolso do *blazer* e tirou um pequeno gravador. Colocou-o entre eles e apertou o botão correto. Dóris tomou um gole de café antes de começar.

— Bem, a história remonta aos anos de 1890 ou por volta disso. Nessa época, nesta cidade ainda havia a segregação racial, e a maioria dos negros vivia nos arredores, num lugar chamado Watts Landing. Não existe mais nada desse vilarejo atualmente, por causa do Hazel, mas naquela época...

— Desculpe... Hazel?

— O furacão. Mil novecentos e cinqüenta e quatro. Atingiu a costa perto da divisa da Carolina do Norte. Deixou praticamente toda a cidade de Boone Creek debaixo d'água, e o que tinha sobrado de Watts Landing desapareceu.

— Está certo. Desculpe. Pode continuar.

— De qualquer forma, como eu estava dizendo, você não vai encontrar mais o vilarejo, mas, perto da virada do século, acho que moravam ali umas trezentas pessoas. A maioria era descendente dos escravos que tinham vindo da Carolina do Sul durante a Guerra da Agressão Setentrional, ou o que vocês ianques chamam de Guerra Civil.

Ela piscou e Jeremy sorriu.

— Então, a Union Pacific apareceu trazendo as estradas de ferro, o que, naturalmente, esperava-se que transformasse este lugar em uma grande área cosmopolita. Ou pelo menos era isso o que eles prometiam. E a estrada que eles propunham construir passava bem no meio do cemitério dos negros. A líder da cidade na época era uma mulher chamada Hettie Doubilet. Ela era do Caribe — eu não sei dizer de que ilha —, mas quando descobriu que eles iriam ter de cavar e

transferir todos os corpos para outro lugar, ficou transtornada e tentou fazer com que o condado tomasse alguma atitude para mudar o traçado. Mas os camaradas que administravam o condado nem tomaram conhecimento. Não lhe deram nem uma oportunidade para apresentar sua causa.

Nesse instante, Rachel chegou com os sanduíches. Ela colocou os dois pratos sobre a mesa.

— Experimente — Dóris falou. — Seja como for, você está que é só pele e osso.

Jeremy pegou seu sanduíche e deu uma mordida. Ele ergueu as sobrancelhas e Dóris sorriu.

— Melhor do que qualquer coisa que você consegue achar em Nova Iorque, não é?

— Sem dúvida. Meus cumprimentos para a *chef.*

Ela olhou para ele de um modo quase coquete. — Você é encantador, sr. Marsh — ela disse, e subitamente ocorreu a Jeremy a idéia de que, na juventude, ela devia ter partido alguns corações. Ela continuou com a história, como se nunca tivesse parado.

— Naquela época, havia muitos camaradas racistas. Pessoas assim ainda existem, mas agora são minoria. Como você é do Norte, provavelmente acha que eu estou mentindo, mas não estou.

— Acredito em você.

— Não, não acredita. Ninguém do Norte acredita, mas isso não tem importância. Mas, continuando com a história, Hettie Doubilet ficou furiosa com os camaradas do condado, e diz a lenda que quando eles se recusaram a deixá-la entrar no escritório do prefeito, ela lançou uma maldição sobre nós, os

camaradas brancos. Ela disse que se os túmulos de seus ancestrais fossem profanados, então os dos nossos também seriam. Os ancestrais de seu povo iriam vagar por Cedar Creek em sua jornada, e no final todo o cemitério seria tragado inteiro. É claro que ninguém prestou atenção ao que ela disse naquele dia.

Dóris deu uma mordida em seu sanduíche. — E, bom, para encurtar a história, os negros mudaram os corpos um por um para outro cemitério, a estrada de ferro seguiu em frente e, depois disso, exatamente como Hettie tinha dito, o Cemitério de Cedar Creek começou a ir mal. No começo, coisas pequenas. Algumas lápides quebradas, coisas assim, como se vândalos fossem os responsáveis. Os camaradas do condado, achando que o povo de Hettie era o responsável, colocaram guardas. Mas as coisas continuaram a acontecer, não importava quantos guardas fossem colocados lá. E com o passar dos anos, foi ficando pior. Você esteve lá, certo?

Jeremy assentiu com a cabeça.

— Então viu o que está acontecendo. Parece que o lugar está afundando, certo? Exatamente como Hettie disse que afundaria. De qualquer forma, alguns anos depois as luzes começaram a aparecer. E, desde então, as pessoas acreditam que são os espíritos dos escravos vagando por aí.

– Então eles não usam mais o cemitério?

– Não, o lugar foi abandonado definitivamente no final dos anos setenta, mas mesmo antes dessa época as pessoas já estavam preferindo ser enterradas em outros cemitérios ao redor da cidade, por causa do que estava acontecendo com Cedar Creek. Ele agora é propriedade do município, mas eles

não tomam conta, não têm dado a mínima há pelo menos vinte anos.

– Alguém já tentou verificar por que o cemitério parece estar afundando?

– Eu não tenho certeza absoluta, mas estou quase certa que sim. Muitas pessoas poderosas têm ancestrais enterrados no cemitério, e a última coisa que eles iriam querer ver seria o esfacelamento do túmulo do avô. Tenho certeza de que eles tentaram encontrar uma explicação, e eu já ouvi umas histórias de gente de Raleigh que veio pra cá tentar descobrir o que estava acontecendo.

— Você está falando dos estudantes da Duke?

— Ah, não, eles não, querido. Eles eram apenas um bando de garotos, e estiveram aqui no ano passado. Não, estou falando de muito tempo atrás. Talvez da época em que os estragos começaram.

— Mas você não sabe o que foi que descobriram.

— Não. Sinto muito. — Ela fez uma pausa, e seus olhos adquiriram um brilho malicioso. — Mas acho que tenho uma idéia muito boa.

Jeremy ergueu as sobrancelhas. — E qual é?

– Água — ela disse simplesmente.

– Água?

— Eu sou uma vidente, lembra? Eu sei onde tem água. E vou lhe dizer uma coisa, francamente: aquela terra está afundando por causa da água que corre por baixo. Tenho certeza disso.

— Sei.

Dóris riu. — Você é tão gracinha, sr. Marsh. Sabia que seu rosto fica muito sério quando alguém lhe conta alguma coisa em que você não quer acreditar?

— Não. Nunca ninguém me disse isso.

— Bom, fica. E acho que é uma graça. Minha mãe teria tido um dia e tanto com você. Você é tão fácil de ler.

— Então, o que é que eu estou pensando?

Dóris hesitou. — Bom, como eu disse, meus dons são diferentes dos de minha mãe. Ela poderia ler você como se fosse um livro. Além disso, eu não quero assustá-lo.

– Vá em frente. Veja se me assusta.

– Tudo bem — ela disse, e o examinou longamente. — Pense em algo que eu não poderia saber de jeito nenhum. E lembre-se de que meu dom não é ler a mente das pessoas. Eu apenas capto... sinais, aqui e ali, e apenas se eles forem sentimentos realmente fortes.

– Tudo bem — Jeremy falou, tentando cooperar. — Mas você percebe que está apenas tergiversando.

– Vamos lá. — Dóris pegou as mãos dele. — Deixe-me segurá-las, *o.k.!*

Jeremy assentiu com a cabeça. — Claro.

– Agora pense em algo pessoal que eu não teria como saber.

– Está certo.

Ela apertou a mão dele. — Sério. Até agora você está apenas brincando comigo.

— Está bem. Vou pensar em algo.

Jeremy fechou os olhos. Ele pensou no porquê de Maria tê-lo deixado, e por um longo momento Dóris não disse absolutamente nada. Ao contrário, ela simplesmente olhou

para ele, como se tentasse fazer com que ele falasse alguma coisa.

Ele já havia passado por isso antes. Inúmeras vezes. Ele sabia o bastante para ficar calado, e quando ela continuou em silêncio, ele sabia que a tinha na mão. Subitamente, ela estremeceu — não era de surpreender, Jeremy pensou, já que fazia parte do *show* — e imediatamente soltou as mãos dele.

Jeremy abriu os olhos e olhou para ela.

— E?

Dóris estava olhando para ele de maneira estranha. — Nada — ela disse.

– Ah — Jeremy acrescentou: — Acho que não está nas cartas hoje, certo?

– Como eu lhe disse, sou vidente. — Ela sorriu, quase como se estivesse pedindo desculpas. — Mas posso lhe dizer com certeza que você não está grávido.

Ele riu. — E eu teria de lhe dizer que você está certa a respeito disso.

Ela sorriu para ele antes de lançar o olhar sobre a mesa. Ela ergueu os olhos de novo para ele. — Desculpe. Eu não deveria ter feito o que fiz. Foi inadequado.

— Não tem problema — ele disse, com sinceridade.

— Não — ela insistiu. Seus olhos se encontraram e ela pegou a mão dele de novo. Ela a apertou levemente. — Eu sinto muito.

Jeremy não teve muita certeza sobre como reagir quando ela pegou na mão dele de novo, mas ficou comovido com a expressão de compaixão em seu rosto.

E Jeremy teve a preocupante sensação de que Dóris havia adivinhado mais coisas sobre sua história pessoal do que ela talvez soubesse.

Mediunidade, premonição e intuição são simplesmente um produto da interação entre experiência, bom senso e conhecimento acumulado. A maioria das pessoas subestima a quantidade de informações que adquire ao longo da vida, mas o cérebro humano tem a capacidade de fazer a correlação imediata das informações de um modo que nenhuma outra espécie — ou máquina — é capaz de fazer.

O cérebro, porém, aprende a descartar a grande maioria das informações que recebe porque, por motivos óbvios, não é essencial que ele se lembre de absolutamente tudo. É claro que algumas pessoas têm memória melhor do que outras, fato revelado freqüentemente em situações de teste, e a capacidade de treinar a memória está muito bem documentada. Porém, até o pior dos estudantes se lembra de 99,99 por cento de tudo o que lhe acontece durante a vida. Assim, é esse 0,01 por cento que na maioria das vezes distingue uma pessoa da outra. Para algumas pessoas, isso se manifesta na capacidade de memorizar trivialidades, ou para se destacar como médicos, ou para interpretar com exatidão dados financeiros e tornar-se um bilionário de fundos de investimento. Para outras pessoas, é uma capacidade de ler seus semelhantes; e essas pessoas — com uma habilidade inata para despertar lembranças, com senso comum e experiência, e também capacidade para codificar tudo isso de modo rápido e

exato — manifestam uma habilidade que impressiona, como se fossem sobrenaturais.

Mas o que Dóris tinha feito estava... de algum modo acima disso, Jeremy pensou. Ela sabia. Ou, pelo menos, essa era a primeira impressão de Jeremy, até que ele encontrasse a explicação lógica para o que tinha acontecido.

E o fato é que não havia acontecido nada de verdade, ele lembrou a si mesmo. Dóris não tinha dito nada; foi só o jeito como ela olhou para ele que o fez pensar que ela havia compreendido aquelas coisas indevassáveis. E essa era uma sensação *dele* e não de Dóris.

A ciência tinha as verdadeiras respostas; mesmo assim, ela parecia uma boa pessoa. E se ela acreditasse em suas habilidades, qual o problema? Para ela, provavelmente pareciam sobrenaturais.

Mais uma vez, parecia que ela havia lido sua mente.

— Bom, acho que acabei de confirmar que sou maluca, certo?

— Não, é claro que não — Jeremy falou.

Ela pegou seu sanduíche. — Bom, de qualquer forma, já que deveríamos estar apreciando esta ótima refeição, talvez fosse melhor comer um pouco. Quer que eu lhe conte alguma coisa?

— Quero que me fale a respeito da cidade de Boone Creek — ele disse.

— Falar o quê?

— Qualquer coisa. Já que vou ficar aqui por alguns dias, seria bom saber alguma coisa a respeito do lugar.

Eles passaram a meia-hora seguinte conversando... bem, no que dizia respeito a Jeremy, não havia muito o que conversar. Dóris parecia saber tudo o que se passava na cidade. Muito mais do que Tully. E não por causa de suas supostas habilidades — ela admitia isso —, mas porque as informações atravessavam as pequenas cidades mais depressa do que o efeito do suco de ameixa em um bebê.

Dóris falou praticamente sem parar. Ele ficou sabendo sobre quem estava saindo com quem, com quem era difícil trabalhar e por que, e o fato de o ministro da igreja pentecostal da cidade estar tendo um caso com uma de suas paroquianas. O mais importante, pelo menos para Dóris, era que ele soubesse que, se por acaso acontecesse qualquer coisa com seu carro, ele jamais deveria chamar o Guincho do Trevor, porque o Trevor provavelmente estaria bêbado, qualquer que fosse a hora do dia.

– O homem é uma ameaça para as estradas — Dóris afirmou. — Todo mundo sabe, mas como o pai dele é o xerife, ninguém faz nada a respeito disso. Mas acho que isso não o surpreende. O xerife Wanner tem seus próprios problemas, como as dívidas de jogo.

– Ah — Jeremy falou como resposta, como se estivesse à par de tudo o que estava acontecendo na cidade. — Faz sentido.

Por alguns instantes, nenhum dos dois falou qualquer coisa. No silêncio, ele deu uma olhada no relógio.

— Acho que você precisa ir embora — Dóris falou.

Ele alcançou o gravador e o desligou, antes de colocá-lo novamente no bolso do *blazer.* — Certamente. Eu queria dar

uma passada na biblioteca antes que feche, para ver o que ela tem a oferecer.

— Bom, o almoço foi por minha conta. Não é sempre que recebemos um visitante famoso.

– Uma breve participação no *Primetime* não torna uma pessoa famosa.

– Eu sei disso. Eu estava falando de sua coluna.

– Você a lê?

— Todos os meses. Meu marido, que Deus o tenha, fazia consertos na garagem e adorava a revista. Depois que ele morreu, eu simplesmente não tive coragem de cancelar a assinatura. Eu praticamente continuei de onde ele havia parado. Você é um camarada muito inteligente.

— Obrigado — ele disse.

Ela ficou em pé e pôs-se a acompanhá-lo até a saída do restaurante. Os clientes, apenas alguns a essa hora, erguiam os olhos para eles quando passavam. Foi sem dizer nada que eles ouviram cada palavra, e assim que Jeremy e Dóris puseram os pés pra fora, começaram a sussurrar entre eles. Isso, todo mundo decidiu imediatamente, era um assunto excitante.

– Ela falou que ele apareceu na televisão? — perguntou um.

– Acho que eu vi ele em um daqueles programas de entrevistas.

— Definitivamente, ele não é médico — acrescentou outro. — Ele falou de um artigo de revista.

– Como será que a Dóris conhece ele? Você ouviu alguma coisa?

– Bom, ele parece boa gente.

— Eu acho que ele é simplesmente maravilhoso — disse Rachel.

Enquanto isso, parados na varanda, Dóris e Jeremy não tinham idéia da agitação que tinham causado lá dentro.

– Presumo que você vai ficar no Greenleaf? — Dóris perguntou. Quando Jeremy fez que sim com a cabeça, ela prosseguiu. — Você sabe onde fica? Eles estão numa área mais afastada, um tipo de zona rural.

– Eu tenho um mapa — Jeremy respondeu, tentando parecer que havia se preparado para tudo. — Tenho certeza de que conseguirei achar. Mas que tal me indicar como chego até a biblioteca?

— Claro — falou Dóris. — Ela fica logo depois da curva. — Ela apontou para a estrada. — Está vendo aquele prédio de tijolinhos? Aquele com o toldo azul?

Jeremy mostrou que sim com um sinal da cabeça.

– Vire à esquerda e vá até o próximo semáforo. Na primeira rua depois do semáforo, vire à direita. A biblioteca fica na esquina seguindo esse caminho. É um prédio grande branco. Antigamente era chamado de Casa Middleton, pois pertencia a Horace Middleton, antes de ser comprada pela prefeitura.

– Eles não construíram uma biblioteca nova?

– A cidade é pequena, sr. Marsh, mas a biblioteca é bastante grande. Você vai ver.

Jeremy estendeu a mão. — Obrigado. Você tem sido ótima comigo. E o almoço estava delicioso.

– Procuro fazer o melhor.

– Você se importa se eu voltar para fazer mais perguntas? Você parece que sabe lidar muito bem com todas as coisas.

– Sempre que quiser conversar, é só aparecer. Estou sempre às ordens. Mas vou lhe pedir para não escrever nada que nos faça parecer um bando de gente grosseira. Há muitas pessoas — eu, inclusive — que adoram este lugar.

– Tudo o que escrevo é verdade.

– Eu sei — ela disse. — É por isso que o procurei. Você tem uma cara confiável, e tenho certeza de que vai colocar a lenda de uma vez por todas exatamente onde deveria estar.

Jeremy ergueu as sobrancelhas. — Você não acredita que haja fantasmas em Cedar Creek?

— Ó céus, não. Eu *sei* que não há espíritos por ali. Venho dizendo isso há anos, mas ninguém me ouve.

Jeremy olhou para ela com curiosidade. — Então por que me pediu para vir aqui?

— Porque as pessoas não sabem o que está acontecendo, e vão continuar acreditando até acharem uma explicação. Sabe, desde aquele artigo no jornal sobre as pessoas da Duke, o prefeito vem promovendo essa idéia como louco, e vem gente estranha de todos os lugares na esperança de ver as luzes. Para ser honesta, isso está criando uma série de problemas — este lugar já está desmoronando e o estrago está cada vez pior.

Com essas palavras no ar, ela esperou um momento antes de continuar. — É claro que o xerife não vai fazer nada com os estudantes que vivem por ali, ou com os estranhos que ficam vadiando por lá sem qualquer idéia na cabeça. Ele e o prefeito estão tentando angariar simpatizantes; além disso, quase todo mundo por aqui — exceto eu — acha que esse negócio de promover os fantasmas é uma boa idéia. Desde que a tecelagem e a mina fecharam, a cidade está acabando, e eu

acho que eles acreditam que essa idéia é uma espécie de salvação.

Jeremy olhou de relance para seu carro, depois de volta para Dóris, pensando no que ela acabara de dizer. Fazia todo o sentido, mas...

— Você percebe que está mudando a história que me contou na carta?

— Não — ela disse. — Eu não estou. Tudo o que eu disse foi que havia luzes misteriosas no cemitério e que se acreditava que elas tinham relação com uma antiga lenda, que a maioria das pessoas acha que os fantasmas estão envolvidos, e que os garotos da Duke não conseguiram descobrir o que são realmente essas luzes. Tudo isso é verdade. Pode ler a carta de novo se não acredita em mim. Eu não minto, sr. Marsh. Posso não ser perfeita, mas não minto.

— Então por que você quer que eu faça a história cair no descrédito?

— Porque não está certo — ela disse calmamente, como se a resposta fosse uma questão de bom senso. — Pessoas vadiando por lá, turistas aparecendo para acampar — isso não é muito respeitoso com os que se foram, mesmo que o cemitério esteja abandonado. As pessoas que estão enterradas ali merecem descansar em paz. E a combinação dessas coisas com o tal Passeio pelas Casas Históricas está simplesmente muito errado. Mas eu sou apenas uma voz no deserto atualmente.

Jeremy pensou no que ela dissera ao colocar as mãos nos bolsos. — Posso lhe falar com franqueza? — ele perguntou.

Ela acenou com a cabeça, e Jeremy mudou o peso do corpo de um pé para outro. — Se você acredita que sua mãe era

médium, e que você tem o poder de achar água ou adivinhar o sexo dos bebês, parece...

Ao deixar essas palavras no ar, ela olhou para ele fixamente.

— Que eu seria a primeira a acreditar em fantasmas? Jeremy respondeu afirmativamente com um gesto da cabeça.

— Bom, e eu acredito. Eu só não acredito que eles estejam lá no cemitério.

– Por que não?

– Porque eu estive lá e não senti a presença de espíritos.

– Então você também tem esse poder?

Ela sacudiu a cabeça sem responder. — Posso ser franca agora?

– Claro.

– Um dia, você vai aprender uma coisa que não pode ser explicada pela ciência. E quando isso acontecer, sua vida vai mudar de uma maneira que você não pode sequer imaginar.

Ele sorriu. — Isso é uma promessa?

— Sim — ela disse —, é.

Ela fez uma pausa, olhando-o nos olhos. — E preciso lhe dizer que realmente gostei do nosso almoço. Não é sempre que eu tenho a companhia de um homem jovem tão charmoso. Quase me fez sentir jovem novamente.

— Eu também adorei.

Ele se virou para sair. O vento havia trazido muitas nuvens durante o almoço. O céu, embora não fosse ameaçador, parecia indicar que o inverno queria ficar, e Jeremy ergueu a gola do colarinho enquanto caminhava na direção do carro.

– Sr. Marsh? — Dóris chamou às suas costas.

Jeremy se virou. — Sim?

– Dê um alô para Lex por mim.
– Lex?
— Sim — ela respondeu. — Na mesa de consulta da biblioteca. É por ela que o senhor deve procurar.
Jeremy sorriu. — Eu darei.



Capítulo QUATRO

A biblioteca era uma estrutura gótica maciça, completamente diferente de todos os outros edifícios da cidade. Para Jeremy, parecia que ela havia sido arrancada de uma colina na Romênia e jogada em Boone Creek num gesto de provocação.
O edifício ocupava praticamente todo o quarteirão, e seus dois andares exibiam janelas altas e estreitas, um telhado com um ângulo muito fechado, e uma porta dianteira de madeira formando um arco, complementada por enormes argolas para chamar. Edgar Allan Poe teria adorado aquele lugar, mas apesar da arquitetura de casa mal-assombrada, os moradores da cidade tinham feito o possível para torná-la mais convidativa. A fachada de tijolos — sem dúvida vermelhos

até uma determinada época — tinha sido pintada de branco, haviam sido colocadas venezianas pretas para emoldurar as janelas, e canteiros de amores-perfeitos acompanhavam as laterais da passagem que levava até a entrada e contornavam o ponto em que estava colocada a bandeira. Uma placa amigável, gravada com uma inscrição dourada em letra cursiva, dava a todos as boas-vindas à BIBLIOTECA DE BOONE CREEK. Ainda assim, o aspecto geral era destoante. Era como visitar a casa elegante de um menino rico na cidade, pensou Jeremy, e dar de cara com um mordomo que recebe as pessoas na porta com bexigas e uma espingarda d'água.

No salão da entrada, pintado de amarelo-pálido e bastante iluminado — pelo menos o edifício era consistente com sua falta de consistência —, havia uma mesa em L, com a parte mais comprida se estendendo para os fundos do edifício, onde Jeremy viu uma grande sala envidraçada dedicada às crianças. À esquerda estavam os banheiros, e à direita, atrás de outra parede de vidro, estava o que parecia ser o espaço principal. Jeremy acenou com a cabeça e com a mão em direção à senhora idosa que estava atrás da mesa. Ela sorriu e acenou de volta, antes de retornar para o livro que estava lendo. Jeremy empurrou a pesada porta de vidro e entrou no espaço principal, orgulhoso por estar percebendo a maneira como as coisas funcionavam por ali.

No espaço principal, entretanto, ele sentiu uma onda de desapontamento. Sob o brilho intenso das luzes fluorescentes, havia apenas seis prateleiras de livros, relativamente próximas umas das outras, numa sala que não era muito maior do que seu apartamento. Nos cantos mais próximos havia dois

computadores ultrapassados e, no lado direito, um espaço para leitura que abrigava uma pequena coleção de periódicos. Quatro mesas pequenas estavam espalhadas pela sala, e ele viu apenas três pessoas passando os olhos pelas estantes, inclusive um senhor com aparelho para surdez que estava empilhando livros nas prateleiras. Olhando ao redor, Jeremy teve a triste impressão de que a quantidade de livros da biblioteca era menor do que o número de livros que ele comprara ao longo da vida.

Ele caminhou até a mesa de consulta, mas, como era de se esperar, não havia ninguém ali. Parou junto à mesa, à espera de Lex. Virando-se para se apoiar na mesa, ele imaginou que Lex deveria ser o senhor de cabelos brancos que estava colocando os livros nas prateleiras, mas o homem não fez qualquer movimento em sua direção.

Ele olhou para o relógio. Dois minutos depois, olhou para o relógio novamente.

Outros dois minutos depois, após Jeremy ter limpado a garganta, pigarreando sonoramente, o homem finalmente percebeu sua presença. Jeremy fez um gesto com a cabeça e acenou com a mão, fazendo com que o homem percebesse que ele precisava de ajuda, mas em vez de se aproximar dele, o homem apenas acenou e balançou a cabeça, e então voltou para os livros empilhados. Sem dúvida, ele estava procurando manter-se afastado de qualquer movimentação. Era legendária a eficácia sulista, Jeremy observou. E aquele lugar era impressionante.

No pequeno e desorganizado escritório do andar superior da biblioteca, ela olhava fixamente através da janela. Já sabia que

ele estaria vindo. Dóris havia telefonado no momento em que ele deixara o Herbs e lhe contara sobre o homem de preto da cidade de Nova Iorque, que estava ali para escrever sobre os fantasmas do cemitério.

Ela balançou a cabeça. Concluiu que ele deveria ter ouvido Dóris. Quando ela colocava uma idéia na cabeça, costumava ser bastante persuasiva, pouco se importando com a possível repercussão que um artigo como esse poderia ter. Ela já havia lido as matérias do sr. Marsh e sabia exatamente como ele trabalhava. Não bastaria provar que não havia fantasmas envolvidos — e ela não tinha dúvidas quanto a isso —, pois o sr. Marsh não iria parar por aí. Ele iria entrevistar as pessoas com seu jeito charmoso, iria fazer com que elas se abrissem, e então ele selecionaria e escolheria os depoimentos, antes de torcer a verdade da forma que lhe aprouvesse. Uma vez concluído o trabalho de difamação que passaria por um artigo, as pessoas do país inteiro iriam achar que todos os que viviam ali eram ingênuos, bobos e supersticiosos.

Ah, não. Ela não gostava do fato de ele estar ali.

Fechou os olhos, enrolando distraidamente alguns fios de seu cabelo escuro com os dedos. A questão era que ela também não gostava de gente rondando o cemitério. Dóris tinha razão: era uma falta de respeito, e desde que aqueles garotos da Duke tinham aparecido e o artigo tinha sido publicado no jornal, as coisas realmente estavam fugindo ao controle. Por que é que tudo não podia ter simplesmente continuado discretamente? Aquelas luzes apareciam por ali há décadas, e apesar de todo mundo ter conhecimento delas, ninguém se importava de verdade. É claro que, de vez em quando, algumas pessoas

decidiam bisbilhotar — a maioria porque tinha ficado bebendo no Lukilu, ou então adolescentes —, mas fazer camisetas? Canecas? Cartões-postais de péssima qualidade? Misturar tudo isso com um Passeio pelas Casas Históricas?

Ela não conseguia entender as motivações por trás daquele fenômeno. Por que seria tão importante incrementar o turismo por ali, afinal de contas? Ê claro que o dinheiro era uma coisa atraente, mas as pessoas não viviam em Boone Creek porque queriam ficar ricas. Bom, pelo menos a maioria delas, de qualquer forma. Havia sempre algumas pessoas querendo ganhar dinheiro fácil, começando em primeiríssimo lugar, e antes de todas, pelo prefeito. Mas sempre acreditara que a maioria das pessoas vivia aqui pelo mesmo motivo que ela: por causa da admiração que sentia quando, ao pôr-do-sol, o rio Pamlico se transformava numa faixa de amarelo dourado; porque conhecia e confiava em seus vizinhos; porque as pessoas podiam deixar seus filhos andarem por ali à noite sem ter a preocupação de que algo ruim pudesse lhes acontecer. Em um mundo que se tornava cada vez mais agitado, Boone Creek era uma cidade que não havia feito qualquer tentativa no sentido de acompanhar o mundo moderno, e era isso o que a tornava especial.

Era por isso que estava aqui, afinal de contas. Ela adorava cada aspecto da cidade: o cheiro de pinho e sal no comecinho das manhãs de primavera, o mormaço das noites de verão, que fazia sua pele brilhar, o avermelhado resplandecente das folhas no outono. Mas, acima de tudo, ela amava aquelas pessoas e não conseguia imaginar a vida em qualquer outro lugar. Confiava nelas, conversava com elas, *gostava* delas. É

claro que muitos de seus amigos não sentiam a mesma coisa, e depois de terem deixado a cidade rumo à faculdade, nunca tinham voltado; ela também havia se afastado durante algum tempo, mas mesmo nessa época sempre soube que voltaria; o que acabou se mostrando uma coisa boa, pois vinha se preocupando com a saúde de Dóris nos últimos dois anos. E ela também sabia que seria a bibliotecária, como sua mãe havia sido, e tinha a esperança de fazer da biblioteca algo de que a cidade sentisse orgulho.

Não, é claro que não era um trabalho dos mais glamourosos, e também não pagava muito. A biblioteca era uma obra em andamento, mas a primeira impressão fora decepcionante. O andar de baixo abrigava apenas ficção contemporânea, enquanto no andar de cima ficavam os livros de não-ficção e ficção clássica, títulos adicionais de autores contemporâneos e coleções únicas. Ela duvidava que o sr. Marsh percebesse que a biblioteca estava espalhada pelos dois andares, uma vez que o acesso para as escadas ficava nos fundos do edifício, perto da sala das crianças. Um dos inconvenientes de ter uma biblioteca instalada em uma residência antiga era que a arquitetura não havia sido planejada para o trânsito do público. Mas o lugar a agradava.

Seu escritório no andar de cima era quase sempre tranqüilo, e ficava perto de sua parte favorita da biblioteca. Uma pequena sala próxima da sua abrigava os títulos raros, livros que ela havia adquirido em vendas de espólios e de garagem, doações, em visitas a livrarias e comerciantes de todo o estado, projeto que sua mãe havia iniciado. Ela também tinha uma coleção de mapas e manuscritos históricos em desenvolvimento, alguns

dos quais datavam de antes da Guerra Revolucionária. Essa era sua paixão. Estava sempre em busca de algo especial, e era capaz de usar de charme, malícia ou até implorar para conseguir o que queria. Quando nada disso funcionava, ela apontava para as possibilidades de dedução no pagamento de impostos e — por ter trabalhado muito para desenvolver contatos entre advogados da área tributária e governamental em todo o Sul do país — freqüentemente recebia coisas muito antes que as outras bibliotecas sequer soubessem de sua existência. Apesar de não ter os recursos da Duke, da Wake Forest ou da Universidade da Carolina do Norte, sua biblioteca era considerada uma das melhores entre as bibliotecas pequenas do estado, senão do país.

E era assim que ela a via agora. *Sua* biblioteca, como se essa fosse *sua* cidade. E neste instante um estranho estava esperando por ela, um estranho que queria escrever uma história que talvez não fosse boa para *seu* povo.

Oh, ela bem que o vira chegar de carro. Vira-o sair do carro e dar a volta pela frente. Sacudira a cabeça, reconhecendo quase que imediatamente o sujeito arrogante cheio de confiança da cidade. Ele era apenas mais um de uma longa lista de pessoas vindas de algum lugar mais exótico, pessoas que acreditavam ter uma compreensão mais profunda a respeito do que era a vida real. Pessoas que diziam que a vida poderia ser muito mais emocionante, mais gratificante, se você saísse dali. Alguns anos atrás, ela se apaixonara por alguém que acreditava nessas coisas, e recusava-se a ser levada por essas idéias novamente.

Um cardeal pousou no beiral da janela. Ela ficou vendo o passarinho, desanuviou a cabeça, e então suspirou. Está certo, ela concluiu, teria de ir falar com o sr. Marsh de Nova Iorque. Afinal, ele estava esperando por ela.

Ele tinha vindo de longe, e a hospitalidade sulista — assim como o seu trabalho — exigiam que ela o ajudasse a encontrar o que precisava. O mais importante, entretanto, era que pudesse ficar de olho nele. Ela estaria em condições de filtrar as informações de forma que ele entendesse os aspectos positivos da vida naquele lugar.

Ela sorriu. Sim, ela conseguiria lidar com o sr. Marsh. Além disso, tinha de admitir, ele era muito bonito, apesar de não ser confiável.

Jeremy Marsh parecia quase entediado.

Ele caminhava por um dos corredores, os braços cruzados, olhando superficialmente os títulos contemporâneos. De vez em quando franzia a testa, como se perguntasse por que não havia nada de Dickens, Chaucer ou Austen. Caso ele perguntasse a respeito, ela ficou imaginando qual seria a reação dele se respondesse apenas "Quem?". Pelo que conhecia dele — embora tivesse de admitir que não o conhecia em absoluto e estava apenas fazendo suposições —, provavelmente ficaria olhando para ela de boca aberta do mesmo modo como fizera antes, quando se encontraram no cemitério. Homens, ela pensou. Sempre previsíveis.

Ela arrumou o suéter, demorando-se um pouco mais antes de caminhar em direção a ele. Seja profissional, ela ordenou a si mesma, você está cumprindo uma obrigação.

— Imagino que esteja procurando por mim — ela anunciou, forçando um sorriso apertado.

Jeremy ergueu os olhos ao ouvir sua voz, e por alguns instantes pareceu ter congelado no lugar em que estava. Então, sorriu imediatamente ao reconhecê-la. Ele pareceu bastante amigável — tinha uma covinha linda —, mas o sorriso era um pouco estudado e não foi suficiente para ofuscar a confiança que havia em seus olhos.

– Você é Lex? — ele perguntou.

– É a forma curta de Lexie. Lexie Darnell. É como Dóris me chama.

– Você é a bibliotecária?

– Quando não estou passeando por cemitérios e evitando homens que ficam encarando, tento ser.

– Bom, é isso — ele disse, tentando pronunciar as palavras da maneira como haviam sido ditas por Dóris.

Ela sorriu e passou por ele para arrumar alguns livros na prateleira que Jeremy havia examinado.

— Seu sotaque não engana, sr. Marsh — ela disse. — Parece que está tentando encontrar palavras para um jogo de palavras cruzadas.

Ele sorriu francamente, sem se deixar perturbar pelo comentário. — Você acha? — ele perguntou.

Definitivamente um sedutor, ela pensou.

— Eu sei — ela continuou arrumando os livros. — Agora, no que posso ajudá-lo, sr. Marsh? Imagino que esteja procurando informações sobre o cemitério?

– Minha reputação me precede.

– Dóris telefonou para me avisar que estava a caminho,

— Ah — ele observou. — Eu deveria saber. Ela é uma mulher interessante.
— Ela é minha avó.
Jeremy ergueu as sobrancelhas. É isso, ele pensou, desta vez guardando as palavras para si mesmo. Mas que coisa interessante! — Ela lhe contou a respeito do nosso delicioso almoço? — ele perguntou.
— Para ser sincera, eu não perguntei. — Ela empurrou o cabelo para trás da orelha, e não pôde deixar de pensar que aquela covinha era do tipo que fazia as crianças pequenas terem desejos de enfiar o dedo para brincar. Não que ela se importasse, é claro. Ela terminou de arrumar os livros e o olhou de frente, mantendo o tom de voz firme. — Acredite ou não, estou bastante ocupada neste momento — ela afirmou. — Estou sobrecarregada com trabalhos que preciso terminar de redigir ainda hoje. Que tipo de informação o senhor estava procurando?
Ele sacudiu os ombros. — Qualquer coisa que pudesse me ajudar com a história do cemitério e da cidade. Quando as luzes começaram. Qualquer estudo que tenha sido feito no passado. Qualquer história que mencione a lenda. Mapas antigos. Informações sobre Riker's Hill e a topografia. Registros históricos. Coisas assim. — Ele fez uma pausa, estudando os olhos violeta novamente. Eles eram realmente bastante exóticos. E ali estava ela bem perto dele, em vez de caminhando a distância. Ele achou que isso também era interessante.
— Devo confessar que é bastante surpreendente, não é? — ele perguntou, encostando-se na prateleira ao lado dela.

Ela o encarou. — Desculpe?
— Encontrar você no cemitério e agora aqui. A carta de sua avó, que me trouxe até aqui. É uma coincidência e tanto, você não acha?
— Não posso dizer que tenha pensado muito nisso.
Jeremy não iria permitir que o desencorajassem. Raramente conseguiam desencorajá-lo, especialmente quando as coisas estavam interessantes. — Bem, já que eu não sou daqui, talvez você pudesse me contar o que é que as pessoas fazem para relaxar por aqui. Quer dizer, existe algum lugar onde se possa tomar um café? Ou beliscar alguma coisa? — ele parou. — Talvez um pouco mais tarde, depois que você sair?
Ela piscou os olhos, pensando se tinha ouvido direito. — Está me convidando para sair? — ela perguntou.
— Somente se não estiver ocupada.
— Eu acho — ela disse, recompondo-se — que terei de recusar. Mas muito obrigada por ter convidado.
Ela sustentou o olhar dele, até que Jeremy finalmente ergueu as mãos em sinal de rendição.
— Está bem — ele disse, com a voz calma. — Mas você não pode culpar um cara por tentar — ele sorriu, a covinha aparecendo de novo. — Será que agora podemos começar a fazer a pesquisa? Isto é, se não estiver muito ocupada com seu trabalho. Eu posso voltar amanhã se achar que é mais conveniente.
— Há alguma coisa em especial por onde gostaria de começar?

— Eu esperava poder ler o artigo publicado no jornal local. Ainda não tive a oportunidade. Por acaso você teria o artigo por aqui?

Ela fez que sim com a cabeça. — Provavelmente em um microfilme. Temos trabalhado com o jornal nos últimos anos, por isso acho que não teremos problema algum para encontrá-lo.

– Ótimo — ele disse. — E as informações a respeito da cidade em geral?

– Estão no mesmo lugar.

Ele olhou rapidamente ao redor, imaginando para onde poderia ir. Ela começou a andar em direção ao salão.

– Por aqui, sr. Marsh. Vai encontrar o que precisa no andar de cima.

– Há um andar de cima!

Ela voltou a cabeça, falando sobre os ombros. — Se me seguir, prometo que lhe mostro.

Jeremy teve de acelerar o passo para acompanhá-la. — Importa-se se eu lhe fizer uma pergunta?

Ela abriu a porta principal e parou. — Em absoluto — ela respondeu, com a expressão inalterada.

— Por que estava no cemitério hoje?

Em vez de responder, ela simplesmente o encarou, mantendo a mesma expressão.

— Quer dizer, eu estava apenas pensando — Jeremy continuou. — Fiquei com a impressão de que poucas pessoas vão até lá atualmente.

Ela continuou sem dizer nada, e com o silêncio, Jeremy foi ficando mais curioso, até finalmente sentir-se desconfortável.

— Você não vai dizer nada? — ele perguntou.
Ela sorriu e, para sua surpresa, piscou o olho antes de atravessar a porta aberta. — Eu disse que poderia fazer a pergunta, sr. Marsh. Eu não disse que iria responder.
Enquanto ela caminhava à sua frente, tudo o que Jeremy conseguiu fazer foi olhar para ela com os olhos fixos. Nossa, ela era realmente uma coisa, não era? Confiante e bonita e charmosa ao mesmo tempo, e tudo isso depois de ter descartado a idéia de aceitar um convite para sair.
Talvez Alvin estivesse certo, ele pensou. Talvez existisse alguma coisa nas belezas sulistas capaz de levar um homem à loucura.

Eles atravessaram o salão, passaram pela sala de leitura das crianças, e Lexie conduziu-o escadas acima. Fazendo uma parada no topo, Jeremy olhou ao redor.
É isso, ele pensou de novo.
Havia mais coisas naquele lugar além de algumas prateleiras raquíticas cheias de livros novos. Muito mais. E também muito de um sentimento gótico, devido ao cheiro de poeira e à atmosfera de biblioteca particular. Com paredes cobertas por painéis de carvalho, piso de mogno e cortinas cor de vinho, a sala cavernosa era completamente diferente do espaço no andar de baixo. Cadeiras exageradamente estofadas e imitações de luminárias Tiffany ocupavam os cantos. Na longa parede do lado oposto havia uma lareira, com um quadro pendurado em cima dela, e as janelas, estreitas como eram, permitiam que entrasse apenas luz suficiente para dar ao lugar uma sensação de ambiente confortável.

— Agora eu entendo — Jeremy observou. — O andar de baixo é apenas um aperitivo. Aqui em cima é que as coisas realmente acontecem.

Ela assentiu com a cabeça. — A maioria dos nossos visitantes vem à procura dos títulos mais recentes de autores que eles conhecem, por isso montei aquela área no andar de baixo, para que ficasse mais acessível. A sala é pequena porque a usávamos como escritório antes da transformação.

– E onde fica o escritório agora?

– Bem ali — ela disse, apontando para os fundos, atrás da última estante. — Ao lado da sala dos livros raros.

– Uau! Estou impressionado.

Ela sorriu. — Vamos, vou lhe mostrar o que temos aqui e lhe falar deste lugar.

No minuto seguinte, eles já estavam conversando enquanto passeavam por entre as prateleiras. A casa, ele ficou sabendo, havia sido construída em 1874 por Horace Middleton, capitão que tinha feito sua fortuna transportando madeira e tabaco em seu navio. Ele construíra a casa para sua mulher e sete filhos, mas, infelizmente, nunca chegou a morar ali. Pouco antes de terminar a construção, sua mulher faleceu, e ele decidiu mudar-se com a família para Wilmington. A casa ficou vazia durante anos, depois foi ocupada por outra família até os anos cinqüenta, quando foi finalmente vendida para a Sociedade Histórica, que mais tarde a vendeu para a prefeitura, a fim de ser usada como biblioteca.

Jeremy ouvia atentamente enquanto ela falava. Eles caminhavam lentamente, com Lexie interrompendo sua própria história para apontar alguns de seus livros favoritos.

Ela era, como ele ficou sabendo rapidamente, muito mais instruída que ele, especialmente nos clássicos, mas fazia sentido, agora que ele havia pensado sobre isso. Por que outra razão ela se tornaria bibliotecária, se não amasse os livros? Como se soubesse o que ele estava pensando, ela parou e foi até uma prateleira cuja placa apontou com o dedo.

— Esta seção provavelmente está mais de acordo com sua área de atuação, sr. Marsh.

Ele olhou para a placa e leu as palavras SOBRENATURAL/BRUXARIA. Ele diminuiu o passo mas não parou, dando apenas uma olhada em alguns dos títulos, incluindo um a respeito das profecias de Michel de Nostredame. Nostradamus, como é mais conhecido, divulgou uma centena de previsões extremamente vagas em 1555, em um livro chamado *Centúrias,* o primeiro de dez que escreveu ao longo da vida. Das mil profecias de Nostradamus que chegaram a ser publicadas, somente umas cinqüenta ainda são citadas atualmente, o que dá meros 5% de índice de sucesso.

Jeremy enfiou as mãos nos bolsos. — Eu talvez possa lhe dar algumas boas indicações, se quiser.

— Com certeza. Eu não sou tão orgulhosa que não possa admitir que preciso de ajuda.

— Você já leu estas coisas?

— Não. Francamente, eu não acho o assunto tão interessante. Quer dizer, eu folheio esses livros quando chegam, olho as figuras, dou uma passada de olhos pelas conclusões para ver se são apropriadas, mas é só isso.

— A idéia é boa — ele disse. — Talvez seja o melhor a fazer.

— Mas é interessante. Algumas pessoas da cidade não gostam que eu mantenha qualquer livro a respeito desse assunto. Especialmente os que falam de bruxaria. Elas acham que é má influência para os jovens.

— E são. É tudo mentira.

Ela sorriu. — Pode ser que sim, mas não é essa a questão. Eles querem sumir com esses livros porque acreditam que é realmente possível conjurar o demônio, e acreditam que as crianças que lêem esse assunto podem acidentalmente inspirar Satanás a investir furiosamente sobre nossa cidade.

Jeremy assentiu com a cabeça. — A Juventude Impressionável do Cinturão da Bíblia. Faz sentido.

— Mas não vá contar a ninguém que eu lhe disse isso. Você sabe que o que estamos falando aqui é extra-oficial, certo?

Ele levantou a mão. — Palavra de escoteiro.

Por alguns instantes, eles caminharam em silêncio. O sol de inverno mal conseguia atravessar as nuvens cinzentas, e Lexie parou diante de algumas luminárias para acender as luzes. Um brilho amarelado se espalhou pela sala. Nesse momento, ele conseguiu sentir o leve aroma de flores do perfume que ela estava usando.

Jeremy caminhou distraidamente em direção ao retrato que estava sobre a lareira. — Quem é?

Lexie parou, acompanhando seu olhar. — É minha mãe — ela respondeu.

Jeremy olhou para ela com uma interrogação no rosto, e Lexie respirou profundamente antes de responder.

— Depois que a biblioteca original foi totalmente destruída pelo fogo em 1964, minha mãe assumiu como dever pessoal a

tarefa de encontrar um novo lugar e começar tudo de novo, já que todos na cidade consideravam essa idéia impossível. Ela tinha apenas vinte e dois anos, e passou muitos anos ainda fazendo *lobby* junto a pessoas da prefeitura e do estado para arrecadar fundos, organizando bazares, indo de porta em porta na casa dos homens de negócios da cidade, implorando ajuda, até eles cederem e lhe entregarem um cheque. Demorou anos, mas ela finalmente conseguiu.

Enquanto ela falava, os olhos de Jeremy iam de Lexie para o quadro, e depois voltavam para Lexie. Havia uma semelhança, ele pensou, algo que ele deveria ter notado imediatamente. Especialmente os olhos. Apesar de ter sido arrebatado instantaneamente pelo tom violeta, agora que estava mais próximo percebia que os olhos de Lexie tinham um toque de azul-claro ao redor da cor violeta, um azul que de certa forma lembrava a cor da bondade. Apesar do retrato ter tentado capturar a cor incomum, não conseguira chegar perto da verdadeira.

Quando Lexie terminou de contar sua história, prendeu uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. Parecia que ela repetia esse gesto com freqüência, Jeremy reparou. Provavelmente um tique nervoso. O que, com certeza, significava que ele a deixava nervosa. Para ele, isso era um bom sinal.

Jeremy limpou a garganta. — Ela parece ter sido uma mulher fascinante — ele disse. — Eu adoraria conhecê-la.

O sorriso de Lexie oscilou ligeiramente, como se houvesse mais coisas a contar, mas, em vez disso, ela sacudiu a cabeça. — Sinto muito — ela disse. — Acho que já falei demais. Você está aqui para trabalhar e eu o estou prendendo aqui. — Ela

acenou em direção à sala de livros raros. — Talvez seja melhor eu lhe mostrar o lugar em que você vai ficar engaiolado pelos próximos dias.

— Você acha que vai demorar tanto tempo?

— Você queria referências históricas e o artigo, certo? Eu adoraria lhe dizer que todas as informações foram catalogadas, mas não foram. Você vai ter pela frente um bocado de pesquisa bastante cansativa.

– Há tantos livros assim para examinar?

– Não são apenas livros, apesar de termos uma quantidade razoável de livros que você talvez ache útil. Mas eu acho que você vai encontrar boa parte das informações que está procurando nos diários. Eu decidi que iria reunir o máximo que pudesse entre as pessoas que vivem na região, e temos uma coleção e tanto atualmente. Tenho alguns, inclusive, que datam do século XVII.

– Você por acaso não tem o de Hettie Doubilet, tem?

– Não. Mas tenho alguns que pertenciam às pessoas que viviam em Watts Landing, e tenho até o de alguém que se considerava historiador amador da região. Mas você não pode examinar esse material fora do espaço da biblioteca. E vai levar algum tempo para ver tudo. Alguns são quase ilegíveis.

— Mal posso esperar — ele disse. — Eu *vivo* para a pesquisa cansativa. Ela sorriu. — Eu seria capaz de apostar que você é muito bom nisso. Ele arqueou as sobrancelhas. — Sou mesmo. Sou bom em uma porção de coisas.

– Eu não tenho dúvida, sr. Marsh.

– Jeremy — ele disse. — Me chame de Jeremy.

Ela ergueu uma das sobrancelhas. — Eu não tenho certeza de que essa seja uma boa idéia.
— É claro que é uma boa idéia — ele disse. — Confie em mim.
Ela riu com desdém. Sempre à espreita da caça, esse aí. — É uma oferta tentadora — ela disse. — Realmente. E fico lisonjeada. Mesmo assim, eu não o conheço bem o bastante para confiar em você, sr. Marsh.
Jeremy ficou olhando-a divertido enquanto ela se virava, pensando que já havia encontrado esse tipo antes. Mulheres que usavam a inteligência para manter os homens a distância, normalmente os tratavam com uma certa rispidez, mas com ela, isso de certa forma parecia quase... bem, charmoso e bem-intencionado. Talvez fosse o sotaque. O modo como parecia cantar as palavras, era bem provável que ela conseguisse convencer um gato a nadar no rio.
Não, ele se corrigiu, não era apenas o sotaque. Ou a inteligência, o que ele apreciava. Ou seus olhos deslumbrantes e sua aparência usando *jeans.* Está certo, tudo isso fazia parte, mas havia mais alguma coisa. Era... o quê? Ele não a conhecia, não sabia nada a respeito dela. Pensando bem, ela não tinha dito muita coisa a respeito dela mesma. Tinha falado muito a respeito dos livros e de sua mãe, mas ele não sabia absolutamente nada a respeito dela.
Ele estava aqui para escrever um artigo, mas, com uma súbita sensação de desânimo, percebeu que preferiria passar as próximas horas com Lexie. Gostaria de passear com ela pela cidade de Boone Creek ou, melhor ainda, jantar com ela em um restaurante romântico, longe dali, onde os dois pudessem

ficar sozinhos e se conhecer. Ela era misteriosa, e ele gostava de mistérios. Mistérios sempre levavam a surpresas, e enquanto a seguia em direção à sala de livros raros, não pôde deixar de pensar que sua viagem para o Sul do país tinha começado a ficar muito mais interessante.

A sala de livros raros era pequena, provavelmente um antigo dormitório, e ainda era dividida por uma parede baixa, de madeira, que ia de um lado a outro da sala. As paredes tinham sido pintadas de bege tom de areia, com acabamento em branco, e o piso de madeira estava gasto, mas não deformado. Atrás da parede havia prateleiras altas com livros; em um canto havia uma caixa com tampo de vidro que parecia uma arca do tesouro, com uma televisão e um aparelho de videocassete do lado, sem dúvida para a exibição de fitas referentes à história da Carolina do Norte. Do lado oposto ao da porta, uma janela, e debaixo dela uma escrivaninha antiga com tampo corrediço. Uma pequena mesa com um aparelho para leitura de microfichas estava bem à direita de Jeremy, e Lexie apontou para ele. Andando até a escrivaninha, ela abriu a última gaveta e depois voltou trazendo uma pequena caixa com cartões.
Colocando a caixa na mesa, ela procurou pelos cartões transparentes e tirou um. Inclinando-se para o lado dele, ligou o aparelho e colocou a transparência, mexendo-a até que o artigo estivesse na frente e no centro. Mais uma vez ele captou um leve traço de seu perfume, e no instante seguinte estava diante do artigo.

— Você pode começar com isso — ela disse. — Vou levar alguns minutos procurando mais alguma coisa que lhe possa ser útil.

– Este aqui foi rápido — ele falou.

– Esse não foi muito difícil. Eu me lembrava da data do artigo.

– Impressionante.

– Na verdade, não. Ele foi publicado no dia do meu aniversário.

– Vinte e seis?

– Por volta disso. Agora, deixe-me ver o que mais posso encontrar. Ela se virou e caminhou em direção às portas vaivém de novo.

– Vinte e cinco? — ele falou em voz alta.

– Boa tentativa, sr. Marsh. Mas eu não estou brincando.

Ele riu. Definitivamente, essa seria uma semana interessante. Jeremy voltou sua atenção para o artigo e começou a ler. Estava escrito exatamente da forma que ele esperava — com muito exagero e sensacionalismo, com arrogância suficiente para sugerir que todos os habitantes de Boone Creek sabiam desde sempre que o lugar era mais do que especial.

Ele descobriu poucas novidades. O artigo falava da lenda original, descrevendo-a praticamente da mesma maneira como Dóris havia feito, com variações mínimas no conjunto. No artigo, Hettie visitava os vereadores da cidade, e não o prefeito, e ela era da Luisiana, não do Caribe. O interessante é que ela aparentemente lançara a maldição diante das portas do tribunal da cidade, causando um grande tumulto, e então foi levada para a prisão. Quando os guardas foram soltá-la na

manhã seguinte, descobriram que ela havia desaparecido, como se tivesse evaporado. Depois disso, o xerife recusou-se a tentar prendê-la de novo, porque tinha medo de que ela lançasse uma maldição sobre sua família também. Mas todas as lendas eram semelhantes: as histórias foram se espalhando e sendo ligeiramente alteradas para ficar mais atraentes. E, ele tinha de admitir, a parte do desaparecimento era interessante. Ele teria de descobrir se ela havia sido realmente presa e se tinha realmente escapado.

Jeremy olhou por cima do ombro. Nenhum sinal de Lexie ainda.

Olhando de volta para a tela, ele calculou que talvez pudesse acrescentar algo ao que Dóris havia lhe contado a respeito de Boone Creek, e mexeu o aparelho para ver outras coisas na microficha transparente. Outros artigos apareceram diante de seus olhos. Num total de quatro páginas, estavam todas as notícias da semana — o jornal era publicado toda terça-feira — e ele descobriu rapidamente o que a cidade tinha a oferecer. Era uma leitura brilhante, a menos que você quisesse a cobertura de qualquer outra coisa que estivesse acontecendo em qualquer outro lugar do mundo, ou qualquer coisa que pudesse ao menos manter seus olhos abertos. Ele leu a respeito de um jovem que fez todo o jardim do prédio dos veteranos de guerra para ter o direito de ser um comandante dos Escoteiros, sobre uma nova lavanderia com lavagem a seco que abrira na Main Street, e um resumo de uma assembléia realizada na cidade, onde o ponto alto da pauta era decidir se deveriam colocar ou não um semáforo na Leary Point Road. A primeira página era dedicada à cobertura

realizada durante dois dias sobre um acidente de automóvel, em que dois homens da região haviam sofrido pequenos ferimentos. Ele se recostou na cadeira.

Então a cidade era exatamente o que ele esperava. Sonolenta e tranqüila, e especial daquela forma que todas as comunidades pequenas proclamam ser, mas nada além disso. Era o tipo de cidade que continuava a existir mais por causa do hábito do que em razão de alguma qualidade única, e acabaria desaparecendo nas décadas seguintes à medida que a população envelhecesse. Ali não havia futuro, pelo menos, não a longo prazo.

— Lendo a respeito desta nossa cidade tão excitante? — ela perguntou. Ele deu um pulo, surpreso por não ter percebido que ela se aproximara

por trás, e sentindo-se estranhamente triste com o estado das coisas por ali. — Sim. E é excitante, tenho de admitir. Aquele comandante dos Escoteiros foi demais. Puxa.

— Jimmie Telson — ela disse. — Ele é realmente um grande garoto. Só tira nota A e é um ótimo jogador de basquete. Seu pai morreu no ano passado, mas ele ainda faz trabalhos voluntários pela cidade, apesar de agora trabalhar meio período na Pete's Pizza. Temos orgulho dele.

— Estou impressionado com esse garoto.

Ela sorriu, pensando "É claro que está". — Aqui — ela disse, colocando uma pilha de livros ao lado dele. — Estes devem ser suficientes para você começar.

Ele passou os olhos pelos títulos. — Pensei que você tinha dito que seria melhor eu começar pelos diários. Isso aqui é história geral.

— Eu sei. Mas você não quer entender primeiro o período em que viviam?
Ele vacilou. — Acho que sim — ele admitiu.
— Bom — ela disse. Distraidamente, ela puxou a manga do suéter. — E eu descobri um livro com histórias de fantasmas que talvez possa interessá-lo. Tem um capítulo no livro que fala de Cedar Creek.
— Que ótimo.
— Bom, vou deixar você começar seu trabalho. Daqui a pouco eu volto para ver se está precisando de mais alguma coisa.
— Você não vai ficar?
— Não. Como lhe disse antes, tenho muito trabalho para fazer. Agora, você pode ficar aqui, ou pode sentar em uma das mesas do salão principal. Mas agradeceria se não tirasse os livros deste lugar. Nenhum desses livros, especialmente, pode sair daqui.
— Eu não me atreveria — ele disse.
— Agora, se me der licença, sr. Marsh, eu realmente preciso ir. E lembre-se de que, apesar de a biblioteca ficar aberta até às sete, a sala dos livros raros fecha às cinco.
– Até para os amigos?
– Aí, não. Eu os deixo ficar o tempo que quiserem.
– Então eu a vejo às sete?
– Não, sr. Marsh. Eu o vejo às cinco.
Ele riu. — Talvez amanhã você me deixe ficar até mais tarde.
Ela ergueu as sobrancelhas sem responder, depois caminhou alguns passos até a porta.
— Lexie?

Ela se virou. — Sim?
— Você ajudou muito até agora. Obrigado.
Ela exibiu um sorriso adorável, genuíno. — Não tem de quê.

Jeremy passou as horas seguintes examinando informações sobre a cidade. Ele folheou os livros um por um, demorando-se nas fotografias e lendo as partes que achava apropriadas.
A maior parte das informações referia-se às histórias dos primórdios da cidade, e ele anotou o que considerou serem observações relevantes no bloco de papel que tinha a seu lado. E claro que ele não tinha muita certeza sobre o que seria relevante àquela altura, ainda era cedo para dizer; e, assim, suas anotações encheram algumas páginas.
Ele tinha aprendido com a própria experiência que a melhor maneira de abordar uma história como aquela era começando pelo que ele sabia. Assim... o que ele sabia com certeza? Que o cemitério tinha sido usado por aproximadamente um século, sem que se tivesse visto qualquer luz misteriosa. Que as luzes apareceram pela primeira vez há cerca de um século e que apareciam regularmente, mas apenas quando o tempo estava nebuloso. Que muitas pessoas haviam visto, o que significava que era pouco provável que as luzes fossem mero fruto da imaginação. E, é claro, que o cemitério estava afundando.
Assim, mesmo depois de algumas horas, ele não sabia muito mais do que quando começara. Como a maioria dos mistérios, era um quebra-cabeça com muitas peças discrepantes. A lenda, tivesse Hettie amaldiçoado ou não a cidade, era essencialmente uma tentativa de unir algumas peças de maneira compreensível. Mas como a lenda tinha em sua base

uma coisa falsa, significava que algumas peças — quaisquer que fossem — ou estavam sendo superestimadas ou ignoradas. E isso significava, é claro, que Lexie estava certa. Ele tinha de ler tudo para não deixar passar nada.

Sem problemas. Na verdade, essa era a parte agradável. A busca da verdade era sempre mais divertida do que ficar escrevendo a verdadeira conclusão, e ele se viu mergulhado no assunto. Descobriu que Boone Creek havia sido fundada em 1729, o que a tornava uma das cidades mais velhas do estado, e durante muito tempo não fora nada além de um pequeno vilarejo às margens do rio Pamlico e do córrego Boone. Mais tarde, ainda no mesmo século, tornou-se um pequeno porto do sistema hidroviário do interior do estado; o crescimento da cidade foi acelerado pelo uso de barcos a vapor em meados dos anos 1800. Perto do final do século XIX, o *boom* ferroviário atingiu a Carolina do Norte; as florestas foram arrasadas enquanto os animais de caça sumiram. A cidade foi mais uma vez afetada, devido à sua localização como porta de saída para as ilhotas do Outer Banks. Depois disso, a tendência da cidade foi acompanhar os picos de desenvolvimento da economia no resto do estado, apesar de a população ter se mantido estável até aproximadamente 1930. De acordo com o censo mais recente, a população da cidade tinha, na verdade, sofrido uma queda, o que não o surpreendia nem um pouco.

Ele também leu a respeito do cemitério no livro de histórias de fantasmas. Nessa versão, Hettie tinha amaldiçoado a cidade, não porque os corpos do cemitério haviam sido removidos, mas porque ela havia se recusado a sair do

caminho e seguir pela estrada, quando a mulher de um dos políticos se aproximou dela, vindo em sentido contrário. Contudo, por ser considerada quase uma figura espiritual em Watts Landing, ela acabou escapando da prisão; então, alguns dos maiores racistas da cidade decidiram resolver esse assunto com as próprias mãos e causaram enormes estragos ao cemitério dos negros. Num acesso de cólera, Hettie amaldiçoou o Cemitério de Cedar Creek e jurou que seus ancestrais iriam vagar pela área do cemitério, até que ele fosse completamente engolido pela terra.

Jeremy recostou-se na cadeira, pensando. Três versões completamente diferentes de uma lenda essencialmente idêntica. Ficou imaginando o que significaria aquilo.

O interessante era que o autor do livro — A. J. Morrisson — havia acrescentado um pósfacio, em itálico, afirmando que o cemitério de Cedar Creek tinha realmente começado a afundar. De acordo com pesquisas, as bases do cemitério haviam afundado cerca de meio metro; o autor não dava qualquer explicação.

Jeremy verificou a data da publicação. O livro tinha sido escrito em 1954, e pelo estado do cemitério atualmente, ele deduzia que afundara pelo menos mais um metro desde então. Ele fez uma anotação para lembrar de verificar se havia pesquisas relativas àquele período, assim como qualquer outra, feita mais recentemente.

Todavia, enquanto absorvia as informações, ele não conseguia deixar de olhar por cima do ombro vez por outra, contando com a possibilidade remota de Lexie ter voltado.

No outro lado da cidade, na passagem para o décimo quarto buraco e com o celular colado na orelha, o prefeito procurava entender, através do barulho dos sinais provocados pela estática, o que estavam falando do outro lado da linha. A recepção era ruim nesse lado da cidade, e o prefeito ficou imaginando se levantar seu taco de média distância acima da cabeça poderia ajudar a entender melhor o que estava sendo dito.

— Ele esteve no Herbs? Hoje no almoço? Você falou *Primetime Live!*

Ele assentiu com a cabeça, fingindo que não tinha percebido que seu companheiro de golfe, que por sua vez estava fingindo que procurava a bolinha de sua última tacada, tinha acabado de tirar a bola de trás de uma árvore para deixá-la numa posição melhor.

— Encontrei! — gritou o amigo, começando a se preparar para a tacada seguinte.

O amigo do prefeito fazia coisas iguais àquela o tempo todo, o que francamente não incomodava em nada o prefeito, já que ele também fazia coisas assim. Seria impossível manter sua desvantagem de três pontos de outra forma.

Entrementes, enquanto a pessoa que havia feito a chamada concluía a conversa, seu amigo arremessou a bola na direção das árvores novamente.

– Maldição! — ele gritou. O prefeito o ignorou.

– Bom, isso é realmente interessante — disse o prefeito, sua mente fervilhando com as possibilidades — e fico muito feliz por você ter ligado. Agora, tome cuidado. Tchau.

Ele fechou o celular no instante em que seu amigo se aproximava.

– Espero que você invente uma boa mentira agora.

– Eu não ficaria tão preocupado — disse o prefeito, avaliando os repentinos acontecimentos na cidade. — Tenho certeza de que vai acabar exatamente onde você quer.

– E quem era no telefone?

– O destino — ele anunciou. — E se jogarmos direito, pode ser nossa salvação.

Duas horas depois, quando o sol se punha atrás das copas das árvores e as sombras começavam a se estender pelas janelas, Lexie enfiou a cabeça na entrada da sala de livros raros.

— Como está indo?

Olhando por cima do ombro, Jeremy sorriu. Afastando-se da mesa, ele passou a mão pelo cabelo. — Bem — ele disse. — Descobri muitas coisas.

– Você já tem a resposta mágica?

– Não, mas estou chegando perto. Dá pra sentir.

Ela entrou na sala. — Que bom. Mas, como eu já lhe disse, normalmente fecho este lugar às cinco, para poder me dedicar às pessoas que passam por aqui depois do trabalho.

Ele ficou em pé ao lado da mesa. — Sem problemas. Estou ficando um pouco cansado, de qualquer forma. Foi um longo dia.

– Você vai voltar amanhã de manhã, certo?

– É o que eu estava planejando. Por quê?

- Bem, normalmente eu coloco tudo de volta nas prateleiras diariamente.

– Será que pode deixar a pilha de livros exatamente do jeito que está, por enquanto? Tenho certeza de que vou precisar rever a maioria deles.

Ela pensou um pouco. — Acho que não tem problema. Mas tenho de avisá-lo de que se não aparecer logo cedinho, vou achar que me enganei com você.

Ele assentiu com a cabeça, parecendo solene. — Eu prometo que não vou deixar você esperando. Eu não sou esse tipo de cara.

Ela girou os olhos, pensando "Meu Deus!". Como ele era persistente. Isso ela tinha de admitir. — Tenho certeza de que diz isso para todas as garotas, sr. Marsh.

— Não — ele disse, apoiando-se na mesa. — Para falar a verdade, eu sou muito tímido. Quase um eremita... Sério. Eu quase não saio.

Eia deu de ombros. — Apenas mostra o que eu já sei. Considerando que você é um jornalista da cidade grande, eu já o tinha imaginado como um sedutor.

– E isso a incomoda?

– Não.

– Ótimo. Porque, como você sabe, a primeira impressão pode enganar.

– Ah, eu percebi isso imediatamente.

– É mesmo?

– Claro — ela disse. — Quando o encontrei pela primeira vez no cemitério, achei que estivesse lá por causa de algum funeral.



Capítulo

CINCO

Quinze minutos mais tarde, depois de andar por uma estrada de asfalto que levava a outra estrada de cascalho — eles certamente adoravam cascalho por ali —, Jeremy estacionou o carro no meio de um pântano, exatamente na frente de uma placa pintada à mão que dizia Greenleaf Cottages. O que o lembrou de que nunca deveria confiar nas promessas da Câmara de Comércio local.

Moderno, definitivamente não era. Não deveria ter sido moderno nem trinta anos atrás. Ao todo, havia seis pequenos chalés dispostos ao longo do rio. Com a pintura descascando, as paredes feitas de tábuas de madeira e teto de zinco, o acesso a eles se dava através de pequenas trilhas cheias de sujeira que saíam de um chalé localizado no centro, e que ele imaginou ser o escritório central. Era pitoresco, ele tinha de admitir, mas o aspecto rústico certamente devia ser creditado aos mosquitos e jacarés, nenhum dos quais despertava nele muito entusiasmo para permanecer ali.

Enquanto estava pensando se devia sequer se dar ao trabalho de registrar-se — ele havia passado por alguns hotéis de redes hoteleiras de Washington, há cerca de quarenta e cinco minutos de distância de Boone Creek —, ele ouviu o barulho de um motor vindo pela estrada e viu quando um Cadillac marrom veio em sua direção, chacoalhando violentamente nos buracos. Para sua surpresa, o carro parou diretamente ao lado do seu, levantando pedras na freada.

Um homem gordo e careca abriu a porta do carro com violência, parecendo agitado. Vestindo calça de poliéster verde e um suéter de gola alta azul, o homem parecia ter escolhido as roupas no escuro.

— Sr. Marsh?

Jeremy foi pego de surpresa: — Sim?

Com uma corridinha, o homem deu a volta em torno do carro. Tudo nele parecia mover-se rapidamente.

— Bom, que bom que eu o alcancei antes de se registrar no hotel! Queria ter a chance de conversar com o senhor! Nem sei como lhe dizer o quanto estamos entusiasmados com a sua visita!

Ele parecia sem fôlego ao estender a mão e sacudir a de Jeremy vigorosamente.

— Eu o conheço? — Jeremy perguntou.

— Não, não, é claro que não. — O homem riu. — Sou o prefeito Tom Gherkin. Pode me chamar de Tom — ele riu de novo. — Eu só queria passar por aqui para lhe dar as boas-vindas à nossa pacata cidade. Desculpe por aparecer assim. Eu o teria recebido no escritório lá na cidade, mas vim direto do campo de golfe, assim que soube que estava aqui.

Jeremy examinou-o novamente, ainda em estado de choque. Pelo menos isso explicava a roupa.

— O senhor é o prefeito?

— Tenho sido desde 1994. É uma espécie de tradição na família. Meu pai, Owen Gherkin, foi o prefeito daqui durante vinte e quatro anos. Interessava-se muito pela cidade, o meu pai. Sabia tudo o que era preciso saber a respeito deste lugar. É claro que ser prefeito é apenas um trabalho de meio período por aqui. É mais uma posição honorária. Eu sou mais uma espécie de homem de negócios, se quer saber a verdade. Sou o dono da loja de departamentos e da estação de rádio da cidade. Velha-guarda. O senhor gosta da velha-guarda?

— Claro — disse Jeremy.

— Bom, bom. Percebi isso assim que pus os olhos no senhor. Disse para mim mesmo "Aí está um homem que aprecia a boa música". Eu não agüento a maior parte desse negócio novo que todo mundo chama de música atualmente. Me dá dor de cabeça. A música deveria confortar a alma. Entende o que eu quero dizer?

— Claro — Jeremy repetiu, tentando acompanhar.

Ele riu. — Eu sabia que sim. Bom, como eu disse, nem sei como lhe dizer como estamos emocionados por estar aqui para escrever uma história sobre a nossa tranqüila cidade. É exatamente o que esta cidade precisa. Quer dizer, quem não gosta de uma boa história de fantasmas, certo? Deixa o pessoal bem animado por aqui, isso é certo. Primeiro os camaradas da Duke, depois o jornal da região. E agora um jornalista da cidade grande. A notícia está se espalhando, e isso é bom. Puxa, na semana passada ligou um grupo do Alabama para

dizer que estavam pensando em vir passar uns dias aqui e neste fim de semana fazer o Passeio pelas Casas Históricas.
Jeremy sacudiu a cabeça, tentando desacelerar o ritmo. — Como ficou sabendo que eu estava aqui?
O prefeito Gherkin colocou uma mão amigável em seu ombro, e antes mesmo que Jeremy percebesse, eles estavam caminhando em direção ao chalé do escritório. — As notícias correm, sr. Marsh. Passam como um rojão. Foi sempre assim, e sempre será. É parte do encanto deste lugar. Isso, e a beleza natural. Sabe que nós temos algumas das melhores pescarias e também a melhor caça ao pato do estado? Vem gente de toda parte, até gente famosa, e a maioria fica bem aqui, em Greenleaf. Isso aqui é um pequeno pedaço do paraíso, se quiser saber o que eu acho. Seu próprio chalé sossegado, bem aqui no meio da natureza. Puxa, você vai poder ouvir passarinhos e grilos a noite inteira. Aposto que vai fazer você enxergar aqueles hotéis de Nova Iorque de um modo inteiramente novo.
— Vai mesmo — Jeremy admitiu. O homem era definitivamente um político.
— E não precisa se preocupar nem um pouco com as cobras. Jeremy arregalou os olhos. — Cobras?
— Tenho certeza de que já ouviu falar, mas acredite que toda aquela confusão do ano passado foi apenas um mal-entendido. Alguns camaradas simplesmente não têm um pingo de bom senso. Mas como eu lhe disse, não se preocupe com elas. Normalmente, as cobras não saem até o verão, de qualquer forma. Ê claro, não vá sair por aí cutucando os arbustos ou

algo parecido, procurando por elas. Essas serpentes podem ser desagradáveis.

— Ah — Jeremy falou, tentando elaborar uma resposta em meio à imagem que havia se formado em sua mente. Ele odiava cobras. Mais ainda que mosquitos e jacarés. — Para falar a verdade, eu estava pensando...

O prefeito Gherkin suspirou profunda e tão sonoramente que interrompeu a resposta de Jeremy, então olhou em volta, como para se certificar de que Jeremy estava percebendo o quanto ele apreciava a paisagem ao redor. — Então, Jeremy, me diga... você não se importa que eu o chame de Jeremy?

– Não.

– É muita gentileza sua. Muita gentileza. Então, Jeremy, eu estava pensando se você acha que um desses programas de televisão poderia complementar a sua história por aqui.

– Eu não faço idéia — ele disse.

– Bom, porque se puderem, nós estenderíamos o tapete vermelho para eles. Mostraríamos como é a verdadeira hospitalidade do Sul. Puxa, nós os colocaríamos bem aqui em Greenleaf, sem cobrar nada. E, é claro, eles teriam uma história fantástica para mostrar. Muito melhor do que aquilo que você fez no *Primetime Live.* O que nós temos aqui é de verdade.

– Será que o senhor entende que, antes de mais nada, eu escrevo para uma coluna? Normalmente, eu não tenho nada a ver com a televisão...

– Não, claro que não — o prefeito Gherkin piscou o olho, deixando claro que não acreditava. — Faça o que tem de fazer, e vamos ver o que acontece.

— Estou falando sério — Jeremy disse.
Ele piscou de novo. — É claro que está.
Jeremy não tinha muita certeza sobre o que poderia dizer para dissuadi-lo — principalmente porque o homem poderia estar *certo* — e no instante seguinte o prefeito Gherkin já estava abrindo a porta do escritório. Se é que se poderia chamar assim.
Parecia que aquele lugar não era reformado há séculos, e as paredes de madeira lembraram-no do que poderia encontrar numa cabana da floresta. Um pouco além da mesa instável havia um peixe serranídeo de boca enorme, pendurado na parede; em cada canto, ao longo das paredes, e em cima do arquivo e da mesa havia bichos empalhados: castores, coelhos, esquilos, gambás, doninhas e um texugo. Ao contrário da maioria das montagens desse tipo que ele já vira, entretanto, todos os bichos tinham sido colocados como se estivessem encurralados e tentando se defender. As bocas estavam como que rosnando, os corpos arqueados, os dentes e patas expostos. Jeremy ainda estava absorvendo as imagens quando deu com um urso no canto e pulou assustado. Assim como os outros animais, as patas do urso estavam estendidas como se ele fosse atacar. O lugar parecia o Museu de História Natural, transformado em um filme de terror e trancado num armário.
Atrás da mesa, um homem enorme e barbudo estava sentado com os pés para cima, uma televisão na frente dele. A imagem tinha chuviscos e umas linhas verticais atravessavam a tela a cada segundo, fazendo com que fosse quase impossível ver o que estava passando.

O homem ficou em pé atrás da mesa e continuou a levantar-se, agigantando-se diante de Jeremy. Ele devia ter mais de dois metros, e seus ombros eram mais largos que os do urso empalhado no canto. Vestido com um macacão e uma camisa xadrez, ele pegou uma prancheta e a colocou sobre a mesa.

Ele apontou para Jeremy e para a prancheta. Não sorriu; para todos os efeitos, parecia que ele não queria outra coisa senão arrancar os braços do corpo de Jeremy, a fim de usá-los para bater nele, antes de o empalhar e colocar na parede.

Gherkin, como era de se prever, riu. O homem ria bastante, Jeremy percebeu.

— Não precisa ficar nem um pouco preocupado com ele, Jeremy — o prefeito falou correndo. — O Jed não é de falar muito com estranhos. É só preencher a ficha, e poderá seguir seu caminho para o seu próprio quartinho no paraíso.

Jeremy mantinha os olhos arregalados presos em Jed, pensando que o homem era a pessoa mais assustadora que já havia visto na vida.

— Além de ser o proprietário do Greenleaf e de trabalhar na assembléia da cidade, ele é o taxidermista da região — continuou Gherkin. — O trabalho dele não é incrível?

— Incrível — Jeremy disse, forçando um sorriso.

— Se matar qualquer coisa por aqui, procure o Jed. Ele vai fazer um ótimo serviço.

— Vou tentar me lembrar disso.

O prefeito ficou subitamente animado. — Você caça, não?

— Não muito, para ser honesto.

— Bom, talvez a gente mude isso enquanto está por aqui. Eu já falei que a caça ao pato por aqui é espetacular, não falei?

Enquanto Gherkin falava, Jed bateu com seu dedo enorme na prancheta de novo.
— Escuta, não tente intimidar nosso camarada — interferiu o prefeito Gherkin. — Ele é de Nova Iorque. É um jornalista da cidade grande, por isso trate ele direito.
O prefeito Gherkin voltou sua atenção para Jeremy novamente. — E, Jeremy, só pra você saber, a cidade terá prazer em pagar por suas acomodações por aqui.
— Isso não é necessário...
— Nem mais uma palavra — ele disse, ignorando a ofensa. — A decisão já foi tomada pelos manda-chuvas — ele piscou. — Que sou eu, por acaso. Mas é o mínimo que podemos fazer por um convidado tão ilustre.
— Bem, obrigado.
Jeremy pegou a caneta. Começou a preencher a ficha de registro, sentindo os olhos de Jed em cima dele e com medo do que poderia acontecer se mudasse de idéia sobre ficar ali. Gherkin inclinou-se sobre seu ombro.
— Eu já lhe disse o quanto estamos emocionados por tê-lo em nossa cidade?

Do outro lado da cidade, em uma casinha branca com persianas azuis, em uma rua tranqüila, Dóris estava refogando *bacon,* cebola e alho, enquanto uma panela com macarrão fervia em outra boca do fogão. Lexie estava picando tomates e cenouras sobre a pia, lavando-as enquanto executava a tarefa. Depois de ter saído da biblioteca, ela passara na casa de Dóris, como fazia normalmente algumas vezes por semana. Apesar

de ter sua própria casa ali perto, freqüentemente jantava na casa de sua avó. Velhos hábitos não mudam, e coisas assim.

No beiral da janela, o rádio tocava *jazz,* e além da conversa rotineira, típica dos membros de uma família, nenhuma das duas tinha dito muita coisa. Para Dóris, o assunto era o longo dia no trabalho. Desde que sofrera um ataque do coração dois anos atrás, ela se cansava com mais facilidade, mesmo que não quisesse admitir isso. Para Lexie, o assunto era Jeremy Marsh, apesar de estar calejada para saber que não devia comentar nada com Dóris, pois ela sempre se interessara demais por sua vida pessoal, e Lexie tinha aprendido que era melhor evitar o assunto sempre que possível.

Lexie sabia que sua avó não fazia por mal. Dóris simplesmente não entendia porque uma pessoa de trinta anos ainda não tinha se assentado, e ela havia chegado num ponto em que estava sempre se perguntando porque é que Lexie ainda não estava casada. Apesar de muito astuta, Dóris era antiquada; ela havia casado aos vinte e passara os quarenta anos seguintes com um homem que adorava, até ele morrer, três anos atrás. Lexie tinha sido criada pelos avós, no final das contas, e podia muito bem condensar toda a lengalenga de Dóris em apenas alguns poucos pensamentos: já estava na hora de encontrar um bom rapaz, assentar o juízo, mudar para uma casa com cerca de madeira branca e ter bebês.

O desejo de Dóris não era assim tão estranho, Lexie sabia. Por ali, pelo menos, era isso o que se esperava das mulheres. E quando se permitia ser franca consigo mesma, Lexie às vezes também desejava ter uma vida assim. Pelo menos na teoria. Mas ela queria primeiro encontrar o homem certo, alguém

que a inspirasse, o tipo de homem que ela teria orgulho de chamar de seu homem. Era nisso que ela e Dóris divergiam. Dóris parecia achar que um homem de bem, decente, e com um bom emprego era tudo o que uma mulher sensata poderia desejar. E, talvez no passado, essas fossem as qualidades que se poderia esperar. Mas Lexie não queria ficar com alguém apenas por ele ser bom e decente e ter um bom emprego. Quem sabe — talvez ela tivesse expectativas irreais —, mas Lexie também queria se sentir apaixonada por ele. Não importava a bondade ou o senso de responsabilidade, se ela não se sentisse apaixonada por esse homem, não conseguiria evitar a sensação de que estaria se *acomodando* a alguém, e ela não queria se acomodar. Isso não seria justo com ela e não seria justo com ele. Ela queria um homem que fosse sensível e bom, mas que conseguisse arrebatá-la completamente. Queria alguém que lhe oferecesse uma massagem nos pés depois de um longo dia na biblioteca, mas que também a desafiasse intelectualmente. Um homem romântico, é claro, alguém capaz de lhe comprar flores, sem que houvesse qualquer razão para isso.

Não era pedir muito, era?

De acordo com a *Glamour,* a *Ladies home Journal* e a *Good housekeeping* — a biblioteca recebia essas revistas — era. Nessas revistas, parecia que cada artigo declarava que cabia inteiramente à mulher fazer com que a relação fosse sempre estimulante. Mas uma relação não deveria ser exatamente isso? Uma *relação?* Com ambos os parceiros fazendo tudo o que estivesse à seu alcance para manter o outro satisfeito?

Veja, esse era o problema enfrentado por muitos casais que ela conhecia. Em qualquer casamento, era preciso equilibrar delicadamente o que você gostaria de fazer e o que o seu companheiro gostaria de fazer, e enquanto o marido ou a mulher estivessem fazendo o que o outro queria, nunca havia problema. Os problemas surgiam quando as pessoas começavam a fazer o que queriam sem se importar com o outro. Um marido que decidia de uma hora para outra que precisava de mais sexo e saía procurando fora do casamento; uma mulher que decidia que precisava de mais afeto, o que acabava levando-a a fazer exatamente a mesma coisa. Um bom casamento, como qualquer sociedade, significava a subordinação de suas próprias necessidades às da outra pessoa, na expectativa de que o outro fosse agir da mesma maneira. E enquanto ambos os parceiros mantivessem sua parte no acordo, tudo estaria bem no mundo.

Mas se você não sentisse nenhuma paixão por seu marido, será que poderia esperar uma coisa dessas? Ela não tinha certeza. Dóris, é claro, tinha uma resposta pronta. "Acredite em mim, querida, isso passa depois dos primeiros anos", ela diria, apesar do fato de que, na cabeça de Lexie, de qualquer forma, seus avós haviam tido o tipo de relacionamento que qualquer um invejaria. Seu avô era um daqueles homens naturalmente românticos. Até o final, ele abria a porta do carro para Dóris e segurava sua mão quando caminhavam pela cidade. Ele fora totalmente dedicado e fiel a ela. Era óbvio que ele a adorava e estava sempre comentando como tivera a sorte de encontrar uma mulher como ela. Depois de sua morte, uma parte de Dóris também começou a morrer.

Primeiro, o ataque cardíaco; agora, a piora da artrite. Era como se eles tivessem sido feitos um para o outro. Qual seria o significado disso, quando ligado ao conselho de Dóris? Significaria que Dóris simplesmente tivera sorte por encontrar um homem como ele? Ou ela teria visto alguma coisa em seu marido, algo que depois confirmaria que ele era o homem certo para ela?

Agora, o que teria levado Dóris a sequer pensar em casamento novamente?

Provavelmente, o fato de estar ali na casa de Dóris, a casa onde tinha sido criada depois da morte de seus pais. Cozinhando ao lado dela, Lexie sentia uma familiaridade reconfortante, e se lembrava de ter crescido pensando que um dia viveria numa casa como aquela. Tábuas de madeira gastas; teto de zinco que amplificava o barulho da chuva, como se toda a chuva do mundo estivesse caindo ali; janelas antiquadas, com caixilhos que haviam sido pintados tantas vezes que era quase impossível abri-las. E ela realmente morava numa casa como aquela. Bom, mais ou menos, de qualquer forma. À primeira vista, poderia parecer que a casa de Dóris e a sua eram parecidas — elas haviam sido construídas na mesma época —, mas ela jamais havia conseguido reproduzir os aromas. Os cozidos das tardes de domingo, o cheiro dos lençóis secados ao sol, o odor levemente abafado da velha cadeira de balanço onde seu avô havia descansado durante anos. Odores como esses refletiam um estilo de viver sereno, com muita tranqüilidade ao longo dos anos; e toda vez que abria as portas daquela casa, ela era invadida pelas lembranças vívidas da infância.

Naturalmente, sempre havia imaginado que àquela altura teria sua própria família, talvez até filhos, mas não tinha dado certo. Dois de seus relacionamentos haviam chegado bem perto: houve o longo relacionamento com Avery, que tinha começado na faculdade, e, depois desse, um outro envolvendo um jovem de Chicago, que viera visitar um primo em Boone Creek no verão. Ele era o clássico homem da Renascença: falava quatro línguas, havia passado um ano estudando na School of Economics de Londres, e pagara todos os seus estudos com uma bolsa que conseguira por ser bom jogador de *baseball.* O sr. Renascença era charmoso e exótico, e ela se apaixonara por ele rapidamente. Ela acreditou que ele ficaria ali, achou que ele tivesse aprendido a amar a cidade tanto quanto ela, mas, ao acordar num sábado de manhã, ficou sabendo que ele estava voltando para Chicago. Ele jamais se preocupou em se despedir pelo menos.

E depois disso? Nada demais, para dizer a verdade. Houve dois namoricos que duraram mais ou menos seis meses, e sobre os quais ela nunca pensou muito a respeito, depois que acabaram. Um deles tinha sido com um médico da cidade, o outro com um advogado; os dois a haviam pedido em casamento, porém, novamente, ela não sentira a magia ou a emoção, ou o que quer que fosse que se devia sentir, para saber que não seria mais necessário continuar procurando. Nos últimos anos, ela havia tido muito menos encontros e muito mais espaçados, a menos que se levasse em consideração Rodney Hopper, assistente do xerife na cidade. Eles haviam saído uma dezena de vezes, mais ou menos uma vez por mês, sempre que havia um evento beneficente do

qual ela se animava a participar. Como ela, Rodney também havia nascido e crescido ali, e quando eram crianças costumavam brincar na gangorra que ficava atrás da igreja episcopal. Ele passara a vida tentando conquistá-la e freqüentemente a convidava para beber alguma coisa no Lukilu. Às vezes, ela se perguntava se não seria melhor simplesmente ceder e aceitar seu pedido para sair com ele mais vezes, mas Rodney... bem, ele gostava um pouco demais de pescar e caçar e levantar peso, e não demonstrava um interesse minimamente razoável por livros e pelo que acontecia no resto do mundo. Mas ele era um sujeito bacana, e ela achava que ele daria um ótimo marido. Mas não para ela. Sendo assim, aonde é que ela iria parar?

Ali na casa de Dóris, três vezes por semana, ela pensou, à espera das inevitáveis perguntas sobre sua vida amorosa.

— Então, o que achou dele? — Dóris perguntou, nesse exato momento. Lexie não conseguiu evitar o sorriso. — Quem? — ela perguntou, fazendo-se de inocente.

– Jeremy Marsh. De quem você acha que eu estava falando?

– Eu não faço a menor idéia. Foi por isso que fiz a pergunta.

— Não tente evitar o assunto. Eu soube que ele passou algumas horas na biblioteca.

Lexie deu de ombros. — Ele pareceu uma pessoa agradável. Eu o ajudei a encontrar alguns livros para começar sua pesquisa, e isso foi tudo.

— Você não conversou com ele?

— É claro que conversamos. Como você disse, ele ficou lá durante algum tempo.

Dóris ficou esperando que Lexie dissesse mais alguma coisa, mas como isso não aconteceu, soltou um suspiro profundo. — Bom, eu gostei dele — Dóris falou. — Ele me pareceu um perfeito cavalheiro.

– Ah, isso foi — Lexie concordou. — Simplesmente perfeito.

– Você não me parece muito convincente.

– O que mais você quer que eu diga?

– Bem, ele ficou encantado com sua personalidade fascinante?

— Por que cargas d'água isso teria alguma importância? Ele só vai ficar na cidade por alguns dias.

— Alguma vez eu lhe falei a respeito do dia em que conheci seu avô?

– Várias vezes — Lexie respondeu, lembrando-se perfeitamente da história. Eles haviam se conhecido em um trem que ia para Baltimore; ele era de Grifton e estava a caminho de uma entrevista para um emprego, um emprego que ele jamais assumiria, preferindo ficar com ela.

– Então você sabe que é muito provável que você conheça alguém quando menos espera.

— Você sempre diz isso.

Dóris piscou. — Só porque eu acho que você precisa estar sempre ouvindo isso.

Lexie colocou a travessa com a salada na mesa. — Você não precisa se preocupar comigo. Eu sou feliz. Adoro o meu trabalho, tenho ótimos amigos, tenho tempo para ler e para me exercitar e fazer as coisas de que gosto.

— E não se esqueça também da bênção que é você me ter ao seu lado.
— É claro — Lexie concordou. — Como que poderia esquecer isso?
Dóris deu um risinho de satisfação e voltou para o fogão. Por alguns momentos, a cozinha ficou em silêncio, e Lexie soltou um suspiro de alívio. Pelo menos aquele assunto estava encerrado, e felizmente Dóris não havia insistido muito. Agora, ela pensou, poderiam ter um jantar agradável.
— Eu acho que ele é muito bem-apessoado — Dóris falou.
Lexie ficou quieta; em vez de falar qualquer coisa, pegou dois pratos e talheres antes de voltar para a mesa. Talvez fosse melhor simplesmente fingir que não tinha ouvido.
— E só para você saber, ele é mais interessante do que aparenta ser — Dóris continuou. — Ele não é o que você está pensando.
Foi o jeito como ela falou isso o que fez Lexie vacilar. Ela já havia ouvido aquele tom muitas vezes no passado — quando estava no colegial e quis fazer um passeio com os amigos, e Dóris conseguiu convencê-la a desistir de ir; quando ela quis fazer uma viagem para Miami alguns anos atrás, e Dóris fez com que mudasse de idéia. No primeiro caso, os amigos com quem queria sair acabaram se envolvendo em um acidente de carro; no segundo, uma série de tumultos tomou conta da cidade, envolvendo o hotel em que ela pretendia ficar hospedada.
Dóris às vezes tinha pressentimentos, ela sabia disso. Não com a intensidade de sua própria mãe. Mas apesar de Dóris nunca

dar muitas explicações, Lexie estava perfeitamente consciente de que seus pressentimentos eram sempre verdadeiros.

Completamente alheio ao burburinho das pessoas que comentavam sua presença na cidade, congestionando as linhas telefônicas, Jeremy estava deitado na cama sob as cobertas, assistindo o noticiário local enquanto esperava as notícias sobre a previsão do tempo, desejando ter seguido seu impulso inicial de procurar outro hotel para ficar. Ele não tinha dúvida de que se tivesse feito isso, não estaria cercado pelas obras de Jed, que lhe causavam calafrios.

O cara certamente tinha muito tempo disponível para manter as mãos ocupadas.

E muitas balas. Ou chumbo. Ou a dianteira de uma *pick-up.* Ou o que quer que ele usasse para matar todos aqueles animais. Em seu quarto, havia doze criaturas; havia representantes de todas as espécies de animais da Carolina do Norte para lhe fazer companhia, menos um segundo urso empalhado. Mas ele não tinha dúvida de que Jed teria colocado outro urso ali, se dispusesse de mais um.

Fora isso, o quarto não era tão ruim, desde que não se esperasse uma conexão rápida de internet, ou o aquecimento do quarto sem necessidade de acender a lareira, ou mesmo chamar o serviço de quarto, assistir TV a cabo, ou ainda fazer uma ligação num telefone de teclas. Ele não via um telefone com disco há quanto tempo? Dez anos? Até sua mãe havia sucumbido ao mundo moderno nesse aspecto.

Mas não o Jed. Não, senhor. O bom e velho Jed certamente tinha suas próprias idéias a respeito do que era importante no que dizia respeito às acomodações de seus hóspedes.

Se havia uma coisa decente em relação àquele quarto, entretanto, era a bela varanda coberta nos fundos, que dava para o rio. Tinha até uma cadeira de balanço, e Jeremy chegou a pensar em ficar sentado lá fora, até se lembrar das cobras. O que o levou a pensar sobre que espécie de mal-entendido Gherkin estivera falando. Ele não gostava daquilo. Ele realmente deveria ter feito mais perguntas, assim como deveria ter descoberto onde é que poderia encontrar madeira para a lareira por ali. Aquele lugar era absolutamente congelante, mas ele tinha a divertida suspeita de que

Jed não atenderia o telefone, se ele tentasse falar com o escritório para fazer algum pedido. Além do mais, Jed o aterrorizava.

Nesse momento, entrou a previsão do tempo no noticiário. Revestindo-se de coragem, Jeremy saiu da cama para aumentar o volume. Movimentando-se com a maior rapidez possível, ele tremia ao mexer no botão, voltando rapidamente para debaixo das cobertas.

O moço da meteorologia foi substituído rapidamente pelos comerciais. Palpites...

Ele estivera pensando se deveria ir até o cemitério, mas queria descobrir qual era a probabilidade de haver neblina. Se não houvesse, ele pretendia descansar. Tinha sido um longo dia; havia começado no mundo moderno, retrocedera cinqüenta anos no tempo e agora estava dormindo no meio do frio e da

morte. Certamente, isso não era algo que lhe acontecia todos os dias.

E, é claro, havia Lexie. Lexie qualquer-que-fosse-seu-sobrenome. Lexie, a misteriosa. Lexie, que flertava e recuava e flertava de novo.

Ela *tinha* flertado, não tinha? O modo como insistia em chamá-lo de sr. Marsh? O fato de ter fingido que o havia analisado quase que imediatamente? A observação sobre o funeral? Definitivamente, isso era flerte.

Não era?

O moço da previsão do tempo apareceu novamente na tela, com cara de quem tinha acabado de sair da faculdade. O rapaz não devia ter mais do que vinte e três ou vinte e quatro anos, e não havia dúvida de que esse era seu primeiro emprego. Ele tinha aquela aparência espantada de um animal pego de surpresa, mas ainda assim cheio de entusiasmo. Pelo menos o cara parecia ser competente. Ele não tropeçava nas palavras, e Jeremy percebeu quase imediatamente que não iria sair do quarto. A previsão era de que o céu ficaria limpo durante toda a noite, e o homem também não dissera nada sobre a possibilidade de haver neblina no dia seguinte.

Estimativas, ele pensou.



Capítulo SEIS

Na manhã seguinte, depois de um banho com pingos de água morna, Jeremy enfiou-se numa calça *jeans,* num suéter e numa jaqueta de couro marrom e dirigiu-se ao Herbs, que parecia ter o café-da-manhã mais popular da cidade. Do balcão, ele viu o prefeito Gherkin conversando com alguns homens de terno, e Rachel ocupada em servir as mesas. Jed estava sentado no outro lado do salão, parecendo o lado escuro de uma montanha. Tully estava sentado em uma das mesas do centro com três outros homens e, como se poderia esperar, falava praticamente sozinho. As pessoas haviam mexido a cabeça e acenado quando Jeremy passara pelas mesas, e o prefeito erguera sua xícara para saudá-lo.

– Bom dia, sr. Marsh — disse o prefeito Gherkin. — Pensando em coisas positivas para escrever a respeito de nossa cidade, eu espero.

– É claro que está — disse Rachel, intrometendo-se.

– Espero que tenha encontrado o cemitério — acrescentou Tully. Ele se inclinou na direção dos outros que estavam na

mesa. — Aquele lá é o doutor de quem eu estava falando para vocês.

Jeremy acenou e inclinou a cabeça como resposta, tentando evitar que o pegassem para uma conversa. Ele nunca fora exatamente uma pessoa matinal e, além disso, não tinha dormido muito bem. Frio e morte, somados a pesadelos com cobras poderiam fazer isso com uma pessoa. Ele decidiu sentar-se em uma mesa no canto, e Rachel aproximou-se rapidamente, levando com ela um bule de café.

– Nenhum funeral hoje? — ela provocou.

– Não. Eu decidi adotar um visual mais comum — ele explicou.

– Café, querido?

– Por favor.

Depois de virar a xícara, ela a encheu até a borda. — Que tal experimentar nosso especial hoje? As pessoas daqui adoram.

– O que é o especial?

– Omelete Carolina.

— Claro — ele respondeu, sem ter idéia do que pudesse vir na omelete Carolina, mas com o estômago roncando, qualquer coisa parecia boa.

– Com cereais e biscoito?

– Por que não? — ele perguntou.

– Estarei de volta em cinco minutos, querido.

Ele começou a tomar seu café lentamente, enquanto passava os olhos pelo jornal do dia anterior. Por todas as suas quatro páginas, inclusive a grande matéria da primeira página sobre a sra. Judy Roberts, que acabara de celebrar seu centésimo aniversário, marco que era agora alcançado por 1,1 por cento

da população. Junto com o artigo havia uma foto da equipe que trabalhava no abrigo para idosos segurando um bolinho com uma única vela acesa, enquanto a sra. Roberts aparecia deitada na cama atrás deles, como se estivesse em estado de coma.

Ele ergueu os olhos para ver pela janela, imaginando porque haveria de se preocupar com o jornal local. Havia uma máquina automática do lado de fora exibindo exemplares do USA *Today,* e ele estava remexendo nos bolsos à procura de algum trocado quando um policial uniformizado ocupou um lugar na mesa exatamente na frente dele.

O homem parecia extremamente mal-humorado; seus bíceps mantinham a camisa esticada e forçavam a costura, e ele usava óculos de sol espelhados que estavam fora de moda há algum tempo... quer dizer, há uns vinte anos, Jeremy calculou, desde que o seriado CHíPs deixara de ser apresentado. A mão dele descansava sobre o coldre, bem em cima de uma arma. Na boca, tinha um palito de dentes, que ele mexia de um lado para outro. Ele não disse absolutamente nada, ficou ali parado apenas encarando, dando a Jeremy tempo bastante para que estudasse seu próprio reflexo.

Aquilo era, Jeremy tinha de admitir, algo intimidador.

— Posso ajudá-lo? — Jeremy perguntou.

O palito de dentes se mexeu de um lado para outro novamente. Jeremy fechou o jornal, imaginando que diabos estaria acontecendo.

– Jeremy Marsh? — o policial perguntou.
– Sim?
– Foi o que pensei — ele disse.

Acima do bolso do peito do policial, Jeremy notou que havia uma plaquinha brilhante com um nome gravado. Mais um crachá.

– E você deve ser o xerife Hopper?

– Assistente do xerife — ele corrigiu.

– Desculpe — Jeremy falou. — Eu fiz alguma coisa errada, policial?

– Eu não sei — Hopper respondeu. — Fez?

– Não que eu saiba.

O assistente de xerife Hopper mexeu o palito de dentes de novo. — Está pensando em ficar por aqui algum tempo?

— Apenas uma semana. Eu vim para escrever um artigo...

— Eu sei por que está aqui — Hopper interrompeu. — Eu só pensei em verificar pessoalmente. Eu gosto de fazer uma visita a estranhos que estejam planejando ficar por aqui durante algum tempo.

Ele colocou a ênfase na palavra "estranhos", fazendo com que Jeremy sentisse que isso era uma espécie de crime. Ele não tinha muita certeza de que haveria alguma resposta capaz de dissipar a hostilidade, por isso recostou-se na cadeira e limitou-se ao óbvio.

– Sei — ele disse.

– Ouvi dizer que pretende passar bastante tempo na biblioteca.

– Bem... talvez eu passe...

– Hummm — o policial ruminou, cortando o que ia dizer.

Jeremy pegou sua xícara de café e tomou um gole, para ganhar algum tempo. — Desculpe, policial Hopper, mas eu não tenho muita certeza sobre o que está acontecendo aqui.

– Hummm — Hopper ruminou novamente.

– Você não está incomodando nosso convidado, está, Rodney? — o prefeito falou do outro lado do salão. — Ele é um visitante especial, está aqui para despertar o interesse pelo folclore local.

O policial Hopper não piscou ou tirou seus olhos de cima de Jeremy. Qualquer que fosse a razão, ele parecia absolutamente zangado. — Apenas batendo um papo, prefeito.

— Bem, deixe o homem tomar o seu café-da-manhã — disse Gherkin, repreendendo-o enquanto caminhava na direção da mesa. Ele acenou com a mão. — Venha até aqui, Jeremy. Há algumas pessoas que eu gostaria que você conhecesse.

O policial Hopper franziu a testa, contrariado, quando Jeremy se levantou e deixou a mesa, caminhando em direção ao prefeito Gherkin.

Quando estava perto, o prefeito o apresentou a duas pessoas; uma delas era o cadavérico advogado da prefeitura, e a outra era um médico troncudo que trabalhava no ambulatório da cidade. Ele teve a impressão de que ambos o estavam examinando da mesma maneira que o policial Hopper. Fazendo uma avaliação, como eles diziam. Enquanto isso, o prefeito continuou a falar sobre como era excitante a visita de Jeremy para a cidade. Inclinando-se para os outros dois, ele fez um gesto com a cabeça, como um sinal de conspiração.

— Isso pode até acabar no *Primetime Live* — ele sussurrou.

— Verdade? — perguntou o advogado. Jeremy avaliou que o cara poderia fingir tranqüilamente que era um esqueleto.

Jeremy mexeu-se no lugar, transferindo o peso de uma perna para a outra. — Bem, como eu estava tentando explicar para o prefeito ontem... O prefeito Gherkin deu-lhe um tapa nas costas, interrompendo-o.

— Muito excitante — acrescentou o prefeito Gherkin. — Grande cobertura da televisão.

Os outros acenaram com a cabeça, com uma expressão de solenidade nos rostos.

— E falando na cidade — acrescentou subitamente o prefeito —, eu gostaria de convidá-lo para um pequeno jantar de boas-vindas hoje à noite, com alguns poucos amigos mais próximos. Nada exagerado, é claro, mas já que vai ficar aqui por alguns dias, gostaria de lhe dar a oportunidade de conhecer algumas das pessoas daqui.

Jeremy ergueu as mãos. — Isso não é realmente necessário...

— Besteira — disse o prefeito Gherkin. — É o mínimo que podemos fazer. E, não se esqueça, algumas dessas pessoas que estou convidando viram os fantasmas, e você terá a oportunidade de entrevistar todos de uma só vez. As histórias deles podem até fazer com que tenha pesadelos.

Ele ergueu as sobrancelhas; o advogado e o médico aguardavam, cheios de expectativa. Diante da hesitação de Jeremy, o prefeito não teve dúvidas em dar o assunto por encerrado.

— Que tal às sete horas? — ele disse.

— Certo... está bem. Acho que está bem — Jeremy concordou. — Onde será o jantar?

– Mais tarde eu lhe digo. Imagino que estará na biblioteca, certo?

— Provavelmente.
O prefeito ergueu as sobrancelhas. — Pelo que sei, já conheceu nossa ótima bibliotecária, a srta. Lexie?
— Sim, já.
— Ela é uma mulher e tanto, não é?
Havia, na sua entonação, uma leve sugestão de que o comentário poderia ser interpretado de várias formas, algo parecido com conversa de vestiário masculino.
— Ela tem sido de grande ajuda — disse Jeremy.
O advogado e o médico sorriram, mas antes que a conversa fosse adiante, Rachel surgiu deslizando ao seu lado, perto demais na verdade. Segurando um prato na mão, ela puxou Jeremy.
— Vamos lá, querido. Aqui está o seu café-da-manhã.
Jeremy olhou para o prefeito.
— Fique à vontade — disse o prefeito Gherkin, gesticulando.
Jeremy seguiu-a de volta até sua mesa. Felizmente, o policial Hopper já havia partido, e Jeremy ocupou novamente seu lugar. Rachel colocou o prato diante dele.
— E você, aproveite. Eu falei para eles capricharem, pois você é um visitante da cidade de Nova Iorque. Eu simplesmente adoro aquele lugar!
— Ah, você já esteve lá?
— Bom, não. Mas eu sempre quis ir. Parece uma cidade tão... glamourosa e excitante.
— Você deveria conhecer. Não há nenhum lugar no mundo que se pareça com ela.
Ela sorriu, parecendo envergonhada. — Nossa, sr. Marsh... isso é um convite?

Jeremy ficou de queixo caído. — O quê?
Rachel, em contrapartida, parecia não ter reparado na expressão do rosto dele. — Bem, talvez eu queira lhe fazer algumas perguntas a respeito disso — ela suspirou, com a voz trêmula. — E ficaria feliz em mostrar-lhe o cemitério, qualquer noite dessas. Normalmente, eu saio daqui às três horas da tarde.
— Eu não vou esquecer — Jeremy resmungou.
Durante os vinte minutos seguintes, enquanto Jeremy comia, Rachel passou pela mesa uma dezena de vezes, completando a xícara de café em todas elas, com um sorriso colado no rosto.

Jeremy dirigiu-se para seu carro, recuperando-se do que deveria ter sido um café-da-manhã tranqüilo.
O policial Hopper. O prefeito Gherkin. Tully. Rachel. Jed.
Uma cidadezinha americana era demais para encarar antes do café-da-manhã.
No dia seguinte, tomaria apenas uma xícara de café em algum outro lugar. Ele não tinha certeza de que a comida do Herbs compensasse, mesmo sendo realmente boa. E, ele tinha de admitir, era ainda melhor do que ele pensara que fosse. Como havia dito Dóris no dia anterior, o sabor era de alimentos frescos, como se os ingredientes tivessem sido colhidos na fazenda naquela manhã.
Mesmo assim, amanhã o café seria em qualquer outro lugar. E certamente não seria no posto de Tully, presumindo que ali tivesse café. Ele não queria que o prendessem numa conversa quando tinha tantas coisas para fazer.

Ele parou no meio do caminho, achando graça. Meu Deus, refletiu, eu já estou pensando como alguém da cidade.
Balançou a cabeça e procurou as chaves no bolso, enquanto andava na direção do carro. Pelo menos o café-da-manhã tinha terminado. Olhando o relógio, viu que já eram quase nove horas da manhã. Ótimo.

Lexie estava olhando pela janela de seu escritório no exato momento em que Jeremy Marsh entrou no estacionamento da biblioteca.
Jeremy Marsh. Que continuava a atormentar seus pensamentos, apesar de fazer força para concentrar-se no trabalho. E olhe para ele agora. Tentando usar roupas mais comuns para se misturar com as pessoas da cidade, ela deduziu. E de algum modo ele quase tinha conseguido.
Mas aquilo já havia durado muito. Havia muito trabalho a fazer. Seu escritório estava cheio de estantes abarrotadas de livros de alto a baixo: livros empilhados de todas as maneiras, na vertical e na horizontal. Um arquivo de aço cinza ocupava um dos cantos, e sua mesa e cadeira eram absolutamente funcionais. Havia pouca coisa no escritório com função decorativa, simplesmente por falta de espaço, e havia formulários para preencher por toda a sala: nos cantos, sob a janela, e na outra cadeira encostada em um dos cantos. Sobre a sua mesa também havia pilhas enormes, com o que ela considerava ser o mais urgente.
O orçamento precisava ser fechado no final do mês, e havia uma pilha de catálogos de editoras para revisar, antes de fazer o pedido semanal. A isso precisava ser acrescentada a

necessidade de encontrar alguém para falar no almoço dos Amigos da Biblioteca em abril, e preparar tudo para o Passeio pelas Casas Históricas — do qual fazia parte a biblioteca, já que, sob certos aspectos, era uma casa histórica — e mal tivera tempo para respirar. Ela contava com duas funcionárias que trabalhavam em período integral, mas tinha aprendido que as coisas funcionavam melhor quando não delegava. As funcionárias eram ótimas para recomendar os lançamentos mais recentes e para ajudar os estudantes a encontrar o que estivessem procurando, mas da última vez que deixara uma delas decidir o que deveria ser comprado, acabara recebendo seis títulos diferentes a respeito de orquídeas, pois essa era a flor favorita da funcionária. Um pouco antes, depois de sentar-se diante do computador, havia tentado elaborar um plano para organizar sua agenda, mas não havia chegado a lugar algum. Não importava o quanto tivesse tentado esvaziar sua cabeça, seus pensamentos continuavam voltando para Jeremy Marsh. Ela não queria pensar nele, mas Dóris havia falado exatamente o suficiente para atiçar sua curiosidade.

Ele não é o que você está pensando.

O que será que aquilo queria dizer? Ontem à noite, quando tentou pressionar Dóris, ela ficou muda, como se não tivesse dito uma palavra. Ela não voltou a falar da vida amorosa de Lexie, tampouco de Jeremy Marsh. Em vez disso, ficaram desviando do assunto: o que havia acontecido no trabalho, o que estava acontecendo com as pessoas que conheciam, como seria o Passeio pelas Casas Históricas no fim de semana. Dóris era a presidente da Sociedade Histórica, e o passeio era um dos grandes eventos do ano. Não que exigisse muito

planejamento. A maior parte dele era constituída pela mesma dezena de casas escolhidas todos os anos, além das quatro igrejas e da biblioteca. Enquanto sua avó tagarelava, Lexie continuava pensando naquela frase. *Ele não é o que você está pensando.*

E o que poderia ser? Um tipo de cidade grande? Um galanteador? Alguém à procura de uma aventura inconseqüente? Alguém que iria rir da cidade assim que partisse? Alguém à procura de uma história e disposto a encontrar uma da forma que pudesse, mesmo que acabasse ferindo alguém no caminho?

E por que cargas d'água isso a preocuparia? Ele ficaria ali por alguns dias e depois iria embora, e tudo voltaria ao normal novamente. Graças a Deus.

Ah, ela já estava sabendo das fofocas daquela manhã. Na padaria, ao parar para comprar um *muffin,* tinha ouvido algumas mulheres falando a respeito dele. Como ele iria tornar a cidade famosa, como as coisas poderiam melhorar para os negócios da cidade. No momento em que a viram, elas a encheram de perguntas sobre ele e exprimiram suas próprias opiniões quanto às chances de ele encontrar a causa das luzes misteriosas.

Afinal de contas, algumas pessoas dali realmente acreditavam que elas fossem criadas por fantasmas. Outros certamente não. O prefeito Gher-kin, por exemplo. Não, ele via as coisas de um ângulo diferente, considerando a investigação de Jeremy como uma espécie de jogo. Se Jeremy Marsh não conseguisse encontrar a causa, seria bom para a economia da cidade, e era nisso que o prefeito estava apostando. Afinal, o

prefeito Gherkin sabia de alguma coisa que apenas poucas pessoas sabiam.

O mistério vinha sendo estudado fazia anos. E não apenas pelos estudantes da Universidade Duke. Além do historiador local — que parecia ter encontrado uma explicação plausível, na opinião de Lexie — pelo menos outros dois grupos ou indivíduos que não eram dali haviam investigado a questão no passado, porém sem sucesso. O prefeito Gherkin havia efetivamente convidado os estudantes de Duke a visitarem o cemitério, na esperança de que eles desvendassem o mistério. E, com certeza, depois disso o movimento de turistas aumentara bastante.

Ela ficou pensando se deveria ter dito isso para o sr. Marsh no dia anterior. Mas já que ele não perguntou, ela não viu por que falar. Estava ocupada demais tentando driblar suas investidas e deixar claro que não estava interessada nele. Ah, ele bem que havia tentado ser charmoso... tudo bem, aquele jeito dele tinha mesmo um certo charme, mas isso não mudava o fato de que ela não tinha intenção alguma de deixar suas emoções levarem a melhor. Sentira até um certo alívio depois que ele saiu no dia anterior.

E aí Dóris veio com aquele ridículo comentário, que lá no fundo dava a entender que ela achava que Lexie *deveria* conhecê-lo melhor. Mas o que realmente mexia com ela era o fato de saber que Dóris não teria dito nada a menos que tivesse certeza. Qualquer que fosse a razão, Dóris via algo especial em Jeremy.

Às vezes ela odiava aquelas premonições da avó.

É claro que ela não tinha de dar ouvidos ao que Dóris dizia. Afinal, ela já havia passado pela experiência de "conhecer um estranho", e não estava disposta a trilhar esse caminho novamente. Apesar de sua determinação, porém, tinha de admitir que toda aquela situação fazia com que se sentisse meio sem equilíbrio. Enquanto fazia essa avaliação, ouviu a porta do escritório abrir com um rangido.

— Bom dia — disse Jeremy, colocando a cabeça pelo vão da porta. — Achei que tinha visto a luz acesa.

Girando a cadeira, ela reparou que ele tinha jogado a jaqueta sobre os ombros.

— Olá — ela respondeu educadamente. — Eu estava justamente tentando me concentrar no trabalho.

Ele segurou a jaqueta na mão. — Você tem um lugar onde eu possa deixar isto? Não há muito espaço na mesa da sala de livros raros.

— Aqui, pode deixar comigo. Há um cabide atrás da porta.

Entrando no escritório, ele deu sua jaqueta para Lexie. Ela a pendurou perto de seu casaco, no cabide atrás da porta. Jeremy passou os olhos pelo escritório.

– Então, esta aqui é a cabine de controle, certo? O lugar onde tudo acontece?

– Exatamente — ela confirmou. — Não é muito amplo, mas tem espaço suficiente para a execução do trabalho.

– Gosto do seu sistema de arquivo — ele disse, fazendo um gesto em direção às pilhas de formulários em cima da mesa. — Também tenho um parecido lá em casa.

Um sorriso escapou de seus lábios, enquanto ele dava alguns passos em direção à sua mesa para espiar pela janela.

— Bela vista também. Você pode ver todo o quintal até a casa do lado. E o estacionamento também.

— Bem, você parece estar muito bem-humorado esta manhã.

— E por que não estaria? Dormi num quarto congelante, cheio de animais mortos. Ou melhor, não dormi nada. Fiquei ouvindo todos aqueles sons estranhos que vinham do mato.

– Fiquei imaginando o que acharia de Greenleaf. Ouvi dizer que é um lugar rústico.

– A palavra "rústico" não é exatamente o termo mais apropriado para definir aquele lugar. E depois, logo cedo, metade da cidade estava tomando café.

– Imagino que tenha ido ao Herbs — ela observou.

– Fui — ele disse. — E percebi que você não foi.

— Não. Tem muita gente. Eu gosto de um pouco de calma no começo do dia.

— Você deveria ter me avisado.

Ela sorriu. — Você deveria ter perguntado.

Ele riu, e Lexie apontou com a mão na direção da porta.

Caminhando até a sala de livros raros com ele, ela sentiu que ele estava de bom humor, apesar do cansaço, mas isso ainda não era suficiente para fazer com que confiasse nele.

— Por acaso você conhece um policial chamado Hopper? — ele perguntou.

Ela ergueu os olhos, surpresa. — Rodney?

— Acho que era esse o nome dele. Qual é a dele, afinal? Ele me pareceu meio perturbado com a minha presença na cidade.

– Ah, ele é inofensivo.

– Ele não me pareceu inofensivo.

Ela deu de ombros. — Ele provavelmente ficou sabendo que você passaria algum tempo na biblioteca. Ele é meio protetor em relação a essas coisas, e sempre foi muito doce comigo esses anos todos.

— Você poderia falar bem de mim para ele, por favor?

— Acho que posso fazer isso.

Como estava esperando outro comentário mordaz, ele ergueu as sobrancelhas com ar agradavelmente surpreso.

— Obrigado — ele falou.

— Não há de quê. Mas não faça nada que me obrigue a mudar de idéia.

Eles seguiram em silêncio até a sala de livros raros. Ela entrou primeiro, acendendo a luz.

– Fiquei pensando no seu projeto, e há uma coisa que talvez deva saber.

– O que é?

Ela lhe contou a respeito das duas investigações anteriores em torno do cemitério, antes de acrescentar: — Se me der cinco minutos, posso encontrá-las para você.

— Eu ficaria muito grato — ele disse. — Mas por que não falou disso ontem?

Ela sorriu sem responder.

– Deixe-me adivinhar — ele disse. — Por que eu não perguntei?

– Eu sou apenas uma bibliotecária, não leio pensamentos.

– Como a sua avó? Ah, espere, ela é uma vidente, certo?

— Para falar a verdade, ela é. E ela também consegue dizer qual é o sexo do bebê antes de ele nascer.

— Foi o que me disseram — Jeremy falou.

Ela o fuzilou com o olhar. — É verdade, Jeremy. Acredite ou não, ela consegue fazer essas coisas.

Ele sorriu com malícia. — Você me chamou de Jeremy?

— Sim. Mas não precisa dar tanta importância a esse fato. Você me pediu que fizesse isso, está lembrado?

— Claro que sim, *Lexie.*

— Vá com calma — ela disse, mas, enquanto falava, Jeremy reparou que ela sustentara seu olhar por mais tempo que o de hábito, e ele gostou disso.

Ele gostou muito disso.



Capítulo
SETE

Jeremy passou o resto da manhã debruçado sobre uma pilha de livros e os dois artigos que Lexie havia encontrado. O primeiro, escrito em 1958 por um professor de folclore da Universidade da Carolina do Norte e publicado no *Journal of the South,* parecia ter o propósito de ser uma resposta à interpretação que A. J. Morrison fazia da lenda. O artigo apresentava algumas citações do trabalho de Morrison, resumia a lenda e narrava em detalhes o período de uma semana que o professor havia passado no cemitério. Em quatro dessas noites ele havia testemunhado as luzes. Parecia que ele fizera pelo menos uma tentativa preliminar para encontrar a causa: ele contara o número de casas das áreas vizinhas (havia dezoito no perímetro de quase dois quilômetros em torno do cemitério e, surpreendentemente, nenhuma em Riker's Hill), e também anotara o número de carros que passaram no espaço de dois minutos em que as luzes apareceram. Em duas dessas ocasiões, o lapso de tempo foi inferior a um minuto. Nas outras duas, entretanto, não houve qualquer registro de carro, o que parecia eliminar a possibilidade de terem sido os faróis a fonte dos "fantasmas".

O segundo artigo era apenas um pouco mais informativo. Publicado em uma edição de 1969 da *Coastal Carolina,* uma pequena revista que fora à falência em 1980, o artigo comentava o fato de que o cemitério estava afundando e o estrago que isso havia causado. O autor também fazia

referência à lenda e à proximidade de Riker's Hill, e embora ele não tivesse visto as luzes (ele havia estado lá nos meses de verão), descrevia em detalhes os relatos das testemunhas, antes de partir para especulações a respeito de inúmeras possibilidades, sobre as quais Jeremy já estava a par.

A primeira era a decomposição da vegetação que às vezes irrompe em chamas, liberando vapores conhecidos como gás natural. Numa área costeira como essa, Jeremy sabia que a idéia não podia ser totalmente descartada, embora considerasse improvável, já que as luzes apareciam em noites frias e cobertas de névoa. Elas também poderiam ser "luzes de terremoto", que são descargas elétricas que ocorrem na atmosfera, provocadas pela movimentação e fricção das rochas nas camadas mais profundas da Terra. A teoria relativa aos faróis dos carros foi aventada novamente, assim como a idéia de refração de luzes de estrelas e fogo-fátuo, brilho fosforescente que emana de certos fungos presentes na madeira apodrecida. Algas, de acordo com as anotações, também poderiam emanar um brilho fosforescente. O autor mencionava ainda a possibilidade de estar ocorrendo o efeito Nova Zembla, no qual a direção de feixes luminosos é determinada por camadas de ar adjacentes, mas com temperaturas diferentes, causando o efeito de brilho. E, oferecendo uma última possibilidade, o autor concluía que poderia ser o fogo-de-santelmo, criado por descargas elétricas que surgem na ponta de objetos pontiagudos durante as tempestades.

Em outras palavras, o autor havia dito que poderia ser qualquer coisa.

Apesar de inconclusos, os artigos ajudaram Jeremy a tornar mais claros seus próprios pensamentos. Em sua opinião, as luzes tinham tudo a ver com a geografia. A colina que ficava atrás do cemitério parecia ser o ponto mais alto, qualquer que fosse a direção, e o afundamento do cemitério fazia com que a neblina fosse particularmente mais densa nessa área. Tudo isso queria dizer luz refrativa ou refletida.

Ele tinha apenas de identificar a fonte com precisão, e para isso precisava descobrir quando as luzes haviam sido vistas pela primeira vez. Não poderia ser algo genérico, mas uma data exata, de forma que ele pudesse determinar o que estava acontecendo na cidade naquela época. Se a cidade estivesse passando por alguma mudança significativa — um novo projeto de construção, uma nova fábrica ou alguma coisa parecida — talvez ele encontrasse a causa. Ou se ele realmente visse as luzes — e ele não estava contando com isso — seu trabalho seria ainda mais simples. Se elas aparecessem à meia-noite, por exemplo, e ele não visse qualquer carro passando, poderia então inspecionar a área, anotando a localização das casas ocupadas com lâmpadas brilhando na janela, a proximidade da estrada, ou talvez até o tráfego no rio. Barcos, ele suspeitava, eram uma possibilidade, se fossem bastante grandes.

Repassando a pilha de livros pela segunda vez, ele anotou outras observações em relação às mudanças ocorridas na cidade no decorrer dos anos, com ênfase especial nas mudanças ocorridas na virada do século.

Com o passar das horas, a lista foi aumentando. No início do século XX, houve um crescimento imobiliário acelerado que

durou de 1907 a 1914, durante o qual ocorreu um desenvolvimento no lado norte da cidade. O pequeno porto foi ampliado em 1910, depois em 1916, e mais uma vez em 1922; combinada com as pedreiras e as minas de fósforo, a escavação foi extensiva. A construção da ferrovia foi iniciada em 1898, e a abertura de ramais em várias áreas do município prosseguiu até 1912. Uma ponte sobre o rio foi concluída em 1904, e de 1908 a 1915 foram construídas três grandes instalações industriais: uma fábrica têxtil, uma mina de fósforo e uma indústria de papel. Das três, apenas a indústria de papel ainda estava em operação — a fábrica têxtil havia fechado quatro anos atrás, e a mina em 1987 —, de forma que isso parecia eliminar as outras duas como possibilidades.

Ele checou novamente os fatos, certificou-se de que estavam corretos, e voltou a empilhar os livros para que Lexie pudesse colocá-los de volta nas estantes. Ele se apoiou nas costas da cadeira, espreguiçou-se para aliviar a tensão do corpo, e olhou para o relógio. De repente, já era quase meio-dia. Considerando tudo, ele concluiu que haviam sido algumas horas bem gastas, e então olhou sobre o ombro para a porta aberta atrás dele.

Lexie não havia retornado para ver se precisava de alguma coisa. Ele meio que gostava do fato de não conseguir adivinhar o que ela iria fazer, e por um momento desejou que ela vivesse em Nova Iorque, ou pelo menos em algum lugar perto de lá. Teria sido interessante ver o rumo que as coisas poderiam ter tomado entre eles. Um instante depois, ela empurrou a porta.

— E aí? — Lexie o interrompeu — Como está indo?

Jeremy se virou. — Bem, obrigado.
Ela vestiu seu casaco. — Bem, eu estava pensando em dar uma saída para almoçar, e fiquei pensando se você gostaria que eu lhe trouxesse alguma coisa também.
– Você está indo até o Herbs? — ele perguntou.
– Não. Se você acha que estava lotado no café-da-manhã, deveria ver aquele lugar na hora do almoço. Mas teria o maior prazer em pegar alguma coisa para viagem na volta.
Ele hesitou por um instante apenas.
— Bem, se importaria se eu fosse com você aonde quer que esteja pensando em ir? Seria bom esticar minhas pernas. Fiquei sentado aqui a manhã inteira, e adoraria ver um lugar novo. Talvez você até pudesse me mostrar um pouco da vizinhança — ele fez uma pausa. — Se você não se importar, é claro.
Ela quase disse não, porém, mais uma vez, ouviu as palavras de Dóris, e seus pensamentos ficaram confusos. Devo ou não devo? Apesar de achar que estava cometendo um erro — muito obrigada por isso, Dóris — ela disse: — Claro. Mas eu tenho de voltar dentro de uma hora, por isso não acho que vá ser de grande ajuda.
Ele pareceu quase tão surpreso quanto ela, e ficou parado; depois saiu pela porta atrás dela. — Qualquer coisa já será muito bom — ele disse. — Pode me ajudar a preencher os espaços em branco, entende? É importante saber o que acontece num lugar como este.
– Em nossa cidadezinha caipira, você quer dizer?
– Eu não disse que era uma cidade caipira. Essas palavras são suas.

– Sim, mas os pensamentos são seus, não meus. Eu adoro este lugar.
– Tenho certeza que sim — ele concordou. — Por que outro motivo você viveria aqui?
– Por que não é a cidade de Nova Iorque, por exemplo.
– Já esteve lá?
– Eu morei em Manhattan. Na sessenta e nove, oeste.
Ele quase tropeçou pisando em falso. — Isso fica a apenas alguns quarteirões de onde eu moro.
Ela sorriu. — Mundo pequeno, não é mesmo?
Caminhando apressadamente, Jeremy se esforçava para acompanhar o passo de Lexie enquanto ela se aproximava da escada. — Você está brincando, certo?
– Não — ela respondeu. — Morei com meu namorado ali por quase um ano. Ele trabalhava para o Morgan Stanley, enquanto eu fazia estágio na biblioteca da Universidade de Nova Iorque.
– Eu não consigo acreditar nisso...
– No quê? Que eu morava em Nova Iorque e fui embora? Ou que eu morava perto de você? Ou que eu morava com meu namorado?
– Em tudo — ele disse. — Ou em nada, não tenho certeza — ele estava tentando digerir a idéia dessa bibliotecária de cidade pequena vivendo em sua vizinhança. Observando a expressão no rosto dele, Lexie teve de rir. — Vocês são todos iguais, sabia?
– Quem?
– As pessoas que vivem nessa cidade. Você vive sua vida pensando que não há lugar no mundo tão especial quanto

Nova Iorque e que nenhum outro lugar tem qualquer coisa a oferecer.

– Você tem razão — Jeremy admitiu. — Mas isso acontece porque nem dá para comparar com o resto do mundo.

Fitando-o com olhar perscrutador, ela fez cara de quem perguntava: *Você não disse o que eu acho que acabou de dizer, não é?*

Ele deu de ombros, fazendo-se de inocente. — Quer dizer, qual é... Você não acha que dá para comparar o Greenleaf Cottages com o Four Seasons ou com o Plaza, acha? Quer dizer, até você tem de admitir isso.

Ela mostrou-se ofendida com sua postura presunçosa e passou a caminhar ainda mais rapidamente. Naquele exato momento, ela decidiu que Dóris não sabia do quê estava falando.

Jeremy, contudo, não estava disposto a encerrar o assunto. — Vamos lá... admita. Você sabe que tenho razão, não sabe?

A essa altura, eles haviam chegado diante da porta da frente da biblioteca, e ele a abriu para ela. Atrás deles, a senhora de idade que trabalhava na recepção observava-os atentamente. Lexie controlou sua língua até atravessarem a porta, e então se virou para ele.

— As pessoas não moram em hotéis — ela retrucou. — Elas vivem em comunidades. E é isso o que nós temos aqui. Uma comunidade. Onde as pessoas se conhecem e se preocupam umas com as outras. Onde as crianças podem brincar à noite sem se preocupar com estranhos.

Ele ergueu as mãos. — Ei — ele disse —, não me entenda mal. Eu adoro comunidades. Eu cresci no meio de uma. Conhecia cada família da vizinhança pelo nome, porque viveram ali

durante muitos anos. Algumas delas ainda vivem, por isso, acredite, sei exatamente o quanto é importante conhecer seus vizinhos, e como é importante para os pais saberem o que seus filhos estão fazendo e com quem estão saindo. Foi assim que as coisas aconteceram comigo. Mesmo quando eu estava fora, os vizinhos estavam atentos. O que eu quero dizer é que a cidade de Nova Iorque também tem isso, dependendo de onde você mora. É claro, se você mora na minha vizinhança, vai ver que ela está cheia de jovens profissionais batalhando pelo sucesso na carreira. Mas faça uma visita a Park Slope, no Brooklyn, ou a Astoria, no Queens, e vai ver crianças brincando nos parques, jogando basquete e futebol, e muita coisa parecida com o que as crianças fazem por aqui.

— Como se alguma vez você tivesse pensado em coisas desse tipo. Ela se arrependeu do sarcasmo no tom da voz, assim que desferiu o golpe contra Jeremy. Ele, por sua vez, pareceu imperturbável.

— Já pensei — ele disse. — E acredite, se eu tivesse filhos, eu não iria morar no mesmo lugar. Tenho uma tonelada de sobrinhos e sobrinhas que moram na cidade, e cada um deles mora em um lugar que tem muitas outras crianças e pessoas que cuidam delas. Sob muitos aspectos, muito parecidos com este lugar.

Ela não disse nada, pensando se ele estaria falando a verdade.

— Olhe — ele falou —, eu não estou querendo comprar uma briga. Só acho que as crianças acabam crescendo sem problemas desde que os pais se envolvam, não importa onde morem. Não é possível que as cidades pequenas tenham um monopólio sobre os valores. Quer dizer, eu tenho certeza de

que se procurar um pouco, também vou encontrar muitas crianças com problemas por aqui. Crianças são crianças, não importa onde moram. — Ele sorriu, tentando mostrar-lhe que não havia levado o que ela tinha dito para o lado pessoal. — Além disso, eu não tenho muita certeza do motivo que nos levou a falar de crianças, de qualquer forma, a partir de agora, prometo não falar mais disso. Tudo o que estava tentando dizer é que fiquei surpreso por você ter vivido em Nova Iorque e há apenas alguns quarteirões de onde eu moro — ele fez uma pausa. — Trégua?

Ela o encarou antes de soltar a respiração. Talvez ele estivesse certo. Não, ela sabia que ele estava certo. E, ela admitia, fora ela quem tinha provocado tudo aquilo. Pensamentos confusos podem fazer isso com uma pessoa. Por que cargas d'água ela estaria se envolvendo numa discussão dessas?

– Trégua — ela concordou finalmente. — Com uma condição.

– Qual é?

– Você vai ter de dirigir. Eu não vim de carro.

Ele pareceu aliviado. — É só eu encontrar as chaves.

Nenhum dos dois estava com muita fome, então Lexie indicou a Jeremy o caminho até uma pequena mercearia, e em poucos minutos eles saíram dali com um pacote de biscoitos, algumas frutas frescas, vários tipos de queijo e duas garrafinhas de suco.

No carro, Lexie colocou o pacote com a comida perto dos pés. — Há alguma coisa em especial que você queira ver? — ela perguntou.

— Riker's Hill. Tem alguma estrada que vá até o topo?
Ela acenou positivamente com a cabeça. — Não é bem uma estrada. Costumava ser usada para a extração de madeira, mas agora apenas os caçadores de veados andam por lá. Mas é muito acidentada — não sei se você gostaria de levar seu carro até lá.
— Não tem problema. É alugado. E, além disso, estou me acostumando com estradas ruins por aqui.
— Está bem — ela falou. — Mas não diga que não avisei.
Nenhum dos dois falou muito enquanto deixavam a cidade, passando pelo cemitério de Cedar Creek e depois por uma pequena ponte. A estrada logo começou a se tornar ladeada por bosques cada vez mais densos. O céu azul havia dado lugar a uma grande mancha cor de cinza, fazendo com que Jeremy se lembrasse das tardes de inverno muito mais ao norte. Aqui e ali, bandos de estorninhos passavam voando diante do carro, mo-vendo-se em uníssono, como se estivessem todos amarrados uns aos outros por algum cordão.
Lexie sentia-se pouco à vontade com aquele silêncio, por isso começou a descrever a paisagem: projetos imobiliários que jamais haviam sido aproveitados, nomes de árvores, Cedar Creek quando podia ser visto através da mata. Riker's Hill surgiu à esquerda, parecendo sombrio e ameaçador em meio à pouca luminosidade do dia.
Jeremy já havia dirigido até aquele lugar depois de ter saído do cemitério na primeira vez que o vira, e achava que tinha feito a volta por ali. Devia ter sido um pouquinho antes, ele percebeu, porque ela lhe disse para virar no cruzamento seguinte, que parecia fazer uma volta em torno da parte de

trás de Riker's Hill. Inclinando-se para a frente no banco, ela tentou ver através do pára-brisa.

— A curva é logo ali na frente — ela disse. — Talvez seja melhor você diminuir a velocidade.

Foi o que Jeremy fez, e como ela continuasse a olhar fixamente para fora, ele a olhou de relance, observando a pequena marca da testa franzida entre as sobrancelhas.

— O.k... ali — ela disse, apontando para a frente.

Ela estava certa: aquilo não era bem uma estrada. Cheia de cascalho e esburacada, meio parecida com a entrada do Greenleaf, mas pior. Saindo da estrada principal, o carro começou a pular e a sacolejar. Jeremy diminuiu ainda mais.

— Riker's Hill é propriedade do governo?

Ela fez que sim com a cabeça. — O governo a comprou de uma grande companhia madeireira — Weyerhaeuser ou Georgia-Pacific ou qualquer coisa desse gênero — quando eu era pequena. Parte da nossa história local, você sabe como é. Mas não é um parque ou algo assim. Acho que houve planos para transformar isso aqui numa área para acampamento, mas o governo nunca divulgou nada a respeito disso.

Os pinheiros ficavam mais próximos à medida que a estrada se estreitava, mas a estrada em si parecia ficar melhor à medida que subiam, fazendo uma espécie de ziguezague em direção ao topo. Aqui e ali se podia ver uma trilha que, ele presumira, deveria ser usada pelos caçadores.

Por fim, as árvores foram ficando mais esparsas e o céu mais visível; enquanto se aproximavam do cume, a vegetação parecia mais gasta, e depois praticamente arrasada. Dezenas de árvores estavam quebradas no meio; menos de um terço

ainda parecia estar de pé. A subida foi ficando menos íngreme, e então o terreno ficou mais plano quando se aproximaram do topo. Jeremy encostou o carro de um lado. Lexie fez sinal para que ele desligasse o motor, e aí saíram do carro.

Lexie cruzou os braços quando começaram a andar. O ar parecia mais frio ali em cima, a brisa, fria e cortante. O céu parecia estar mais próximo; as nuvens não eram mais uma forma indistinta, mas se moviam e se transformavam, adquirindo contornos específicos. Lá embaixo, podiam ver a cidade, telhados agrupados e empoleirados à beira de estradas retilíneas, uma das quais levava até o Cemitério de Cedar Creek. Pouco além da cidade, o velho rio de água salgada parecia um rastro de ferro escorrendo. Ele conseguiu localizar a ponte da rodovia, assim como uma pitoresca ponte suspensa que se erguia ao fundo, enquanto um falcão de cauda vermelha voava em círculos sobre suas cabeças. Olhando mais atentamente, Jeremy conseguiu visualizar a minúscula estrutura da biblioteca e até mesmo a localização de Greenleaf, embora os chalés estivessem perdidos no meio das matas ao redor.

— A vista é incrível — ele disse finalmente.

Lexie apontou para a beira da cidade e ajudou-o a focalizar até o ponto que queria mostrar. — Está vendo aquela casinha? Meio que largada de lado, perto do lago? E onde eu moro agora. E aquela mais adiante? É a casa de Dóris. Foi onde eu cresci. Algumas vezes, quando eu era criança, ficava olhando aqui pra cima, imaginando que conseguia me ver olhando daqui de cima lá para baixo.

Ele sorriu. A brisa agitava os cabelos de Lexie, que continuou a falar.

— Quando éramos adolescentes, eu e minhas amigas às vezes vínhamos até aqui e ficávamos durante horas. No verão, o calor fazia as luzes das casas brilhar como se fossem estrelas. E os vaga-lumes — bem, em junho eles são tantos que dá a impressão de que existe outra cidade no céu. Apesar de todo mundo saber da existência deste lugar, nunca havia muita gente por aqui. Sempre foi uma espécie de lugar secreto que eu e minhas amigas tínhamos em comum.

Ela fez uma pausa, percebendo que se sentia estranhamente nervosa. Embora a explicação para tal nervosismo estivesse além de sua compreensão.

— Eu me lembro de uma vez em que se esperava uma grande tempestade. Eu e minhas amigas conseguimos convencer um dos rapazes a nos trazer aqui em cima em seu caminhão. Uma daquelas coisas com rodas enormes, capazes de atravessar o Grand Canyon se fosse necessário, sabe? Bom, nós viemos todas para cá, para ver os relâmpagos, achando que iríamos poder assistir um espetáculo de luzes no céu. Em nenhum momento paramos para pensar no fato de que estávamos no ponto mais alto de toda a região. Quando os relâmpagos começaram, foi lindo. Eles iluminavam o céu, às vezes com uma rajada de luz, outras vezes como uma luz intermitente, e nós ficávamos contando em voz alta o tempo que demorava até vir o trovão. Sabe, para ver a distância em que estava o raio. Mas logo em seguida e tempestade caiu sobre nós, quer dizer, o vento estava batendo com tanta força que o caminhão começou a sacudir de verdade, e com a chuva era impossível

enxergar qualquer coisa. Então os raios começaram a atingir as árvores que estavam ao nosso redor. Descargas elétricas gigantescas caíam tão perto de nós que o chão tremia e as pontas dos pinheiros simplesmente explodiam em pedaços.

Enquanto Lexie falava, Jeremy a estudava. Aquilo era o máximo que ela havia revelado a respeito de si mesma desde que tinham se conhecido, e ele tentou imaginar como era sua vida naquele tempo. Como teria sido ela no colégio? Uma das populares animadoras de torcida? Ou uma das garotas estudiosas, que passava as horas do recreio na biblioteca? Com certeza, isso era coisa do passado — quer dizer, quem se importava com o colégio? —, mas mesmo agora, quando ela estava perdida em suas lembranças, ele não conseguia dizer com certeza que tipo de garota ela fora.

— Aposto que vocês ficaram apavoradas — ele disse. — Você sabe que as descargas elétricas podem chegar a cinqüenta mil graus? — ele a olhou de relance. — Isso significa que é dez vezes mais quente que a superfície do Sol.

Ela sorriu, divertida. — Eu não sabia disso. Mas você está certo — acho que nunca fiquei tão apavorada em toda a minha vida.

— E depois, o que aconteceu?

— A tempestade passou, como sempre. E depois que nos refizemos do susto, voltamos para casa. Mas eu me lembro de que Rachel estava apertando minha mão com tanta força que deixou marcas de unhas em minha pele.

— Rachel? Não seria por acaso a garçonete do Herbs, seria?

— Sim, essa mesma. — Cruzando os braços, ela olhou para ele. — Por quê? Por acaso ela deu em cima de você no café-da-manhã?

Ele se mexeu sem sair do lugar, mudando o peso de uma perna para outra. — Bom, eu não diria isso. Ela apenas me pareceu um pouco... atrevida, só isso.

Lexie riu. — Isso não me surpreende. Ela é... bom, Rachel é Rachel. Nós éramos as melhores amigas uma da outra na infância, e ainda penso nela como uma espécie de irmã. Acho que será assim para sempre. Mas depois que eu fui para a faculdade e depois para Nova Iorque... bom, não foi mais a mesma coisa depois que voltei. Apenas ficou diferente, na falta de palavra melhor. Não me entenda mal — ela é um doce e é muito divertida, e não tem um pingo de maldade, mas...

Ela deixou as palavras no ar. Jeremy olhou-a mais atentamente.

— Você vê o mundo de outra maneira atualmente? — ele sugeriu. Ela suspirou. — É, acho que é isso.

— Acho que isso acontece com todo mundo quando cresce — Jeremy respondeu. — Você descobre quem você é e o que você quer, e então percebe que as pessoas que conheceu a vida inteira não vêem as coisas da mesma maneira. E aí você preserva as lembranças maravilhosas, mas se dá conta de que precisa seguir em frente. É perfeitamente normal.

— Eu sei. Mas, numa cidade do tamanho desta, é mais difícil assumir essa atitude. Há tão poucas pessoas na faixa dos trinta por aqui, e menos ainda solteiras. Este nosso mundinho é realmente muito pequeno.

Ele mexeu a cabeça antes de abrir um sorriso. — Faixa dos trinta? De repente ela se lembrou de que ele havia tentado adivinhar sua idade no dia anterior.

– Isso mesmo — ela disse, dando de ombros. — Ficando velha, eu acho.

– Ou permanecendo jovem — ele contrapôs. — A propósito, é assim que me sinto quando penso em mim mesmo. Sempre que começo a me preocupar com a idade, começo a usar a calça mais baixa, deixo aparecer a cintura da cueca, uso o boné virado para trás, e dou uma volta pelo *shopping* ouvindo *rap.*

Ela não conseguiu conter o riso ao imaginar a cena. Apesar do ar frio, sentiu uma onda de calor ao perceber, de modo inesperado, mas estranhamente inevitável, que estava apreciando a companhia. Ela ainda não tinha certeza se gostava dele — na verdade, tinha quase certeza que não — e, por alguns instantes, lutou para conciliar os dois sentimentos. O que significava, é claro, que todo aquele assunto deveria ser evitado. Ela colocou um dedo no queixo. — Sim, eu consigo imaginar. Você realmente dá muita importância para o estilo pessoal.

— Sem dúvida. Bem, ainda ontem, para ser mais exato, as pessoas ficaram bastante impressionadas com o jeito de eu me vestir, inclusive você.

Ela riu, e no silêncio que se seguiu, ela olhou para ele. — Aposto que você viaja muito por causa do seu trabalho, não viaja?

– Talvez umas quatro ou cinco vezes por ano, durante algumas semanas em cada viagem.

– Você já esteve numa cidade como esta?
– Não — ele disse. — Para ser sincero, nunca. Cada lugar que conheço tem seu próprio charme, mas posso dizer, com toda a honestidade, que nunca estive num lugar como este. E você? Conhece outros lugares? Quer dizer, além de Nova Iorque.
– Eu freqüentei a Universidade da Carolina do Norte, em Chapei Hill, e passei muito tempo em Raleigh. E também fui para Charlotte, quando estava no colegial. Nosso time de futebol conquistou o campeonato estadual quando eu estava no último ano, por isso praticamente todos na cidade fizeram essa viagem. Nosso comboio se estendia por quilômetros na estrada. E também Washington, D.C., numa viagem com a escola quando eu era pequena. Mas nunca fiz uma viagem para o exterior ou algo do gênero.
Já enquanto falava, ela sabia o quanto sua vida deveria parecer insignificante para ele. Jeremy, como se tivesse lido seus pensamentos, mostrou um leve sorriso.
— Você iria gostar da Europa. As catedrais, as maravilhosas paisagens do campo, os bistrôs e as praças nas grandes cidades. O estilo de vida tranqüilo... você iria se sentir em casa.
Lexie deixou os pensamentos voar. Era uma bela imagem, mas...
E era isso o que importava. O *mas.* Havia sempre um *mas. A* vida tinha a desagradável tendência de oferecer pouquíssimas oportunidades exóticas. Isso simplesmente não fazia parte da realidade da maioria das pessoas comuns. Como ela. Ela não podia simplesmente sair com Dóris ou afastar-se durante muito tempo da biblioteca. E por que diabos ele estava lhe

dizendo tudo aquilo, afinal? Para lhe mostrar que era mais cosmopolita do que ela? Bem, detesto ter de lhe dizer isso, ela pensou, mas já sei disso há muito tempo.

Contudo, enquanto digeria esses pensamentos, uma outra voz se intrometeu, dizendo-lhe que ele estava flertando com ela. Parecia que ele estava dizendo que sabia que ela era diferente, mais experiente do que esperava que fosse. Que ela ficaria bem em qualquer lugar.

– Eu sempre quis viajar — ela admitiu, driblando as vozes conflitantes em sua cabeça. — Deve ser bom ter essa possibilidade.

– É sim, às vezes. Mas, acredite ou não, o que mais gosto é de encontrar pessoas diferentes. E quando me lembro dos lugares em que estive, quase sempre vejo os rostos e não as coisas.

– Agora você está parecendo uma pessoa romântica — ela disse. Ah, era difícil resistir a ele, a esse sr. Jeremy Marsh. Primeiro, o galanteador, e agora o grande altruísta; muito viajado, mas conservando as raízes; cosmopolita, mas ainda assim consciente em relação às coisas realmente importantes. Não importava quem ele conhecesse ou onde estivesse, ela não tinha dúvida de que ele possuía uma habilidade inata para fazer os outros — principalmente as mulheres — sentirem que tinha uma grande afinidade com todos. O que, sem dúvida alguma, reconduzia tudo à primeira impressão que tivera dele.

– Talvez eu seja um romântico — ele disse, olhando-a de relance.

— Sabe o que eu mais gostava em Nova Iorque? — ela perguntou, mudando de assunto.

Ele a olhou de frente, na expectativa.

— Eu gostava do fato de estar sempre acontecendo alguma coisa. Havia sempre gente correndo pelas calçadas, e os táxis passando apressados, não importava a hora do dia. Havia sempre algum lugar para ir, alguma coisa para ver, um restaurante novo para conhecer. Era excitante, principalmente para alguém que cresceu por aqui. Como ir para Marte, praticamente.

— Por que você não ficou?

— Acho que poderia ter ficado. Mas não era lugar para mim. Acho que podemos dizer que os motivos que me fizeram ir para lá haviam mudado completamente. Eu tinha ido para ficar com alguém.

— Então — disse Jeremy —, você foi até lá atrás dele?

Ela assentiu com a cabeça. — Nós nos conhecemos na faculdade. Ele parecia tão... eu não sei... perfeito, eu acho. Ele havia crescido em Greensboro, vinha de uma boa família, era inteligente. E muito bonito também. Bonito o bastante para fazer qualquer mulher ignorar seus melhores instintos. Eu sei que ele olhou para mim e depois disso só lembro de ter ido para Nova Iorque atrás dele. Não pude evitar.

Jeremy pareceu embaraçado. — E foi isso?

Por dentro, ela estava sorrindo. Os homens não gostavam de ouvir as mulheres dizerem que outros homens eram bonitos, principalmente quando havia existido um relacionamento sério.

— Correu tudo muito bem durante um ano, mais ou menos. Nós até ficamos noivos. — Ela parecia ter se perdido em seus pensamentos quando soltou um suspiro profundo. — Eu tinha conseguido um estágio na biblioteca da Universidade de Nova Iorque. Avery tinha ido trabalhar em Wall Street, e então, num belo dia, eu o peguei na cama com uma colega de trabalho. Isso me fez compreender que ele simplesmente não era o cara certo, por isso arrumei minhas coisas naquela mesma noite e voltei pra cá. Depois disso, nunca mais o vi.

A brisa começou a soprar com mais força, fazendo um barulho parecido com o de um assobio ao passar por entre as rochas em declive, espalhando pelo ar um cheiro suave de terra.

— Você está com fome? — ela perguntou, querendo mudar de assunto novamente. — Quer dizer, estou gostando de ter vindo aqui com você, mas se fico muito tempo sem comer vou ficando de mau humor.

— Eu estou morto de fome — ele disse.

Eles voltaram para o carro e fizeram a divisão do almoço. Sentado no banco da frente, Jeremy abriu o pacote de biscoitos *cream-cracker.* Ao perceber que a vista não era grande coisa naquele ponto, ligou o motor do carro, fez uma manobra ali mesmo no topo da colina e — colocando o carro no ângulo perfeito — estacionou de novo tendo a vista da cidade à sua frente.

— Aí você voltou para cá e começou a trabalhar na biblioteca, e...

— Só isso — ela disse. — É isso o que venho fazendo nos últimos sete anos.

Ele fez as contas, e chegou à conclusão de que ela deveria ter trinta e um anos.

— Algum namorado depois disso?

Com um pote de frutas preso entre as pernas, ela cortou um pedaço de queijo e o colocou sobre um biscoito. Ficou pensando se deveria responder. Decidiu que sim, ora que diabos, ele iria embora, de qualquer forma.

— É claro. Alguns, aqui e ali. — Ela contou sobre o advogado, o médico e — por fim — Rodney Hopper. Ela não disse nada a respeito do sr. Renascença.

– Bem... muito bem. Você parece feliz — ele disse.

– Eu sou — ela concordou rapidamente. — Você não é?

— A maior parte do tempo. Às vezes acho que vou enlouquecer, mas isso deve ser normal.

— E é aí que você começa a usar as calças mais baixas?

– Exatamente — ele respondeu, com um sorriso. Ele pegou alguns biscoitos, colocou-os sobre as pernas e começou a cortar um pouco de queijo. Ergueu os olhos, parecendo sério.

— Você se importaria se eu fizesse uma pergunta muito pessoal? Você não precisa responder, é claro. Não vou criticá-la, acredite. Só estou curioso.

– Você quer dizer, mais pessoal do que falar de todos os meus ex-namorados?

Ele encolheu os ombros, envergonhado, e de repente ela teve uma idéia de como ele poderia ter sido quando menino: rosto fino, a pele lisa, cabelo curto com franja reta, camisa *e jeans* sujos das brincadeiras na rua.

— Vamos lá — ela disse. — Pode perguntar.

Ele fixou o olhar na borda do seu pote de fruta enquanto falava, fugindo subitamente a um encontro com os olhos dela.
— Logo que chegamos aqui, você mostrou onde ficava a casa de sua avó. E disse que havia crescido ali.
Ela confirmou com a cabeça. Já tinha imaginado quando é que ele iria fazer alguma pergunta a respeito.
– Eu sei — ela falou.
– Por quê?
Ela olhou para fora da janela; o hábito fez com que procurasse a estrada que levava para fora da cidade. Quando conseguiu encontrá-la, falou lentamente.
— Meus pais estavam voltando de Buxton, nas ilhas de Outer Banks. Foi lá que eles se casaram, e tinham uma pequena casa de praia naquela região. Não é fácil ir daqui pra lá, mas a minha mãe jurava que era o lugar mais lindo do mundo, então meu pai comprou um pequeno bote para que não precisassem pegar a balsa para ir até lá. Aquilo era o pequeno refúgio deles, para onde eles podiam fugir, entende? Da varanda dá pra ver um lindo farol, e de vez em quando eu também vou pra lá, como eles costumavam ir, só pra fugir um pouco disso tudo.
Os lábios dela esboçaram um sorriso levíssimo antes que ela prosseguisse. — Bom, ao voltar para casa naquela noite, meus pais deviam estar cansados. Ainda demora algumas horas para chegar até lá, mesmo sem a balsa, e tudo leva a crer que, no caminho para casa, meu pai deve ter dormido ao volante e o carro caiu da ponte. Quando a polícia encontrou o carro na manhã seguinte e o tirou do fundo da água, os dois estavam mortos.

Jeremy ficou em silêncio por algum tempo. — Isso é terrível — ele disse, por fim. — Quantos anos você tinha?

— Dois. Eu tinha ficado com Dóris naquela noite, e no dia seguinte ela foi até o hospital com meu avô. Quando voltaram, ela me disse que eu iria viver com eles a partir dali. E foi o que aconteceu. Mas é estranho, quer dizer, eu sei o que aconteceu, mas é como se não fosse de verdade, pra valer. Enquanto crescia, eu não me sentia como se tivesse perdido alguma coisa. Para mim, meus avós pareciam iguais aos pais de todo mundo, a única diferença é que eu os chamava pelo primeiro nome — ela sorriu. — A propósito, isso foi idéia deles. Acho que não queriam que eu pensasse mais neles como avós, já que estavam me criando, mas eles também não eram meus pais.

Quando ela terminou, olhou para ele, observando o contorno de seus ombros sob o suéter e admirando a covinha de novo.

– Agora é minha vez de fazer perguntas — ela disse. — Eu falei demais, e sei que a minha vida deve ser uma chatice comparada com a sua. Não estou me referindo à história de meus pais; quer dizer, mas ao fato de viver aqui, é claro.

– Não, não é chata de forma alguma. É interessante. É como... quando lemos um livro novo e ao virar as páginas vivenciamos algo inesperado.

– Bela metáfora.

– Achei que fosse gostar.

— E quanto a você? O que fez você querer se tornar um jornalista? Nos minutos que se seguiram, ele falou sobre seus anos de faculdade,

seus planos para se tornar professor, e a série de acontecimentos que o haviam levado até ali.

— E você disse que tem cinco irmãos?

Ele confirmou com a cabeça. — Cinco irmãos mais velhos. Sou-o caçula da família.

– Eu não sei por que, mas não consigo ver você com irmãos.

– Por quê?

– Pra mim você tem um jeito de filho único.

Ele sacudiu a cabeça. — E uma pena que você não tenha herdado as habilidades adivinhatórias do resto da família.

Ela sorriu, antes de desviar o olhar para longe. Na distância, falcões de rabo vermelho voavam em círculos sobre a cidade. Ela colocou a mão contra a janela do carro, sentindo o frio do vidro em sua pele. — Duzentos e quarenta e sete — ela disse.

Ele virou os olhos em sua direção. — Desculpe?

— Esse é o número de mulheres que já visitaram Dóris para saber o sexo de seus bebês. Enquanto crescia, eu as via quando apareciam na cozinha para visitar minha avó. E é engraçado, até hoje eu consigo me lembrar de que ficava pensando que todas elas tinham algumas coisas em comum: o brilho dos olhos, a pele brilhante, e uma emoção verdadeira. Acho que é verdade essa história de que as mulheres grávidas parecem ficar resplandecentes, e eu me lembro de ter pensado que gostaria de ficar exatamente daquele jeito quando eu crescesse. Primeiro, Dóris conversava com elas durante algum tempo, para ter certeza de que elas queriam saber, depois pegava as mãos delas e de repente ficava completamente em silêncio. Algumas delas sequer aparentavam estar grávidas, e alguns segundos depois ela fazia seu pronunciamento — Lexie

deixou escapar um leve suspiro. — Ela acertou todas as vezes. Duzentas e quarenta e sete mulheres passaram por lá, e ela acertou duzentas e quarenta e sete vezes. Dóris anotou os nomes delas em um caderno e escreveu tudo o que tinha dito, inclusive as datas em que foram feitas as visitas. Você pode verificar se quiser. Ela ainda tem esse caderno na cozinha.

Jeremy simplesmente a fitou, o olhar parado. Impossível, ele pensou, uma coincidência estatística. Que pressionava os limites da credibilidade, mas ainda assim uma coincidência. E o caderno, sem dúvida alguma, mostraria apenas os palpites que ela havia acertado.

– Eu sei o que está pensando — ela disse —, mas você também pode ir até o hospital para se certificar. Ou falar com as mulheres. E pode falar com quem quiser, para ver se alguma vez ela se enganou. Mas isso nunca aconteceu. Até os médicos das redondezas vão lhe dizer sem rodeios que ela tem um dom.

– Você alguma vez pensou que ela poderia conhecer alguém que fizesse os exames de ultra-som?

– Impossível — ela insistiu.

– Como é que você pode ter tanta certeza?

– Porque foi aí que ela parou. Quando essa tecnologia finalmente chegou à cidade. Não havia mais motivo para que as pessoas a procurassem, já que elas mesmas poderiam ver a imagem do bebê. As visitas das mulheres começaram a diminuir depois disso, depois ficaram muito raras. Agora aparecem uma ou duas pessoas por ano, normalmente pessoas que vêm de fora, da zona rural, que não têm plano de saúde.

Acho que se pode dizer que seus dons não têm tido muita procura ultimamente.

— E as premonições?

— A mesma coisa — ela disse. — Por aqui não há muita procura por alguém com as habilidades que ela possui. Toda a parte leste do estado fica sobre um grande reservatório. Você pode cavar um poço em qualquer lugar por aqui e certamente vai encontrar água. Mas na época em que ela era criança, em Cobb County, na Geórgia, os fazendeiros iam até a casa dela para pedir ajuda, principalmente na estação da seca. E apesar de não ter mais que oito ou nove anos, ela sempre encontrava água.

– Interessante — observou Jeremy.

– Parece que você ainda não acredita.

Ele se mexeu no banco. — Existe uma explicação em algum lugar. Tudo tem uma explicação.

– Você não acredita em magia de nenhum tipo?

– Não — ele falou.

– Isso é triste — ela disse. — Porque às vezes ela existe.

Ele sorriu. — Bom, talvez eu encontre alguma coisa que me faça mudar de idéia enquanto ainda estiver por aqui.

Ela também sorriu. — Você já encontrou. Só que é teimoso demais para acreditar nisso.

Depois que acabaram seu almoço improvisado, Jeremy ligou o carro novamente e eles desceram Riker's Hill sacolejando, como se as rodas da frente estivessem entrando em todos os buracos do caminho. Só se ouvia o barulho das batidas e das

freadas do carro, e quando acabou a descida, os punhos de Jeremy, ainda grudados no volante, haviam perdido a cor.

Eles seguiram pelas mesmas estradas na volta. Ao passar pelo Cemitério de Cedar Creek, Jeremy olhou para o topo de Riker's Hill; apesar da distância, ele conseguiu visualizar o lugar em que haviam estado.

— Será que teríamos tempo para ver outros lugares? Eu adoraria dar uma volta pela marina, ver a fábrica de papel e talvez dar uma olhada na ponte suspensa da ferrovia.

— Nós temos tempo — ela disse. — Desde que não fiquemos muito. Todos esses lugares ficam muito próximos uns dos outros.

Dez minutos depois, seguindo as instruções de Lexie, ele estacionou novamente. Eles se encontravam no limite do perímetro do centro da cidade, há alguns quarteirões do Herbs, perto de um passeio feito de tábuas ao longo da margem do rio. O rio Pamlico tinha quase dois mil metros de largura, a correnteza era forte e ia formando pequenas ondas sobre as águas que seguiam seu fluxo intenso. Na outra margem do rio, perto da ponte suspensa da rodovia, a fábrica de papel — uma estrutura gigantesca — soltava nuvens de fumaça pelas chaminés, dispostas frente a frente em cima do telhado.

Ao sair do carro, Jeremy esticou o corpo e Lexie cruzou os braços. Seu queixo começou a ficar vermelho por causa do frio.

— Está muito frio — ele admitiu. — Parece que está mais frio aqui do que lá no alto, mas talvez porque tenhamos nos acostumado com o aquecimento dentro do carro.

Jeremy fez um esforço para alcançá-la, pois Lexie já estava a caminho do passeio de tábuas. Ela finalmente diminuiu o passo e parou, debruçando-se sobre o peitoril, enquanto Jeremy olhava para a ponte suspensa. Construída bem acima do rio, para permitir a passagem dos barcos maiores, sua estrutura se sustentava sobre vigas trançadas, parecendo uma ponte pênsil.

— Eu não sabia a que distância você queria chegar — ela disse. — Se tivéssemos mais tempo, eu o levaria até a fábrica do outro lado do rio, mas acho que daqui você pode apreciar uma vista mais bonita. — Ela apontou para o outro lado da cidade. — A marina fica daquele lado, perto da estrada. Você consegue enxergar onde estão parados todos os barcos?

Jeremy acenou afirmativamente com a cabeça. Por algum motivo, ele esperava alguma coisa mais grandiosa.

– Barcos grandes também podem parar lá?

– Acho que sim. De vez em quando alguns iates grandes de New Bern fazem uma parada de alguns dias.

– E barcaças?

– Acho que poderiam. A dragagem do rio é feita para permitir a circulação das barcaças que transportam a madeira, mas normalmente elas param do outro lado. Bem ali — ela apontou para o que parecia ser uma pequena enseada. -— Agora dá pra ver algumas delas, todas carregadas.

Ele acompanhou a direção de seu olhar, depois olhou ao redor, fazendo uma avaliação. Olhando para Riker's Hill a distância, a ponte e a fábrica pareciam perfeitamente alinhadas. Coincidência? Ou sem nenhuma importância? Ele fixou os olhos na direção da fábrica de papel, tentando ima-

ginar se os topos das chaminés eram iluminados à noite. Ele teria de checar isso.

– Todo o transporte da madeira é feito por meio das barcaças, ou você sabe se eles também usam a ferrovia?

– Eu nunca prestei atenção, para falar a verdade. Mas acho que é fácil de descobrir.

— Você sabe quantos trens costumam atravessar a ponte?

— Também não tenho certeza quanto a isso. Às vezes escuto um apito à noite, e já tive de parar algumas vezes diante da linha do trem na cidade, para esperar o trem passar, mas eu não teria como lhe dar essa informação com segurança. Mas sei que eles fazem muitos carregamentos direto na fábrica. É lá que o trem faz realmente uma parada.

Jeremy mexeu a cabeça enquanto fitava a ponte.

Lexie exibiu um sorriso e continuou a falar. — Eu sei o que você está pensando. Está pensando que talvez o brilho da luz do trem quando ele atravessa a ponte esteja criando as luzes, certo?

– Essa idéia realmente me ocorreu.

– Não é isso — ela disse, mexendo a cabeça.

– Tem certeza?

— À noite, os trens ficam parados junto ao pátio da fábrica de papel para que possam ser carregados no dia seguinte. Assim, o brilho da luz da locomotiva fica virado no sentido oposto, contrário à direção de Riker's Hill.

Ele ficou avaliando essa informação enquanto se juntava a ela, ao lado do peitoril. O vento balançava seu cabelo, deixando-o completamente despenteado. Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Dá pra ver por que você gosta de ter sido criada aqui — ele comentou.
Ela se virou, de forma que pôde apoiar as costas no peitoril e ficar de frente para a cidade — as lojinhas arrumadas e enfeitadas com bandeiras americanas, a barbearia, o pequeno parque situado na extremidade do passeio de tábuas. Pela calçada, as pessoas que entravam e saíam das lojas, carregando sacolas. Apesar do frio, parecia que ninguém tinha pressa alguma.
— Bem, tem muito a ver com Nova Iorque, isso eu tenho de admitir. Ele riu. — Não é isso o que eu quis dizer. Eu quis dizer que os meus pais
provavelmente teriam adorado criar os filhos num lugar como este. Com grandes espaços cobertos de grama e florestas para brincar. E até um rio para nadar nos dias quentes. Deve ter sido... idílico.
– Ainda é. E é isso o que as pessoas dizem a respeito da vida por aqui.
– Você parece ter florescido aqui.
Por um momento, ela pareceu quase triste. — Sim, mas eu fui embora para fazer faculdade. A maioria das pessoas daqui nunca sai. O município é pobre, e o vilarejo teve de lutar muito desde que a tecelagem e a mina de fósforo fecharam, e muitos pais não estão dispostos a gastar muito para proporcionar uma boa educação para os filhos. Isso é que é difícil às vezes — tentar convencer algumas crianças de que há mais coisas na vida além de trabalhar na fábrica de papel do outro lado do rio. Eu vivo aqui porque quero viver aqui.

Fiz essa escolha. Mas muitas dessas pessoas ficam simplesmente porque para elas é impossível sair daqui.

— Isso acontece em todos os lugares. Nenhum dos meus irmãos freqüentou uma universidade também. Eu era um tipo meio esquisito, de forma que o estudo caiu muito bem em mim. Meus pais são trabalhadores e moraram no Queens a vida inteira. Meu pai era motorista da companhia de transportes metropolitanos. Passou quarenta anos sentado atrás de um volante, até o dia em que se aposentou.

Ela parecia achar engraçado. — Que ironia. Ainda ontem, eu o considerava uma figura típica do Upper East Side. Você sabe, do tipo que os porteiros cumprimentam chamando pelo nome, colégio particular, jantares com cinco pratos, com um mordomo para anunciar os convidados.

Ele se encolheu, horrorizado. — Primeiro, filho único, e agora isso? Estou começando a achar que você me considera um garoto mimado.

— Não, mimado não... apenas...

— Não diga nada — ele falou, erguendo a mão. — Prefiro não saber. Principalmente porque não é verdade.

— Como é que você sabe o que eu ia dizer?

— Porque até agora você errou dois palpites, e nenhum dos dois era muito lisonjeiro.

Os cantos de sua boca revelaram o esboço de um sorriso. — Sinto muito. Não tive intenção.

– Sim, você teve — ele respondeu, com um sorriso irônico. Então se virou e também encostou as costas no parapeito, sentindo a brisa tocando seu rosto. — Mas não se preocupe,

não vou levar isso para o lado pessoal. Quer dizer, já que eu não sou um garoto rico mimado.

— Não. Você é um jornalista bastante objetivo.

— Exatamente.

— Embora se recuse a ter a mente aberta para qualquer coisa misteriosa.

— Exatamente.

Ela riu. — E o que me diz dos supostos mistérios femininos? Você não acredita neles?

— Ah, eu sei que eles existem — ele respondeu, pensando especialmente nela. — Mas é algo bastante diferente da crença na possibilidade da fusão a frio.

— Por quê?

— Porque as mulheres são um mistério subjetivo, e não objetivo. Você não pode fazer qualquer cálculo científico no que diz respeito a elas, embora, é claro, haja diferenças genéticas entre os sexos. As mulheres só parecem misteriosas para os homens porque eles não percebem que homens e mulheres têm visões de mundo diferentes.

— Eles têm, hã?

— Claro. Isso tem a ver com a evolução e as melhores alternativas para a preservação da espécie.

— E você é um especialista nessa área?

— Eu tenho algum conhecimento nessa área, sim.

— E por isso você também se considera um especialista em mulheres?

— Não, é claro que não. Eu sou tímido, está lembrada?

— Hã-hã, eu me lembro. Eu só não acredito.

Ele cruzou os braços. — Deixe-me adivinhar... você acha que eu tenho um problema com compromisso?
Ela o examinou com os olhos. — Acho que se pode resumir assim.
Ele riu. — O que posso dizer? O mundo do jornalismo investigativo é cheio de *glamour,* e há milhares de mulheres que estão loucas para fazer parte dele.
Ela revirou os olhos. — Tá bom, que mentira! — ela disse. — Você não é nenhum astro de cinema ou cantor de rock. Você escreve para a *Scientific American.*
– E...?
– Bom, eu posso ter nascido no Sul, mas, assim mesmo, eu não consigo imaginar sua revista sendo invadida por fãs.
Ele a encarou com olhar triunfal. — Acho que você acabou de entrar em contradição.
Ela ergueu uma sobrancelha. — Você se acha muito esperto, sr. Marsh, não acha?
– Ah, então agora você voltou para o sr. Marsh?
– Talvez. Ainda não decidi. — Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Mas você está esquecendo o fato de que não é preciso ter uma porção de fãs para... se sociabilizar. Tudo o que precisa fazer é freqüentar os lugares certos e derramar o seu charme.
– E você acha que eu sou charmoso?
– Eu diria que algumas mulheres devem considerá-lo charmoso.
– Mas você, não.
– Nós não estamos falando de mim. Estamos falando de você, e neste instante você está tentando mudar de assunto. O

que provavelmente quer dizer que estou certa, mas que você não quer admitir.

Ele a olhou com admiração. — Você é muito esperta, srta. Darnell. Ela concordou. — Já me disseram.

— E charmosa — ele fez questão de acrescentar.

Ela sorriu para ele, e depois desviou os olhos. Seu olhar se perdeu no passeio que descia acompanhando o rio, depois atravessou a rua na direção da cidade, depois se fixou no céu, e por fim ela soltou um suspiro. Não iria responder ao galanteio, ela decidiu. Apesar disso, sentiu que corava.

Como se tivesse lido sua mente, Jeremy mudou de assunto. — Então, no fim de semana — ele começou —, o que vai acontecer?

– Você não vai estar aqui? — ela perguntou.

– Provavelmente. Pelo menos durante uma parte. Mas eu só estava curioso para saber o que você acha disso.

– Além de transformar a vida de algumas pessoas numa loucura total durante alguns dias? — ela perguntou. — Acho que... é necessário nesta época do ano. Temos a correria do Dia de Ação de Graças e, depois, a do Natal, e de repente não há nada na programação até a primavera. Enquanto isso, o tempo é frio, cinzento, chuvoso... por isso, alguns anos atrás, a prefeitura decidiu criar o Passeio pelas Casas Históricas. E desde então foram acrescentando cada vez mais festividades, na esperança de transformá-lo num fim de semana especial. Este ano é o cemitério, no ano passado foi a parada, no ano anterior eles fizeram um baile de música *country* na sexta-feira à noite. Agora isso está se tornando parte da tradição da cidade, de modo que a maioria das pessoas da região fica

esperando pela data. — Ela o olhou de relance. — Mesmo que pequena e sem importância, a cidade é realmente divertida.
Olhando-a de frente, Jeremy ergueu as sobrancelhas, lembrando das fotos do baile no folheto. — Eles organizam um baile? — ele perguntou, fingindo desconhecimento.
Ela fez que sim com um gesto de cabeça. — Na sexta à noite. No celeiro de tabaco do Meyer, na cidade. É uma festa e tanto, com música ao vivo e tudo. É a única noite do ano em que o Lukilu fica praticamente vazio.
— Bem, quem sabe você dança comigo se eu resolver aparecer.
Ela sorriu, e finalmente olhou para ele com um olhar quase sedutor. — Vamos combinar uma coisa. Se tiver resolvido o mistério até lá, eu danço com você.
— Promete?
– Prometo — ela disse. — Mas o combinado é que você tem de resolver o mistério primeiro.
– Muito justo — ele falou. — Mal posso esperar. E quando for a hora do *swing* ou *dofox-trot...* — ele sacudiu a cabeça, soltando um longo suspiro. — Bem, só o que posso dizer é que eu espero que você me acompanhe.
Ela riu. — Eu vou tentar.
Cruzando os braços, Lexie observou o sol que tentava, sem êxito, brilhar através das nuvens. — Esta noite — ela disse.
Ele franziu a testa. — Esta noite?
– Você vai ver as luzes esta noite. Se for ao cemitério.
– Como você sabe?
– A neblina está se aproximando.

Ele seguiu seu olhar. — Como você pode saber? Eu não vejo diferença alguma.

— Olhe para o outro lado do rio, atrás de mim — ela falou. — O topo das chaminés da fábrica de papel já está encoberto pelas nuvens.

– Sim, claro... — ele disse, sem completar a frase.

– Vire-se e olhe. Você vai ver.

Ele olhou para trás, por cima do ombro, depois olhou novamente, estudando os contornos da fábrica de papel. — Você tem razão.

– É claro que tenho.

– Acho que você deu uma espiada sem que eu percebesse.

– Não — ela disse. — Eu sabia, só isso.

– Claro. Mais um daqueles mistérios incômodos?

Ela se afastou do peitoril. — Se é assim que você quer chamar — ela disse. — Mas, vamos lá. Está ficando tarde e eu tenho de voltar para a biblioteca. Vou ter de ler para as crianças em quinze minutos.

Enquanto voltavam para o carro, Jeremy reparou que o topo de Riker's Hill também tinha ficado encoberto. Ele sorriu, pensando, "Foi por issó que ela percebeu". Olhando lá para cima, imaginou que também estivesse acontecendo do outro lado do rio. Espertinha.

— Diga-me uma coisa — ele falou, esforçando-se para esconder o sorriso cínico —, já que você parece ter talentos ocultos. Como pode estar tão segura de que as luzes vão aparecer esta noite?

Ela demorou um pouco para responder.

— Simplesmente estou.

— Bem, então acho que está combinado. Imagino que o correto seria ir até lá esta noite, certo? — Assim que pronunciou estas palavras, ele se lembrou do jantar a que deveria comparecer e parou de repente.

— O que foi? — ela perguntou, sem entender.

— Lembrei que o prefeito está organizando um jantar com algumas pessoas que ele acha que eu deveria conhecer — ele explicou. — Uma pequena reunião ou algo do gênero.

— Para você?

Ele sorriu. — O que foi? Ficou impressionada com isso?

– Não, apenas surpresa.

– Por quê?

– Porque não ouvi falar nada a respeito.

– Eu mesmo só descobri hoje de manhã.

— Bem, ainda assim estou surpresa. Mas eu não ficaria preocupada, mesmo comparecendo ao jantar com o prefeito. Normalmente, as luzes só aparecem bem tarde da noite, de qualquer forma. Você vai ter bastante tempo.

— Tem certeza?

— Foi quando eu as vi. Um pouco antes da meia-noite.

Ele parou de andar. — Espere aí — você viu as luzes? Porque não me falou nada?

Ela sorriu. — Você não perguntou.

– É o que você vive dizendo.

– Bem, senhor jornalista, só porque você vive esquecendo de perguntar.



Capítulo

OITO

Do outro lado da cidade, no Herbs, o policial Rodney Hopper estava debruçado sobre sua xícara de café, imaginando por onde andaria Lexie e aquele... garotão da cidade.

Havia pensado em fazer uma surpresa a Lexie e levá-la para almoçar, para que o Garotão da Cidade soubesse exatamente em que pé estavam as coisas. Talvez ela o deixasse acompanhá-la até o carro, enquanto o Garotão da Cidade ficaria assistindo com inveja.

Ah, ele sabia exatamente o que o Garotão da Cidade tinha visto em Lexie. E ele tinha de ver. Diabos, era impossível não ver, Rodney pensou. Ela era a mulher mais bonita da região, provavelmente do estado. Talvez até do mundo inteiro.

Normalmente, ele não ficaria preocupado com um sujeito fazendo pesquisa na biblioteca, e ele não ficou preocupado quando ouviu falar pela primeira vez. Mas aí começou a ouvir todo mundo cochichando a respeito do novo estranho na cidade, por isso quis conferir. E eles estavam certos: precisou

apenas de uma olhada no Garotão da Cidade para ver que ele tinha aquele jeito de cidade grande. As pessoas que pesquisavam na biblioteca eram mais velhas e pareciam professores desligados, usando óculos de leitura, a postura não muito boa, parando de vez em quando para um café. Mas não esse sujeito; não, esse sujeito parecia que tinha acabado de sair do salão de beleza da Della. Mas até isso não o teria preocupado tanto, se não fosse o fato de, nesse exato momento, estarem os dois desfilando pela cidade, apenas os dois sozinhos.

Rodney tinha uma expressão preocupada no rosto. Onde estariam eles, afinal?

Não no Herbs. E também não no Pike's Diner. Não, ele havia dado uma olhada no estacionamento desses lugares e não os encontrara. Ficou pensando que poderia ter entrado e perguntado, mas aí as pessoas poderiam falar, e ele não estava certo de que essa teria sido uma boa idéia. Todos os seus amigos faziam gozações a respeito de sua situação com Leslie, principalmente quando ele contava que tinham marcado outro encontro. Eles lhe diziam para esquecê-la, que ela só estava com ele para ser legal, mas eles não sabiam de nada. Todas as vezes que ele a convidara, ela tinha aceitado o convite, não tinha? Ele pensou a respeito. Bem, a maioria das vezes, de qualquer forma. Ela nunca o beijava no final do encontro, mas aí já era pedir demais. Ele era paciente e ia chegar a hora. Todas as vezes que saíam, abordavam cada vez mais profundamente assuntos sérios. Ele sabia disso. Podia *sentir* isso. Seus amigos, ele sabia, apenas estavam com inveja.

Tivera a esperança de que Doris pudesse lhe dar alguma idéia, mas por acaso ela também não estava por ali. Tinha ido falar com o contador, foi o que lhe disseram, mas voltaria logo. O que, obviamente, não ajudara muito, pois sua hora de almoço já estava quase no fim e não poderia simplesmente ficar esperando por ela. Além disso, ela provavelmente iria negar que estava sabendo de alguma coisa. Ele tinha ouvido falar que ela até gostava do Garotão da Cidade, e bem... isso não era especial?

— Desculpe, querido? — Rachel falou. — Você está bem?

Rodney ergueu o olhar e a viu parada ao lado da mesa com o bule de café na mão.

— Não é nada, Rachel —- ele disse. — Apenas mais um daqueles dias.

— Os caras maus estão incomodando você de novo?

Rodney fez que sim com a cabeça. — Acho que dá pra dizer que sim. Ela sorriu, e ficou bonita com o sorriso no rosto, mas Rodney não pareceu perceber. Há muito tempo ele a via apenas como uma espécie de irmã.

— Bem, as coisas vão melhorar — ela disse para animá-lo. Ele concordou com a cabeça. — Você deve ter razão.

Ela apertou os lábios. Às vezes ficava preocupada com Rodney.

— Tem certeza de que não pode entrar e comer alguma coisa rapidinho? Sei que está com pressa e posso pedir para que preparem alguma coisa bem rápida.

— Não. Não estou com tanta fome. E tenho proteína em pó no carro para mais tarde. Não se preocupe comigo. — Ele

estendeu a mão que segurava a xícara. — Mas um pouco mais de café seria bom.

– Aqui está — ela disse, enchendo a xícara.

– Ei, por acaso você reparou se Lexie passou por aqui? Talvez para pedir alguma coisa pra viagem?

Ela sacudiu a cabeça. — Eu não a vi o dia inteiro. Você já viu na biblioteca? Posso dar uma ligada pra lá se for importante.

— Não, não é tão importante.

Ela continuou perto da mesa, como se estivesse pensando no que dizer em seguida. — Eu vi você falando com Jeremy Marsh hoje de manhã.

– Quem? — Rodney perguntou, tentando parecer inocente.

– O jornalista de Nova Iorque. Você não lembra?

– Ah, sim. Eu só achei que devia me apresentar pra ele.

– Ele é um cara bonitão, não é?

– Eu não costumo reparar se os outros homens são bonitos — ele resmungou.

– Bom, ele é. Eu poderia ficar olhando pra ele o dia todo. Quer dizer, aquele cabelo. Me dá uma vontade de passar os dedos naquela cabeça. Está todo mundo falando dele.

– Que ótimo — Rodney resmungou de novo, sentindo-se pior.

– Ele me convidou para ir a Nova Iorque — ela falou.

Ao ouvir isso, Rodney parou, imaginando se tinha ouvido direito. — Ele convidou?

– Bom, foi uma espécie de convite. Ele falou que eu deveria fazer uma visita, e apesar de não ter dito com todas essas palavras, acho que ele meio que disse que eu podia visitá-lo.

– Verdade? Isso é ótimo, Rachel.

– O que você acha dele?
Rodney se mexeu na cadeira. — A gente não conversou muito.
— Ah, mas você deveria conversar. Ele é muito interessante e muito inteligente. E aquele cabelo. Eu já falei do cabelo?
— Sim — Rodney disse. Ele tomou outro gole de café, procurando acalmar-se para ver se entendia o que estava acontecendo. Então, ele tinha convidado Rachel para ir a Nova Iorque? Ou Rachel é que havia se convidado? Ele não tinha muita certeza. Ele não conseguia entender porque o Garotão da Cidade poderia achar que ela era atraente, mas ele definitivamente fazia o tipo que avançava sobre as mulheres, mas... mas... Rachel tinha a mania de exagerar, e Lexie e o Garotão da Cidade tinham sumido e estavam em algum lugar, sabe-se lá onde. Tinha alguma coisa aqui que não batia, não tinha?
Ele começou a se mexer para ir embora. — Bom, escuta, se você encontrar com Lexie, diga a ela que estive aqui, certo?
– Claro. Quer que eu coloque seu café num copo descartável para viagem?
– Não, obrigado. Já estou sentindo o estômago me incomodar um pouco.
– Ah, coitadinho. Acho que temos alguns comprimidos pra dor de estômago lá atrás. Quer que eu lhe traga um?
– Pra falar a verdade, Rach — ele respondeu, estufando o peito e tentando parecer oficial de novo —, eu não acho que isso possa ajudar.

Em outro lugar da cidade, do lado de fora do escritório do contador, o prefeito Gherkin corria para alcançar Dóris.

— Aqui está a mulher que eu queria ver — ele gritou.

Dóris se virou e viu quando ele se aproximava, com seu paletó vermelho e sua calça xadrez — ela não conseguiu deixar de pensar que o homem devia ser daltônico. Poucas vezes ele exibia uma aparência que não fosse simplesmente ridícula.

– Em que posso ajudá-lo, Tom?

– Bem, não sei se você ouviu falar ou não, mas estamos organizando uma noite especial para o nosso convidado, Jeremy Marsh — ele disse. — Ele está escrevendo uma grande história, sabe, e...

Dóris completou a frase mentalmente, e pronunciou as palavras junto com ele.

– ...você sabe como isso pode ser importante para a cidade.

– Já ouvi falar — ela disse. — E isso é bom, principalmente para seus negócios.

– Estou pensando na comunidade como um todo — ele disse, ignorando o comentário. — Passei toda a manhã tentando organizar as coisas para que corra tudo bem. Mas eu esperava que você se dispusesse a nos ajudar com a comida.

– Você quer que eu forneça a comida?

– Não de graça, veja bem. A cidade terá o maior prazer em reembolsar suas despesas. Estamos planejando realizar tudo na velha Fazenda Lawson, nos arredores da cidade. Já falei com o pessoal de lá, e eles disseram que ficariam muito satisfeitos em nos deixar usar as instalações. Imagino que poderíamos fazer uma pequena reunião, e depois usá-la como

ponto de partida para o Passeio pelas Casas Históricas. Já falei com o jornal, e eles estão pensando em mandar um repórter...

– Quando é que você está pensando em fazer essa pequena reunião? — ela perguntou, cortando o que ele dizia.

Ele pareceu momentaneamente perplexo com a interrupção. — Bem, hoje à noite, é claro... mas, como eu estava dizendo...

– Hoje à noite? — ela o interrompeu novamente. — Você quer que eu prepare as coisas para uma de suas pequenas reuniões *esta noite.*

– É por uma boa causa, Dóris. Eu sei que é muita falta de consideração da minha parte largar uma bomba dessas na sua mão, mas podemos estar prestes a presenciar grandes acontecimentos, e precisamos correr para aproveitar ao máximo. Nós dois sabemos que você é a única pessoa com condições de dar conta de uma coisa dessas. Eu estava pensando que você poderia fazer o seu *pesto* de frango especial, mas sem os sanduíches...

– Jeremy Marsh está sabendo disso?

– É claro que ele sabe. Nossa, falei com ele hoje de manhã, e ele me pareceu bastante animado com a idéia.

– Verdade? — ela perguntou, inclinando-se para trás, duvidando.

– E eu espero que Lexie possa vir também. Você sabe como ela é importante para o pessoal desta cidade.

– Duvido que ela vá. Ela detesta esse tipo de coisa, a menos que seja absolutamente necessário. E este não me parece que seja absolutamente necessário.

— Talvez você tenha razão. Mas, de qualquer forma, como eu estava dizendo, gostaria de fazer com que esta noite nos ajudasse a dar o pontapé inicial para o fim de semana.
— Você não está esquecendo que sou contra a idéia de usar o cemitério como atração turística?
— É claro que não — ele disse. — Lembro exatamente de tudo o que você me disse. Mas você quer que a sua opinião seja ouvida ou não? Se você não aparecer, não vai haver ninguém ali para representar o seu lado nessa questão.
Dóris encarou o prefeito Gherkin demoradamente. O homem com certeza sabia que botão deveria apertar. Além disso, ele estava absolutamente certo. Se ela não fosse, já podia imaginar o que Jeremy acabaria escrevendo, se tivesse como única fonte o prefeito e os membros da assembléia da cidade. Tom estava certo: ela era a única que poderia cuidar de uma coisa dessas em tão curto espaço de tempo. Os dois sabiam que ela estivera se preparando para o passeio do fim de semana e já havia enchido a geladeira com muita comida.
— Está certo — ela capitulou. — Vou cuidar de tudo. Mas não pense nem por um segundo que vou servir todo mundo. Será tipo bufê, e vou sentar em uma mesa como todos vocês.
O prefeito Gherkin sorriu. — Eu não aceitaria se não fosse desse jeito, Dóris.

O policial Rodney Hopper estava sentado em seu carro em frente à biblioteca no outro lado da rua, pensando se devia ou não entrar e falar com Lexie. Dali ele conseguia ver o carro do Garotão da Cidade parado no estacionamento, o que significava que eles já tinham voltado de onde quer que

tivessem ido, e ele também conseguia ver luzes brilhando através da janela, no escritório de Lexie.

Conseguia imaginar Lexie em seu escritório, lendo, sentada em cima das pernas, os joelhos dobrados, enrolando as mechas de cabelo enquanto virava as páginas de um livro. Queria conversar com ela, mas o problema era que ele sabia que não tinha um bom motivo para procurá-la. Ele nunca ia até a biblioteca só para conversar porque, francamente, ele não tinha muita certeza de que ela gostaria que fizesse isso. Ela nunca tinha sugerido que poderia dar uma passada por ali só para vê-la, e sempre que ele tentava desviar a conversa nessa direção, ela mudava de assunto. De certa forma, fazia sentido, já que ela precisava trabalhar, mas, ao mesmo tempo, ele sabia que, se ela o encorajasse a visitá-la, significaria mais um pequeno passo na evolução do relacionamento deles.

Ele viu uma figura passar pela janela, e ficou pensando se o Garotão da Cidade estaria no escritório com ela.

Ele franziu a testa. Isso, sim, era de surpreender, não era? Primeiro, um almoço — algo que ele e Lexie nunca tinham feito —, e agora uma visita amigável no trabalho. Ele continuou com a testa franzida, pensando a respeito do assunto. Em menos de um dia, o Garotão da Cidade já estava botando as manguinhas de fora, não é mesmo? Bem, talvez ele tivesse de procurá-lo para outra conversinha a respeito daquela situação. Explicar as coisas para ele, de forma que o Garotão da Cidade entendesse direitinho em que pé estavam as coisas.

Naturalmente, isso significaria que a situação dele com Lexie estava em algum ponto, e nesse momento ele não tinha muita

certeza de qual era exatamente esse ponto. Até ontem, ele estava satisfeito com o relacionamento deles. Bem, está certo, talvez não estivesse completamente satisfeito. Ele preferiria que as coisas andassem um pouco mais rápido, mas essa não era a questão. A questão é que até ontem ele sabia que não havia concorrência, mas hoje os dois estavam sentados lá dentro, provavelmente rindo e fazendo piadas, divertindo-se pra valer. E ali estava ele, sentado num carro parado, olhando para eles do lado de fora.

Mas talvez Lexie e o Garotão da Cidade não estivessem juntos no escritório. Talvez Lexie estivesse fazendo... bem, seu trabalho de bibliotecária, enquanto o Garotão da Cidade estava enfiado num canto, lendo algum livro mofado. Talvez Lexie estivesse apenas sendo educada, já que o sujeito estava visitando a cidade. Ele pensou um pouco a respeito, antes de decidir que fazia sentido. Bom, todo mundo estava fazendo o que podia para que o sujeito se sentisse à vontade, certo? E o prefeito estava comandando o cumprimento dessa obrigação. Naquela manhã, quando ele estava diante do Garotão da Cidade, exatamente quando pretendia enquadrar o sujeito, o prefeito (o prefeito!) tinha ajudado o sujeito a escapar em segurança. E aí tinha dado nisso. O Garotão da Cidade e Lexie estavam colhendo flores e vendo o arco-íris juntinhos.

Mas talvez não fosse nada disso.

Ele detestava o fato de não saber o que estava acontecendo, e bem quando ele estava se preparando para ir até lá, seus pensamentos foram interrompidos por uma batida no vidro. Levou um minuto para que o rosto ficasse visível.

O prefeito. O sr. Interrupção no Momento Errado. Duas vezes já.

Rodney abaixou o vidro da janela do carro e sentiu o frio bater no rosto. O prefeito Gherkin se inclinou, usando as mãos para se apoiar.

— Aqui está o homem que eu estava procurando — disse o prefeito Gherkin. — Eu estava passando de carro quando vi você, e aí me lembrei de que vamos precisar de um representante do setor responsável pelo cumprimento da lei esta noite.

— Para quê?

— A pequena reunião, é claro. Para Jeremy Marsh, nosso ilustre visitante. Hoje à noite na Fazenda Lawson.

Rodney piscou. — Você está brincando, não está?

— Não, é claro que não. Na verdade, a essa hora o Gary já deve estar fazendo uma chave da cidade para ele, que eu encomendei.

— Uma chave da cidade — Rodney repetiu.

— É claro, não conte a ninguém sobre isso. Deverá ser uma surpresa. Mas já que isso está se tornando mais oficial, eu realmente gostaria de contar com a sua presença esta noite. A noite vai parecer mais... cerimoniosa. Eu gostaria que você estivesse do meu lado quando eu a entregasse a ele.

Rodney estufou o peito, lisonjeado. Mesmo assim, não havia a menor chance de ele sequer pensar em fazer uma coisa daquelas. — Eu acho que esse papel está mais para o meu chefe, você não acha?

– Bem, está certo. Mas nós sabemos que neste momento ele está nas montanhas, caçando. E como você é o responsável

quando ele está fora, essa é mais uma das obrigações que acabam sobrando pra você.

– Eu não sei, Tom. Eu teria de convocar alguém para me cobrir. É uma pena, mas eu realmente acho que não vou poder.

– É uma pena. Mas eu entendo. O dever é sagrado. Rodney soltou um suspiro de alívio. — Obrigado.

– Mas eu tenho certeza de que Lexie iria adorar encontrar com você.

– Lexie?

— É claro. Ela dirige a biblioteca, e isso faz dela um dos dignitários que deverão comparecer. Ora essa, eu estava justamente passando para falar com ela sobre isso. Mas eu tenho certeza de que ela vai gostar de conversar com o nosso convidado, mesmo que você não esteja lá. — O prefeito se endireitou. — Mas tudo bem, como eu já disse, eu entendo.

— Espere! — Rodney falou, a mente trabalhando acelerada, tentando recapitular. — Você disse que é hoje à noite, certo?

O prefeito acenou afirmativamente com a cabeça.

— Eu não sei onde é que eu estava com a cabeça, mas acho que o Bruce já está escalado para trabalhar, por isso eu acho que posso dar um jeito.

O prefeito sorriu. — Fico feliz em ouvir isso — ele disse. — Agora deixa eu entrar para falar com a srta. Darnell. Você não estava pensando em entrar lá para falar com ela, estava? Quer dizer, eu não me importo em esperar.

– Não — Rodney falou. — Só diga a ela que a verei mais tarde.

– Pode deixar, policial.

Depois de fornecer a Jeremy algumas informações adicionais e de passar rapidamente por seu escritório, Lexie se viu cercada por vinte crianças, algumas delas sentadas no colo de suas mães. Ela estava sentada no chão, lendo o terceiro livro. Havia um grande barulho na sala, como sempre. Em uma mesinha baixa, na lateral, foram colocados biscoitos e suco; no canto oposto da sala, algumas crianças menos interessadas na leitura estavam entretidas com os brinquedos que ela deixava nas prateleiras. Outras ainda, brincavam de pintar com as mãos em uma mesa improvisada que ela mesma havia criado. A sala era decorada com cores alegres — as prateleiras pareciam lápis de cor, sem nenhum tema especial, além do colorido. Apesar das reclamações de alguns dos voluntários e empregados mais velhos — que queriam que as crianças sentassem em silêncio para ouvir as histórias, como acontecia antes —, Lexie queria que as crianças se divertissem na biblioteca. Ela queria que elas ficassem animadas com a idéia de ir até lá, mesmo que para isso fossem necessários brinquedos, jogos e uma sala que era tudo, menos silenciosa. Ao longo dos anos, ela pôde ver dezenas de crianças que passavam um ou dois anos brincando, antes de descobrirem o prazer da leitura, mas para ela isso não era problema. Desde que continuassem a vir.

Mas hoje, enquanto estava lendo, ela sentia que sua cabeça teimava em voltar para o almoço que havia compartilhado com Jeremy. Embora não pudesse ser descrito como um encontro, essa sensação pairava no ar, o que o tornava algo

desconcertante. Relembrando os acontecimentos, ela percebeu que havia revelado muito mais coisas à respeito de si mesma do que pretendia, e ficava tentando se lembrar de como isso acontecera. E não é que ele tivesse sido intrometido. Ao contrário, simplesmente tinha acontecido. Mas por que cargas d'água ela ainda estava remoendo essas coisas?

Ela não gostava de imaginar a si mesma como uma neurótica, mas essa análise interminável era muito estranha. Além disso, disse a si mesma, tinha sido mais um passeio turístico em que ela servira de guia do que propriamente um encontro. Mas não importava o quanto se esforçasse para parar de pensar, a imagem de Jeremy continuava a surgir inesperadamente: o sorriso levemente evasivo, seu ar de divertimento com as coisas que ela dizia. Ela não conseguia evitar de se perguntar no que ele pensaria a respeito de sua vida ali, para não falar do que ele pensaria a respeito dela. Ela até havia corado quando ele disse que a achava charmosa. O que significaria tudo isso? Talvez, ela pensou, por ter falado abertamente sobre meu passado, eu esteja me sentindo vulnerável.

Ela fez uma observação mental para que isso não se repetisse. Mesmo assim...

Não fora tão ruim, tinha de admitir. Apenas uma conversa com uma pessoa nova, alguém que não conhecia todo mundo e nem sabia de tudo o que estava acontecendo na cidade, e isso era bom. Ela até havia esquecido como isso podia ser especial. E ele a tinha surpreendido. Dóris tinha razão, pelo menos em parte. Ele não era o que ela pensava que fosse. Era mais inteligente do que imaginara, e mesmo tendo uma pos-

tura fechada para qualquer possibilidade de mistério, ele compensara tudo, encarando com bom humor suas diferenças no modo de pensar e de levar a vida. Ele também era capaz de fazer ironia consigo mesmo, o que era muito charmoso.
Enquanto prosseguia com a leitura para as crianças — felizmente, o livro não era complicado —, sua mente se recusava a parar de divagar.
Certo, então ela gostava dele. Tinha de admitir. E para falar a verdade, gostaria de passar mais tempo com ele. Mas, apesar de reconhecer esse fato, continuava a ouvir aquela vozinha em sua cabeça que a alertava para não se machucar. Ela teria de tomar muito cuidado — apesar de que pareciam estar se dando bem —, pois Jeremy Marsh poderia realmente machucá-la, se ela permitisse que isso acontecesse.

Jeremy estava debruçado sobre uma série de mapas das ruas de Boone Creek, pertencentes aos anos de 1850. Quanto mais antigos, mais detalhes escritos pareciam ter, e enquanto observava como a cidade tinha mudado a cada década, mais anotações ele fazia. De vilarejo pacato incrustado junto a uma dezena de estradas, a cidade havia se expandido continuamente.
O cemitério, como ele já sabia, estava situado entre o rio e Riker's Hill; o mais importante era que ele havia percebido que se fosse traçada uma linha entre Riker's Hill e a fábrica de papel, ela passaria diretamente através do cemitério. A distância total era um pouco menor que cinco quilômetros, e ele sabia que a refração da luz era possível nessa distância, mesmo em noites nubladas. Ficou pensando se a fábrica teria

um terceiro turno, o que exigiria a manutenção das luzes acesas durante a noite. Com o volume certo de neblina e iluminação suficiente, tudo poderia ser explicado numa tacada só.

Depois de refletir, ele percebeu que deveria ter notado a relação em linha reta entre a fábrica de papel e Riker's Hill quando estivera lá em cima. Em vez disso, ficara apreciando a vista, olhando a cidade e passando o tempo com Lexie.

Ele ainda estava tentando entender a mudança repentina em seu comportamento. Ainda ontem, ela não queria nada com ele, e hoje... bem, hoje tinha sido um novo dia, não é mesmo? O diabo é que ele não conseguia parar de pensar nela, e não só da maneira mais comum, daquele jeito de pensar na pessoa que pendura a roupa do lado da sua. Ele não conseguia lembrar de quando é que isso tinha acontecido pela última vez. Com Maria, certamente, mas isso tinha sido há muito tempo. Numa outra vida, quando ele era inteiramente outra pessoa. Mas hoje a conversa tinha sido tão natural, ele havia ficado tão à vontade, que, apesar do fato de saber que tinha de terminar de estudar os mapas, tudo o que realmente queria fazer era conhecê-la um pouco melhor.

Estranho, ele pensou, e antes que percebesse o que estava acontecendo, deixou a mesa em que estava trabalhando e começou a andar na direção das escadas. Ele sabia que ela estava lendo para as crianças, e não tinha intenção de perturbá-la, mas de repente ficara com vontade de vê-la.

Ele desceu os degraus, fez a volta e foi até uma das paredes de vidro. Levou poucos minutos para localizar Lexie sentada no chão, cercada pelas crianças.

Ela fazia a leitura com muita animação, e ele sorriu ao ver as expressões de seu rosto: os olhos arregalados, o "o" que fez com a boca, o modo como se curvava para enfatizar alguma coisa que estava acontecendo na história. As mães estavam sentadas, com um sorriso no rosto. Algumas das crianças estavam completamente paradas; outras, pareciam ter tomado algum estimulante.

— Ela é realmente uma coisa, não é?

Surpreso, Jeremy virou-se para o lado. — Prefeito Gherkin. O que está fazendo aqui?

– Ora, Vim para vê-lo, é claro. E a srta. Lexie também. Pra falar do jantar de hoje à noite. Conseguimos organizar tudo. Acho que vai ficar bastante impressionado.

– Tenho certeza que sim — Jeremy falou.

— Mas como eu estava dizendo, ela é mesmo uma coisa, não é? Jeremy ficou calado, e o prefeito deu uma piscada antes de continuar.

— Eu vi o jeito como estava olhando pra ela. O homem é sempre traído pelo olhar. Os olhos sempre dizem a verdade.

— O que quer dizer isso?

O prefeito exibiu um sorrisinho irônico. — Bem , eu não sei. Por que não me conta?

– Não há nada para contar.

– É claro que não — disse o prefeito.

Jeremy mexeu a cabeça. — Escute, sr. prefeito... Tom...

— Ora, não se preocupe. Eu estava só brincando. Mas deixe eu lhe contar umas coisas sobre nossa reunião desta noite.

O prefeito Gherkin contou a Jeremy qual havia sido o local escolhido, e então lhe passou algumas indicações em relação

ao caminho. Como era de se esperar, todas baseadas no conhecimento da região. Sem dúvida, Tully devia ter lhe ensinado tudo o que sabia, Jeremy pensou.

— Você acha que vai conseguir encontrar? — o prefeito perguntou quando terminou a explicação.

— Eu tenho um mapa — Jeremy falou.

— Isso pode ajudar, mas não se esqueça de que aquelas estradas secundárias podem ficar bastante escuras. É fácil se perder se não tomar cuidado. Talvez seja melhor você vir com alguém que conheça a região.

Quando Jeremy olhou para ele com ar de interrogação, o prefeito Gherkin olhou de relance para a janela.

— Você acha que eu deveria falar com Lexie? — Jeremy perguntou.

Os olhos do prefeito piscaram. — Isso é com você. Se acha que ela pode concordar. Muitos homens a consideram uma espécie de troféu neste condado.

— Acho que ela diria sim — Jeremy falou, sentindo-se mais esperançoso que confiante.

O prefeito exibiu uma expressão de dúvida. — Acho que está superestimando suas habilidades. Mas se tem tanta certeza, então acho que minha missão por aqui está encerrada. Veja, eu vim para convidá-la pessoalmente, mas já que você acha que pode se encarregar disso, nos vemos mais à noite.

O prefeito virou-se para sair, e poucos minutos depois Jeremy viu que Lexie havia terminado. Ela fechou o livro, e enquanto os pais ficavam de pé, ele sentiu a adrenalina correndo em suas veias. Achou divertida aquela sensação de nervosismo.

Quando fora a última vez que uma coisa dessas tinha acontecido?

Algumas mães chamaram as crianças que não tinham ficado escutando, e pouco depois Lexie estava acompanhando o grupo para fora da sala infantil. Quando viu Jeremy, caminhou em sua direção.

– Presumo que esteja pronto para começar a examinar os diários — ela arriscou.

– Se você tiver disponibilidade para pegá-los — ele disse. — Ainda tenho de examinar algumas coisas nos mapas. Mas, na verdade, também tenho outra coisa para lhe dizer.

— O que é? — ela perguntou, erguendo a cabeça, surpresa. Enquanto falava, ele sentiu seu estômago se contorcendo. Coisa estranha.

— O prefeito apareceu para falar do jantar de hoje à noite na Fazenda Lawson, e ele acha que eu não vou conseguir encontrar o lugar sozinho, por isso ele sugeriu que eu levasse alguém que conheça o local. E, bem, como você é praticamente a única pessoa que conheço na cidade, estava pensando se você aceitaria ir comigo.

Por um longo minuto, Lexie não disse nada.

— Previsível — ela disse finalmente.

A resposta pegou Jeremy desprevenido.

— Desculpe?

— Ah, não você. É o prefeito e o jeito que ele tem de fazer as coisas. Ele sabe que tento evitar eventos como esse sempre que possível, a menos que tenha algo a ver com a biblioteca. Ele calculou que eu diria não se ele me convidasse, por isso

deu um jeito de fazer você me convidar. E aí está você. E aqui estou eu.

Jeremy piscou os olhos diante dessa idéia, tentando se lembrar de como tinha ocorrido exatamente, mas só lhe vinham à cabeça pedaços da conversa. Quem havia sugerido que ele fosse com Lexie? Ele ou o prefeito?

– Por que é que de repente estou me sentindo no meio de uma novela?

– Porque está. Isso se chama viver numa pequena cidade do Sul do país.

Jeremy parou, parecendo indeciso. — Você realmente acha que o prefeito já havia planejado fazer isso?

— Eu sei que ele já havia planejado tudo. Pode parecer que ele não é mais esperto do que um saco de grama, mas ele tem uma forma engraçada de fazer com que as pessoas façam exatamente o que ele quer, e ainda por cima ele as deixa pensando que foi tudo idéia delas. Por que diabos você acha que ainda está hospedado em Greenleaf?

Jeremy enfiou as mãos nos bolsos, considerando o assunto. — Bem, já que é assim, você sabe muito bem que não precisa vir comigo. Tenho certeza de que conseguirei encontrar o lugar sozinho.

Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele. — Você está me dispensando?

Jeremy estacou, sem saber o que responder. — Bom, eu só pensei que se o prefeito...

– Você quer que eu vá com você ou não? — ela perguntou.

– Claro, mas se você não...

– Então, faça o convite de novo.

– Desculpe?
— Me convide para ir com você hoje à noite. Por sua própria conta, e não use a desculpa de que precisa de alguém para lhe ensinar o caminho. Diga algo como "Eu realmente gostaria de levá-la ao jantar esta noite. Posso pegá-la mais tarde?".
Ele olhou para ela, tentando descobrir se ela estava falando sério. — Quer que eu repita essas palavras?
— Se não repetir, a idéia vai continuar a ser do prefeito e eu não vou. Mas se me convidar, tem de ser sincero, por isso use o tom de voz apropriado.
Jeremy parecia nervoso como um colegial. — Eu realmente gostaria de levá-la ao jantar esta noite. Posso pegar você mais tarde? Ela sorriu e colocou a mão em seu braço.
— Ora, sr. Marsh — ela disse, arrastando as palavras. — Eu ficaria encantada.

Minutos depois, Jeremy observava enquanto Lexie tirava os diários de uma caixa fechada na sala de livros raros, a cabeça ainda girando. As mulheres de Nova Iorque simplesmente não falavam do jeito que Lexie falava com ele. Ele não tinha certeza se ela havia tomado uma atitude sensata ou insensata ou estava no meio. *Convide-me novamente e use o tom de voz apropriado.* Que tipo de mulher fazia uma coisa dessas? E por que cargas d'água ele tinha sentido aquela obrigação?
Ele não tinha muita certeza; e, subitamente, tanto a matéria quanto a oportunidade que poderia ter na televisão, passaram a ser meros detalhes. Em vez disso, enquanto olhava para Lexie, tudo o que ele conseguia pensar era no calor que havia sentido quando ela colocara a mão suavemente em seu braço.



Capítulo

NOVE

Já estava quase anoitecendo, a neblina ficara espessa a ponto de comprometer a visibilidade, e Rodney Hopper chegara à conclusão de que a Fazenda Lawson parecia que estava prestes a acolher um *show* de Barry Manilow.

Durante os últimos vinte minutos, ele havia ficado orientando o tráfego para as vagas de estacionamento, observando com olhar incrédulo a procissão de pessoas agitadas que caminhavam para a porta de entrada. Até agora ele tinha visto o dr. Benton e o dr. Tricket, Albert, o dentista, todos os oito membros da assembléia da cidade, incluindo Tully e Jed, o prefeito e o pessoal da Câmara de Comércio, toda a diretoria da escola, todos os nove comissários do condado, o voluntariado da Sociedade Histórica, três contadores, toda a equipe do Herbs, o *barman* do Lukilu, o barbeiro e até mesmo

Toby, que ganhava a vida limpando fossas sépticas, mas que parecia muito bem-arrumado, apesar disso. A Fazenda Lawson não ficava lotada desse jeito nem na época do Natal, quando o local era superbem decorado e aberto ao público na primeira sexta-feira de dezembro.

Esta noite não era a mesma coisa. Essa não seria uma celebração na qual amigos e conhecidos se reuniriam para apreciar a companhia uns dos outros, antes da correria das festas de fim de ano. Essa festa fora feita para homenagear alguém que não tinha nada a ver com a cidade e não dava a mínima para este lugar. E o que era pior, embora estivesse ali em caráter oficial, Rodney subitamente se deu conta de que não deveria nem ter se preocupado em passar a camisa e engraxar os sapatos, pois duvidava de que Lexie iria lhe dar qualquer atenção.

Ele já estava sabendo de tudo. Depois de Dóris ter voltado para o Herbs, a fim de providenciar o envio da comida, o prefeito tinha dado uma passada e comentado a terrível novidade sobre Jeremy e Lexie, e Rachel o havia chamado imediatamente. Rachel, para ele, era uma pessoa doce a ponto de fazer essas coisas, e sempre tinha sido. Ela sabia de seus sentimentos por Lexie e não gozava dele como uma porção de gente fazia. De qualquer forma, ele ficara com a impressão de que ela também não tinha ficado muito entusiasmada com a idéia de os dois aparecerem juntos. Mas Rachel sabia esconder os próprios sentimentos melhor do que ele, e nessa hora a vontade que ele sentia era a de estar em qualquer outro lugar. Tudo o que dissesse respeito àquela noite causava-lhe mal-estar.

Principalmente o modo como a cidade inteira estava agindo. Pelo que se lembrava, esse pessoal não ficava tão agitado em relação às perspectivas para a cidade desde que o *Raleigh News & Observer* havia mandado um repórter para escrever uma história sobre Jumpy Walton, que estava tentando construir uma réplica do avião dos irmãos Wright, com o qual ele pretendia voar em comemoração ao centésimo aniversário da aviação em Kitty Hawk. Jumpy, que sempre tivera alguns parafusos soltos, havia muito tempo dizia que estava com a réplica quase pronta, mas quando abriu as portas do celeiro para mostrar orgulhosamente tudo o que havia feito, o repórter percebeu que Jumpy não tinha a menor idéia do que fizera até então. No celeiro, a tal réplica parecia uma versão torta e gigantesca de uma galinha de arame farpado e madeira compensada.

E agora a cidade estava apostando todas as suas fichas na existência de fantasmas no cemitério, e acreditando que o Garotão da Cidade traria o mundo inteiro para a soleira de suas portas por causa disso. Rodney duvidava seriamente de tudo isso. Além do mais, honestamente, ele não dava a mínima para o fato de o mundo todo vir ou não, desde que Lexie continuasse a fazer parte do *seu* mundo.

Em outro lugar da cidade, nesse mesmo instante, Lexie saía para a varanda de sua casa, enquanto Jeremy se aproximava trazendo um pequeno buquê de flores do campo na mão. Belo gesto, ela pensou, e de repente se deu conta de que estava rezando para que ele não percebesse todo o nervosismo que sentira até alguns minutos atrás.

Às vezes era difícil ser mulher, e esta noite tinha sido mais difícil que de costume. Primeiro, é claro, havia a dúvida em relação ao fato de este ser um encontro de verdade. Certamente, estava mais próximo de um encontro do que os acontecimentos da hora do almoço, mas não seria exatamente um jantar romântico para dois, e ela não tinha certeza sequer de que aceitaria um convite desse tipo. Depois, havia toda a questão da imagem, e de como gostaria de ser vista, não apenas por Jeremy, mas por todas aquelas pessoas que os veriam juntos. Acrescente-se a isso o fato de que ela se sentia muito mais confortável quando estava usando uma calça *jeans* e não tinha qualquer intenção de exibir o colo, e tudo ficara tão embolado em sua cabeça que ela finalmente entregou os pontos. Decidiu que iria apresentar um ar profissional: terno marrom e blusa em tom creme.

Mas aí vinha ele, caminhando tranqüilamente com seu ar de cantor *country,* fingindo não ter ficado minimamente preocupado com aquela noite.

— Você achou minha casa! — Lexie observou.

— Não foi muito difícil — disse Jeremy. — Você me mostrou onde ficava quando estávamos lá em Riker's Hill, lembra? — Ele lhe entregou as flores. — São pra você.

Ela sorriu ao pegar o buquê, absolutamente adorável. E *sexy* também, é claro. Mas "adorável" parecia mais apropriado.

— Obrigada — ela disse. — Como foi a pesquisa com os diários?

– Tranqüila — ele respondeu. — Não havia nada de muito espetacular naqueles que examinei até agora.

— Tenha um pouco de paciência — ela disse com um sorriso. — Quem sabe o que você poderá encontrar? — Ela aproximou o buquê do nariz. — A propósito, são lindas. Eu vou colocá-las em um vaso e pegar um casaco. Aí poderemos ir.

Ele abriu os braços. — Estarei esperando aqui mesmo. Poucos minutos depois, já no carro, eles atravessaram a cidade na direção oposta à do cemitério. Enquanto a neblina ficava cada vez mais espessa, Lexie orientava Jeremy pelas estradas, até chegarem a um caminho longo e sinuoso, com carvalhos em ambos os lados, tão antigos que pareciam ter sido plantados ali havia séculos. Embora não conseguisse ver a casa, ele diminuiu a marcha ao se aproximar de uma cerca-viva, imaginando que ela acompanhava algum caminho além da curva. Ele se inclinou sobre o volante, pensando para onde deveria virar.

— Talvez seja melhor você estacionar por aqui — Lexie sugeriu. — Duvido que você encontre algum lugar mais perto e, além disso, acho que vai ser bom ter a possibilidade de sair daqui facilmente mais tarde.

— Tem certeza? Nós ainda nem conseguimos ver a casa.

— Confie em mim — ela disse. — Por que você acha que eu trouxe este casaco?

Ele ficou pensando por alguns instantes, antes de se decidir. Por que não? Logo em seguida eles estavam seguindo pelo caminho a pé, Lexie fazendo o melhor que podia para manter o casaco sobre os ombros. Seguiram pela curva, acompanhando a cerca-viva que ladeava o caminho e,

subitamente, a velha mansão georgiana surgiu gloriosa diante de seus olhos.

A casa, entretanto, não foi a primeira coisa que Jeremy notou. O que ele viu primeiro foram os carros. Muitos carros, estacionados aleatoriamente, com a frente virada para todas as direções, como se estivessem preparados para uma fuga rápida. Muitos outros ainda estavam circulando, as luzes dos freios acendendo de vez em quando, ou então tentando ocupar espaços inacreditavelmente estreitos.

Jeremy estacou, observando a cena.

— Eu achava que esta seria uma pequena reunião entre amigos.

Lexie acenou com a cabeça. — Esta é a versão do prefeito para uma pequena reunião. Não se esqueça de que ele conhece praticamente todo mundo neste condado.

– E você sabia que isto iria acontecer?

– É claro.

– E por que não me contou que seria uma coisa assim?

— Como eu vivo dizendo, você sempre esquece de perguntar. Além disso, pensei que você soubesse.

— Como eu poderia saber que ele estava planejando uma coisa desta?

Ela sorriu, olhando na direção da casa. — E bastante impressionante, não é? Não que eu ache que você mereça.

Ele resmungou com ar divertido. — Sabe de uma coisa, eu realmente começo a gostar desse seu charme sulista.

— Obrigada. E não se preocupe com esta noite. Não vai ser tão estres-sante quanto você pensa. Todos são muito

simpáticos e, em caso de dúvida, lembre-se apenas de que você é o convidado de honra.

Dóris devia ser a banqueteira mais organizada e eficiente do mundo, pensou Rachel, já que tudo havia sido organizado sem maiores problemas e até com alguma tranqüilidade. Em vez de ter de passar a noite lavando pratos, Rachel estava saracoteando entre as pessoas, em sua primorosa cópia de vestido Chanel para festas, quando viu Rodney caminhando em direção à varanda.

Com seu uniforme impecável e bem passado, ela achava que ele ficava parecido com um oficial, como um fuzileiro naval naqueles cartazes da II Guerra Mundial pendurados no edifício dos Veteranos de Guerra, na Main Street. Muitos dos outros policiais revelavam os sinais dos salgadinhos e das cervejas na silhueta, mas Rodney, nas suas horas de folga, fazia musculação na garagem de sua casa. Ele deixava a porta da garagem aberta e, às vezes, quando voltava do trabalho, ela parava para conversar um pouco com ele, como velhos amigos que eram. Quando pequenos, tinham sido vizinhos, e sua mãe guardava fotos deles brincando juntos na banheira. Poucos amigos tinham esse tipo de lembrança.

Ela tirou o batom da bolsa e retocou os lábios, consciente de sua fraqueza em relação a ele. Haviam seguido rumos diferentes na vida, é claro, mas nos últimos anos as coisas estavam mudando. Há dois anos, no verão, acabaram sentando perto um do outro no Lukilu, e ela percebera a expressão de seus olhos enquanto ele assistia ao noticiário sobre um jovem que havia morrido em um trágico incêndio

em Raleigh. A visão de seus olhos marejados por causa da perda de um estranho tinha-a afetado de uma maneira que ela não esperava. Ela percebeu isso numa outra ocasião, na última Páscoa, quando o Departamento de Polícia patrocinou a caça ao ovo na Casa Maçônica e ele a chamou de lado para lhe contar os lugares mais ardilosos que haviam encontrado para esconder as guloseimas. Ele parecia mais excitado do que as crianças, o que provocava um contraste divertido com seus bíceps avantajados, e ela se lembrou de ter pensado que ele seria o tipo de pai que deixaria qualquer mulher orgulhosa.

Pensando bem, ela achava que tinha sido naquele momento que seus sentimentos em relação a Rodney haviam mudado. Não que tivesse se apaixonado por ele de repente, mas naquele momento ela percebeu que tinha parado de acreditar na possibilidade de que não havia nada. Não que tivesse passado a acreditar que tinha alguma chance. Rodney seria capaz de tentar alcançar a lua por causa de Lexie. Fora sempre assim, e sempre seria, e Rachel há muito tempo chegara à conclusão de que nada mudaria o que ele sentia por ela. Às vezes não era nada fácil, e havia ocasiões em que ela não se preocupava com isso. Mas, ultimamente, às vezes em que ela não se preocupava estavam se tornando cada vez mais raras, tinha de admitir.

Caminhando pelo meio das pessoas, ela se deu conta de que devia ter ficado calada, em vez de ter tocado no assunto Jeremy Marsh na hora do almoço. Ela sabia muito bem o que estava incomodando Rodney naquela hora. E parecia que, agora, a cidade inteira estava falando de Lexie e Jeremy, a começar pela dona da mercearia onde tinham comprado seu

almoço, e os comentários estavam se espalhando como fogo depois que o prefeito fez seu anúncio. Bem que ela gostaria de ir para Nova Iorque, mas ao rever mentalmente a conversa que tivera com Jeremy, foi percebendo, aos poucos, que ele podia estar simplesmente jogando conversa fora e não fazendo um convite propriamente dito. Às vezes ela avançava o sinal em situações como essa.

Mas Jeremy Marsh era simplesmente tão... perfeito.

Culto, inteligente, charmoso, famoso e, o melhor de tudo, não era dali. Não havia como Rodney competir com isso, e a desagradável sensação de que Rodney também sabia disso pulsava dentro dela. Mas Rodney, por sua vez, *estava* aqui e não pretendia ir embora, o que era um tipo diferente de vantagem, se alguém se decidisse a ver as coisas dessa forma. E, ela admitia, ele também era responsável e bonito, à sua maneira.

— Ei, Rodney! — ela disse, sorrindo.

Rodney olhou por cima do ombro. — Ei, Rach. Como vai?

– Bem, obrigada. Que festa, hein?

– Maravilha! — ele disse, sem esconder o sarcasmo no tom de voz. — Como está lá dentro?

– Muito boa. Eles acabaram de esticar a faixa.

– Faixa?

– Claro. Dando a ele as boas-vindas em nome da cidade. Escreveram o nome dele em grandes letras azuis e tudo.

Rodney soltou um suspiro, deixando o tórax um pouco murcho. — Maravilha — ele disse de novo.

— Você devia ver as coisas que o prefeito preparou para ele. Não só a faixa e a comida, mas ele também mandou fazer uma chave da cidade.

— Eu soube — Rodney falou.

— E os Mahi-Mahis também estão aqui — continuou ela, referindo-se a um quarteto vocal que cantava *a capella.* Nascidos na região, eles cantavam juntos há quarenta e três anos, e apesar de dois deles usarem andadores e outro ter um tique nervoso que o obrigava a cantar com os olhos fechados, formavam o grupo mais famoso num raio que quilômetros.

— Formidável! — disse Rodney.

Seu tom de voz deu a ela condições para mudar a conversa. — Acho que você não quer saber de nada disso, certo?

— Pra falar a verdade, não.

— Então, por que veio?

— Tom me convenceu a vir. Um dia vou aprender a descobrir o que é que ele está querendo dizer antes que ele abra a boca.

— Acho que não vai ser tão ruim — ela disse. — Quer dizer, você já viu como as pessoas estão esta noite. Está todo mundo querendo falar com ele. Acho que nem ele nem Lexie vão poder se esconder em algum canto. Aposto com você que eles não vão conseguir trocar dez palavras a noite inteira. E, só pra você saber, já guardei um prato de comida pra você, caso não consiga encontrar um tempo pra comer alguma coisa.

Rodney hesitou por alguns instantes antes de sorrir. Rachel estava sempre cuidando dele.

— Obrigado, Rach. — Pela primeira vez ele percebeu o que ela estava vestindo, e seus olhos pousaram nas pequenas

argolas de ouro penduradas em suas orelhas. — Você está muito bonita — ele acrescentou.

– Obrigada.

— Quer me fazer um pouco de companhia?

Ela sorriu. — Eu adoraria.

Jeremy e Lexie atravessaram o mar de carros estacionados diante da casa, expelindo o ar em pequenas golfadas à medida que se aproximavam da mansão. Nos degraus à frente, Jeremy viu que os casais faziam uma parada diante da porta, antes de entrar. Levou poucos minutos para ver Rod-ney Hopper parado bem na entrada. Na mesma hora Rodney também o viu, e seu sorriso transformou-se imediatamente numa carranca. Mesmo à distância, ele parecia grande, ciumento e, o mais importante, armado, impressões que causaram em Jeremy uma sensação de desconforto.

Lexie seguiu seu olhar. — Ora, não se preocupe com Rodney — ela disse. — Você está comigo.

— É por isso que estou preocupado — ele disse. — Eu tenho a impressão de que ele não está muito feliz por termos vindo juntos.

Ela sabia que Jeremy estava certo, mas felizmente Rachel estava ao lado do policial. Rachel sempre dava um jeito de acalmar Rodney, e há muito tempo Lexie vinha pensando que ela seria perfeita para ele. Porém, ainda não tinha encontrado uma maneira de dizer isso a ele sem ferir seus sentimentos. Não era o tipo de assunto a respeito do qual ela poderia conversar enquanto dançavam no Baile Beneficente do Shriners, certo?

— Se isso puder fazê-lo se sentir melhor, deixe a conversa comigo — ela disse.

— Era o que eu estava planejando fazer.

Rachel parecia iluminada ao ver que eles subiam os degraus.

– Ei, vocês dois! — ela falou. Quando eles estavam próximos, esticou o braço para alcançar o casaco de Lexie. — Adorei a sua roupa, Lex.

– Obrigada, Rachel — Lexie respondeu. — E você está o máximo também.

Jeremy não fez qualquer comentário, preferindo examinar as unhas dos dedos enquanto procurava evitar o olhar invejoso de Rodney em sua direção. O silêncio súbito fez com que Rachel e Lexie se entreolhassem, e Rachel logo entendeu a dica de Lexie para dizer alguma coisa.

— E olha só pra você sr. Jornalista Famoso — ela disse em voz alta. — Olha só, assim que puserem os olhos em você, o coração da mulherada vai bater disparado a noite inteira. — Ela exibiu um sorriso largo. — Eu odeio ter de lhe pedir isso, Lexie, mas você se importa se eu o acompanhar até lá dentro? Eu sei que o prefeito está esperando por ele.

— Absolutamente — Lexie falou, consciente de que precisava de um minuto sozinha com Rodney. Ela acenou com a cabeça para Jeremy. — Vá em frente, eu o alcanço em um minuto.

Rachel enganchou no braço de Jeremy, e antes que ele percebesse, estava sendo levado. — Agora diga, você já havia estado em uma fazenda sulista tão maravilhosa quanto esta? — Rachel perguntou.

— Acho que não — Jeremy respondeu, em dúvida se não estaria sendo atirado aos lobos.

Ao entrarem, Lexie fez um gesto de agradecimento para Rachel, que respondeu com uma piscadela.

Lexie então se virou para Rodney.

– Não é o que você está pensando — ela começou, e Rodney ergueu a mão para impedir que ela continuasse.

– Olhe — ele disse —, você não tem de explicar. Já vi isso antes, lembra?

Ela sabia que ele estava falando do sr. Renascença, e instintivamente quase lhe disse que ele estava enganado. Queria lhe dizer que não ia se deixar levar pelos sentimentos desta vez, mas sabia que já havia prometido isso antes. Fora isso o que havia dito a Rodney, afinal, quando ele tentou gentilmente avisá-la de que o sr. Renascença não tinha intenção de ficar.

— Eu gostaria de saber o que dizer — ela falou, odiando o toque de culpa no seu tom de voz.

—- Você não precisa dizer nada.

Ela sabia que não precisava. Eles não eram um casal e jamais haviam sido, mas ela guardava a estranha sensação de ser uma espécie de ex-mulher depois de um divórcio recente, com as feridas ainda abertas. Mais uma vez, ela queria apenas que ele seguisse seu caminho, mas uma vozinha a lembrou de que tinha certa responsabilidade pelo fato de a chama continuar acesa nos últimos anos, apesar de ter mais a ver com um sentimento de segurança e conforto do que com qualquer romantismo de sua parte.

— Bem, só pra você saber, eu realmente espero que as coisas voltem ao normal por aqui — ela disse.

— Eu também.

Por uns instantes, nenhum dos dois disse qualquer coisa. No silêncio, Lexie ficou olhando para o lado, desejando que Rodney não expusesse seus sentimentos dessa maneira.

— A Rachel está realmente bonita, não está? — ela comentou.

O queixo de Rodney caiu até o peito antes de ele olhar de novo para Lexie. Pela primeira vez ela via um pequeno sorriso.

— Está — ele disse. — Está mesmo.

— Ela ainda está saindo com o Jim? — Lexie perguntou, referindo-se ao homem da empresa de dedetização, a Terminix. Ela havia visto os dois na caminhonete verde, com um inseto gigante na carroceria, quando estava indo para um jantar em Greenville durante o feriado.

— Não, essa história acabou — ele respondeu. — Eles saíram apenas uma vez. Ela disse que o carro dele tinha cheiro de desinfetante, e que ficou espirrando feito louca a noite inteira.

Apesar da tensão, Lexie sorriu. — Isso é uma daquelas coisas que só poderiam acontecer com a Rachel.

— Ela já esqueceu. E não é uma coisa que a tenha deixado com medo de levar outro tombo ou coisa parecida. Ela continua tentando montar o cavalo, entende?

— Às vezes eu acho que ela só precisa escolher melhor os cavalos. Ou, pelo menos, um que não tenha um inseto gigante na carroceria.

Ele riu, dando a entender que pensava a mesma coisa. Seus olhos se encontraram por um instante, e então Lexie olhou para longe, enquanto colocava alguns fios de cabelo atrás da orelha.

– Bem, acho que é melhor eu entrar — ela disse.

– Eu sei — ele respondeu.

– Você também vem?

– Eu acho que não. Eu não tinha intenção de ficar muito tempo. Além disso, estou de plantão. O condado é bem grande para uma só pessoa, e Bruce está sozinho na rua.

Ela acenou com a cabeça. — Bom, se eu não o vir mais esta noite, tome cuidado, *o.k.?*

— Pode deixar. Até mais tarde.

Ela começou a andar para entrar na casa.

— Ei, Lexie?

Ela se virou. — Sim?

Ele engoliu em seco. — Só queria dizer que você também está bonita. A tristeza com que ele disse isso quase partiu seu coração, e ela sentiu as lágrimas umedecerem seus olhos. — Obrigada — ela disse.

Rachel e Jeremy entraram discretamente, movimentando-se pelas laterais do salão, enquanto Rachel ia mostrando os quadros que retratavam os vários membros da família Lawson, que exibiam entre eles uma surpreendente semelhança, não apenas de geração para geração, mas, o que era mais estranho, também entre os sexos. Os homens tinham traços afeminados e as mulheres tendiam a ser masculinizadas, de forma que a impressão que se tinha era a

de que todos os artistas haviam usado um mesmo modelo andrógino.

Mas ele estava gostando do fato de Rachel o manter ocupado e fora de qualquer perigo, embora se recusasse a largar o seu braço. Ouvia as pessoas falarem a respeito dele, mas ainda não estava preparado para se misturar, mesmo reconhecendo que tudo aquilo fazia com que ele se sentisse um pouquinho lisonjeado. Nate não havia conseguido reunir um décimo daquela quantidade de pessoas para assistir sua ida a um programa de televisão, e ainda tivera de oferecer bebida grátis como um estímulo para que comparecessem.

Mas essas coisas não aconteciam por aqui. Não na América das cidades pequenas, onde as pessoas jogavam bingo, freqüentavam o boliche e assistiam reprises do seriado *Matlock* na TNT. Ele não via tanto cabelo azulado e poliéster desde... bom, desde sempre; e enquanto estava avaliando toda a situação, Rachel apertou seu braço para chamar sua atenção.

– Prepare-se, querido. É hora do *show.*

– Desculpe?

Ela olhou por cima do ombro, para a agitação que aumentava atrás deles.

— Bem, prefeito Tom, como vai? — Rachel perguntou, disparando aquele sorriso hollywoodiano mais uma vez.

O prefeito Gherkin parecia ser a única pessoa no salão que estava transpirando. Sua careca brilhava com a luz, e se pareceu surpreso pelo fato de Jeremy estar com Rachel, não demonstrou.

— Rachel! Você está adorável como sempre, e, pelo que pude perceber, estava compartilhando o ilustre passado desta bela casa com o nosso convidado.

— Fazendo o melhor que posso — ela disse.

— Ótimo, ótimo. Fico feliz em ouvir isso. — Eles continuaram a tagarelar um pouco mais, antes de Gherkin ir ao ponto.

— E odeio ter de lhe pedir isso, já que você foi muito gentil contando a ele a história deste belo lugar, mas você se importa? — ele disse, gesticulando para Jeremy. — Está todo mundo ansioso, esperando para darmos início a este evento notável.

— Absolutamente — ela respondeu, e no mesmo instante a mão do prefeito substituiu a de Rachel em seu braço, conduzindo Jeremy através da multidão.

À medida que eles iam passando, as pessoas ficavam em silêncio e davam passagem, como o mar Vermelho se abrindo para Moisés. Outros arregalavam os olhos ou erguiam o pescoço para ver melhor. Todos soltavam exclamações, cochichando alto sobre *ele.*

– Eu nem sei como lhe dizer como estamos felizes por você ter conseguido chegar finalmente — disse o prefeito Gherkin, falando pelo canto da boca, enquanto mantinha o sorriso para a multidão. — Eu já estava começando a ficar preocupado.

– Talvez devêssemos esperar por Lexie — Jeremy respondeu, procurando evitar que seu rosto ficasse ruborizado. Aquilo tudo, principalmente o fato de estar sendo conduzido pelo prefeito como se fosse a rainha do baile, era um pouco demais até para uma pequena cidade da América,

para não falar que era um pouco demais até para o lado mais estranho dessa América.

– Já falei com ela, e ela vai nos encontrar lá.

– Onde, exatamente?

— Ora, você vai conhecer o resto da assembléia da cidade, é claro. Você já conheceu Jed e o Tully e os camaradas que apresentei hoje de manhã, mas ainda têm outros. E também o pessoal da administração da cidade. Como eu, eles estão muito sensibilizados com a sua visita. Muito sensibilizados. E não se preocupe — eles já prepararam todas as histórias de fantasmas. Você trouxe o gravador, não trouxe?

— Está no meu bolso.

— Ótimo, ótimo. Fico feliz em ouvir isso. E... — pela primeira vez o prefeito desviou o olhar da multidão para encarar Jeremy — imagino que esteja pensando em ir até o cemitério esta noite...

— Estou, e por falar nisso, eu queria ter certeza...

O prefeito continuou andando como se não tivesse ouvido, enquanto gesticulava e acenava para a multidão. — Bem, como prefeito, sinto que tenho a obrigação de lhe dizer que não precisa se preocupar com aqueles fantasmas. Eles são uma visão e tanto, é claro. Suficiente para fazer um elefante desmaiar. Mas, até agora, ninguém se machucou, exceto Bobby Lee Howard, mas a batida contra a placa da estrada teve menos a ver com o que ele tinha visto, do que com o fato de ele ter virado um pacote de doze garrafas de cerveja Pabst antes de pegar o volante.

— Entendo — Jeremy disse, começando a imitar o prefeito com gestos e acenos. — Vou tentar me lembrar disso.

Lexie estava esperando por ele quando encontrou os membros da assembléia. Ele respirou aliviado quando ela ficou do seu lado, enquanto era apresentado à elite do poder na cidade. A maioria foi bastante simpática — embora Jed tenha ficado de braços cruzados com a testa franzida —, mas ele não conseguiu deixar de observar Lexie com o canto dos olhos. Ela parecia absorta, e ele ficou pensando no que poderia ter acontecido entre ela e Rodney.

Jeremy não teve chance de descobrir, nem de relaxar, pelas três horas seguintes, pois o resto da noite foi muito semelhante a uma convenção política. Depois de seu encontro com os membros da assembléia — cada um deles, com exceção de Jed, parecendo ter sido preparado pelo prefeito, prometia que aquela "poderia ser a maior história de todos os tempos" e ficava lembrando que "o turismo é importante para a cidade" — Jeremy foi levado a um palco que havia sido enfeitado e exibia uma faixa com os dizeres BEM-VINDO JEREMY MARSH!

Tecnicamente, não era um palco, mas uma grande mesa de madeira coberta com uma toalha de cor púrpura brilhante. Jeremy teve de usar uma cadeira para subir, assim como Gherkin, para então se ver diante de um mar de rostos estranhos olhando para cima, em sua direção. Quando a multidão se acalmou, o prefeito fez um longo discurso elogiando Jeremy por seu profissionalismo e honestidade, como se eles se conhecessem há anos. Além disso, Gherkin não apenas mencionou sua ida ao *Primetime Live* — o que fez ressurgir os já familiares sorrisos e acenos, bem como algumas

outras interjeições —, como falou também de uma série de matérias de sucesso que ele havia escrito, inclusive uma reportagem que ele fizera para a *Atlantic Monthly* sobre pesquisas realizadas em Fort Detrick a respeito de armas biológicas. Embora às vezes parecesse apenas um caipira simplório,

Jeremy pensou, o homem realmente fizera a lição de casa e não havia dúvida de que conhecia profundamente a arte da bajulação. Ao final do discurso, Jeremy recebeu a chave da cidade e os Mahi-Mahis — que estavam em cima de outra mesa, encostada em uma parede adjacente — entraram em cena e cantaram três músicas: *Carolina in my mind, New York, New York* e, talvez a mais apropriada, o tema do filme *Os caça-fantasmas.*

Surpreendentemente, os Mahi-Mahis não eram tão ruins, apesar de ele não ter idéia de como é que eles tinham conseguido subir na mesa. A multidão adorou e, por alguns instantes, o próprio Jeremy se pegou sorrindo e apreciando a apresentação. Ele ainda estava em cima do palco e Lexie piscou para ele, o que tornava tudo aquilo ainda mais surreal.

Dali, o prefeito o levou para um canto, onde ele se sentou em uma confortável cadeira antiga, diante de uma mesa também antiga. Com a fita do gravador rodando, Jeremy passou o resto da noite ouvindo uma história atrás da outra a respeito de encontros com fantasmas. O prefeito havia organizado as pessoas em uma fila, e elas conversavam animadamente enquanto esperavam sua vez de encontrar com ele, como se ele estivesse distribuindo autógrafos.

Infelizmente, a maioria das histórias começou a se confundir. Todas as pessoas da fila alegavam ter visto as luzes, mas cada uma delas fazia uma descrição diferente. Algumas juravam que elas se pareciam com pessoas, outros diziam que pareciam luzes estroboscópicas. Um homem disse que eram extremamente parecidas com uma fantasia de Halloween, da cabeça aos pés. A mais original foi contada por um homem chamado Joe, que disse ter visto as luzes mais de meia dúzia de vezes, e ele falou com ar circunspecto quando disse que elas eram exatamente iguais à placa luminosa do Piggly Wiggly, na estrada 54, perto de Vanceboro.

Nesse meio tempo, Lexie ficara por perto, conversando com várias pessoas, e de vez em quando seus olhares se encontravam, apesar de estarem ambos envolvidos em conversas. Como se estivessem dividindo uma piada que só eles conheciam, ela sorria erguendo as sobrancelhas, a expressão no rosto que parecia estar perguntando "Você está vendo no que é que foi se meter?"

Lexie, Jeremy refletiu, não se parecia com nenhuma das mulheres com quem ele tinha saído nos últimos tempos. Ela não escondia o que estava pensando, não tentara impressioná-lo, e também não se havia deixado abalar por nada do que ele havia conquistado no passado. Em vez disso, ela parecia que apenas levava em consideração o que ele era hoje, agora, sem se apegar ao passado ou ao futuro para usar contra ele.

Essa tinha sido, agora ele percebia, uma das razões que o haviam levado a se casar com Maria. Não tinha sido apenas a explosão de emoções arrebatadoras que sentira quando fizeram amor pela primeira vez o que o havia enfeitiçado —

ao contrário, foram as coisas simples que o convenceram de que tinha de ser ela. A ausência de qualquer sinal de arrogância quando estava no meio de outras pessoas, a atitude firme com que o enfrentava quando ele fazia alguma coisa errada, a paciência com que o ouvia enquanto ele caminhava pela casa, às voltas com algum problema exasperante. E apesar de ele e Lexie jamais terem dividido qualquer probleminha do dia-a-dia, ele não conseguia afastar a idéia de que ela saberia lidar com isso, desde que fosse o que ela estivesse com vontade de fazer.

Jeremy compreendeu que ela sentia uma afeição genuína por aquelas pessoas, e parecia realmente interessada no que quer que eles estivessem falando. Seu comportamento dava a entender que não via motivos para apressar ou interromper a conversa de uma pessoa, e não tinha vergonha de rir alto quando algo a divertia. De vez em quando, ela se inclinava para abraçar alguém, e depois pegava a mão da pessoa enquanto murmurava algo do tipo "Estou tão feliz por ver você novamente". Ela não parecia achar que era diferente, nem mesmo reparar no fato de que os outros achavam, e isso fazia Jeremy se lembrar de uma tia que era sempre a pessoa mais popular nas festas da família, simplesmente porque conseguia concentrar sua atenção inteiramente nos outros.

Pouco depois, ao levantar-se para esticar um pouco as pernas, Jeremy reparou que Lexie vinha em sua direção, com um toque delicadamente sedutor no modo como movimentava suavemente os lábios. Ao observá-la, houve um momento, apenas um momento, em que a cena não parecia estar acontecendo naquela hora, mas em algum momento no

futuro, em alguma outra pequena reunião de uma longa sucessão de pequenas reuniões, numa pequena cidade sulista no meio do nada.



Capítulo DEZ

Quando a noite se aproximava do fim, Jeremy se postou com o prefeito Gherkin na varanda, enquanto Lexie e Dóris ficavam um pouco de lado.

— Eu realmente espero que esta noite tenha merecido sua aprovação — disse o prefeito Gherkin — e que tenha conseguido ver por si mesmo que oportunidade maravilhosa você pode ter em relação a essa história.

– Eu vi, obrigado. Mas não precisava ter tido todo este trabalho — Jeremy objetou.

– Bobagem — Gherkin retrucou. — Ora, é o mínimo que poderíamos fazer. Além disso, eu queria que visse do quê esta cidade é capaz quando se propõe a fazer alguma coisa. Já dá pra imaginar o que poderíamos fazer para os camaradas da televisão. É claro que você vai poder sentir um pouco mais do

sabor da cidade neste fim de semana também. A atmosfera de cidade pequena, a sensação de estar voltando no tempo ao passear pelas casas. E diferente de qualquer coisa que possa ter imaginado.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso — disse Jeremy.

Gherkin sorriu. — Bem, escute aqui, preciso cuidar de algumas coisas lá dentro. As obrigações do prefeito não acabam nunca, você sabe.

– Eu entendo — ele disse. — E, a propósito, muito obrigado por isto — Jeremy disse, erguendo a chave da cidade.

– Ah, não tem o que agradecer. Você merece. — Ele estendeu a mão para cumprimentar Jeremy. — Mas nem pense em fazer gracinhas. Não pense que vai conseguir abrir o cofre do banco com ela. É mais um gesto simbólico.

Jeremy sorriu enquanto Gherkin sacudia sua mão. Depois que o prefeito desapareceu no interior da casa, Dóris e Lexie se aproximaram de Jeremy, as duas exibindo um sorriso irônico nos lábios. Apesar disso, Jeremy não pôde deixar de notar a aparência exausta de Dóris.

– Vige — Dóris falou.

– O quê? — Jeremy perguntou.

– Você e esse seu jeito maroto de cidade grande.

– Desculpe?

– É que você devia ter ouvido o modo como algumas pessoas estavam falando de você — Dóris provocou. — Eu me sinto feliz por ter conhecido você antes disso tudo.

Jeremy sorriu, parecendo envergonhado. — Foi uma loucura, não foi?

— Eu que o diga — Dóris respondeu. — Meu grupo de estudos da *Bíblia* falou a noite toda sobre como você é bonito. Algumas delas queriam levar você pra casa, mas, felizmente, eu consegui fazer com que mudassem de idéia. Além disso, não acho que os maridos delas teriam gostado dessa idéia.

— Nem sei como lhe agradecer.

— Você conseguiu comer alguma coisa? Acho que posso conseguir alguma coisa se estiver com fome.

— Não é preciso, obrigado.

— Tem certeza? Sua noite está na verdade apenas começando, certo?

— Estarei bem — ele a tranqüilizou. No silêncio que se seguiu, ele olhou ao redor e reparou que a neblina havia se tornado ainda mais espessa. — Por falar nisso, acho que eu deveria ir agora. Detestaria perder minha grande chance de sentir uma manifestação do sobrenatural.

— Não se preocupe. Você não vai perder as luzes — Dóris falou. — Elas só aparecem bem tarde da noite, por isso você ainda tem algumas horas. — Surpreendendo Jeremy, ela se aproximou e deu-lhe um abraço cansado. — Eu só queria lhe agradecer por ter dado um jeito de falar com todo mundo. Nem todo estranho é tão bom ouvinte quanto você.

— Sem problemas. Eu gostei.

Depois que Dóris o soltou, Jeremy voltou sua atenção para Lexie, pensando que a criação que ela recebera de Dóris devia ter sido muito parecida com a que ele mesmo havia recebido de sua própria mãe.

— Está pronta pra ir?

Lexie fez que sim com a cabeça, mas continuou sem dizer uma palavra para ele. Em vez disso, beijou Dóris no rosto, disse que a veria no dia seguinte, e logo em seguida estava caminhando ao lado de Jeremy na direção do carro, o cascalho fazendo o barulho característico enquanto andavam. Ela parecia estar com o olhar perdido na distância, sem enxergar coisa alguma. Depois de alguns passos em silêncio, Jeremy cutucou-a levemente com seu ombro.

— Você está bem? Por que está tão calada?

Ela sacudiu a cabeça, virando-se para ele. — Só estava pensando em Dóris. Esta noite ela realmente ficou cansada, e apesar de eu talvez não ter razão para me preocupar, a verdade é que me preocupo com ela.

– Ela me pareceu bem.

– É, ela consegue manter as aparências. Mas precisa aprender a ir mais devagar. Ela sofreu um ataque do coração alguns anos atrás, mas gosta de fingir que isso nunca aconteceu. E, depois disto, ela também vai ter um fim de semana puxado.

Jeremy não sabia muito bem o que dizer; a idéia de que Dóris não tivesse uma saúde perfeita jamais havia lhe ocorrido.

Lexie percebeu o desconforto e sorriu. — Mas ela realmente se divertiu, disso não há dúvida. Nós duas tivemos a oportunidade de conversar com uma porção de gente que não víamos há muito tempo.

– Eu pensei que todos por aqui estivessem se encontrando o tempo todo.

– E encontramos. Mas as pessoas normalmente estão ocupadas, e não é sempre que você tem mais do que alguns

minutos para conversar à toa. Mas esta noite foi muito agradável. — Ela o olhou de relance. — E Dóris falou a verdade. As pessoas *adoraram* você.

Ela pareceu quase chocada por admitir isso, e Jeremy enfiou as mãos nos bolsos.

— Bem, você não deveria estar tão surpresa. Eu sou muito adorável, sabia?

Ela revirou os olhos, parecendo mais divertida do que incomodada. Atrás deles, a casa desaparecia ao longe enquanto eles contornavam o caminho.

— Ei, eu sei que não é da minha conta, mas como foram as coisas com Rodney?

Ela hesitou antes de finalmente sacudir os ombros. — Você tem razão. Não é da sua conta.

Ele procurou um sorriso, mas não o encontrou. — Bem, eu só perguntei porque estava pensando se você acha que seria uma boa idéia eu aproveitar a escuridão para sumir da cidade, antes que ele tenha a chance de esmagar minha cabeça com as próprias mãos.

Isso fez aparecer um sorriso. — Você vai ficar bem, não se preocupe. Além disso, estaria partindo o coração do prefeito se fosse embora. Não é todo visitante que ganha uma festa como esta ou uma chave da cidade.

— É a primeira vez na vida que ganho uma. Normalmente, recebo apenas cartas cheias de raiva.

Ela riu num tom melódico. Ao luar, seus traços eram indecifráveis, e ele se lembrou de como ela parecia cheia de animação quando estava cercada pelas pessoas da cidade.

Quando chegaram no carro, ele abriu a porta para ela. Ao entrar, ela esbarrou nele levemente, o que o fez pensar se ela teria feito isso em resposta ao modo como ele a cutucara com o ombro, ou se fizera isso sem perceber. Ele deu a volta e sentou atrás do volante, colocando as chaves na ignição, mas parou antes de ligar o motor do carro.

— O que foi? — ela perguntou.

— Só estava pensando... — ele respondeu, deixando as palavras no ar. As palavras pareciam ter ficado penduradas no carro, e ela mexeu a cabeça. — Bem que eu pensei ter ouvido alguma coisa ranger.

— Engraçadinha. O que eu estava tentando dizer é que sei que está ficando tarde, mas você não gostaria de vir comigo até o cemitério?

– Para o caso de você ficar assustado?

– Mais ou menos.

Ela olhou para o relógio, pensando... Caramba! Ela não devia ir. Não devia mesmo. Já havia aberto a guarda vindo esta noite, e ficar sozinha com ele mais algumas horas iria abrir ainda mais essa guarda. Ela sabia que daí não iria sair coisa boa, e não havia um único motivo para dizer sim. Mas antes que pudesse impedir a si mesma, as palavras saíram de sua boca.

– Eu teria de passar primeiro em casa para colocar uma roupa mais confortável.

– Tudo bem — ele disse. — Estou inteiramente de acordo com que você vista alguma coisa mais confortável.

– Aposto que sim — ela respondeu com ironia.

– Escute, não vá ficando confiada — ele disse, fazendo-se de ofendido. — Eu não acho que nós nos conhecemos bem o bastante para isso.
– Essa fala é minha — ela disse.
– Achei que tinha ouvido em algum lugar.
– Bom, use seu próprio texto da próxima vez. E só para você saber, não me venha com idéias engraçadinhas para esta noite.
– Eu não tenho idéias engraçadinhas. Sou completamente destituído de senso de humor.
– Você sabe o que eu quis dizer.
– Não — ele disse, tentando parecer inocente. — O que você quis dizer?
– Apenas dirija, está bem? Ou posso mudar de idéia.
– Está bem, está bem — ele respondeu, acionando o motor. — Nossa, você às vezes é bem atrevida.
– Obrigada. Já me disseram que é uma das minhas melhores qualidades.
– Quem lhe disse isso?
– Você quer mesmo saber?

O Taurus percorreu as ruas tomadas pela neblina, e as luzes amareladas dos postes de luz tornavam a noite ainda mais tenebrosa. Assim que chegaram na entrada de carros de sua casa, ela abriu a porta do automóvel.
— Espere aqui — ela disse, colocando uma mecha de cabelos atrás da orelha. — Não vou demorar mais do que alguns minutos.
Ele sorriu, apreciando o fato de ela estar nervosa.

— Você precisa da minha chave da cidade para abrir a porta? Teria imenso prazer em emprestá-la.
— Ora, não comece a achar que é especial, sr. Marsh. A minha mãe também recebeu uma chave da cidade.
— Estamos de volta ao "sr. Marsh" novamente? E eu aqui pensando que estávamos nos dando tão bem.
— E eu estou começando a achar que a noite lhe subiu à cabeça.
Ela saiu do carro e bateu a porta atrás dela, numa tentativa de fazê-lo entender que havia dito a última palavra. Jeremy riu, achando que ela era muito parecida com ele. Incapaz de resistir, ele apertou o botão de sua porta para abaixar o vidro do outro lado do carro. Ele se curvou por cima do banco do passageiro.
— Ei, Lexie?
Ela se virou. — O que é?
— Já que provavelmente vai estar frio, que tal trazer uma garrafa de vinho?
Ela colocou as mãos nos quadris. — Por quê? Para você me assediar por causa da bebida?
Ele sorriu. — Só se você concordar.
Ela franziu a testa, apertando os olhos. Mas, como da outra vez, parecia mais divertida que ofendida. — Eu não costumo ter garrafas de vinho em casa, sr. Marsh, mas eu diria não de qualquer forma.
— Você não bebe?
— Não muito — ela disse. — Agora, espere aí mesmo — ela avisou, apontando pra onde ele estava. — Vou só colocar uma calça *jeans.*

— Prometo que não vou nem *tentar* dar uma espiada pela janela.
— Boa idéia. Eu certamente teria de contar a Rodney se fizesse uma coisa estúpida como essa.
— Isso não me parece nada bom.
— Pode ter certeza — ela disse, tentando manter um olhar severo — de que não seria mesmo.
Jeremy observou-a enquanto caminhava até a porta, certo de que nunca tinha encontrado ninguém como ela.

Quinze minutos depois, eles estavam parando o carro em uma vaga em frente ao Cemitério de Cedar Creek. Ele estacionou num ângulo que fazia as luzes dos faróis do carro iluminarem o cemitério, e seu primeiro pensamento foi o de que até a neblina parecia diferente por ali. Era densa e impenetrável em alguns lugares e fina em outros, e a brisa muito leve fazia as plantas se mexerem discretamente, como se estivessem vivas. Os galhos pendentes das árvores de magnólias pareciam apenas sombras escuras, e as tumbas esfaceladas apenas aumentavam o efeito lúgubre. Estava tão escuro que Jeremy era incapaz de enxergar ao menos um pequeno pedaço da lua no céu.
Saindo do carro lentamente, ele abriu o porta-malas. Lexie veio dar uma espiada e ficou de olhos arregalados.
– Parece que você tem todo o material necessário para fazer uma bomba aí.
– Nada disso — ele falou. — Só algumas coisas legais. Os homens adoram seus brinquedinhos, sabia?

— Pensei que você tivesse apenas uma fumadora ou algo parecido.
— Eu tenho. Tenho quatro fumadoras.
— E por que precisa de quatro?
— Para filmar de vários ângulos, é claro. E se os fantasmas estiverem andando na direção errada, por exemplo? Eu não conseguiria pegar os rostos.
Ela ignorou o comentário. — E o que é esta coisa? — ela perguntou, apontando para uma caixa eletrônica.
— Ê um detector de radiação de microondas. E aquilo ali — ele disse, apontando para outra peça — meio que faz parte. É capaz de detectar atividade eletromagnética.
— Você está brincando.
— Não — ele faiou. — Está no manual oficial dos caça-fantasmas. Você sempre vai encontrar um aumento de atividade espiritual em áreas onde houver alta concentração de energia, e isso ajuda a detectar um campo de energia acima do normal.
— Você já registrou algum campo de energia acima do normal?
— Para falar a verdade, já. Numa casa supostamente assombrada. Infelizmente, não tinha nada a ver com fantasmas. O microondas do dono da casa não estava funcionando direito.
— Sei.
Ele olhou para ela. — Agora é você quem está roubando minhas falas.
— Desculpe. Mas isso foi tudo o que me veio à cabeça.
— Tudo bem. Eu posso entender.

– Por que é que você tem todas essas coisas?
– Porque — ele explicou —, para derrubar a possibilidade de haver fantasmas, preciso usar tudo o que é usado pelos investigadores de paranormais. Não quero ser acusado de ter deixado escapar alguma coisa, e essas pessoas têm suas regras. Além disso, parece causar mais impacto quando as pessoas lêem que você usou um detector de ondas eletromagnéticas. Elas acham que você sabe o que está fazendo.
– E você sabe?
– Claro. Eu já lhe disse, tenho o manual oficial.
Ela riu. — Então, como é que eu poderei ajudar? Você precisa que eu ajude a carregar alguma dessas coisas?
— Nós vamos usar tudo isso. Mas se você acha que isso é trabalho pra homem, eu posso lidar com tudo enquanto você cuida das unhas ou qualquer coisa do gênero.
Ela pegou uma das fumadoras, colocou-a em um dos ombros, e pegou mais uma com a outra mão.
— Está certo, sr. Machão, para onde?
— Depende. Onde você acha que deveríamos montá-la? Como você já viu as luzes, talvez tenha alguma idéia.
Ela apontou na direção da árvore de magnólias, para onde estava caminhando na primeira vez em que ele a tinha visto no cemitério.
— Bem ali. É ali que você vai ver as luzes.
Aquele ponto ficava exatamente na frente de Riker's Hill, embora a colina estivesse escondida no meio da neblina.
– Elas aparecem sempre no mesmo lugar?
– Eu não faço a menor idéia. Mas era lá que estavam quando eu as vi.

No decorrer da hora seguinte, enquanto Lexie o filmava com uma das filmadoras, Jeremy preparou tudo. Ele colocou as outras três fumadoras numa disposição triangular, montando-as sobre tripés, colocando lentes com filtros especiais em duas delas e ajustando o *zoom* até que toda a área estivesse coberta. Ele testou os controles do *laser,* e então começou a montar o equipamento de áudio. Foram colocados quatro microfones em árvores próximas, e um quinto foi colocado perto do centro, onde ele iria colocar os detectores de radiação e ondas eletromagnéticas, assim como o gravador central.

Enquanto ele fazia os testes para verificar se estava tudo em ordem, ouviu Lexie chamar por ele.

— Ei, que tal?

Virou-se e a viu com os óculos para visão noturna, parecendo um inseto gigante.

— Muito sexy — ele disse. — Acho que finalmente você descobriu seu estilo.

— Essas coisas são muito bem-feitas. Dá pra ver tudo daqui.

— Alguma coisa com que eu deva me preocupar?

— Tirando alguns ursos e pumas famintos, parece que você está sozinho.

— Bom, estou quase terminando isto aqui. Mas ainda tenho de espalhar um pouco de farinha e soltar a linha.

— Farinha? Tipo farinha de cozinha?

— Pra ter certeza de que ninguém vai mexer no equipamento. Com a farinha posso verificar se há pegadas, e a linha vai permitir que eu saiba se alguém mais se aproximar.

— Muito esperto. Mas você sabe que estamos sozinhos aqui, não sabe?

— Não dá para ter certeza nunca — ele falou.

— Ah, eu tenho certeza. Mas faça o que tem de fazer, e eu vou manter a câmera virada para a direção certa. A propósito, você está indo muito bem.

Ele deu uma risada ao abrir o pacote de farinha, que começou a espalhar em círculos ao redor das câmeras, formando uma fina camada branca. Fez a mesma coisa ao redor dos microfones e do resto do equipamento, depois amarrou a linha em um galho e formou um grande quadrado em volta de toda a área, como se estivesse cercando a cena de um crime. Passou uma segunda linha cerca de meio metro mais abaixo e depois pendurou pequenos sinos na linha. Quando ele finalmente terminou, voltou para o lugar onde estava Lexie.

— Eu não imaginava que fosse preciso fazer tanta coisa — ela disse.

— Acho que você está percebendo que mereço muito mais respeito agora, não é mesmo?

— Sinceramente, não. Eu só estava tentando bater papo.

Ele sorriu, e então apontou na direção do carro. — Eu vou desligar as luzes do carro. Espero não ter feito tudo isso à toa.

Quando ele desligou o motor do carro, o cemitério ficou completamente escuro e ele teve de esperar um pouco para que seus olhos se adaptassem. Infelizmente, isso não aconteceu, porque o cemitério parecia mais escuro que uma caverna. Ele fez o caminho de volta até o portão tateando como um cego, tropeçou numa raiz bem na entrada e quase caiu.

– Você pode me passar os óculos para visão noturna?
– Não — foi a resposta. — Como eu lhe disse, essas coisas são muito boas. Além disso, você está indo muito bem.
– Mas eu não estou enxergando nada.
– Você pode dar mais alguns passos sem o menor problema. É só ir em frente.
Lentamente, ele caminhou para a frente com os braços estendidos e então parou.
– E agora, o que é isso?
– Você está diante de uma cripta, desvie para a esquerda. — Ela parecia estar se divertindo muito com aquilo, Jeremy pensou.
– Você esqueceu de dizer "Faça tudo o que o chefe mandar".
– Quer minha ajuda ou não?
– Eu queria os meus óculos — ele quase suplicou.
– Vai ter de vir aqui e pegar.
– Você é que poderia vir até aqui me buscar.
– Poderia, mas não vou. É muito mais divertido ver você vagando feito um zumbi. Agora vá para a esquerda. Eu aviso quando for pra parar.
O jogo continuou desse jeito até que ele finalmente conseguiu chegar perto dela. Quando ele se sentou, ela tirou os óculos e os deu a ele com um sorriso irônico.
– Aqui está — ela falou.
– Puxa, muito obrigado.
– Não há de quê. Estou feliz por ter ajudado.

Durante aproximadamente meia hora, Lexie e Jeremy conversaram sobre coisas que haviam acontecido na festa.

Estava muito escuro para Jeremy ver o rosto de Lexie, mas ele estava gostando da proximidade que sentia no meio da escuridão.

Mudando o tema da conversa, ele disse: — Conte o que aconteceu quando você viu as luzes. Ouvi a história de todas as outras pessoas esta noite.

Embora seus traços não fossem nada além de sombras, Jeremy teve a impressão de que ela estava voltando no tempo para algo que não tinha certeza se queria lembrar.

— Eu tinha oito anos de idade — ela disse, a voz suave. — Eu não sei por que começara a ter pesadelos com meus pais. Dóris mantinha a foto do casamento deles na parede, e era desse jeito que eles sempre apareciam nos meus sonhos: mamãe com seu vestido de noiva e papai de *smoking.* Só que, daquela vez, eles estavam presos dentro do carro depois de terem caído no rio. Era como se eu estivesse olhando para eles do lado de fora do carro, e eu conseguia ver o pânico e o medo no rosto deles enquanto a água ia subindo. E a minha mãe ia ficando com o rosto cada vez mais triste, como se soubesse que aquele era mesmo o fim, e de repente o carro começava a afundar muito depressa, e eu ficava olhando de cima.

A voz de Lexie parecia estranhamente desprovida de emoção, e ela suspirou.

— Eu acordava gritando. Não sei quantas vezes isso aconteceu — agora parecem apenas borrões misturados em uma única lembrança —, mas deve ter se estendido durante algum tempo, até Dóris perceber que não se tratava apenas de uma fase. Imagino que se tivesse sido criada por outras

pessoas, elas teriam me levado a um psicólogo, mas Dóris... bem, ela só me acordou uma noite, já era bem tarde, e disse para eu me vestir, para colocar um casaco bem quente. E só lembro que depois disso, ela me trouxe para cá. Ela me disse que ia me mostrar uma coisa maravilhosa...

"Lembro que era uma noite como esta, e Dóris segurou minha mão para que eu não ficasse com medo. Nós caminhamos entre os túmulos e depois ficamos sentadas algum tempo até as luzes surgirem. Elas pareciam ter vida — tudo ficou muito iluminado... até as luzes simplesmente desaparecerem. Depois voltamos pra casa."

Ele quase conseguiu ouvir o tremor de seus ombros. — Apesar de eu ser muito nova, sabia o que tinha acontecido, e quando voltei pra casa, não conseguia dormir, porque tinha acabado de ver os fantasmas de meus pais. Era como se eles tivessem vindo me visitar. Depois disso, parei de ter os pesadelos.

Jeremy ficou em silêncio.

Ela se inclinou em sua direção. — Você acredita em mim?

— Sim — ele disse. — Eu realmente acredito. Sua história seria aquela que eu guardaria desta noite, mesmo que não a conhecesse.

– Bem, só pra que você saiba, prefiro que minha experiência não acabe em seu artigo.

– Tem certeza? Você pode ficar famosa.

– Eu dispenso. Estou testemunhando em primeira mão como um pouco de fama pode arruinar uma pessoa.

Ele riu. — Já que seu depoimento não será levado em consideração, posso lhe perguntar se essas lembranças fazem

parte dos motivos que a fizeram vir até aqui esta noite? Ou foi porque você queria aproveitar minha fascinante companhia?

– Bom, certamente não foi a segunda alternativa — ela disse, embora, ao pronunciar essas palavras, soubesse que tinha sido. E achou que ele também tivesse percebido, mas na pequena pausa que se seguiu, sentiu que suas palavras haviam sido ofensivas.

– Desculpe — ela disse.

– Tudo bem — ele respondeu. — Não se esqueça de que eu tinha cinco irmãos mais velhos. Insultos eram obrigatórios numa família como a nossa, por isso estou acostumado.

Ela se endireitou. — Tudo bem, mas voltando à sua pergunta... talvez eu realmente quisesse ver as luzes de novo. Para mim, elas sempre foram uma fonte de consolo.

Jeremy pegou um galho no chão e o jogou para o lado.

– Sua avó mostrou que é uma mulher inteligente. Quer dizer, fazendo o que fez.

– Ela é uma mulher inteligente.

– Aceito a retificação — ele disse, e nesse instante Lexie mudou de posição ao lado dele, como se fizesse um esforço para ver a distância.

– Acho que talvez você devesse ligar seu equipamento — ela falou.

– Por quê?

– Porque elas estão vindo. Você não percebe?

Ele estava prestes a soltar uma bravata sobre o fato de ser "à prova de fantasmas", quando percebeu que estava conseguindo enxergar não apenas Lexie, mas também as

cameras mais ao longe. E também, ele notou, o caminho até o carro. O lugar estava ficando bem iluminado, não estava?

— Alô — ela chamou. — Você está perdendo sua grande oportunidade.

Ele apertou os olhos, tentando se certificar de que seus olhos não estavam lhe pregando uma peça, depois procurou o controle remoto das três câmeras. Na distância, as luzes vermelhas se acenderam, indicando que estavam ligadas. Mesmo assim, foi tudo o que ele conseguiu fazer para registrar o fato de que alguma coisa parecia estar mesmo acontecendo.

Olhou ao redor, procurando carros que pudessem estar passando ou casas iluminadas, e quando olhou de novo para as câmeras, concluiu que certamente não estava vendo coisas. Não só as câmeras estavam visíveis, como também conseguia ver o detector de ondas eletromagnéticas no centro do triângulo que havia criado. Ele procurou os óculos de visão noturna.

— Você não vai precisar disso — ela disse.

Ele os colocou, de qualquer forma, e o mundo adquiriu um brilho fosforescente esverdeado. À medida que a luz aumentava em intensidade, a neblina parecia rodopiar e girar, adquirindo formas diferentes.

Olhou o relógio: eram onze horas, quarenta e quatro minutos e dez segundos, e ele tomou nota para não esquecer. Ficou imaginando se a lua teria aparecido subitamente — duvidava, mas poderia checar a fase depois, quando voltasse para seu quarto no Greenleaf.

Mas esses pensamentos eram secundários. A neblina, como Lexie havia previsto, continuava iluminada, e ele abaixou os óculos por um instante, observando a diferença entre as imagens. Lá fora continuava a ficar cada vez mais brilhante, mas a mudança parecia mais significativa com os óculos. Ele mal conseguia esperar para comparar as imagens gravadas lado a lado. Mas nesse momento tudo o que podia fazer era olhar bem à frente, desta vez sem os óculos.

Segurando a respiração, ele viu a neblina diante deles se tornar mais prateada, antes de mudar para um amarelado-claro, depois um branco-opaco e, finalmente, num brilho que cegava. Por um momento, só por um momento, a maior parte do cemitério ficou completamente visível — como um campo de futebol iluminado antes do grande jogo — e partes da luz envolta na neblina começaram a se mexer em pequenos círculos, antes de se espalharem para todos os lados, como se fosse uma estrela explodindo. Por um instante, Jeremy pensou ter visto a sombra de pessoas ou coisas, mas aí a luz começou a retroceder, como se estivesse sendo puxada por um cordão, de volta para o centro, e antes que percebesse as luzes haviam desaparecido, e o cemitério ficara no escuro novamente.

Ele piscou, como para se assegurar de que aquilo realmente havia acontecido, depois olhou seu relógio novamente. Tudo havia acontecido em apenas vinte e dois segundos, desde o início até o final. Apesar de saber que devia levantar para checar o equipamento, houve um breve instante em que tudo o que conseguiu fazer foi olhar fixamente para o ponto em que os fantasmas de Cedar Creek tinham aparecido.

Fraude, equívocos bem-intencionados e coincidências eram as explicações mais comuns para eventos ligados a acontecimentos sobrenaturais, e, até aquele dia, cada uma das investigações de Jeremy em relação a eventos desse tipo havia caído em uma dessas três categorias. A primeira costumava ser a explicação mais predominante nas situações em que alguém de alguma forma estava lucrando. William Newell, por exemplo, que alegava ter encontrado os restos petrificados de um gigante em sua fazenda em Nova Iorque, em 1869, uma estátua conhecida como o Gigante de Cardiff, estava nessa categoria. Timothy Clausen, o guia espiritual, era outro exemplo.

Mas a fraude também abrangia aqueles que desejavam apenas ver quantas pessoas poderiam enganar, não por dinheiro, mas só para saber se era possível. Doug Bower e Dave Chorley, os fazendeiros ingleses que haviam criado o fenômeno conhecido como círculos da plantação, eram exemplos desse tipo; o cirurgião que havia fotografado o monstro do lago Ness em 1933 era outro. Em ambos os casos, o embuste havia sido perpetrado originalmente como uma piada, mas o interesse público atingira tais proporções que dificultara qualquer confissão.

Equívocos bem-intencionados, por outro lado, eram apenas isso. Um balão meteorológico confundido com um objeto voador, um urso confundido com o Pé Grande, uma descoberta arqueológica levada para outro lugar centenas ou milhares de anos depois de ter se sedimentado no local original. Em casos como esses, a pessoa realmente vê alguma

coisa, mas sua mente extrapola o que é visto e transforma em algo totalmente diferente.

As coincidências respondiam por quase todo o resto e eram apenas uma questão de probabilidades matemáticas. Por mais improvável que possa parecer um acontecimento, desde que seja teoricamente viável, é mais do que provável que possa acontecer alguma vez, em algum lugar, com alguém. Pegue o romance de Robert Morgan, por exemplo, chamado *Futility,* publicado em 1898 — quatorze anos antes da partida do *Titanic*

— que contava a história do maior e mais grandioso navio de passageiros existente até então, que zarpou de Southampton em sua viagem inaugural para ser dividido ao meio por um *iceberg,* e cujos passageiros, ricos e famosos, acabaram morrendo em sua grande maioria no gelado Atlântico Norte, devido à falta de botes salva-vidas. O nome do navio, ironicamente, era *Titan.*

Mas o que tinha acontecido ali não se encaixava direito em nenhuma dessas categorias. Para Jeremy, as luzes não pareciam ser uma fraude ou uma coincidência, e também não eram um equívoco bem-intencionado. Havia alguma explicação em algum lugar, mas ao sentar no cemitério, na inquietação do momento, ele não tinha idéia de qual poderia ser.

Durante todo o tempo, Lexie havia permanecido sentada e não dissera uma palavra. — Muito bem? — ela perguntou finalmente. — O que achou?

— Eu ainda não sei — Jeremy admitiu. — Eu vi alguma coisa, disso tenho certeza.

— Você já tinha visto alguma coisa parecida?
– Não — ele reconheceu. — Esta foi realmente a primeira vez. Nunca tinha visto nada que me parecesse sequer remotamente misteriosa.
– É incrível, não é? — ela disse, a voz suave. — Eu quase tinha esquecido de como podia ser bonito. Já ouvi falar da aurora boreal, e fico sempre imaginando se seria algo parecido com isto.
Jeremy não respondeu. Com os olhos de sua mente, ele recriou as luzes, pensando que a maneira como elas haviam aumentado de intensidade lembrava as luzes dos faróis dos carros quando fazem uma curva. Simplesmente tinham de estar sendo provocadas por algum tipo de veículo em movimento, ele pensou. Ele olhou na direção da estrada, esperando por algum carro, mas não ficou de modo algum surpreso por não ver nenhum.
Lexie deixou que ele ficasse ali sentado em silêncio por alguns minutos, e quase conseguia ver seus pensamentos se mexendo. Por fim, ela se inclinou e tocou seu braço para que prestasse atenção a ela.
— E então? — ela perguntou. — O que vamos fazer agora?
Jeremy sacudiu a cabeça, voltando a perceber sua presença.
— Há alguma estrada aqui perto? Ou pelo menos uma rodovia importante?
— Só aquela que você pegou pra vir até aqui e que passa pela cidade.
– Hã! — foi sua resposta, com a testa franzida.
– O quê? Nenhum "sei" desta vez?

— Ainda não. Mas vou chegar lá — ele falou. Apesar da escuridão retinta, ele achou que podia vê-la sorrir. — Por que será que estou com a impressão de que você já sabe de onde elas vêm?
— Eu não sei — ela respondeu, de maneira evasiva. — Por que será?
— É só uma impressão. Se tem uma coisa que sei fazer muito bem é decifrar as pessoas. Um sujeito chamado Clausen me ensinou seus segredos.
Ela riu. — Bem, então você já sabe o que eu penso.
Ela deu a ele um segundo para pensar a respeito, e depois se inclinou para a frente. Seus olhos escuros eram sedutores, e embora sua mente talvez estivesse em algum outro lugar, mais uma vez ele vislumbrou a imagem dela na festa e lembrou de como ela estava bonita.
— Você não se lembra da minha história? — ela sussurrou. — Eram os meus pais. Eles provavelmente queriam conhecer você.
Talvez fosse a voz de órfã que ela havia usado para dizer isso — ao mesmo tempo triste e esperançosa — o que mexera com ele, mas ao sentir um nó na garganta, teve de se controlar para não tomá-la nos braços naquele instante, na esperança de poder segurá-la junto de si para sempre.

Meia hora depois, após ter carregado o equipamento, eles estavam de volta diante da casa de Lexie.
Nenhum dos dois dissera muita coisa no caminho de volta, e quando chegaram diante da porta, Jeremy percebeu que tinha passado muito mais tempo pensando em Lexie do que nas

luzes durante todo o trajeto da volta. Ele não queria que a noite acabasse, ainda não.

Lexie parou em frente à porta e levou uma das mãos à boca para abafar um bocejo, antes de irromper num sorriso envergonhado.

– Desculpe — ela disse. — Não costumo ficar acordada até tão tarde.

– Tudo bem — ele respondeu, encarando seu olhar. — Eu me diverti muito esta noite.

– Eu também — ela disse, com sinceridade.

Ele deu um pequeno passo à frente, e quando ela percebeu que ele estava pensando em beijá-la, fingiu que procurava alguma coisa no bolso do casaco.

– Acho que poderíamos dizer que foi uma noite e tanto — ela falou, esperando que ele tivesse entendido o recado.

– Tem certeza? Poderíamos entrar e assistir as fitas, se você quiser. Talvez você pudesse me ajudar a descobrir o que são realmente essas luzes.

Ela desviou o olhar, com uma expressão pensativa.

– Por favor, não estrague tudo isso, está bem? — ela sussurrou.

– Estragar o quê?

– Isso... tudo... — ela fechou os olhos, tentando conciliar seus pensamentos. — Tanto você quanto eu sabemos por que você quer entrar, mas mesmo que eu quisesse, eu não permitiria. Por isso, por favor, não insista.

– Eu fiz alguma coisa errada?

— Não. Você não teve a intenção de fazer nada errado. O dia foi ótimo, na verdade acho que foi maravilhoso. Há muito tempo eu não tinha um dia tão bom como o de hoje.

— Então, o que foi?

— Você está me cortejando desde que chegou aqui, e nós sabemos o que aconteceria se eu o deixasse passar por essa porta. Mas você vai embora. E quando for, eu é que vou sair machucada dessa história. Então, por que começar algo que você não tem a menor intenção de terminar?

Se fosse outra pessoa, com qualquer outra pessoa, ele teria feito algum comentário irreverente ou mudado de assunto até descobrir outra forma de atravessar aquela porta. Mas ao olhar para ela na varanda, ele não conseguiu encontrar as palavras. E, estranhamente, também não queria.

— Você está certa — ele admitiu, e forçou um sorriso. — Vamos dizer que foi uma bela noite. Eu certamente vou descobrir de onde estão vindo aquelas luzes, de qualquer forma.

Por um segundo, ela não teve certeza se tinha escutado direito, mas quando ele deu um passo para trás, ela encontrou seu olhar.

— Obrigada.

— Boa noite, Lexie.

Ela acenou com a cabeça e depois de fazer uma pausa estranha, virou-se para abrir a porta. Jeremy encarou aquilo como um sinal para ir embora e desceu os degraus da varanda, enquanto Lexie pegava as chaves para abrir a porta. Já estava com um pé do lado de dentro quando o ouviu chamar.

— Ei, Lexie? — ele gritou.

Em meio à neblina, ele era apenas um borrão.

— Sim?

— Eu sei que você pode não acreditar, mas a última coisa que eu gostaria de fazer seria magoá-la, ou fazer qualquer coisa para deixar você arrependida de ter me conhecido.

Embora não pudesse evitar um leve sorriso com esse comentário, ela entrou sem dizer uma palavra. A falta de resposta dizia tudo, e pela primeira vez em sua vida, Jeremy não apenas estava desapontado consigo mesmo, mas de repente sentiu vontade de ser uma pessoa completamente diferente.



Capítulo

ONZE

A neblina tinha começado a se desfazer, os pássaros cantavam e um guaxinim passava correndo pela varanda do chalé quando o celular de Jeremy tocou. A luz forte do início da manhã atravessava as cortinas rasgadas, atingindo-o no olho como o soco de um lutador de boxe.

Uma olhada rápida para o relógio mostrou que eram oito horas da manhã, muito cedo ainda para falar com alguém, principalmente depois de ter passado a noite em claro. Ele estava ficando velho demais para noites desse tipo, e piscou muitas vezes os olhos antes de pegar o telefone.

— É bom que seja importante — ele resmungou.

— Jeremy? É você? Por onde é que você tem andado? Por que é que você não telefonou? Estou tentando falar com você!

Nate, Jeremy pensou, fechando os olhos novamente. Pelo amor de Deus, Nate.

Enquanto isso, Nate continuava a falar. Ele devia ser algum parente perdido do prefeito, Jeremy concluiu. Se alguém tivesse a idéia de colocar esses dois numa sala e os ligasse a um gerador enquanto falavam, iriam gerar energia para iluminar o Brooklyn durante um mês.

— Você disse que iria manter contato!

Jeremy forçou-se a sentar direito na beirada da cama, apesar de seu corpo estar dolorido.

– Desculpe, Nate — ele disse. — Eu fiquei totalmente ocupado, e a recepção não foi muito boa por aqui.

– Você precisa me manter informado! Passei o dia inteiro tentando ligar para você ontem, mas caía direto na caixa postal. Você nem vai acreditar no que está acontecendo. Estou sendo cercado por produtores de todas as partes, cheios de idéias sobre coisas que você poderia querer discutir. E as coisas estão realmente caminhando. Um deles sugeriu que você faça uma matéria sobre essas dietas à base de proteínas. Você sabe, aquelas que dizem que você pode comer todo o bacon e carne que quiser e mesmo assim perder peso.

Jeremy sacudiu a cabeça, tentando acompanhar.

– Espere aí! Do que é que você está falando? Quem é que quer que eu fale o quê sobre que dieta?

– O *Good Morning America.* De quem você acha que eu estava falando? È claro que eu disse a eles que daria a resposta depois, mas acho que tem tudo a ver com você.

Esse cara às vezes o deixava com dor de cabeça, e Jeremy passou a mão pela testa.

– Não estou interessado em falar de uma nova dieta, Nate. Eu sou um jornalista científico, não sou a Oprah Winfrey.

– Então você pode fazer as coisas do seu jeito. Não é isso o que você costuma fazer? E as dietas têm algo a ver com química e ciência. Estou certo ou estou certo? Diabo, você sabe que eu estou certo, e você me conhece — quando estou certo, estou certo. Além disso, só estou falando de algumas idéias...

– Eu vi as luzes — Jeremy falou, interrompendo o que ele dizia.

– Quer dizer, se você tiver alguma idéia melhor, podemos conversar. Mas estou voando às cegas por aqui, e essa coisa de dieta pode ser uma forma de você colocar o pé...

— Eu vi as luzes — Jeremy falou novamente, erguendo a voz.

Desta vez Nate o ouviu. — Você está falando das luzes no cemitério? — ele perguntou.

Jeremy continuou a esfregar as têmporas. — Sim, essas luzes.

— Quando? Por que você não telefonou pra mim? Isso sim é material para trabalhar. Por favor, diga que você filmou tudo.

— Filmei, mas ainda não vi as fitas, por isso não sei como ficaram as imagens.
— Então as luzes existem?
— Sim. Mas eu acho que descobri de onde estão vindo.
— Então não existem...
— Escute, Nate. Eu estou cansado, por isso preste atenção por um minuto, está bem? Eu fui até o cemitério ontem à noite e vi as luzes. E, honestamente, entendo porque algumas pessoas acham que são fantasmas, por causa do modo como aparecem. Há uma lenda muito interessante ligada a elas, e a cidade até programou um passeio no fim de semana para capitalizar em cima disso. Mas, depois que deixei o cemitério, sai à procura da fonte e tenho quase certeza de que encontrei. Tudo o que tenho a fazer é descobrir como e porque acontece, mas também tenho algumas idéias a respeito disso, e acredito que talvez consiga descobrir ainda hoje.
Nate, numa atitude rara, ficou em silêncio. Porém, como profissional treinado que era, recuperou-se rapidamente.
— Está bem, está bem, me dê apenas um minuto para pensar na melhor maneira de mostrar esse material. Estou pensando nesses caras da televisão...
Em quem mais ele poderia pensar? Jeremy avaliou.
— Está bem, que tal isto? — e Nate continuou. — Abrimos com a lenda propriamente dita, meio que criando o clima. Cemitério com neblina, *close-up* em alguns dos túmulos, talvez uma tomada rápida de um corvo bem agourento, sua voz como pano de fundo...

O homem realmente era um mestre nos clichês de Hollywood, e Jeremy olhou para o relógio novamente, concluindo que era muito cedo para isso.

— Estou cansado, Nate. Que tal isto? Você pensa um pouco mais e depois me conta, certo?

— Tudo bem, tudo bem, eu faço isso. É pra isso que estou aqui, certo? Pra facilitar sua vida. Ei, você acha que eu deveria ligar para o Alvin?

— Ainda não tenho certeza. Deixe-me ver as fitas primeiro, e depois eu falo com o Alvin e vejo o que ele acha.

— Está certo — disse Nate, a voz cheia de entusiasmo. — Bom plano, boa idéia! E essa foi uma ótima notícia! Uma verdadeira história de fantasmas! Eles vão adorar! Eu falei pra você que eles estavam animados com a idéia, não falei? Acredite, eu disse a eles que você ia trazer essa história e que você não teria interesse em falar sobre a última dieta da moda. Mas agora que nós temos material pra barganhar, eles vão ficar malucos. Eu mal consigo esperar para falar com eles, e escute aqui, eu vou ligar de volta para você daqui a algumas horas, por isso mantenha seu telefone ligado. As coisas podem andar muito depressa... — Tchau, Nate. Falo com você mais tarde.

Jeremy voltou para a cama e cobriu a cabeça com o travesseiro. Descobriu que seria impossível pegar no sono de novo, e soltou um rugido enquanto ia até o banheiro, fazendo o possível para ignorar as criaturas empalhadas que pareciam atentas a todos os seus movimentos. Mas ele já estava se acostumando com elas, e, enquanto se despia, pendurou a toalha nas patas estendidas de um texugo, imaginando que

não havia problema algum em aproveitar a pose conveniente dos animais.

Entrando no *box* do chuveiro, ele abriu a torneira no máximo e ficou embaixo do jato d'água durante vinte minutos, até sua pele ficar enrugada. Só então ele começou a se sentir vivo de novo. Tendo dormido menos de duas horas, qualquer pessoa teria essa sensação.

Depois de vestir sua calça *jeans,* ele pegou as fitas e entrou no carro. A neblina cobria a estrada como fumaça de gelo seco no palco de um concerto de *rock,* e o céu ainda tinha os mesmos tons desagradáveis do dia anterior, levando-o a suspeitar de que as luzes iriam aparecer de novo nessa noite. Isso não apenas significava um bom presságio para os turistas deste fim de semana, mas também significava que ele deveria ligar para Alvin. Mesmo que as fitas tivessem ficado boas, Alvin fazia mágicas com uma câmera, e poderia captar imagens que sem dúvida deixariam os dedos de Nate gastos de tanto fazer telefonemas.

O primeiro passo, entretanto, era ver o que haviam captado as câmeras, mesmo que fosse apenas para ver se tinham captado qualquer coisa. Como era de se esperar, não havia aparelho de videocassete em Greenleaf, mas ele tinha visto um na sala de livros raros, e enquanto dirigia pela estrada tranqüila que levava até a cidade, ficou pensando qual seria a atitude de Lexie em relação a ele quando chegasse lá. Será que adotaria uma postura profissional e distante? Os bons sentimentos compartilhados durante o dia anterior iriam prevalecer? Ou ela lembraria apenas os últimos momentos na varanda, quando ele forçara um pouco as coisas? Ele não tinha idéia do

que iria acontecer, embora tivesse passado boa parte da noite tentando adivinhar.

Ele certamente havia descoberto a fonte da luz. Como muitos outros mistérios, não tinha sido tão difícil de resolver; sabendo o que procurar, e depois de uma rápida olhada no *website* da NASA, eliminara qualquer outra possibilidade. A Lua, ele descobriu, não poderia ser responsável pelas luzes. Estavam, na verdade, na lua nova, quando a Lua fica encoberta pela sombra da Terra, e ele secretamente suspeitava de que as luzes misteriosas aconteciam nessa fase em particular. Fazia sentido: sem a luz do luar, até os traços mais sutis de qualquer outra luz ficariam muito mais evidentes, especialmente quando se refletissem nas gotículas de água da neblina.

Mas enquanto estava ali, parado no ar frio, com a resposta ao seu alcance, não conseguia parar de pensar em Lexie. Parecia impossível que ele só a tivesse conhecido há dois dias. Não fazia sentido. É claro que Einstein havia afirmado que o tempo era relativo, e ele imaginou que isso talvez pudesse ser uma explicação. Como era mesmo aquele ditado sobre a relatividade? Um minuto com uma bela mulher passaria num instante, mas um minuto com a mão colocada em uma chapa queimando iria parecer uma eternidade? Sim, ele pensou, era isso. Ou quase, de qualquer forma.

Ele se arrependeu novamente de sua atitude na varanda, desejando pela centésima vez ter se conformado com a dica para ir embora, em vez de ter cogitado beijá-la. Ela havia deixado claro o que estava sentindo e ele simplesmente ignorara. Normalmente, o velho Jeremy já teria esquecido

isso, descartando a história toda como um acontecimento sem importância. Mas, por algum motivo, desta vez não estava sendo tão fácil.

Ele certamente tivera muitos encontros, e não poderia ser chamado exatamente de eremita depois que Maria o havia deixado, mas poucas vezes tinha feito algo como passar-o-dia-inteiro-conversando-com-alguém. Em geral, um jantar ou alguns drinques e uma conversa recheada com palavras sedutoras bastavam para soltar a inibição antes da parte boa. Uma parte dele sabia que já estava na hora de adotar uma postura mais madura no que dizia respeito a seus encontros, talvez até tentar sossegar e levar uma vida como a de seus irmãos. Com o que eles concordavam inteiramente, bem como, é claro, suas esposas. Todos eram unânimes na opinião de que ele deveria conhecer as mulheres antes de tentar dormir com elas, e chegaram até a arranjar um encontro com uma vizinha divorciada que também pensava assim. E é claro que ela não aceitara o convite para um segundo encontro, em parte por causa de seus avanços no primeiro. Nos últimos anos, simplesmente parecia mais fácil se não conhecesse as mulheres muito bem, poderia mantê-las no reino das perpétuas estranhas, quando elas ainda podiam projetar nele esperança e potencial.

E aí é que estava o problema. Não havia esperança ou potencial. Pelo menos, não em relação ao tipo de vida em que seus irmãos e cunhadas acreditavam, nem mesmo, era o que suspeitava, em relação ao tipo de vida que Lexie queria. Seu divórcio de Maria havia provado. Lexie era uma garota de cidade pequena com sonhos de cidade pequena, e não seria

suficiente ser fiel e responsável e ter coisas em comum. A maioria das mulheres queria algo mais, um tipo de vida que ele não poderia proporcionar. Não porque não quisesse, nem porque estivesse apaixonado pela vida de solteiro, mas simplesmente porque era impossível. A ciência podia responder a uma série de perguntas, a ciência podia resolver uma série de problemas, mas não podia mudar sua realidade. E a realidade era que Maria o havia deixado por que ele não era, e jamais poderia ser, o tipo de marido que ela queria.
É claro que ele jamais admitiria essa dolorosa verdade para alguém. Nem para seus irmãos, nem para seus pais, nem para Lexie. E, normalmente, mesmo nos momentos mais solitários, nem para si mesmo.

Apesar de a biblioteca estar aberta, Lexie ainda não havia chegado, e ele sentiu uma dolorosa sensação de desapontamento ao abrir a porta do escritório e ver a sala vazia. Mas ela já havia passado por ali mais cedo: a sala de livros raros estava destrancada, e quando ele acendeu a luz, viu um bilhete sobre a mesa, junto com os mapas de topografia que havia mencionado. O bilhete tinha apenas duas linhas:

Estou cuidando de alguns assuntos pessoais.
Fique à vontade para usar o videocassete.
Lexie

Nenhuma menção ao dia anterior ou à noite, nenhuma menção quanto a querer vê-lo novamente. Nem mesmo

algum tipo de cumprimento acima da assinatura. Não era um bilhete absolutamente frio como os bilhetes costumam ser, mas também não transmitia qualquer mensagem calorosa.

Mas, quem sabe, ele estivesse exagerando. Ela podia estar com pressa logo de manhã, ou talvez tivesse escrito pouco porque pretendia voltar logo. Ela falou que era pessoal, e no que diz respeito às mulheres, isso podia significar qualquer coisa — desde uma consulta médica até comprar um presente de aniversário para uma amiga. Simplesmente não havia o que dizer.

Além disso, ele disse a si mesmo, tinha de trabalhar. Nate estava esperando e sua carreira estava em jogo. Jeremy obrigou-se a pensar apenas em encontrar o final da história.

Os gravadores de áudio não haviam captado qualquer som incomum, e nem o detector de ondas eletromagnéticas ou de microondas haviam registrado a menor variação de energia. As fitas de vídeo, entretanto, haviam captado tudo o que ele vira na noite anterior, e ele assistiu as imagens uma dúzia de vezes de todos os ângulos. As cameras com capacidade especial para filtrar a luz mostravam a neblina brilhante mais vividamente. Embora as fitas pudessem fornecer imagens suficientemente boas para sua coluna, estavam muito abaixo da qualidade exigida pela televisão. Quando vistas em tempo real, tinham um ar de vídeo caseiro que o lembrava daquelas fitas grosseiras oferecidas como prova de acontecimentos sobrenaturais. Ele redigiu uma nota para se lembrar de comprar uma camera de verdade, não importava o quanto seu editor pudesse reclamar por causa disso.

Mas, apesar de as fitas não terem a qualidade que ele esperava, observando a maneira como as luzes tinham mudado durante os vinte e dois segundos em que ficaram visíveis, ele teve a certeza de que havia realmente encontrado a resposta. Ele tirou as fitas do aparelho, analisou os mapas topográficos e calculou a distância entre Riker's Hill e o rio. Comparou as fotografias que havia tirado do cemitério com fotos do cemitério encontradas em livros a respeito da história da cidade, e chegou à conclusão do que seria uma estimativa mais ou menos exata do grau de afundamento do cemitério. Embora não conseguisse encontrar mais nenhuma informação na lenda de Hettie Doubilet — os registros daquele período não revelavam muita coisa sobre o assunto —, ele telefonou ao departamento estadual de saneamento para falar do reservatório subterrâneo naquela parte do estado, e também para o departamento de minas, que tinha informações a respeito das pedreiras do início do século. Depois disso, digitou algumas palavras numa ferramenta de busca da internet em busca das escalas de atividades de que ele precisava; e finalmente, depois de ficar esperando durante dez minutos, conseguiu falar com um sr. Larsen na fábrica de papel, que estava ansioso para colaborar da forma que pudesse.

E, com isso, todas as peças haviam se juntado de maneira que ele poderia definitivamente provar sua teoria.

A verdade estivera diante de todos o tempo todo. Como quase todos os mistérios, a solução era simples, o que o fez pensar por que ninguém havia percebido antes. A menos, é claro,

que alguém tivesse percebido; o que abria a porta para um ângulo completamente diferente da história.

Nate, sem dúvida, ficaria excitado, mas apesar do sucesso daquela manhã, Jeremy não se sentia muito realizado. Ao contrário, tudo o que conseguia pensar era que Lexie não estava por ali para lhe dar os parabéns ou para provocá-lo. Honestamente, ele não se importava com a reação que ela teria, desde que estivesse ali para reagir, e ele se levantou da cadeira para olhar de novo seu escritório.

Parecia praticamente idêntico ao dia anterior. Pilhas de documentos ainda estavam sobre sua mesa, livros espalhados ao acaso, e a proteção de tela de seu computador exibia desenhos coloridos. A secretária eletrônica, piscando por causa das mensagens, ficava perto de um vaso com uma pequena planta.

Ainda assim, ele não conseguia afastar a sensação de que, sem Lexie, a sala podia muito bem estar completamente vazia que não faria a menor diferença.



Capítulo

DOZE

Meu grande homem! — Alvin gritou do outro lado do aparelho. — A vida está tratando bem de você aí no Sul?

Apesar da estática no celular de Jeremy, Alvin parecia extremamente animado.

– Estou bem. Estou ligando para saber se você ainda está com vontade de vir pra cá, para me dar uma ajuda.

– Já estou juntando meu equipamento — ele respondeu, parecendo um pouco sem fôlego. — Nate me ligou faz uma hora e me contou tudo. Encontro você hoje à noite no Greenleaf — Nate já fez a reserva. Bom, de qualquer forma, meu vôo sai daqui a algumas horas. E acredite, mal posso esperar. Mais alguns dias por aqui e sou capaz de ficar louco.

– Do que é que você está falando?

– Você não tem lido os jornais ou assistido televisão?

– Claro. Não perdi um único número da *Boone Creek Weekly.*

– O quê?

– Esqueça — Jeremy falou. — Nada importante.

– Bom, de qualquer forma, tem sido uma nevasca só desde que você foi embora — Alvin informou. — E estou falando de um cenário parecido com o do Pólo Norte. Manhattan está praticamente enterrada na neve.

Você saiu daqui na hora certa. Hoje é o primeiro dia, desde que você foi embora, que os vôos estão saindo mais ou menos de acordo com a programação. E ainda tive de mexer uns

pauzinhos para conseguir um lugar nesse vôo. Como é que você não está sabendo dessas coisas?

Enquanto Alvin falava, Jeremy teclou alguns comandos no computador e entrou num *site* de meteorologia na internet. No mapa que abrangia todo o país, o Nordeste era uma mancha branca.

Vige, ele pensou. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

— Acho que tenho andado muito ocupado — ele disse.

— Escondido, você quer dizer — falou Alvin. — Mas, espero que ela valha a pena.

— Do que é que você está falando?

— Nem pense que pode me enganar. Somos amigos, lembra? Nate estava em pânico porque não conseguia encontrar você, você não tem lido os jornais, e também não tem acompanhado o noticiário. Nós dois sabemos o que isso significa. Você sempre fica desse jeito quando conhece alguém.

— Escuta, Alvin...

— Ela é bonita? Aposto que é linda, não é? Você sempre consegue achar ouro. Até me vira o estômago.

Jeremy hesitou antes de responder, e acabou desistindo. Se Alvin estava a caminho, logo iria descobrir tudo, de qualquer forma.

– É, ela é bonita. Mas não é nada do que você está pensando. Somos apenas amigos.

– Claro — ele respondeu, gargalhando. — Mas há uma pequena diferença entre o que você chama de amigo e o que eu considero um amigo.

– Não desta vez — Jeremy falou.

– Ela tem alguma irmã? — Alvin perguntou, ignorando o comentário.

– Não.

— Mas tem amigas, certo? E espero que você se lembre de que não estou interessado na feia.

Jeremy sentiu que a dor de cabeça estava voltando, e sua voz adquiriu um tom mais impaciente. — Eu não estou muito a fim desse papo, está bem?

Alvin fez uma pausa do outro lado. — Ei, o que foi que aconteceu? Eu estava apenas brincando.

– Algumas das suas brincadeiras não são engraçadas.

– Você está gostando dela, não está? Quer dizer, está gostando muito.

– Eu disse que nós somos apenas amigos.

– Eu não acredito nisso. Você está ficando apaixonado.

– Não — Jeremy respondeu.

– Ei, cara, eu te conheço. Nem tente negar. E eu acho isso incrível. Estranho mas incrível. Mas, infelizmente, tenho de cortar o papo, pois tenho de pegar o avião. O trânsito está terrível, como você pode imaginar. Mas eu mal posso esperar para ver a mulher que finalmente te dominou.

– Ela não me dominou — Jeremy protestou. — Por que é que você não ouve o que digo?

– Estou ouvindo — Alvin falou. — Só que estou ouvindo as coisas que você não está dizendo.

– Tá certo, tudo bem. Quando é que você chega?

– Acho que por volta das sete da noite. Vejo você mais tarde. E, a propósito, dê um alô por mim, está bem? Diga a ela

que estou morrendo de vontade de conhecê-la e a amiga dela...

Jeremy encerrou a conversa antes que Alvin terminasse de falar e, como se quisesse esquecer totalmente o assunto, enfiou o telefone no bolso.

Não admira que o tivesse deixado desligado. Devia ter sido uma decisão tomada pelo subconsciente, baseada no fato de que seus amigos tinham uma tendência para irritá-lo às vezes. Primeiro, tinha sido o Nate, movido a pilha alcalina e sua inesgotável busca pela fama. E agora isso.

Alvin não tinha a mínima idéia do que estava falando. Eles podiam ser amigos, eles podiam ter passado muitas noites de sexta olhando para as mulheres por cima dos copos de cerveja, podiam ter conversado a respeito de coisas da vida durante horas, e, lá no fundo, Alvin talvez acreditasse sinceramente que estava certo. Mas não estava, simplesmente porque não podia estar.

Os fatos, afinal de contas, falavam por si mesmos. Em primeiro lugar, Jeremy não se apaixonava por uma mulher há anos, e apesar de fazer muito tempo, ainda conseguia se lembrar de como se sentira então. Ele tinha certeza de que reconheceria esse sentimento novamente, e francamente, isso não tinha acontecido. E considerando o fato de que ele tinha acabado de conhecer aquela mulher, a idéia toda parecia absurda. Nem mesmo sua mãe, com toda a sua profunda emotividade italiana, conseguiria acreditar que o verdadeiro amor pudesse surgir da noite para o dia. Como seus irmãos e cunhadas, tudo o que ela queria era que ele casasse e constituísse uma família, mas se ele aparecesse em sua casa e

dissesse que dois dias atrás tinha encontrado alguém e sabia que era a pessoa de sua vida, sua mãe lhe daria uma surra com a vassoura, diria uma porção de palavrões em italiano, e o mandaria para a igreja, acreditando sinceramente que ele tinha pecados graves para confessar.

Sua mãe conhecia os homens. Tinha casado com um, criara seis meninos, e achava que já tinha visto tudo. Sabia exatamente como os homens costumavam pensar quando se tratava de mulheres, e apesar de acreditar mais no bom senso do que na ciência, tinha uma opinião extremamente racional em relação ao amor, e não acreditava que fosse possível acontecer em apenas alguns dias. O amor poderia ser *colocado em movimento* rapidamente, mas o verdadeiro amor precisava de tempo para se transformar em algo forte e duradouro. O amor era, acima de tudo, compromisso e dedicação, era acreditar que o passar dos anos com uma determinada pessoa iria criar algo maior do que a soma daquilo que ambas poderiam conquistar separadamente. Somente o tempo, contudo, poderia mostrar se a sua avaliação estava correta.

O desejo, em contrapartida, poderia acontecer quase que instantaneamente, e era por isso que sua mãe lhe teria dado uma sova. Para ela, era fácil descrever o desejo: duas pessoas percebem que têm afinidades, a atração aumenta e o instinto ancestral para a preservação da espécie entra em cena. Tudo isso queria dizer que, apesar de o desejo ser uma possibilidade, ele não poderia estar sentindo *amor* por ela.

Então era isso. Caso encerrado. Alvin estava errado, Jeremy estava certo, e mais uma vez a verdade o libertara.

Por um momento, ele sorriu satisfeito, mas sua testa logo começou a ficar franzida.

E mesmo assim...

Bom, o problema era que também não parecia ser apenas uma questão de desejo. Não esta manhã, de qualquer forma. Porque muito mais do que tê-la nos braços ou beijá-la, ele simplesmente ansiava por vê-la novamente. Para passar o tempo com ela. Para falar com ela. Queria ver novamente o jeito como ela revirava os olhos quando dizia alguma coisa ridícula, queria sentir sua mão em seu braço, como no dia anterior. Queria ver como ela colocava mechas de cabelo atrás da orelha quando estava nervosa, e ouvir as histórias que ela contava a respeito de sua infância. Queria lhe perguntar a respeito de seus sonhos e esperanças para o futuro, saber seus segredos.

Mas essa não era a parte mais estranha. O mais estranho era que ele não conseguia compreender qual seria o motivo oculto para seus impulsos. É claro que ele não se recusaria a dormir com ela, se ela quisesse, mas mesmo que ela não quisesse, só o fato de passar o tempo com ela seria suficiente por enquanto.

Lá no fundo, ele simplesmente sentia falta de um motivo oculto. Ele já havia tomado a decisão de nunca mais colocar Lexie na situação em que a colocara na noite anterior. Era preciso muita coragem, ele pensou, para dizer o que ela havia dito. Mais coragem do que a que ele possuía. Afinal, nos dois dias em que estiveram juntos, ele sequer havia conseguido dizer a ela que já fora casado.

Mas se aquilo não podia ser amor e não era desejo, o que seria? Gostar? Ele gostava dela? È claro que gostava, mas essa palavra também não abarcava todos os seus sentimentos. Era muito... vaga e mal definida. As pessoas gostavam de sorvete. As pessoas gostavam de assistir à televisão. Não queria dizer nada, e nem chegava perto de uma explicação para o fato de, pela primeira vez, ele sentir a necessidade de contar a alguém a verdade a respeito de seu divórcio. Seus irmãos não sabiam a verdade, nem seus pais. Mas, qualquer que fosse o motivo, ele não conseguia ignorar a percepção de que queria que Lexie soubesse; e nesse momento ela não estava em um lugar onde pudesse ser encontrada.

Dois minutos depois, tocou o telefone de Jeremy, e ele reconheceu imediatamente o número que estava chamando. Apesar de não estar com vontade, sabia que devia atender, ou o sujeito provavelmente teria uma síncope.

— E aí? — disse Jeremy. — O que está acontecendo?

— Jeremy! — Nate gritou. Por causa da estática, Jeremy mal conseguia escutá-lo. -— Grandes novidades! Você nem vai acreditar como estou ocupado. Uma loucura! Temos uma *conference call* com a ABC às duas da tarde!

— Ótimo.

– Espere um pouco. Não estou ouvindo. O sinal está muito ruim.

– Desculpe...

– Jeremy! Você está aí? Não estou ouvindo sua voz!

– Sim, Nate, estou aqui.

– Jeremy? — Nate gritou, alheio à sua resposta. — Escute, se ainda puder me ouvir, você precisa procurar um telefone público e ligar para mim. Às duas horas! Sua carreira depende disso! Todo o seu futuro depende disso!

– Está bem, eu entendi.

– Ora, isto é ridículo — Nate disse, como se estivesse falando para si mesmo. — Não consigo ouvir uma palavra do que está dizendo. Aperte um botão se escutou o que eu disse.

Jeremy apertou o 6.

— Ótimo! Fantástico! Duas horas! E seja você mesmo! Quer dizer, deixando o sarcasmo de lado. Essas pessoas parecem muito rigorosas...

Jeremy desligou o telefone, imaginando quanto tempo levaria para Nate perceber que ele não estava mais na linha.

Jeremy esperou. Depois esperou mais um pouco.

Ficou andando pela biblioteca, passando pelo escritório de Lexie, espiando pela janela em busca de sinais de seu carro, sentindo crescer dentro dele uma sensação de desconforto à medida que os minutos passavam. Era só um pressentimento, mas havia alguma coisa errada com sua ausência naquela manhã. Entretanto, ele fez o que pôde para se convencer do contrário. Disse a si mesmo que ela chegaria a qualquer momento, e depois iria achar graça desses sentimentos ridículos. Mesmo assim, agora que terminara sua pesquisa — além de ter encontrado anedotas em alguns dos diários, que ele ainda não havia terminado de examinar — não tinha muita certeza sobre o que fazer em seguida.

Greenleaf estava fora de cogitação — ele não queria passar mais tempo ali do que o absolutamente necessário, embora

estivesse começando a gostar dos porta-toalhas. Alvin não chegaria até o anoitecer, e a última coisa que queria era vagar pela cidade, onde poderia ser encurralado pelo prefeito Gherkin. Também não queria ficar andando pela biblioteca o dia inteiro.

Ele realmente gostaria que Lexie tivesse sido mais específica em seu bilhete sobre a hora em que estaria de volta. Ou mesmo sobre o lugar para onde tinha ido. Ele não conseguia entender o bilhete, mesmo depois de ter lido pela terceira vez. Será que a falta de detalhes teria sido distração ou algo que havia feito de propósito? Nenhuma das possibilidades fazia com que se sentisse melhor. Ele tinha de sair dali; era difícil não pensar o pior.

Depois de juntar suas coisas, ele desceu as escadas e parou junto à mesa da recepção. A senhora que ali estava, trabalhando como voluntária, parecia completamente envolvida com a leitura de um livro. De pé, diante dela, ele limpou a garganta. Quando ergueu os olhos, ela sorriu. — Sr. Marsh! — ela disse. — Eu o vi entrar esta manhã, mas parecia tão preocupado, que achei melhor ficar calada. Em que posso ajudá-lo?

Jeremy ajeitou os papéis embaixo do braço, procurando parecer o mais natural possível.

– Por acaso sabe onde está a srta. Darnell? Ela me deixou um bilhete dizendo que ficaria fora, e eu estava pensando quando é que ela vai voltar.

– Engraçado — disse a mulher —, ela estava aqui quando cheguei. — Ela verificou o calendário que estava em cima da mesa. — Não há nenhuma entrevista marcada e não estou

vendo nenhum outro compromisso. Você já deu uma olhada no escritório? Talvez ela esteja trancada lá dentro. Ela costuma fazer isso com freqüência quando o trabalho começa a acumular.

– Eu olhei — ele disse. — Sabe se por acaso ela tem um celular para que eu possa falar com ela?

– Ela não tem — isso eu sei com certeza. Ela me disse que, quando estivesse fora, a última coisa que iria querer é que alguém a encontrasse.

– Bem... obrigado, de qualquer forma.

– Há alguma outra coisa que eu possa fazer para ajudá-lo?

– Não, eu só precisava da ajuda dela para minha matéria.

– Desculpe não poder fazer mais nada para ajudar.

– Tudo bem.

– Já pensou em dar uma olhada no Herbs? Ela pode estar ajudando Dóris a preparar as coisas para o fim de semana. Ou talvez tenha ido para casa. Em se tratando da Lexie, nunca dá pra prever o que ela vai fazer. Aprendi a não me surpreender com nada do que ela faz.

— Obrigado, de qualquer maneira. Mas, se ela voltar, poderia dizer-lhe que eu estava procurando por ela?

Sentindo-se mais perturbado do que nunca, Jeremy saiu da biblioteca.

Antes de dirigir-se ao Herbs, Jeremy passou pela casa de Lexie e viu que as cortinas das janelas estavam abaixadas e seu carro havia sumido. Embora não houvesse qualquer coisa extraordinária na cena, mais uma vez ele sentiu que havia alguma coisa *errada,* e percebeu que o desconforto só havia

aumentado quando pegou de novo a estrada para voltar à cidade.

O movimento da manhã no Herbs já havia diminuído a essa hora, e o restaurante estava naquele período intermediário entre o café-da-manhã e o almoço, quando as coisas usadas na correria anterior estavam sendo limpas e os preparativos para a próxima estava sendo feitos. Havia quatro funcionários para cada cliente, e ele levou apenas alguns segundos para ver que Lexie também não estava por ali. Rachel estava limpando uma mesa e sacudiu uma toalha quando o viu.

— Bom dia, querido — ela disse, aproximando-se. — Já é um pouco tarde, mas tenho certeza de que conseguimos alguma coisa para você tomar café se estiver com fome.

Jeremy colocou as chaves no bolso. — Não, obrigado. Não estou com fome — ele disse. — Mas por acaso você sabe se Dóris está por aqui? Gostaria muito de falar com ela, se não fosse incomodar.

— Voltou por causa dela, não é? — ela sorriu e acenou com a cabeça por cima do ombro. — Ela está lá atrás. Vou dizer que você está aqui. E, a propósito, foi uma festa e tanto ontem à noite. As pessoas falaram de você a manhã inteira, e o prefeito apareceu para ver se você havia se recuperado. Acho que ele ficou desapontado por não o encontrar por aqui.

– Eu gostei.

– Quer um pouco de café ou de chá enquanto espera?

– Não, obrigado — ele respondeu.

Ela desapareceu nos fundos, e poucos minutos depois Dóris apareceu, limpando as mãos no avental. Seu rosto estava salpicado de farinha. Mesmo de longe, ele conseguia ver suas

olheiras, e lhe pareceu que ela estava andando mais devagar que de costume.

— Desculpe por estar deste jeito — ela falou, apontando com as mãos para si mesma. — Eu estava mexendo na massa de pão. A festa de ontem à noite atrasou um pouco os preparativos para o fim de semana, e vou ter de correr um pouco para compensar o atraso, antes que todo mundo comece a chegar amanhã.

Lembrando-se do que Lexie havia lhe contado, ele perguntou:

— Quantas pessoas vocês estão esperando neste fim de semana?

– Quem sabe? — ela falou. — Normalmente, aparecem algumas centenas, às vezes um pouco mais, para o passeio. O prefeito estava esperando que chegasse perto de mil este ano, só para o passeio, mas é sempre difícil imaginar quantas pessoas vão aparecer para o café-da-manhã e o almoço.

– Se o prefeito estiver certo, será um verdadeiro salto este ano.

– Bem, avalie a estimativa dele como ela merece ser avaliada. Tom costuma ser exageradamente otimista, mas ele consegue criar uma sensação de urgência para que tudo fique pronto a tempo. Além disso, mesmo que as pessoas não façam o passeio, ainda há gente que gosta de ver a parada no sábado. Os Shriners — artistas de rua — estarão por aqui se exibindo com seus carros divertidos, e as crianças adoram. E também vamos ter um pequeno zoológico com animais de estimação este ano, e isso é novidade.

– Parece ótimo.

— Seria melhor se não fosse no meio do inverno. O Festival de Pamlico atrai muito mais gente, mas acontece em junho, e sempre montamos uma loja num daqueles parques de diversões itinerantes nesses finais de semana. Aliás, em fins de semana como esses é possível erguer ou quebrar um negócio. Nem fale do estresse. É umas dez vezes mais intenso do que o que estou enfrentando agora.

Ele sorriu. — A vida daqui está sempre me surpreendendo.

— Não critique até experimentar. Sinto uma sensação engraçada de que você adoraria tudo isto.

A voz de Dóris saiu como se ela estivesse com a intenção de testá-lo, e ele não soube o que responder. Atrás deles, Rachel estava limpando uma mesa enquanto tagarelava com o cozinheiro, que estava no meio do salão. Os dois caíram na risada por causa de algum comentário que um dos dois fizera.

— Bom, de qualquer forma, estou feliz por você ter vindo até aqui — ela disse, livrando'0 de uma situação embaraçosa. — Lexie mencionou que lhe falou a respeito do meu caderno de anotações. Ela me avisou que você talvez não acreditasse em uma única palavra do que está escrito ali, mas fique à vontade para examiná-lo, se quiser. Ele está no meu escritório lá atrás.

— Eu gostaria muito — ele falou. — Ela me disse que você fez um registro notável.

— Fiz o melhor que pude. Certamente deve estar aquém dos seus padrões, mas eu jamais imaginei que outra pessoa, além de mim, pudesse ter interesse em ler.

— Tenho certeza de que vai me surpreender. Mas, por falar em Lexie, ela é um dos motivos por que vim até aqui. Você a viu por aí? Ela não estava na biblioteca hoje.

Ela fez que sim com um aceno de cabeça. — Lexie passou pela minha casa hoje de manhã. Por isso eu sabia que devia trazer o caderno. Ela me disse que vocês viram as luzes ontem à noite.

– Nós vimos.

– E...?

— Surpreendentes, mas, como você mesma disse, não eram fantasmas. Ela olhou para ele, satisfeita. — E eu devo presumir que você já descobriu tudo, ou então não estaria aqui.

– Acho que sim.

– Que bom — ela disse. Então fez um gesto com a cabeça por cima do ombro. — Desculpe não poder conversar mais com você agora, mas estou meio ocupada. Vou pegar meu caderno lá dentro. Quem sabe, talvez você queira escrever uma história sobre meus poderes surpreendentes depois.

– Nunca se sabe. Posso querer — ele respondeu.

Enquanto a via desaparecer dentro da cozinha, Jeremy ficou pensando a respeito da conversa que tiveram. Perfeitamente agradável, mas curiosamente impessoal. E ele percebeu que Dóris não havia respondido sua pergunta a respeito do paradeiro de Lexie. Não tinha sequer aventado um palpite, o que parecia sugerir que — qualquer que fosse o motivo — para ela, qualquer assunto relativo a Lexie estava fora de sua alçada. E isso era um mau sinal. Ele ergueu os olhos quando ela se aproximou novamente. Tinha o mesmo sorriso agradável de antes, mas desta vez fez com que ele sentisse uma espécie de mal-estar.

— Olhe, se tiver qualquer pergunta a respeito do que está escrito aqui — ela falou, entregando-lhe o caderno —, é só telefonar. E pode fazer cópias, se quiser, mas me devolva antes de ir embora. É muito especial para mim.

— Farei isso — ele prometeu.

Ela permaneceu de pé diante dele, em silêncio, e Jeremy teve a impressão de que essa era a maneira que ela tinha de dizer que a conversa tinha acabado. Ele, por outro lado, não estava disposto a desistir tão facilmente.

— Ah, mais uma coisa — ele falou.

— O quê?

— Algum problema se eu devolver o caderno para Lexie? Se por acaso encontrar com ela hoje?

— Pode ser — ela disse. — Mas, de qualquer forma, estarei por aqui também.

Percebendo o significado óbvio do que ela estava dizendo, o mal-estar aumentou.

— Ela disse alguma coisa a meu respeito? — ele perguntou. — Quando vocês se viram hoje de manhã?

— Não muito. Mas ela disse que você certamente passaria por aqui.

— Ela estava bem?

— Lexie... — Dóris falou devagar, como se estivesse escolhendo as palavras cuidadosamente — às vezes é difícil captar o que Lexie está sentindo, por isso não tenho certeza se posso responder essa pergunta. Mas tenho certeza de que ela vai ficar bem, se é isso o que está perguntando.

— Ela estava zangada comigo?

— Não, isso eu posso lhe garantir. Ela definitivamente não estava zangada.
Esperando por mais alguma coisa, Jeremy não disse nada. No silêncio, Dóris suspirou profundamente. Pela primeira vez, desde que haviam se conhecido, ele percebeu a idade nas linhas ao redor de seus olhos.
— Eu gosto de você, Jeremy, você sabe disso — ela disse, a voz suave. — Mas você está me deixando numa situação difícil. O que você precisa entender é que eu devo lealdade a certas pessoas, e Lexie é uma delas.
— E o que isso quer dizer? — ele perguntou, sentindo a garganta seca.
— Quer dizer que eu sei o que você quer e o que está perguntando, mas não posso responder suas perguntas. O que posso dizer é que se Lexie quisesse que você soubesse onde ela está, teria-lhe dito.
— Será que vou vê-la novamente? Antes de ir embora?
— Eu não sei — ela respondeu. — Acho que cabe a ela decidir.
— Diante desse comentário, sua mente começou a absorver o fato de que ela realmente tinha ido embora.
— Eu não entendo... Por que ela faria uma coisa dessas? Dóris mostrou um sorriso triste. — Sim, eu acho que você sabe.

Ela havia ido embora.
Como um eco, as palavras continuavam se repetindo na sua cabeça. Ao volante, no caminho para Greenleaf, Jeremy tentou analisar os fatos, repassando-os friamente. Estava tudo

sob controle. Ele nunca perdia o controle. Não importava o quanto se sentisse zangado, não importava o quanto desejasse pressionar Dóris para lhe dar alguma informação a respeito do paradeiro de Lexie ou de seu estado de espírito, simplesmente agradeceu a ela pela ajuda e dirigiu-se para o carro, como se não tivesse esperado outra coisa.

Além disso, ele lembrou a si mesmo, não havia por que perder a cabeça. Afinal, não havia acontecido nada de terrível com ela. Ela simplesmente não queria vê-lo novamente. Talvez ele devesse ter previsto que uma coisa dessas iria acontecer. Alimentara expectativas demais, mesmo quando ela deixara perfeitamente claro, logo no início, que não estava interessada.

Ele sacudiu a cabeça, pensando que não era de estranhar que ela tivesse sumido. Apesar de moderna em algumas questões, era tradicional em outras, e provavelmente estava cansada de ter de lidar com suas manobras transparentes. Certamente, era mais fácil para ela simplesmente sair da cidade do que ficar argumentando com uma pessoa como ele.

Então, em que pé ficariam as coisas? Ela poderia voltar ou não. Se voltasse, não haveria problema algum. Mas se não... bem, era aí que a realidade começava a ficar complicada. Ele poderia ficar sentado e aceitar sua decisão, ou poderia tentar encontrá-la. Se havia uma habilidade em que ele se destacava, era sua capacidade para encontrar pessoas. Utilizando registros públicos, conversas amigáveis e os *sites* corretos na internet, ele sabia como seguir as migalhas de pão até a casa de qualquer pessoa. Mas ele duvidava que fosse precisar de qualquer uma dessas coisas. Afinal, ela já lhe havia dado a

resposta que ele precisava, e ele tinha certeza de que sabia exatamente para onde ela tinha ido. O que significava que ele *poderia* lidar com a situação da forma que quisesse.

Seus pensamentos foram interrompidos novamente.

O problema era que isso não ajudava muito em relação ao que ele *deveria* fazer. Ele se lembrou de que teria uma *conference call* dentro de poucas horas, cujos desdobramentos seriam muito importantes para sua carreira, e se ele saísse à procura de Lexie agora, dificilmente encontraria um telefone fixo quando fosse precisar de um. Alvin estaria chegando mais à noite — provavelmente a última noite de neblina —, e apesar de Alvin ter todas as condições para realizar as filmagens daquela noite por sua própria conta, eles teriam de trabalhar juntos no dia seguinte. Para não falar que ele precisava dormir um pouco — teria outra longa noite pela frente, e até os seus ossos estavam cansados.

Porém, ele não queria que tudo acabasse daquele jeito. Queria ver Lexie, precisava vê-la. Uma voz dentro dele avisou-o para não deixar que suas emoções ditassem suas ações, e, racionalmente, ele não conseguia ver nenhum resultado positivo se saísse perambulando atrás dela. Mesmo que a encontrasse, ela provavelmente iria ignorá-lo ou, pior, ficaria enojada. E nesse meio tempo, Nate provavelmente sofreria um ataque cardíaco, Alvin ficaria furioso e em situação difícil, e sua história e sua carreira podiam simplesmente ir pelo ralo.

Ao final, a decisão era simples. Estacionando o carro na vaga diante de seu chalé em Greenleaf, ele acenou afirmativamente com a cabeça para si mesmo. O fato de ter colocado as coisas nesses termos fizera com que ficassem mais

claras. Afinal, ele não tinha passado os últimos quinze anos utilizando lógica e ciência sem que isso tivesse lhe ensinado algo.
Agora, pensou, tudo o que tinha a fazer era arrumar a mala.



Capítulo

TREZE

Tudo bem, ela admitia, era uma covarde.
Não era a coisa mais fácil para ela admitir o fato de que havia fugido, mas não estava conseguindo pensar com muita clareza naqueles últimos dias, e podia muito bem se perdoar por não ser perfeita. A verdade é que, se ela tivesse continuado por perto, as coisas acabariam ficando muito mais complicadas. Não importava que ela gostasse dele e que ele gostasse dela; tinha acordado naquela manhã sabendo que precisava colocar um ponto final naquela história, antes que fosse longe demais, e ao ver a entrada de garagem coberta de areia ali na frente, sabia que ter vindo para cá tinha sido a coisa certa a fazer.

O lugar não estava muito bem conservado. O velho chalé estava desbotado e tomado pela vegetação praiana que o cercava. As janelas pequenas e retangulares, com cortinas brancas, estavam cobertas com resíduos da maresia, e as laterais tinham riscas cor de cinza, lembranças da fúria de uma dezena de ruracões. De certa forma, sempre havia considerado o chalé uma espécie de cápsula do tempo; a maior parte da mobília tinha mais de vinte anos, os canos faziam barulho quando ela ligava o chuveiro e tinha de acender as bocas do fogão com fósforos. Mas as lembranças de períodos da sua juventude passados aqui sempre a acalmavam, e depois de guardar suas malas e os mantimentos que havia trazido para o fim de semana, abriu as janelas para arejar o lugar. Depois, pegando um cobertor, ela se acomodou na cadeira de balanço que ficava na varanda de trás, desejando apenas observar o oceano. O barulho constante das ondas era relaxante, quase hipnótico, e quando o Sol surgiu através das nuvens e os raios começaram a encostar na água como dedos que se estendiam a partir do céu, prendeu a respiração.

Ela fazia isso todas as vezes que vinha pra cá. A primeira vez em que viu a luz abrindo caminho dessa forma, através das nuvens, foi logo depois de ter visitado o cemitério com Dóris, quando ainda era uma menina, e começou a pensar que seus pais haviam encontrado outra forma de continuar presentes em sua vida. Como anjos enviados pelo céu, acreditava que eles estavam ali tomando conta dela, sempre presentes, mas nunca interferindo, como se sentissem que tomaria sempre as decisões corretas.

Durante muito tempo ela precisou acreditar nessas coisas, simplesmente porque sempre se sentia muito sozinha. Seus avós eram bons e maravilhosos, mas por mais que os amasse, por todo o amor e sacrifício que lhe dedicavam, ela nunca se acostumara com a sensação de ser diferente das outras crianças. Os pais de suas amigas jogavam *softball* nos fins de semana e pareciam joviais mesmo sob a suave luz da manhã que invadia a igreja, e essa observação a fazia pensar nas coisas que poderia estar perdendo, se é que estava perdendo alguma coisa.

Ela não poderia falar com Dóris a respeito de coisas desse tipo. Também não podia falar com ela sobre o sentimento de culpa que sentia por causa disso. Ela sabia que não importaria como dissesse, iria ferir os sentimentos de Dóris, e apesar de, naquela época, ser muito menina, ela sabia disso.

Mas aquela sensação de ser diferente havia deixado uma marca. Não apenas nela, mas em Dóris também, como pôde notar durante a adolescência. Quando Lexie forçava os limites, Dóris freqüentemente cedia para evitar uma discussão, deixando que Lexie acreditasse que poderia estabelecer suas próprias regras. Ela acabou mostrando seu lado mais rebelde quando era jovem, cometeu erros e colecionou arrependimentos, mas de alguma forma se tornou séria durante a faculdade. Em sua nova, mais madura encarnação, abraçou a idéia de que maturidade significava calcular o risco muito antes de avaliar a recompensa, e que sucesso e felicidade na vida se conquistavam tanto evitando os erros quanto deixando sua própria marca no mundo.

Na noite anterior, ela sabia, quase cometera um erro. Esperou que ele tentasse beijá-la, e ficou orgulhosa de como se mostrou decidida quando ele quis entrar.

Sabia que tinha ferido seus sentimentos, e sentia muito por isso. Mas o que ele certamente não percebeu é que só depois de ele ter ido embora seu coração parou de bater descontroladamente, porque uma parte dela *queria* deixá-lo entrar, não importando o que acontecesse depois. Ela sabia que não devia, mas não conseguia evitar. O pior, porém, foi compreender, enquanto rolava e se virava na cama a noite inteira, que poderia não ter forças para agir corretamente de novo.

Honestamente, ela devia ter percebido que isso iria acontecer. Enquanto transcorria a noite, percebeu que estava comparando Jeremy com Avery e com o sr. Renascença; e para sua surpresa, Jeremy ganhava dos dois. Ele tinha a perspicácia e o senso de humor de Avery, e a inteligência e o charme do sr. Renascença, mas Jeremy parecia mais confortável consigo mesmo do que eles. Talvez devesse creditar essa avaliação ao dia maravilhoso que tivera, coisa que não acontecia há muito tempo. Quando tinha sido a última vez que desfrutara de um almoço despojado como aquele? Ou que se sentara no alto de Riker's Hill? Ou que visitara o cemitério depois de uma festa, quando normalmente teria ido direto para a cama? Sem dúvida, a excitação e o inesperado haviam contribuído para lembrá-la de como havia sido feliz quando ainda acreditava que Avery ou que o sr. Renascença eram os homens de seus sonhos.

Mas ela se enganara, da mesma forma que estava enganada agora. Ela sabia que Jeremy resolveria o mistério naquele dia — tudo bem, talvez fosse apenas um *feeling,* mas tinha certeza disso, já que a resposta estava em um dos diários e tudo o que ele precisava fazer era descobrir — e não tinha dúvida de que ele iria lhe pedir para celebrarem a descoberta juntos. Se ela tivesse ficado na cidade, os dois iriam passar a maior parte do dia unidos, e ela não queria que isso acontecesse. E de novo, lá no fundo, viu que era exatamente isso o que queria, fazendo com que se sentisse mais confusa do que jamais estivera nos últimos anos.

A intuição de Doris havia captado absolutamente tudo logo de manhã, quando Lexie passou em sua casa, mas isso não era de surpreender. Lexie percebeu o cansaço em volta de seus olhos e sabia que também estava parecendo um lixo ao surgir assim, do nada. Depois de jogar algumas roupas na mala, ela havia saído de casa sem ter ao menos tomado um banho; ela também não havia tentado explicar o que estava sentindo. Mesmo assim, Dóris simplesmente concordou com a cabeça quando Lexie lhe disse que precisava ir embora. Dóris, apesar de todo o seu cansaço, parecia ter entendido que não havia previsto o que poderia acontecer em conseqüência de toda aquela série de acontecimentos que ela mesma havia começado. Esse era o problema das premonições: apesar de poderem ser bastante exatas a curto prazo, era impossível saber qualquer coisa além disso.

Assim, ela tinha vindo para cá porque era o que tinha de fazer, nem que fosse apenas para preservar sua sanidade, e retornaria a Boone Creek quando as coisas voltassem ao

normal. Não levaria muito tempo. Em alguns dias, as pessoas teriam parado de falar dos fantasmas e das casas históricas, e do estranho que estava na cidade, e a vinda dos turistas não seria nada mais que uma lembrança. O prefeito voltaria para seu curso de golfe, Rachel voltaria a sair com o tipo errado de homens e Rodney certamente iria encontrar uma forma de trombar com Lexie acidentalmente, perto da biblioteca, sem dúvida aliviado por perceber que a relação deles poderia voltar a ser o que era.

Talvez não fosse uma vida muito excitante, mas era a sua vida, e ela não estava disposta a deixar que nada ou ninguém interferisse nesse equilíbrio. Em outra época ou lugar, talvez pudesse se sentir diferente em relação a essas coisas, mas era inútil pensar nisso agora. Enquanto seu olhar continuava encarando fixamente a água, ela fez força para não pensar no que poderia ter acontecido.

Na varanda, Lexie puxou o cobertor para ficar bem apertado em torno dos ombros. Ela era uma garota crescida e conseguiria superar, da mesma forma que havia conseguido superar seu envolvimento com os outros. Tinha certeza disso. Porém, mesmo se sentindo mais tranqüila com essa constatação, o movimento das águas do mar insistia em lembrá-la de seus sentimentos em relação a Jeremy, e precisou reunir todas as suas forças para controlar as lágrimas.

Parecia relativamente simples quando Jeremy resolveu o que iria fazer, e ele se movimentava apressadamente em seu quarto no Greenleaf, enquanto planejava tudo. Pegar o mapa e sua carteira, para qualquer eventualidade. Deixar o computador, porque não iria precisar dele. A mesma coisa

valia para suas anotações. Colocar o caderno de Dóris na mochila de couro, para não esquecê-lo. Escrever um bilhete para Alvin e deixá-lo na recepção, apesar de saber que Jed não iria ficar muito satisfeito. Certificar-se de que estava levando o carregador do celular — e sair.

Ele havia entrado e saído em menos de dez minutos, e já estava a caminho de Swan Quarter, onde a balsa o levaria até Ocracoke, um vilarejo na região de Outer Banks. Dali, ele pegaria a rodovia 12 em direção ao norte, até Buxton. Calculou que essa deveria ser a rota que ela teria seguido, e tudo o que tinha a fazer seria seguir o mesmo caminho e chegaria ao lugar em apenas algumas horas.

Porém, apesar da viagem até Swan Quarter ter sido tranqüila, através de estradas retas e vazias, ele não conseguia parar de pensar em Lexie e pisava mais fundo no acelerador, tentando afastar o nervosismo. Mas, nervosismo era apenas outra palavra para pânico, e ele nunca entrava em pânico. Tinha orgulho disso. Entretanto, quando era obrigado a diminuir a velocidade — em lugares como Belhaven e Leechville —, ele se via tamborilando o volante com os dedos e resmungando sob a respiração pesada.

Para ele, essa sensação era estranha, e ficava mais forte à medida que ele se aproximava de seu destino. Ele não saberia explicar, mas também não queria fazer uma análise. Aquele era um dos raros momentos de sua vida em que estava se movimentando no piloto automático, fazendo exatamente o oposto do que dizia a lógica, pensando apenas em como ela iria reagir quando o visse.

Quando achava que estava começando a entender a razão para esse comportamento estranho, Jeremy percebeu que estava no local de partida das balsas olhando para um homem magro, uniformizado, que nem se dera ao trabalho de tirar os olhos da revista que estava lendo. A balsa para Ocracoke, ele descobriu, não tinha a mesma regularidade da que ia de Manhattan para Staten Island, e ele havia perdido a última saída do dia, o que significava que poderia voltar no dia seguinte ou simplesmente cancelar seus planos, coisas que ele não estava disposto sequer a levar em consideração.

– Tem certeza de que não há outra maneira de chegar até o farol de Hatteras? — ele perguntou, sentindo seu coração disparar. — Isto é importante.

– Você poderia ir de carro, eu acho.

– E quanto tempo levaria isso?

– Depende da velocidade com que você dirigir.

Aquilo era óbvio, Jeremy pensou. — Vamos dizer que sou rápido.

O homem encolheu os ombros, como se todo aquele assunto o aborrecesse. — Cinco ou seis horas, talvez. Você teria de ir para o norte até chegar em Plymouth, depois pegar a 64 para Roanoke Island, e depois para Whalebone. Dali, teria de seguir para o sul até Buxton. O farol fica ali mesmo.

Jeremy olhou para o relógio; já era quase uma hora; quando estivesse chegando lá, Alvin certamente estaria chegando em Boone Creek. Isso não era bom.

– Há algum outro lugar onde se possa pegar a balsa?

– Tem um em Cedar Island.

– Ótimo. Onde fica isso?

– Cerca de três horas na outra direção. Mas também vai ter de esperar até amanhã de manhã.
Por cima do ombro do homem, Jeremy viu um pôster mostrando os vários faróis existentes na Carolina do Norte. Hatteras, o maior de todos, estava no centro.
– E se eu lhe dissesse que isto é uma emergência? — ele perguntou. Pela primeira vez, o homem ergueu a cabeça.
– É uma emergência?
– Vamos dizer que sim.
– Então eu chamaria a Guarda Costeira. Ou talvez o xerife.
— Sei — Jeremy falou, tentando não perder a paciência. — Mas o que você está me dizendo é que não há outra maneira de chegar até lá, agora? Daqui, eu quero dizer.
O homem colocou um dedo no queixo. — Acho que você poderia pegar um barco, se está com tanta pressa.
Agora estamos chegando em algum lugar, Jeremy pensou. — E como eu conseguiria um barco?
— Eu não sei. Ninguém nunca perguntou.

Jeremy voltou para o carro, admitindo finalmente que estava começando a entrar em pânico.
Talvez porque já tivesse ido tão longe, ou talvez por ter percebido que suas últimas palavras para Lexie na noite anterior haviam revelado uma verdade mais profunda, o fato é que alguma coisa havia tomado conta dele, e não iria voltar atrás. Ele se recusava a voltar atrás, não depois de ter chegado tão perto.
Nate ficaria esperando seu telefonema, mas, subitamente, isso já não era tão importante para ele. Também não se importava

com o fato de Alvin estar chegando; se tudo corresse bem, eles poderiam filmar mais tarde naquela noite e na noite seguinte. Ele tinha dez horas até que as luzes aparecessem novamente; com um barco rápido, ele calculava que conseguiria chegar até Hatteras em duas. Isso lhe dava tempo suficiente para chegar lá, falar com Lexie e voltar, supondo que encontrasse alguém para levá-lo até lá.

É claro que tudo poderia dar errado. Ele podia não conseguir alugar um barco, por exemplo. Mas se isso acontecesse, iria dirigindo até Buxton se fosse preciso. Quando chegasse lá, contudo, não poderia sequer ter certeza de que a encontraria.

Nada fazia sentido nessa seqüência imaginária de acontecimentos. Mas quem se importava? De vez em quando, todo mundo tinha o direito de ser um pouco excêntrico, e agora era sua vez. Ele tinha dinheiro vivo na carteira e encontraria uma maneira de chegar até lá. Estava determinado a arriscar e ver o que iria acontecer quando a encontrasse, mesmo que fosse apenas para provar a si mesmo que poderia deixá-la e nunca mais pensar nela.

No fundo, ele sabia, era disso que se tratava. Quando Dóris insinuara que ele talvez não a visse nunca mais, todas as lembranças a respeito dela passaram a mil por hora em sua cabeça. Claro, ele iria embora dentro de alguns dias, mas isso não significava que tivesse de acabar. Não ainda, pelo menos. Ele poderia vir visitá-la, ela poderia ir a Nova Iorque, e se tivesse de ser, ele iria dar um jeito. As pessoas viviam fazendo isso, certo? Mas mesmo que não fosse possível, mesmo que ela estivesse decidida em sua determinação de acabar com tudo

de uma vez, queria ouvi-la dizer isso. Só assim ele poderia voltar para Nova Iorque sabendo que não tivera outra escolha. E no entanto, ao parar na primeira marina que encontrara, compreendeu que não queria que ela dissesse isso. Ele não estava indo até Buxton para se despedir ou para ouvi-la dizer que não queria vê-lo nunca mais. Na verdade, ele percebeu, para seu espanto, que estava indo até lá para conferir se Alvin havia acertado.

O final da tarde era a parte do dia favorita de Lexie. A luz suave do sol no inverno, combinada com a austera beleza natural da paisagem, fazia o mundo parecer uma coisa de sonho.
Até o farol, que lembrava um doce por causa daquelas listras pintadas, parecia uma miragem visto dali, e enquanto caminhava pela praia, ficou pensando o quanto teria sido difícil para marinheiros e pescadores navegar por aquelas paragens antes de sua construção. As águas mais distantes da praia, muito rasas e tomadas por bancos de areia, eram chamadas de Cemitério do Atlântico, e milhares de carcaças de navios afundados se espalhavam pelo fundo do mar. O Monitor, que participara da primeira batalha entre couraçados durante a Guerra Civil, havia se perdido ali. Assim como o Central America, carregado com ouro da Califórnia, cujo naufrágio ajudou a causar o pânico de 1857. Diziam que o navio do Barba Negra, Queen Anne's Revenge, havia sido encontrado no Beaufort Inlet, e meia dúzia de submarinos alemães afundados durante a II Guerra Mundial eram visitados quase diariamente por mergulhadores.

Seu avô era um aficionado por história, e todas as vezes que passeavam pela praia de mãos dadas, contava-lhe histórias dos navios que haviam se perdido por ali ao longo dos séculos. Ela havia aprendido tudo sobre furacões, sobre a rebentação perigosa e as falhas de navegação que faziam os barcos encalhar, ficando presos no fundo, até serem partidos ao meio pela rebentação violenta. Embora não sentisse qualquer interesse especial e às vezes até ficasse assustada com as imagens evocadas por essas histórias, a voz melódica e lenta de seu avô, acentuando as vogais, era estranhamente relaxante, e ela jamais havia tentado mudar de assunto. Mesmo sendo muito jovem na época, ela sabia que, para seu avô, era muito importante falar com ela sobre essas coisas. Anos depois, ela viria à saber que seu navio tinha sido bombardeado na II Guerra Mundial e ele sobrevivera por pouco.

A lembrança daquelas caminhadas fez com que sentisse imensa saudade de seu avô. Os passeios haviam feito parte de sua rotina diária, uma coisa só dos dois, e normalmente eles saíam pouco antes do jantar, quando Dóris estava cozinhando. Quase sempre, ele estaria lendo na cadeira, com os óculos na ponta do nariz; ele fecharia o livro com um suspiro e o colocaria de lado. Ele então ficaria de pé e lhe perguntaria se gostaria de fazer uma caminhada para ver os cavalos selvagens.

A idéia de ver os cavalos sempre a deixava animada. Ela não sabia muito bem por quê; nunca havia andado a cavalo, nem tinha qualquer interesse especial em andar, mas se lembrava dos pulos que dava e de como corria para a porta, assim que

seu avô dizia isso. Normalmente, os cavalos se mantinham distantes das pessoas e se espalhavam sempre que alguém se aproximava, mas, ao anoitecer, eles gostavam de pastar, baixando suas defesas, mesmo que por alguns minutos apenas. Era possível chegar perto o bastante para ver os seus traços marcantes e, com sorte, ouvi-los bufar e relinchar, como que avisando as pessoas para não se aproximar.

Os cavalos eram descendentes de mustangues espanhóis, e sua presença nas Outer Banks datava de 1523. Naquela época, havia uma série de normas legais para garantir sua sobrevivência, e eles eram tão característicos daquela paisagem quanto os veados na Pensilvânia, e o único problema era a eventual superpopulação. Os moradores do lugar costumavam ignorá-los, a menos que causassem algum incômodo, mas a maioria dos veranistas considerava os cavalos o ponto alto de sua estada. Lexie se considerava uma pessoa do lugar, mas cada vez que os via sentia-se criança novamente, com todas as alegrias e expectativas da vida pela frente.

Queria se sentir assim naquele momento, mesmo que fosse apenas para fugir da pressão da vida adulta. Dóris havia telefonado para lhe contar que Jeremy tinha aparecido à sua procura. Isso não a surpreendera. Apesar de ter calculado que ele iria se perguntar sobre o que tinha feito de errado ou por que ela tinha ido embora, sabia que ele iria superar tudo aquilo rapidamente. Jeremy era uma daquelas pessoas abençoadas, dotadas de uma grande confiança em tudo o que fazia, que ia sempre para a frente sem um arrependimento e sem olhar para trás.

Avery também era assim, e ainda hoje se lembrava de como havia se sentido ferida por causa de seu sentimento de poder e pela indiferença à sua dor. Olhando em perspectiva, sabia que devia ter considerado os desvios de caráter como desvios, mas naquela época ela simplesmente não viu os sinais de aviso: o modo como seu olhar se demorava um pouco demais quando olhava para outras mulheres, ou o jeito exagerado como apertava as mulheres ao abraçá-las, mesmo jurando que eram apenas amigas. No começo, ela queria acreditar nele quando dissera que tinha sido infiel apenas uma vez, mas pedaços de conversas esquecidas acabaram fazendo com que algumas lembranças viessem à tona: uma amiga da faculdade há muito tempo havia confessado que tinha ouvido boatos sobre Avery e uma colega do grêmio; uma de suas colegas de trabalho mencionara por acaso algumas de suas muitas faltas ao trabalho. Ela odiava pensar em si mesma como uma pessoa ingênua, mas tinha sido exatamente isso, e ainda mais do que desapontada com ele, há muito tempo havia percebido que ficara desapontada consigo mesma. Dissera a si mesma que iria superar, que iria encontrar alguém melhor... alguém como o sr. Renascença, que provou de uma vez por todas que ela não sabia julgar os homens. Como também não sabia, pelo visto, conservar um.

Não era fácil admitir isso, e houve ocasiões em que ficou pensando se teria feito alguma coisa para afastar aqueles homens. Está bem, talvez não o sr. Renascença, já que não se poderia chamar de relacionamento seu breve romance, mas e quanto a Avery? Ela o amava e acreditava que ele a amava. Claro, seria fácil dizer que Avery era desonesto e que a culpa

pelo fim de seu relacionamento era toda dele; mas o certo é que ele devia estar sentindo que havia alguma coisa errada em seu relacionamento. Que havia alguma coisa errada com *ela.* Mas o quê? Teria sido muito exigente? Muito chata? Será que ele estava insatisfeito na cama? Por que ele não tinha vindo atrás dela, pedindo perdão? Essas eram as perguntas que ela nunca tinha conseguido responder. Seus amigos, é claro, lhe garantiram que não sabia o que estava falando, e Dóris tinha dito a mesma coisa. Mesmo assim, para ela não havia ficado totalmente claro o que tinha realmente acontecido. Afinal, em todas as histórias havia sempre dois lados, e ainda hoje, às vezes, ela se pegava fantasiando um telefonema para perguntar a ele se havia alguma coisa que pudesse ter feito de outra maneira.

Como lhe tinha dito uma de suas amigas, era típico das mulheres se preocuparem com essas coisas. Os homens pareciam imunes a esse tipo de insegurança. Mesmo que não fossem, aprendiam a disfarçar seus sentimentos ou então conseguiam enterrá-los tão profundamente que não ficavam incomodados. Geralmente, ela tentava fazer a mesma coisa e, quase sempre, funcionava. Geralmente.

À distância, com o sol sumindo nas águas de Pamlico Sound, a cidade de Buxton, com suas casas branquinhas de teto chanfrado, parecia um cartão postal. Ela estava olhando fixamente para o farol, e, atendendo a seus desejos, um pequeno bando de cavalos veio pastar na vegetação que se espalhava naquele trecho. Devia haver uns doze — marrons e castanhos, principalmente — e seu pêlo era encrespado e irregular, bem volumoso para enfrentar o inverno. Dois

potros se juntaram no centro, abanando os rabos em sinal de união.

Lexie se deteve para observá-los, enfiando as mãos no bolso da jaqueta. Estava ficando frio agora que a noite se aproximava, e ela conseguia sentir o vento cortante no nariz e no rosto. Mas o ar era revigorante, e sentiu que gostaria de ficar mais apesar do cansaço. Tinha sido um longo dia, na verdade muito longo.

Contra sua vontade, ficou imaginando o que Jeremy estaria fazendo. Estaria se preparando para filmar novamente? Ou pensando onde iria jantar? Fazendo as malas? E por que seus pensamentos insistiam em se voltar para ele?

Ela suspirou, já sabendo a resposta. Por mais que quisesse ficar vendo os cavalos, eles a lembravam de que estava sozinha. Por mais que se considerasse independente, por mais que tentasse minimizar os comentários constantes de Dóris, não conseguia evitar o desejo de compartilhar, de dividir sua intimidade. Nem precisava ser casamento; às vezes, tudo o que queria era experimentar aquela ansiedade que antecedia a chegada da noite de sexta ou do sábado. Sentia vontade de passar a manhã deitada na cama com alguém de quem gostasse, e por mais improvável que pudesse parecer a idéia, era Jeremy quem ela insistia em imaginar a seu lado.

Lexie balançou a cabeça, esforçando-se para afastar esse pensamento. Ao vir para cá, tinha a esperança de conseguir encontrar algum descanso para sua mente, mas ao ficar ao lado do farol e ver os cavalos pastando, ela sentiu o mundo desabar sobre ela. Estava com trinta e um anos, sozinha e vivendo em um lugar sem perspectivas. Seu avô e seus pais

eram apenas lembranças, o estado de saúde de Dóris era fonte de constante preocupação, e o único homem que chegara a considerar interessante nos últimos anos, mesmo que remotamente, já teria ido embora para sempre quando voltasse para casa.

Foi aí que ela começou a chorar, e durante um bom tempo encontrou uma dificuldade enorme de parar. Mas quando estava finalmente começando a se controlar, ela viu que alguém se aproximava, e tudo o que conseguiu fazer foi ficar com o olhar parado ao perceber quem era.

Capítulo QUATORZE

Lexie piscou, para ter certeza de que o que estava vendo era real. Não poderia ser *ele,* porque ele não poderia estar *ali.* A idéia toda era tão estranha, tão inesperada, que ela se sentiu como se estivesse vendo a cena através dos olhos de outra pessoa.

Jeremy sorriu e tirou a mochila das costas. — Sabe de uma coisa, você realmente não devia ficar encarando desse jeito — ele disse. — Os homens gostam de mulheres que sabem ser sutis.

Lexie continuou a olhar para ele. — Você! — ela respondeu.

– Eu! — ele concordou com um aceno.

– Você... aqui.

– Eu estou aqui — ele concordou novamente.

Ela apertou os olhos para ver melhor na pouca luz, e ocorreu a Jeremy que ela era ainda mais bonita do que se lembrava.

— O que é que você...? — ela parou, tentando entender por que ele havia aparecido. — Quer dizer, como você...?
— É uma longa história — ele admitiu. Como ela não fizesse qualquer movimento em sua direção, ele apontou para o farol. — E este é o farol onde seus pais se casaram?
— Você lembra dessa história?
— Eu me lembro de tudo — ele respondeu, batendo com o dedo na têmpora. — Pequenas células cinzas, essas coisas. Onde é que eles se casaram exatamente?
Ele falava de maneira casual, como se fosse a conversa mais informal deste mundo, o que só fazia as coisas parecerem mais surrealistas para ela.
— Ali — ela disse, apontando para o lugar. — No lado do oceano, próximo da linha da água.
— Deve ter sido lindo — ele disse, olhando naquela direção. — Todo este lugar é lindo. Dá pra entender porque você gosta tanto daqui.
Em vez de responder, Lexie suspirou profundamente, tentando acalmar o turbilhão de emoções. — O que está fazendo aqui, Jeremy?
Ele ficou em silêncio por um minuto, antes de responder. — Eu não tinha certeza de que você iria voltar — ele falou. — E percebi que se quisesse vê-la novamente, o melhor a fazer era vir até onde você estava.
— Mas, por quê?
Jeremy continuou olhando fixamente para o farol. — Acho que eu não tinha outra alternativa.
— Não tenho certeza do que isso quer dizer — ela disse.

Jeremy ficou estudando seus pés, depois ergueu os olhos e sorriu, como se estivesse pedindo desculpas. — Honestamente, também passei quase o dia inteiro tentando entender.

Parados perto do farol, eles viram o sol se pôr no horizonte, tingindo o céu de um cinza ameaçador. A brisa, fria e úmida, roçava levemente a superfície da areia, formando uma espuma na beira da água.
Mais ao longe, uma figura vestida com um casaco escuro e pesado estava dando comida às gaivotas, jogando cascas de pão no ar. Enquanto o observava, Lexie sentia que, aos poucos, o choque que sua chegada lhe causara se desfazia. Parte dela queria ficar zangada por ele ter ignorado seu desejo de ficar sozinha, mas outra parte, a maior parte, tinha adorado que ele tivesse vindo atrás dela. Avery jamais havia se preocupado em ir atrás dela, nem o sr. Renascença. Nem mesmo Rodney jamais pensara em ir até ali; e, até alguns minutos atrás, ela teria caído na gargalhada se alguém simplesmente sugerisse que Jeremy faria uma coisa dessas. Mas ela estava começando a se dar conta de que Jeremy era diferente de todas as pessoas que já havia conhecido, e de que não deveria se surpreender com nada do que ele fizesse.

À distância, os cavalos começaram a se afastar, mordiscando aqui e ali enquanto desapareciam na duna. A cerração marinha estava se aproximando, fundindo o céu e o mar. Andorinhas-do-mar cobriram a areia na beira da água, com

suas pernas finas e compridas movimentando-se rapidamente, enquanto procuravam pequenos crustáceos.

No silêncio, Jeremy juntou as mãos, soprando para aquecê-las e aliviar a dor. — Está zangada por eu ter vindo? — ele perguntou finalmente.

— Não — ela admitiu. — Surpresa, mas não zangada.

Ele sorriu, e ela devolveu o sorriso de um jeito muito pessoal.

— Como foi que chegou aqui? — ela perguntou.

Por cima do ombro, ele fez um gesto em direção a Buxton. — Consegui uma carona com alguns pescadores que vinham pra cá — ele disse. — Eles me deixaram na marina.

– Eles lhe deram uma carona sem mais nem menos.

– Sem mais nem menos.

– Você teve sorte. A maioria dos pescadores é bastante rude.

— Você pode ter razão, mas pessoas são sempre pessoas — ele disse. — Posso não ser *expert* em psicologia, mas acho que qualquer pessoa — até mesmo as estranhas — conseguem sentir a urgência de um pedido, e geralmente a maioria das pessoas acaba fazendo o certo. — Ele se endireitou, limpando a garganta. — Mas quando isso não funcionou, eu lhes ofereci dinheiro.

Ela achou graça nessa confissão.

— Deixe-me adivinhar — ela falou. — Eles te limparam, não é mesmo?

Ele encolheu os ombros, envergonhado. — Acho que isso depende da perspectiva. Realmente foi um bocado de dinheiro para uma carona de barco.

— Com certeza. É uma viagem e tanto. Só o combustível já teria ficado bem caro. Além disso, tem o desgaste do barco...

— Eles mencionaram isso.
— E, naturalmente, o tempo deles e o fato de que amanhã teriam de trabalhar cedo, antes do amanhecer.
— Falaram disso também.
Ao longe, os últimos cavalos desapareceram nas dunas. — Mas você veio assim mesmo.
Ele acenou com a cabeça, enquanto ela se divertia. — Mas eles me fizeram entender que era uma viagem só de ida. Disseram que não iam esperar, então eu acho que fiquei preso aqui.
Ela ergueu uma sobrancelha. — Ah, verdade? E como pretende voltar?
Ele exibiu um sorriso malicioso. — Bem, acontece que eu conheço alguém que veio pra cá, e estava pensando em usar meu charme irresistível para convencê-la a me dar uma carona para voltar pra casa.
— E se eu não estiver pensando em voltar logo? Ou se eu lhe dissesse que está por sua própria conta?
– Ainda não tinha pensado nessa parte.
– E onde pretendia ficar enquanto estivesse por aqui?
– Também não tinha pensado nessa parte, ainda.
— Pelo menos está sendo honesto — ela disse, sorrindo. — Mas me diga uma coisa, o que faria se eu não estivesse aqui?
— Para onde mais você poderia ter ido?
Ela olhou para longe, saboreando o fato de ele ter se lembrado dessas coisas. Na distância, viu as luzes de uma traineira que saía para a pesca de camarões, e ela se movimentava tão vagarosamente que parecia parada.
– Está com fome? — ela perguntou.

– Morrendo. Não comi nada o dia inteiro.
– Gostaria de jantar?
– Você conhece algum lugar bacana?
– Estou pensando em um lugar bastante interessante.
— Esse lugar aceita cartão de crédito? Usei todo o meu dinheiro para chegar até aqui.
Tenho certeza — ela falou -— de que vamos conseguir dar um jeito nisso.
Afastando-se do farol, fizeram o caminho de volta pela praia, andando pela areia compacta próxima da água. Havia entre eles um espaço que nenhum dos dois parecia disposto a atravessar. Ao contrário, com o nariz de ambos ficando vermelho por causa do frio, caminhavam firmemente, como se estivessem sendo puxados para o lugar em que deveriam estar.
No silêncio, Jeremy refez mentalmente sua viagem até ali, engolindo um sentimento de culpa em relação a Nate e a Alvin. Ele tinha perdido a *conference call* — não tinha conseguido nenhum sinal no telefone enquanto atravessava o Pamlico Sound — e calculou que talvez conseguisse telefonar assim que chegasse em terra firme, embora não estivesse muito ansioso por isso. Nate, ele imaginou, devia ter trabalhado em ritmo acelerado durante horas e devia ter ficado esperando pelo seu telefonema, por isso agora estaria alterado; Jeremy pensou em sugerir um encontro com os produtores na semana seguinte, com as imagens e as linhas gerais da matéria, idéia que ele imaginara ser a questão central do telefonema, de qualquer forma. Se isso não fosse suficiente para acalmá-lo, se o fato de ter perdido um simples

telefonema pudesse pôr um fim em sua carreira, antes de ela ter começado, então ele não tinha muita certeza de que queria trabalhar na televisão.

E Alvin... bem, com ele seria mais fácil. Não havia como voltar para Boone Creek e encontrar Alvin naquela noite — Jeremy compreendeu isso na hora em que desceu do barco —, mas Alvin tinha um celular, e ele poderia lhe explicar o que estava acontecendo. Alvin não ficaria muito feliz por ter de trabalhar sozinho a noite inteira, mas no dia seguinte, estaria recuperado. Alvin era uma daquelas pessoas raras que não deixavam que nada as incomodasse por mais de um dia.

Ainda assim, sendo honesto consigo mesmo, Jeremy admitiu que não se importava com nada daquilo agora. Ao contrário, tudo o que parecia importar era que estava caminhando ao lado de Lexie numa praia tranqüila no meio do nada, e enquanto se arrastavam contra a brisa salgada, ela havia enganchado tranqüilamente seu braço no dele.

Lexie subiu na frente os degraus de madeira empenada do velho chalé e pendurou sua jaqueta no cabide que ficava ao lado da porta. Jeremy também pendurou a sua, junto com a mochila. Enquanto ela caminhava à sua frente pela sala, Jeremy a observava, pensando de novo no quanto ela era bonita.

– Você gosta de macarrão? — ela perguntou, interrompendo seus pensamentos.

– Está falando sério? Eu cresci comendo macarrão. Acontece que minha mãe é italiana.

— Ótimo — ela disse. — Porque era isso que eu estava pensando em fazer.

— Vamos comer aqui?

— Acho que seremos obrigados — ela falou, por cima do ombro. — Você está sem dinheiro, lembra?

A cozinha era pequena, num tom de amarelo desbotado, com o papel de parede florido soltando nos cantos, armários gastos e um pequeno conjunto de mesa e cadeiras pintadas sob a janela. Sobre o tampo de um armário estavam as compras que ela havia trazido. Mexendo no primeiro pacote, Lexie tirou uma caixa de cereal matinal e um pão de fôrma. Do lugar em que estava, perto da pia, Jeremy reparou em sua pele, quando ela ficou na ponta dos pés para colocar as coisas no armário.

— Precisa de ajuda? — ele perguntou.

— Não, eu consegui, obrigada — ela respondeu, endireitando-se. Depois de ajeitar a saia, ela alcançou o outro pacote e colocou duas cebolas de lado, junto com duas latas grandes de tomates San Marzano. — Mas enquanto estou fazendo isto, você quer beber alguma coisa? Tem um pacote com seis garrafinhas de cerveja na geladeira, se estiver interessado.

Ele arregalou os olhos, simulando um choque. — Você tem cerveja? Achei que você não fosse de beber muito.

— E não bebo.

— Mas, para alguém que não bebe, seis garrafas fazem um belo estrago. — Ele sacudiu a cabeça, antes de continuar. — Se eu não a conhecesse melhor, poderia achar que você estava pensando em cair na farra este fim de semana.

Ela disparou um olhar fulminante em sua direção, mas, como no dia anterior, tinha um ar divertido. — É mais do que suficiente para eu passar o mês, muitíssimo obrigada. Então, quer tomar uma ou não?

Ele sorriu, aliviado com essa disputa familiar. — Eu adoraria, obrigado.

— Importa-se em pegar você mesmo? Preciso cuidar do molho.

Jeremy caminhou até a geladeira e tirou duas garrafas de Coors Light do pacote. Tirou a tampa de uma e depois da outra, que colocou diante dela. Quando ela deu uma olhada para a garrafa, ele sacudiu os ombros. — Detesto beber sozinho — ele explicou.

Ele ergueu a garrafa para fazer um brinde e ela também ergueu a sua. Eles bateram as garrafas sem dizer uma palavra. Inclinando-se sobre a bancada ao lado dela, ele cruzou uma perna sobre a outra. — Se quer saber, sou muito bom para picar coisas, caso precise de ajuda.

— Vou procurar me lembrar — ela falou.

Ele sorriu. — Há quanto tempo sua família é dona deste lugar?

— Meus avós o compraram logo depois da II Grande Guerra. Naquela época, não havia sequer uma estrada na ilha. Você tinha de vir dirigindo pela areia até chegar aqui. Ali na sala há algumas fotos do lugar naquela época.

— Se importaria se eu desse uma olhada?

— Fique à vontade. Ainda estou preparando as coisas. Há um banheiro no corredor, se quiser se lavar antes do jantar. No quarto de hóspedes, à direita.

Jeremy foi para a sala e deu uma olhada nas fotos que mostravam a vida rústica na praia, então reparou que a mala de Lexie estava perto do sofá. Depois de pensar por uns instantes, ele pegou a mala e foi até o corredor. À esquerda, ele viu um quarto bem ventilado, com uma cama grande de pés altos, coberta por uma colcha de retalhos com motivos de conchas. As paredes eram decoradas com mais fotos mostrando a paisagem de Outer Banks. Presumindo que este fosse seu quarto, ele colocou a mala no lado de dentro, junto à porta.

Depois, ele entrou no quarto que ficava no lado oposto do corredor. Decoradas com motivos náuticos, as cortinas proporcionavam um contraste agradável com o guarda-roupa e criados-mudos de madeira. Ao tirar os sapatos e meias ao pé da cama, ele ficou imaginando como seria dormir ali, sabendo que Lexie estaria sozinha do outro lado do corredor.

Junto à pia do banheiro, deu uma olhada no espelho e, com as mãos, fez uma tentativa para dar um jeito nos cabelos desalinhados. Sua pele estava coberta por uma fina camada de sal e, depois de lavar as mãos, também jogou um pouco de água no rosto. Sentindo-se um pouco melhor, ele voltou para a cozinha a tempo de ouvir as melancólicas notas de *Yesterday,* dos Beatles, que vinham de um pequeno rádio colocado no peitoril da janela.

— Ainda está precisando de ajuda? — ele perguntou. Ao lado dela, ele viu uma saladeira média; dentro havia pequenos pedaços de tomate e azeitonas.

Enquanto lavava a alface, Lexie apontou com a cabeça na direção das cebolas. — Estou quase acabando a salada, mas você se importa de descascar as cebolas?

— Claro que não. Quer que eu corte também?

— Não é preciso, pode deixar. É só descascar. A faca está naquela gaveta.

Jeremy pegou uma faca de cozinha e começou a descascar as cebolas. Durante algum tempo eles trabalharam sem falar, apenas ouvindo música. Quando terminou de lavar a alface e a colocou de lado, Lexie se movimentou, procurando ignorar o fato de que estavam muito próximos. Mas, com o canto do olho, não conseguiu deixar de admirar o charme natural de Jeremy, o formato de seus quadris e pernas, os ombros largos, o formato do rosto.

Jeremy ergueu uma cebola descascada, completamente alheio aos pensamentos dela. — Assim?

— Exatamente — ela respondeu.

— Tem certeza de que não quer que eu corte?

— Tenho. Se fizer isso, vai arruinar o molho e eu jamais poderei perdoá-lo.

— Todo mundo corta as cebolas. Minha *mãe italiana* corta as cebolas.

— Eu não.

— Então você pretende colocar estas cebolas grandes e redondas dentro do molho, inteiras?

— Não. Primeiro vou cortá-las na metade.

— Posso fazer isso, pelo menos?

— Não, obrigada. Eu detestaria ter de colocar você pra fora — ela sorriu. — Além disso, sou eu quem está cozinhando,

lembra? Você só tem de olhar e aprender. Neste momento, pense em você mesmo como se fosse um... aprendiz.

Ele olhou para ela. Desde que tinham entrado na casa, o tom meio avermelhado do rosto, provocado pelo frio, havia desaparecido, dando lugar ao brilho natural de sua pele.

— Aprendiz?

Ela deu de ombros. — O que é que eu posso dizer? Sua mãe pode ser italiana, mas eu fui criada por uma avó que experimentou todas as receitas existentes neste mundo.

— E isso faz de você uma especialista?

— Não, mas Dóris se tornou uma, e durante muito tempo eu fui a aprendiz. Eu aprendi por osmose, e agora é a sua vez.

Ele pegou a outra cebola. — Então, me diga o que há de tão especial na sua receita? Quer dizer, além de ter cebolas do tamanho de bolas de tênis.

Ela pegou a cebola descascada e a cortou no meio. — Bem, já que sua mãe era italiana, tenho certeza de que já ouviu falar dos tomates San Marzano.

— É claro — ele disse. — São tomates. De San Marzano.

— Ha, ha — ela gracejou. — Na verdade, são tomates mais doces e saborosos, especialmente para molhos. Agora, observe e aprenda.

Ela tirou uma panela do armário e a colocou de lado, então abriu o gás e acendeu a boca do fogão. A chama azul ganhou vida, e ela colocou a panela vazia em cima.

— Estou impressionado — ele falou, terminando a segunda cebola e colocando-a do lado. Então, pegou sua cerveja e inclinou-se novamente sobre a bancada. — Você devia ter um programa de culinária só seu na TV.

Ignorando o comentário, ela virou duas latas de tomates na panela, depois acrescentou uma barra inteira de manteiga. Jeremy espiou por cima de seu ombro, vendo a manteiga derreter.

— Parece saudável — ele disse. — Meu médico vive me dizendo que estou precisando de mais colesterol na minha dieta.

— Você sabia que tem uma tendência a ser sarcástico?

— Já ouvi falar — ele disse, erguendo sua garrafa. — Mas, obrigado por ter percebido.

– Você já terminou a outra cebola?

– Sou o aprendiz, não sou? — ele falou, passando-lhe a cebola.

Ela também cortou essa outra, antes de acrescentar as quatro metades ao molho. Mexendo um pouco com uma longa colher de madeira, ela deixou que o molho começasse a ferver e depois diminuiu o fogo.

— Está bem, então — ela falou, satisfeita, voltando para a pia —, por enquanto é isso. Ficará pronto em uma hora e meia.

Enquanto ela lavava as mãos, Jeremy espiou a panela do molho, franzindo a testa. — É isso? Sem alho? Sem sal e pimenta? Ou lingüiça? Almôndegas?

Ela sacudiu a cabeça. — Apenas três ingredientes. Depois cobrimos o *linguine* com esse molho e por cima colocamos queijo parmesão ralado na hora.

— Isso não é muito italiano.

— Para falar a verdade, é sim. É a maneira como fazem em San Marzano há séculos. A propósito, isso fica na Itália. — Ela fechou a torneira, sacudiu as mãos sobre a pia e secou-as com

um pano de prato. — Mas já que temos algum tempo, vou me arrumar um pouco antes do jantar — ela disse. — O que significa que vai ter de ficar sozinho durante algum tempo.
— Não se preocupe comigo. Vou pensar em algo pra fazer.
— Se quiser, pode tomar um banho — ela disse. — Posso lhe trazer uma toalha.
Como ainda sentia o sal no pescoço e nos braços, ele não precisou pensar muito para aceitar. — Obrigado. Seria ótimo.
— Espere só um minuto que eu arrumo tudo pra você, está bem?
Ela sorriu e pegou sua cerveja ao passar por ele, sentindo os olhos dele em seus quadris. Ficou pensando se ele estaria se sentindo tão constrangido quanto ela.
No fim do corredor, ela abriu a porta de um armário, pegou algumas toalhas e colocou-as na cama dele. Embaixo da pia do banheiro, no quarto de hóspedes, havia vários frascos de xampu e sabonete. Ela pegou um sabonete novo e deixou tudo arrumado. Enquanto fazia isso, vislumbrou sua imagem no espelho, ao mesmo tempo em que teve uma rápida visão de Jeremy enrolado numa toalha, saindo do chuveiro. Essa imagem causou-lhe um certo tremor e ela respirou profundamente, sentindo-se como se tivesse voltado à adolescência.
— Alô? — ela o ouviu chamar. — Onde é que você está?
— Estou no banheiro — ela respondeu, divertindo-se com a calma que conseguira transmitir na voz. — Apenas verificando se está tudo aqui.
Ele apareceu atrás dela. — Por acaso você não tem uma gilete perdida em alguma dessas gavetas, tem?

— Não, sinto muito. Posso procurar no meu banheiro, também, mas...
— Não tem importância — ele disse, passando a mão pela barba por fazer. — Vou usar um visual meio relaxado esta noite.
Relaxado seria perfeito, ela pensou, sentindo seu rosto corar. Desviando dele para que não percebesse seu embaraço, ela mostrou os frascos de xampu. — Use o que quiser — ela falou. — E não se esqueça de que a água quente demora um pouco para sair, por isso tenha paciência.
— Pode deixar — ele respondeu. — Mas, vou ter de lhe pedir para me deixar usar seu telefone. Preciso fazer alguns telefonemas.
Ela assentiu com a cabeça. — O telefone fica na cozinha.
Passando por ele de novo, ela voltou a sentir seu olhar, embora não tivesse se voltado para conferir. Ao contrário, foi direto para seu quarto, fechou a porta, e ficou ali parada, encostada na porta, envergonhada por estar se sentindo tão boba. Não havia acontecido nada, e não iria acontecer nada, ela disse a si mesma novamente. Trancou a porta, na esperança de que isso fosse suficiente para impedir que seus pensamentos escapassem dali. E funcionou, pelo menos por alguns instantes, até perceber que ele havia trazido sua mala para o quarto.
Ao pensar que ele havia estado ali alguns minutos antes, sentiu crescer dentro dela uma expectativa proibida e, embora desejasse esvaziar completamente sua mente, percebeu então que precisava admitir que estivera mentindo para si mesma todo aquele tempo.

Quando Jeremy voltou para a cozinha, depois de ter tomado banho, conseguiu sentir o aroma que a panela do molho exalava, borbulhando em cima do fogão. Ele terminou sua cerveja, encontrou a lata de lixo embaixo da pia, para jogar fora a garrafa vazia, e depois foi pegar outra na geladeira. Na prateleira de baixo, viu um pedaço de queijo parmesão fresco e um vidro fechado de azeitonas Amfiso; ficou pensando em roubar uma, mas acabou desistindo.

Encontrou o telefone e discou o número do escritório de Nate, conseguindo completar a ligação imediatamente. Durante uns vinte segundos Jeremy precisou manter o aparelho afastado da orelha para agüentar as imprecações disparadas por Nate, mas quando ele se acalmou, reagiu positivamente à sugestão de Jeremy, de fazer uma reunião na próxima semana. Jeremy encerrou o telefonema com a promessa de falar com ele novamente na manhã seguinte.

Alvin, por outro lado, ele não conseguiu localizar. Depois de discar o número e ouvir a mensagem da caixa postal, Jeremy esperou um minuto e tentou de novo, mas o resultado foi o mesmo. O relógio da cozinha mostrava que já eram quase seis horas, e Jeremy calculou que Alvin devia estar em algum ponto da rodovia. Se tivesse sorte, conseguiria falar com ele antes que saísse à noite.

Sem ter mais o que fazer e Lexie ainda fora de vista, Jeremy saiu pela porta de trás e foi para a varanda. A temperatura havia caído ainda mais. O vento cada vez mais forte era frio e cortante, e apesar de não conseguir ver o oceano, as ondas

batiam continuamente, o barulho ritmado embalando-o até deixá-lo num estado quase hipnótico.
Antes que fosse tarde demais, ele voltou para a sala escurecida. Espiando o corredor, viu uma fresta de luz sob a porta fechada do quarto de Lexie. Sem saber o que fazer em seguida, ele acendeu um pequeno abajur perto da lareira. Com uma luz que mal dava para espalhar sombras pela sala, ele começou a olhar os livros que estavam empilhados sobre a lareira até se lembrar de sua mochila. Na pressa para chegar até ali, ainda não tinha dado uma olhada no caderno de Dóris, e depois de tirá-lo da mochila, ele o levou consigo para a espreguiçadeira. Ao ajeitar-se no assento, sentiu a tensão de seus ombros diminuir pela primeira vez em muito tempo.
Isso, sim, ele pensou, era bom. Não, melhor: era assim que as coisas deviam ser sempre.

Um pouco antes, ao ouvir Jeremy fechar a porta de seu quarto, Lexie tinha resolvido ir para perto da janela e tomar um gole de cerveja, feliz por ter alguma coisa para acalmar seus nervos.
Os dois haviam tido uma conversa superficial na cozinha, mantendo distância enquanto as coisas se ajeitavam. Ela sabia que precisava sustentar sua determinação quando viera para cá, mas ao colocar a cerveja de lado, compreendeu que não queria conservar essa distância. Não mais.
Apesar de saber dos riscos, tudo o que dizia respeito a ele só a puxava para que ficasse mais perto — a surpresa por vê-lo caminhando na praia em sua direção, seu sorriso fácil e seu cabelo desgrenhado, o olhar nervoso, de moleque —, e,

naquele instante, ele era tanto o homem que ela conhecia quanto o que não conhecia. Embora não tivesse admitido para si mesma então, agora compreendia que queria conhecer a parte que ele havia escondido, qualquer que fosse ela e para onde quer que pudesse levar.

Dois dias atrás, jamais teria imaginado que fosse possível acontecer uma coisa dessas, especialmente com um homem que ela mal conhecia. Ela já havia se machucado antes, e agora percebia que havia reagido à dor recolhendo-se na segurança da solidão. Mas uma vida sem riscos não era uma vida pra valer, e se era preciso mudar, podia muito bem começar agora.

Depois de tomar banho, sentou-se na ponta da cama e abriu o zíper do bolso de fora da mala para tirar um vidro de loção. Passou um pouco nas pernas e braços, espalhou-a pelo colo e pela barriga, sentindo uma sensação de prazer na pele macia.

Ela não havia trazido nenhuma roupa especial que pudesse usar; na pressa para sair logo de manhã, pegou as primeiras coisas que encontrou, e ao procurar na mala, acabou encontrando sua calça *jeans* favorita. Bastante gasta, estava rasgada nos joelhos e a barra estava puída. Mas as inúmeras lavagens haviam deixado o tecido fino e macio, e ela sabia que isso acentuava suas formas. Sentiu um arrepio diante da certeza de que Jeremy iria notar.

Vestiu uma camisa branca de manga comprida, que ela não havia se preocupado em dobrar, e enrolou as mangas até os cotovelos. De pé diante do espelho, ela fechou os botões, parando um botão abaixo de onde pararia normalmente, revelando um leve vestígio do colo.

Secou o cabelo com o secador e penteou-o com uma escova. Quanto à maquilagem, fez o melhor que pôde com o que tinha, aplicando um pouco de *blush* no rosto, delineador e batom. Sentiu falta de um perfume, mas não havia nada que pudesse fazer quanto a isso agora.

Quando ficou pronta, arrumou a camisa diante do espelho, para que ela parecesse passada, e gostou da imagem que viu. Sorrindo, tentou lembrar-se de quando fora a última vez em que se preocupara em ter uma boa aparência.

Jeremy estava sentado na cadeira, com os pés para o alto, quando ela entrou na sala. Ele ergueu os olhos para vê-la, e por um instante pareceu-lhe que ele havia pensado em dizer algo, mas as palavras não saíram. Em vez disso, ele simplesmente a encarou.

Incapaz de desviar os olhos de Lexie, ele subitamente entendeu por que havia sido tão importante encontrá-la novamente. Ele não tivera escolha, pois já sabia que estava apaixonado por ela.

— Você está... incrível — ele sussurrou, finalmente.

— Obrigada — ela disse, percebendo a emoção genuína em sua voz e regozijando-se pela maneira como a fez sentir-se. Os olhos dos dois se encontraram e sustentaram o olhar, e nesse instante ela compreendeu que a mensagem que ele estava transmitindo era um reflexo da que estava enviando.



Capítulo QUINZE

Por um momento, nenhum dos dois pareceu capaz de se mexer, até que Lexie suspirou profundamente e desviou o olhar. Embora a pulsação ainda estivesse alterada, ela ergueu ligeiramente a garrafa.

— Acho que preciso tomar mais uma — ela falou, tentando mostrar um sorriso. — Você também quer uma?

Jeremy limpou a garganta. — Eu já peguei. Obrigado.

— Volto num minuto. Acho que também preciso dar uma olhada no molho.

Lexie caminhou na direção da cozinha com as pernas bambas e parou diante do fogão. A colher de madeira deixou uma marca de molho de tomate no balcão, quando ela a pegou para mexer o molho, e por isso ela colocou-a de volta no mesmo lugar quando terminou. Depois, ela abriu a geladeira, pegou outra cerveja e a colocou sobre a bancada, junto com as azeitonas. Tentou abrir o vidro, porém, como suas mãos estavam trêmulas, não conseguia ter a firmeza necessária.

— Precisa de ajuda para fazer isso? —Jeremy perguntou.
Ela ergueu os olhos, surpresa. Como não havia percebido sua aproximação, ficou pensando se seus sentimentos eram tão óbvios quanto imaginava.
— Se você não se importa — ela respondeu.
Jeremy tirou o vidro de azeitonas de sua mão. Ela ficou observando os músculos vigorosos de seu braço enrijecerem quando ele forçou a tampa para abrir. Depois, olhando para a cerveja, ele pegou a garrafa, abriu-a e deu para ela.
Ele não a olhou nos olhos, também não parecia estar com vontade de dizer qualquer coisa. Na tranqüilidade que pairava sobre o ambiente, ela o viu inclinar-se na bancada. A luz do teto estava acesa, mas sem a claridade que atravessava as janelas no final da tarde, agora parecia mais suave do que quando havia começado a cozinhar.
Lexie tomou um grande gole de cerveja, saboreando o gosto, saboreando tudo daquela noite: seu aspecto e suas sensações, assim como o modo como ele a olhava fixamente. Estava perto o bastante para alcançá-lo e poderia até tocar em Jeremy, e por um momento quase fez isso, mas decidiu se virar na direção do armário da cozinha.
Pegou uma lata de azeite e um vidro de aceto balsâmico, e derramou um pouco de cada numa pequena cumbuca, junto com sal e pimenta.
— O cheiro está delicioso — ele disse.
Depois que terminou o molho para a salada, ela pegou as azeitonas e colocou-as em outra cumbuca pequena. — Ainda temos uma hora antes do jantar — ela disse. Quando falava, sentia-se mais segura. — Como eu não planejava ter

companhia, isso vai ter de servir como aperitivo. Se estivéssemos no verão, eu diria para esperarmos na varanda, lá fora. Mas tentei ficar lá esta tarde e está um gelo. E devo avisá-lo de que as cadeiras da cozinha não são muito confortáveis.

– E isso quer dizer?...

– Você se importa de esperar sentado de novo na sala?

Ele foi na frente, parou perto da espreguiçadeira para pegar o caderno de Dóris, e ficou olhando enquanto Lexie ocupava um lugar no sofá. Ela colocou as azeitonas sobre a mesa de centro, e então se mexeu no lugar para ficar confortável. Quando se sentou ao seu lado, ele sentiu o aroma doce e floral do xampu que ela havia usado. Da cozinha, vinha o barulho muito baixo do rádio.

– Estou vendo que você está com o caderno de Dóris.

Ele concordou com a cabeça. — Ela me emprestou.

– E...?

– Só agora há pouco consegui dar uma olhada nas primeiras páginas. Mas tem muito mais detalhes do que eu havia imaginado.

– Agora você acredita que ela adivinhou o sexo de todos esses bebês?

– Não — ele respondeu. — Como eu disse, ela pode ter anotado apenas aqueles que acertou.

Lexie sorriu. — E a diferença na maneira como ela fez todas as anotações? Às vezes usando caneta, às vezes um lápis, algumas vezes parece que ela estava com pressa, outras vezes parece ter feito com muita calma.

— Eu não estou dizendo que o caderno não parece convincente. Só estou dizendo que ela não pode adivinhar o sexo de bebês simplesmente segurando a mão de alguém.
— Por que você acha que não pode.
— Não. Porque é impossível.
— Será que você não quer dizer estatisticamente improvável?
— Não — ele falou. — Impossível.
— Tudo bem, sr. Cético. Como está indo sua história?
Jeremy começou a arranhar o rótulo de sua garrafa com o dedão. — Bem — ele disse. — Mas, se puder, ainda gostaria de dar uma olhada em alguns dos diários que estão na biblioteca para finalizar. Talvez encontre alguma coisa para tornar a história mais interessante.
— Você descobriu a causa?
— Sim — ele disse. — Agora só tenho de provar. Se tudo der certo, o tempo vai cooperar.
— Vai sim. Deveremos ter neblina durante todo o fim de semana. Ouvi esta tarde no rádio.
— Ótimo. Mas a parte ruim é que a solução pode não ser tão engraçada quanto a lenda.
— Então, você acha que valeu a pena ter vindo até aqui?
Ele assentiu com a cabeça. — Sem dúvida alguma — ele disse, com a voz tranqüila. — Eu não teria perdido esta viagem por nada neste mundo.
Atenta ao tom da voz, ela sabia exatamente o que ele estava querendo dizer, e virou-se para ele. Pousando o queixo sobre a mão, ela colocou uma perna no sofá, apreciando aquela intimidade, o modo como ele a fazia sentir-se desejada.

— Então, o que está acontecendo? — ela perguntou, inclinando-se levemente para a frente. — Você pode me contar qual é a resposta?

A luminária que estava atrás dela lhe dava uma aura de luz muito fraca, e seus olhos irradiavam um brilho violeta sob os cílios pretos.

—Eu prefiro lhe mostrar.

Ela sorriu. — Você quer dizer, já que eu tenho de levar você de volta, de qualquer forma. Certo?

– Certo.

– E você vai querer ir embora...

– Amanhã, se for possível. — Ele sacudiu a cabeça, tentando recuperar o controle sobre seus sentimentos, pois não queria arruinar tudo, não queria forçar nada, ao mesmo tempo em que não desejava outra coisa senão tomá-la em seus braços. — Preciso encontrar Alvin. Ê um amigo meu — um *cameraman* de Nova Iorque. Ele está vindo para fazer algumas imagens profissionais.

– Ele está vindo para Boone Creek?

– Pra falar a verdade, é provável que ele esteja chegando na cidade neste momento.

– Agora? E você não deveria estar lá?

– Com certeza — ele admitiu.

Ela pensou a respeito do que ele havia dito, sensibilizada por todo o esforço que ele fizera para estar ali ainda hoje.

– Tudo bem — ela falou. — Podemos pegar a balsa que sai logo de manhãzinha. Podemos estar de volta à cidade por volta das dez.

– Obrigado.

– E vocês pretendem filmar amanhã à noite?
Ele fez que sim. — Deixei um bilhete para Alvin, sugerindo que ele fosse até o cemitério esta noite, mas também precisamos filmar outros lugares. E amanhã vai ser um dia cheio, de qualquer forma. Existem alguns fios soltos que preciso amarrar.
—E quanto ao baile no celeiro? Pensei que tínhamos combinado que se você resolvesse o mistério eu iria dançar com você.
Jeremy abaixou a cabeça. — Se eu puder, vou resolver. Acredite. Não há nada que eu queira mais. O silêncio cobriu a sala.
—Quando é que você vai voltar para Nova Iorque? — ela perguntou finalmente.
—Sábado — ele respondeu. — Tenho de estar em Nova Iorque para uma reunião na semana que vem.
Seu coração encolheu diante daquelas palavras. Embora já soubesse que isso iria acontecer, aquelas palavras machucaram. — De volta à vida excitante, hein?
Ele sacudiu a cabeça. — A minha vida em Nova Iorque não é tão glamourosa. Na maior parte, significa trabalho. Passo a maior parte do meu tempo pesquisando ou escrevendo, e essas atividades são solitárias. Pra falar a verdade, às vezes fico muito sozinho.
Ela ergueu a sobrancelha. — Não tente fazer com que eu sinta pena de você, porque nessa eu não caio.
Ele a olhou de relance. — E se eu lhe falasse dos meus vizinhos horripilantes? Sentiria pena de mim?
—Não.

Ele riu. — Você pode pensar o que quiser, mas eu não moro em Nova Iorque porque é excitante. Vivo ali porque minha família está lá, porque é confortável. Porque, para mim, é meu lar. Assim como Boone Creek é o seu lar.

– Pelo que vejo, você e sua família são muito próximos.

– Sim, nós somos — ele disse. — Nós nos reunimos quase todos os fins de semana na casa de mamãe e papai, no Queens, para esses jantares enormes. Meu pai teve um ataque cardíaco alguns anos atrás e ainda sente os efeitos, mas ele adora esses finais de semana. Parece um zoológico de verdade: uma porção de crianças correndo para todos os lados, mamãe cuidando da comida na cozinha, meus irmãos com as esposas no quintal de trás. É claro que todos moram nas proximidades, por isso eles aparecem por lá muito mais do que eu.

Ela bebeu mais um pouco, tentando imaginar a cena. — Parece bacana.

—E é. Mas, às vezes, é difícil.

Ela olhou para ele. — Eu não entendo.

Ele ficou em silêncio, enquanto girava a garrafa na mão. — Às vezes, eu também não — ele disse.

Talvez fosse o jeito dele falar, o fato é que não conseguiu fazer qualquer comentário; no silêncio, ela o observou mais atentamente, esperando que ele continuasse.

—Você já teve algum sonho? — ele perguntou. — Algo que você quisesse demais e aí, justamente quando achasse que estava prestes a alcançar e agarrar o que você tanto queria, alguma coisa acontecesse e afastasse você do seu sonho?

—Todo mundo tem sonhos que não se transformam em realidade — ela respondeu, a voz na defensiva.
Os ombros dele desabaram. — É. Acho que você está certa.
— Eu não sei se estou entendendo o que você está querendo dizer — ela falou.
— Há uma coisa que você não sabe a meu respeito — ele disse, virando-se para olhá-la de frente. — Na verdade, é algo que jamais contei a qualquer pessoa.
Diante dessas palavras, ela sentiu uma tensão em seus ombros.
—Você é casado — ela disse, endireitando as costas. Ele balançou a cabeça. — Não.
— Então você está saindo com alguém em Nova Iorque e é sério.
— Não, também não é isso.
Como ele não falasse mais nada, ela pensou ter visto uma sombra de dúvida em seu rosto.
—Tudo bem — ela disse. — Não é da minha conta, afinal.
Ele balançou a cabeça e forçou um sorriso. — Você chegou perto com o primeiro palpite — ele falou. — Eu fui casado. E me divorciei.
Esperando coisa muito pior, ela quase caiu na risada de alívio, mas a expressão sombria de Jeremy a impediu.
—Ela se chamava Maria. Éramos como fogo e palha, mas ninguém entendia o que nós víamos um no outro. Para além da superfície, entretanto, compartilhávamos das mesmas crenças e valores a respeito de todas as coisas realmente importantes na vida. Inclusive a vontade de ter filhos. Ela queria quatro, e eu, cinco — ele parou, quando viu a expressão do rosto dela. — Eu sei que esse número de filhos é

alto para os dias de hoje, mas era uma coisa que nós dois tínhamos em comum. Como eu, ela também viera de uma família grande — ele fez uma pausa. — Nós não soubemos de imediato que havia um problema. Mas depois de seis meses, ela ainda não tinha engravidado, e decidimos fazer alguns testes de rotina. Os resultados revelaram que estava tudo bem com ela, mas por algum motivo, comigo não. Não nos deram qualquer explicação, nenhuma resposta plausível. Parecia ser apenas uma daquelas coisas que às vezes acontecem com as pessoas. Quando ela descobriu, decidiu que não queria mais manter o casamento. E agora... quer dizer, adoro minha família, gosto muito de ficar com eles, mas, quando estou lá, fico sempre me lembrando da família que nunca poderei ter. Eu sei que parece estranho, mas acho que você teria de se colocar no meu lugar para entender o quanto eu queria ter filhos.

Quando ele terminou, Lexie apenas o olhou fixamente, esforçando-se para entender o que ele tinha acabado de lhe contar. — Sua mulher o deixou porque vocês descobriram que não poderiam ter filhos? — ela perguntou.

– Não imediatamente. Mas no final, sim.

– E não havia nada que os médicos pudessem fazer?

—Não — ele parecia quase envergonhado. — Quer dizer, eles não disseram que era absolutamente impossível para mim ter um filho, mas deixaram claro que era bastante provável que isso *jamais* aconteceria. E isso foi suficiente para ela.

—E quanto à adoção? Ou encontrar um doador? Ou...

Jeremy sacudiu a cabeça. — Eu sei que é fácil pensar que ela foi insensível, mas não foi bem assim — ele disse. — Você

teria de conhecê-la para entender. Ela cresceu imaginando que um dia seria mãe. Afinal, suas irmãs estavam todas se tornando mães, e ela também teria sido mãe, se não fosse por mim — ele ergueu os olhos na direção do teto. — Durante muito tempo eu me recusei a acreditar nisso. Eu não queria pensar em mim como um homem defeituoso, mas essa era a verdade. E eu sei que pode parecer ridículo, mas, depois disso, eu me senti um pouco menos homem. Como se eu não fosse suficientemente digno de ninguém.

Ele deu de ombros, com sua voz ficando cada vez mais normal à medida que ele falava. — Sim, nós poderíamos ter partido para a adoção; sim, poderíamos ter encontrado um doador. Eu sugeri que fizéssemos tudo isso. Mas o coração dela não aceitava. Ela queria ficar grávida, queria vivenciar o parto, e nem era preciso dizer que ela queria viver tudo isso com seu marido. A partir daí, as coisas nunca mais foram as mesmas. Mas não era só ela. Eu também mudei. Eu me tornei uma pessoa melancólica... Passei a viajar ainda mais a trabalho... Eu não sei... talvez eu a tenha afastado.

Lexie o observou durante algum tempo. — Por que está me contando tudo isso?

Ele tomou um gole de sua cerveja e arranhou o rótulo da garrafa de novo. — Talvez porque eu queira que você saiba no que é que está se metendo ao se envolver com alguém como eu.

Ao ouvir essas palavras, Lexie sentiu que corava. Ela balançou a cabeça e desviou o olhar.

– Não diga coisas se não sabe do que está falando.

– O que a faz pensar que eu não sei do que estou falando?

Lá fora, o vento recomeçou a soprar com força, e ela ouvia o som passando como um carrilhão perto da porta.

—Porque não sabe. Porque não pode. Porque você não é assim, e não tem nada a ver com o que você acabou de me contar — ela disse. — Você e eu... não somos parecidos, por mais que você queira pensar que somos. Você está lá, eu estou aqui. Você tem uma grande família que costuma visitar com freqüência, eu só tenho Dóris, e ela precisa de mim aqui, principalmente agora, por causa de sua saúde. Você gosta de cidades, eu prefiro pequenos vilarejos. Você tem uma carreira que adora, e eu... bem, eu tenho a biblioteca e adoro aquilo também. Se um de nós dois for obrigado a mudar, a abrir mão daquilo que escolhemos para nossas vidas... — ela fechou os olhos rapidamente. — Sei que algumas pessoas conseguem fazer isso, mas é um osso duro de roer quando se trata de construir um relacionamento. Você mesmo disse que se apaixonou por Maria porque vocês tinham os mesmos valores. Mas, no nosso caso, um dos dois teria de se sacrificar. E se eu não quero ter de me sacrificar, não acho que seja justo esperar que você se sacrifique também.

Ela baixou o olhar, e no silêncio que se seguiu, era possível ouvir o tique-taque do relógio que ficava sobre a lareira. Seu rosto adorável estava marcado pela tristeza, e Jeremy foi tomado subitamente pelo medo de perder qualquer chance de ficar com ela. Estendendo o braço, ele virou o rosto dela com um dedo em sua direção.

—E se eu não achar que é um sacrifício? — ele falou. — E se eu lhe disser que prefiro ficar com você a voltar para a vida que eu levava?

Fazendo um esforço para ignorar a eletricidade que sentiu quando ele a tocou, Lexie procurou manter sua voz firme.
—Então eu lhe diria que foram maravilhosos os momentos que passamos nos últimos dias. Que conhecer você foi... bem, incrível. E que, sim, eu gostaria de acreditar que poderia dar certo. E que estou lisonjeada.
—Mas você não quer tentar fazer com que dê certo.
Lexie sacudiu a cabeça. — Jeremy... eu ...
– Tudo bem — ele disse. — Eu entendo.
– Não, você não está entendendo — ela respondeu. — Porque você ouviu o que eu disse, mas não escutou direito. Eu quis dizer que é claro que eu gostaria que as coisas entre nós dessem certo. Você é inteligente e gentil e charmoso... — ela parou de falar, hesitante. — Tudo bem, talvez você avance um pouco o sinal de vez em quando...
Apesar da tensão, ele não conseguiu evitar o sorriso. Ela continuou, escolhendo cuidadosamente as palavras.
– O motivo porque estou falando tudo isso é que... eu acho que esses dois dias foram incríveis, mas há coisas que aconteceram no passado, e que deixaram feridas em mim também — ela disse. Brevemente, e com toda a calma, Lexie lhe contou sobre o sr. Renascença. Quando terminou, ela se sentia um pouco culpada. — Talvez por isso eu esteja tentando ser prática desta vez. Não estou dizendo que você vai desaparecer como ele. Mas você afirmaria, com toda a honestidade, que nós sentiríamos a mesma coisa um em relação ao outro se tivéssemos de ficar viajando para poder passar um tempo juntos?
– Sim — ele disse, a voz firme. — Afirmo.

Ela pareceu quase triste com a resposta dele. — Você diz isso agora, mas e amanhã? E daqui um mês?

Lá fora, o vento fazia um zumbido enquanto girava ao redor do chalé. A areia batia nas janelas, e as cortinas balançavam com o ar que entrava pelas velhas venezianas.

Jeremy olhou fixamente para Lexie, percebendo mais uma vez o quanto a amava.

—Lexie — ele disse, sentindo que sua boca estava ficando seca. — Eu...

Sabendo o que ele ia dizer, ela ergueu a mão para interrompê-lo. — Por favor — ela disse. — Não. Ainda não estou preparada para isso, *o.k.!* Por enquanto, vamos aproveitar o jantar. Podemos fazer isso? — Ela hesitou, antes de colocar delicadamente sua garrafa de cerveja sobre a mesa. — É melhor eu dar uma olhada no molho e colocar o *linguine* para cozinhar.

Tomado por uma sensação de desalento, Jeremy viu-a levantar-se do sofá. Fazendo uma parada na entrada da cozinha, ela se virou para olhá-lo de frente.

—E só pra você saber, eu acho que a atitude de sua ex-mulher foi horrível e ela não chega nem aos pés da mulher que você tentou fazer com que ela parecesse. Você não deixa seu marido por uma coisa dessas, e o fato de você ainda dizer coisas agradáveis a respeito dela já mostra que ela é quem agiu de maneira errada. Acredite — eu sei o que é preciso fazer para ser um bom pai. Ter filhos significa tomar conta deles, criá-los, amar e dar apoio, e nada disso tem qualquer coisa a ver com o fato de terem sido concebidos numa noite num quarto ou com a experiência da gravidez.

Ela se virou de novo e entrou na cozinha, desaparecendo de vista. Ele ficou ouvindo Billie Holiday cantar *I'll be seeing you* no rádio. Sentindo um nó na garganta, Jeremy se levantou para ir atrás dela, sabendo que se ele não aproveitasse aquele momento, talvez nunca mais tivesse uma chance. Lexie, ele compreendeu subitamente, havia sido o motivo por ele ter vindo para Boone Creek; Lexie era a resposta que ele vinha procurando o tempo todo.

Ele se encostou no batente da porta da cozinha, observando-a enquanto ela colocava outra panela no fogo.

– Quero agradecer por ter dito aquilo.

– Não tem de quê — ela respondeu, recusando-se a olhá-lo nos olhos. Ele sabia que ela estava tentando se manter firme diante das mesmas emoções que ele estava sentindo, e admirou sua paixão e sua reserva. Ainda assim, deu um passo em sua direção, sabendo que precisava arriscar.

– Você me faria um favor? — ele perguntou. — Já que talvez eu não possa amanhã à noite — ele disse, estendendo o braço — você se importaria de dançar comigo?

—Aqui? — ela olhou em volta, atônita, o coração acelerado. Agora?

Sem dizer nem mais uma palavra, Jeremy se aproximou e pegou sua mão. Ele sorriu enquanto levava a mão de Lexie até sua boca, abaixando-a novamente depois de beijar seus dedos. Então, com os olhos grudados nos olhos dela, ele a enlaçou com o outro braço e puxou-a gentilmente contra si. Acariciando suavemente a pele da mão com um dedo, ele sussurrou seu nome, e ela se abandonou para deixar que ele a guiasse.

A melodia suave conduzia seus passos em pequenos círculos pela cozinha, e apesar de se sentir um pouco desconcertada no começo, ela finalmente se acalmou e se apoiou nele, deixando-se envolver pelo calor de seu corpo. Ao sentir a respiração quente que aquecia seu pescoço e a mão que roçava suas costas, ela fechou os olhos e se aconchegou ainda mais, abandonando a cabeça em seu ombro, sentindo os últimos laivos de determinação desaparecerem. Então ela compreendeu que aquilo era tudo o que ela havia desejado desde o início, e na cozinha minúscula eles acompanharam o ritmo da música suave, cada um perdido no outro.

Além das janelas, o movimento incessante das ondas que varriam a praia na direção das dunas. O vento frio soprando sobre o chalé, desaparecendo na noite cada vez mais escura. O jantar fervendo tranqüilamente no fogão.

Quando ela finalmente ergueu a cabeça para encontrar seu olhar, ele a envolveu num abraço. Ele roçou seus lábios nos dela uma vez, depois outra, antes de pressioná-los com força. Após afastar-se ligeiramente para se certificar de que ela estava bem, ele a beijou novamente, e ela correspondeu ao beijo, deleitando-se em seus braços fortes. Ela sentiu a língua dele na sua, a umidade intoxicante, e levou sua mão até o rosto dele, sentindo a barba por fazer. Ele respondeu a esse toque, beijando-a no rosto e no pescoço, roçando a língua quente em sua pele.

Ficaram ali na cozinha, beijando-se durante muito tempo, saboreando um ao outro sem pressa ou urgência, até que Lexie finalmente se afastou. Ela desligou o fogo aceso no

fogão e então, pegando a mão dele novamente, puxou-o até seu quarto.

Fizeram amor lentamente. Enquanto se movia sobre ela, ele sussurrava o quanto a amava e soprava seu nome como se fizesse uma súplica. Suas mãos não paravam um só segundo, como se quisesse provar para si mesmo que ela era real. Eles ficaram na cama durante horas, fazendo amor e sorrindo calmamente, saboreando o toque um do outro.

Horas depois, Lexie saiu da cama e se enfiou num roupão de banho. Jeremy vestiu sua calça *jeans* e foi encontrá-la na cozinha. Eles terminaram de fazer o jantar e Lexie acendeu uma vela. Ele ficou olhando para ela através da pequena chama, maravilhado com o rubor de suas faces, enquanto devorava a refeição mais deliciosa que já havia experimentado. Por alguma razão, o ato de comerem juntos na cozinha, ele sem camisa e ela completamente nua sob o roupão, parecia a coisa mais íntima entre todas as coisas que haviam acontecido naquela noite.

Depois eles voltaram para a cama, e ele a puxou para bem perto, feliz por estar simplesmente abraçado a ela. Quando Lexie pegou no sono em seus braços, Jeremy observou-a enquanto dormia. De vez em quanto ele tirava o cabelo de seus olhos, revivendo a noite, lembrando de todos os detalhes, e sabendo no fundo do coração que havia encontrado a mulher com quem queria passar o resto de sua vida.

Pouco antes do amanhecer, Jeremy acordou e percebeu que Lexie não estava a seu lado. Sentou-se na cama, apalpou as cobertas como que para se certificar, e então pulou da cama e

vestiu a calça *jeans.* As roupas dela ainda estavam no chão, mas o roupão que ela usara durante o jantar havia sumido. Ele fechou a calça e, tremendo um pouco de frio, atravessou o corredor com os braços cruzados.

Ele a encontrou na espreguiçadeira ao lado da lareira, uma xícara de leite na mesinha ao lado. Em seu colo, tinha o caderno de Dóris, aberto quase no começo, mas não estava olhando para ele. Em vez disso, seu olhar estava perdido na janela escura, olhando para o nada.

Ele deu um passo em sua direção, as tábuas do chão rangendo sob seus pés, e ela despertou com o barulho. Quando o viu, ela sorriu.

—Olá pra você — ela falou.

Naquela luz pálida, Jeremy sentiu que havia alguma coisa errada. Ele sentou no braço da cadeira, e passou o braço em torno dela.

– Você está bem? — ele murmurou.

– Sim. Estou bem.

– O que está fazendo? Ainda estamos no meio da noite.

—Eu não conseguia mais dormir — ela disse. — Além disso, teremos de ficar prontos daqui a pouco para pegar a balsa.

Ele concordou com a cabeça, apesar de não ter ficado completamente satisfeito com a resposta.

– Está zangada comigo?

– Não — ela respondeu.

– Está arrependida pelo que aconteceu?

– Não, também não é isso — ela falou. Mas também não disse mais nada, e Jeremy a puxou para perto, esforçando-se para acreditar nela.

– Esse caderno é muito interessante — ele disse, sem querer pressioná-la. — Espero poder passar algum tempo com ele mais tarde.

Lexie sorriu. — Já fazia algum tempo que eu não o via. A presença dele aqui me traz algumas recordações.

—Por exemplo?

Ela hesitou, então apontou para a página que estava aberta em seu colo. — Quando o leu, ontem à noite, você reparou nesta anotação?

– Não — ele respondeu.

– Leia — ela disse.

Jeremy leu a anotação rapidamente; sob vários aspectos, parecia idêntica às outras. O primeiro nome dos pais, a idade, em que fase da gravidez estava a mulher. E o fato de que a mulher iria ter uma menina. Quando terminou, olhou para ela.

– Isto quer dizer alguma coisa para você? — ela perguntou.

– Não — ele examinou o rosto dela. — Deveria?

Lexie abaixou os olhos. — Essas informações se referem aos meus pais — ela disse, a voz calma. — Esta é a anotação que previu que eu seria uma menina.

Jeremy ergueu as sobrancelhas com curiosidade.

—Era nisso que eu estava pensando — ela disse. — Nós pensamos que nos conhecemos, mas você nem sabia qual era o nome dos meus pais. E eu não sei o nome dos seus.

Jeremy sentiu que se formava um nó em seu estômago. — E isso a preocupa? O fato de você achar que nós não nos conhecemos muito bem?

—Não — ela falou. — O que me preocupa é que não sei se algum dia iremos nos conhecer.
Então, com uma ternura que lhe causou uma dor no coração, ela passou os braços em volta dele. Eles ficaram abraçados um ao outro na cadeira durante muito tempo, desejando poder perpetuar aquele momento para sempre.



Capítulo

DEZESSEIS

- Então, esse é o seu amigo, hã? — Lexie perguntou.
Ela gesticulou discretamente para o interior da cela. Apesar de ter passado a vida inteira em Boone Creek, Lexie jamais havia tido o privilégio de visitar a cadeia municipal — até aquele dia.
Jeremy fez que sim com a cabeça. — Normalmente, ele é um pouco diferente — Jeremy sussurrou.
Naquela manhã, logo cedo, eles haviam arrumado suas malas e fechado o chalé da praia, ambos relutando em sair. Mas quando chegaram em Swan Quarter, para pegar a balsa, o

celular de Jeremy recebeu sinal suficiente para que ele pegasse as mensagens. Nate havia deixado quatro, sobre a reunião que teriam. Alvin, por outro lado, deixara apenas uma, bastante furiosa, dizendo que havia sido preso.

Lexie havia levado Jeremy até o lugar em que ele deixara o carro, e depois ele a seguira até Boone Creek, preocupado com Alvin, mas preocupado com Lexie também. O jeito amuado de Lexie, que havia começado antes do dia amanhecer, continuara inalterado nas horas seguintes. Apesar de não ter se afastado quando ele colocou o braço em volta dela na balsa, tinha permanecido calada, olhando fixamente para as águas de Pamlico Sound. Quando sorriu, foi apenas um lampejo, e quando ele pegou sua mão, ela não apertou a dele. Também não disse nada a respeito do que haviam conversado antes; estranhamente, ela se pôs a falar dos navios naufragados na costa, e quando ele tentara desviar a conversa para questões mais sérias, ela mudava de assunto ou simplesmente não respondia.

Enquanto isso, Alvin estava definhando na cadeia municipal, parecendo — aos olhos de Lexie, pelo menos — que pertencia àquele lugar. Vestido com uma camiseta preta do Metallica, calça e jaqueta de couro, e uma pulseira cheia de tachas, Alvin estava olhando para eles com um olhar enfurecido, o rosto afogueado. — Alguém pode me dizer que diabo de cidade maluca é esta? Alguma coisa normal já aconteceu por aqui? — ele começara com essa ladainha desde o momento em que Lexie e Jeremy haviam chegado, e seus dedos estavam brancos devido à força com que ele agarrava as barras das grades. — Vocês podem*, por favor,* me tirar daqui?

Atrás deles, Rodney mantinha uma expressão carrancuda, os braços cruzados, ignorando o que Alvin dizia, da mesma forma como havia feito nas últimas oito horas. O sujeito reclamava demais e, além disso, Rodney estava muito mais interessado em Lexie e Jeremy. De acordo com Jed, Jeremy não havia voltado para seu quarto na noite passada, e Lexie também não havia passado a noite em casa. Poderia ter sido coincidência, mas ele duvidava muito, o que significava que era bem provável que eles tivessem passado a noite juntos. O que não era nada bom.

– Tenho certeza de que vamos dar um jeito — Jeremy disse, sem querer irritar Rodney ainda mais. Ele parecia já bastante nervoso quando Jeremy e Lexie apareceram. — Conte o que foi que aconteceu.

– O que aconteceu? — Alvin repetiu, o tom de voz subindo. Seus olhos adquiriram um aspecto algo ensandecido. — Você quer saber o que aconteceu? Eu lhe digo o que foi que aconteceu! Este lugar está cheio de malucos, isso é o que aconteceu! Primeiro, eu me perdi tentando encontrar esta cidade idiota. Quer dizer, eu vinha dirigindo pela estrada, passei dois postos de gasolina e continuei, certo? Dali pra frente não parece que deveria ter uma cidade? Pois o que aconteceu é que eu fiquei perdido no meio de um pântano durante horas. Não encontrei a cidade até umas nove horas da noite. E aí você poderia pensar que alguém me daria alguma indicação para chegar até o Greenleaf, certo? Quer dizer, qual seria a dificuldade? Cidade pequena, único lugar pra ficar? Bom, eu me perdi de novo! E isso depois de agüentar o cara

do posto de gasolina buzinar na minha orelha por mais de meia hora...

– Tully — Jeremy disse, acenando com a cabeça.

– O quê?

– O cara de quem você falou.

– Tá, não importa... então eu consegui chegar finalmente ao Greenleaf, certo? E o gigantesco sujeito cabeludo daquele lugar não é exatamente uma pessoa amigável e me olhou de um jeito pouco amistoso, me entregou seu bilhete e me colocou num quarto com todos aqueles animais mortos...

– Todos os quartos são assim.

– Não importa! — Alvin grunhiu. — E, é claro, você não estava nem perto...

– Desculpe por isso.

– Você vai me deixar acabar de falar?! — Alvin gritou. — Então, o.k., recebi seu recado e segui suas instruções para ir até o cemitério, certo? E cheguei lá bem a tempo de ver as luzes, e é fantástico, sabe? Pela primeira vez em muitas horas, eu não estava irritado, certo? Então eu fui para esse lugar chamado Lukilu para tomar um último trago antes de dormir, já que parecia o único lugar aberto na cidade naquela hora da noite. E havia apenas algumas pessoas no lugar, então eu comecei a conversar com essa garota chamada Rachel. E o papo estava ótimo. Nós estávamos realmente nos entendendo, então apareceu esse sujeito, parecendo que tinha acabado de engolir um porco-espinho... — ele apontou com a cabeça na direção de Rodney. Rodney sorriu sem mostrar os dentes.

– Bom, de qualquer forma, um pouco depois eu saí para pegar meu carro, e logo em seguida esse cara apareceu batendo com

a lanterna contra a janela e me mandando sair do carro. Eu perguntei por que, e ele me mandou sair de novo. E aí começou a perguntar quanto eu tinha bebido e a dizer que talvez eu não devesse dirigir. Eu disse que estava bem e que estava aqui para trabalhar com você, e o que sei é que passei a noite trancado aqui! Agora, *tire-me daqui!*

Lexie olhou por cima do ombro. — Foi isso o que aconteceu, Rodney?

Rodney limpou a garganta. — Até certo ponto. Mas ele se esqueceu da parte em que me chamou de Barney Fife Bobão e disse que iria me processar por abuso de autoridade se eu não o deixasse ir embora. Ele parecia estar agindo de maneira tão irracional que eu pensei que ele pudesse ter consumido drogas ou que pudesse agir de maneira violenta, então eu o trouxe para cá, para sua própria segurança. Ah, e ele também me chamou de monte de músculos idiota.

– Você estava me hostilizando! Eu não fiz nada!

– Você estava bebendo e dirigindo.

—Duas cervejas! Eu tinha tomado duas cervejas! — Alvin estava parecendo um maníaco novamente. — Pergunte ao moço que me serviu! Ele vai confirmar!

—Eu já fiz isso — Rodney falou —, e ele me disse que você tomou sete.

—Ele está mentindo! — Alvin gritou, os olhos se revirando na direção de Jeremy. Ele encostou a cabeça nas grades, o rosto em pânico entre suas mãos. — Eu bebi duas cervejas! Eu juro, Jeremy! Eu jamais sairia dirigindo se tivesse bebido demais. Juro pela Bíblia da minha mãe!

Jeremy e Lexie olharam para Rodney. Ele deu de ombros. — Eu só estava fazendo meu trabalho.

—Seu trabalho! Seu trabalho! — Alvin esbravejou. — Prendendo uma pessoa inocente! Estamos nos Estados Unidos e você não pode fazer uma coisa dessas! E isso não vai ficar assim! Quando eu acabar com você, você não vai conseguir um emprego nem como segurança no Wal-Mart! Está me ouvindo, Barney?! Wal-Mart!

Estava claro que os dois deviam ter passado a noite trocando insultos.

– Eu vou conversar com Rodney — Lexie sussurrou, finalmente. Quando ela saiu com o policial, Alvin ficou em silêncio.

– Nós vamos tirar você daqui — Jeremy garantiu a ele.

– Pra começo de conversa, eu nem devia estar aqui!

– Eu sei disso. Mas você não está colaborando.

– Ele está me intimidando!

—Eu sei disso. Mas vamos deixar por conta da Lexie. Ela vai dar um jeito.

No corredor, Lexie ergueu os olhos para encarar Rodney. — O que está acontecendo por aqui? — ela perguntou.

Rodney não a olhou nos olhos; em vez disso, continuou a olhar na direção da cela.

—Onde é que você estava na noite passada?

Ela cruzou os braços. — Eu estava no chalé da praia.

—Com ele?

Lexie hesitou, imaginando qual seria a melhor resposta. — Eu não fui com ele, se é isso o que está perguntando.

Rodney fez que sim com a cabeça, percebendo que ela não havia respondido à pergunta completamente, mas compreendendo subitamente que não queria saber mais nada.

– Por que você o prendeu? Honestamente.

– Eu não planejei nada. Ele provocou tudo isso.

– Rodney...

Ele se virou, deixando a cabeça cair sobre o peito.

—Ele estava dando em cima da Rachel, e você sabe como ela fica quando bebe: toda coquete e sem um pingo de bom senso. Quer dizer, eu sei que não é da minha conta, mas alguém precisa tomar conta dela — ele fez uma pausa. — De qualquer forma, quando ele estava saindo, eu fui atrás para falar com esse sujeito, para ver se ele estava pensando em ir até a casa dela e que tipo de cara ele era. E aí ele começou a me insultar. E eu não estava no melhor dos meus dias, de qualquer forma...

Lexie sabia qual era o motivo, e quando Rodney deixou as palavras no ar, não fez qualquer comentário. Rapidamente, Rodney sacudiu a cabeça, como se ainda estivesse tentando se justificar. — Mas o fato é que ele tinha bebido e estava pensando em dirigir. E isso é ilegal.

– Ele havia ultrapassado algum limite de velocidade?

– Eu não sei. Eu não tentei descobrir.

– Rodney! — ela sussurrou com o tom de voz mais alto.

—Ele me deixou zangado, Lexie. Ele é mal-educado e esquisito, e estava dando em cima da Rachel e me xingando, e aí falou que estava trabalhando com esse sujeito... — ele apontou com a cabeça para Jeremy.

Lexie colocou uma das mãos em seu ombro. — Veja se me escuta, está certo? Você sabe que vai ficar encrencado se o mantiver aqui sem motivo. Principalmente com o prefeito. Se ele descobrir o que você fez com o *cameraman* — especialmente depois de todo o trabalho que ele teve para que desse tudo certo com essa história —, ele pode lhe causar problemas — ela deixou que aquilo fosse assimilado antes de prosseguir. — Além disso, nós dois sabemos que quanto mais cedo você o deixar sair, tanto mais cedo os dois irão embora.

—Você realmente acredita que ele vai embora?

Lexie fitou Rodney nos olhos. — O vôo dele sai amanhã.

Pela primeira vez, Rodney sustentou seu olhar. — Você vai embora com ele?

Ela demorou um pouco para responder a pergunta que havia feito para si mesma durante toda a manhã. — Não — ela sussurrou. — Boone Creek é o meu lar. E é aqui que eu vou ficar.

Dez minutos depois, Alvin estava caminhando pelo estacionamento ao lado de Jeremy e de Lexie. Rodney ficara parado na porta da cadeia municipal, vendo-os partir.

– Não diga nada — Jeremy avisou novamente, segurando o braço de Alvin. — Continue andando.

– Ele é um jeca com uma arma e um distintivo!

– Não, ele não é — Lexie falou, a voz firme. — Ele é um bom sujeito, não importa o que você possa pensar.

– Ele me prendeu sem motivo algum!

– E ele também cuida das pessoas que vivem aqui.

Eles chegaram no carro, e Jeremy fez sinal para que Alvin sentasse no banco de trás.

– Isso não vai ficar assim — Alvin resmungou enquanto entrava. — Vou telefonar para o promotor. Esse cara vai ser mandado embora.

– O melhor que tem a fazer é esquecer tudo isto — Lexie falou, olhando para ele através da porta aberta.

– Esquecer tudo isso? Você ficou maluca? Ele estava errado e você sabe disso.

– Sim, ele estava. Mas já que ninguém foi indiciado, você vai mesmo esquecer tudo.

– E quem é você para me dizer isso?

– Sou Lexie Darnell — ela disse, apresentando-se. — E não apenas sou amiga de Jeremy como também tenho de viver neste lugar com Rodney, e não estou mentindo quando digo que me sinto muito mais segura sabendo que ele está por perto. Todos na cidade se sentem mais seguros por causa dele. Mas você vai embora amanhã, e ele não vai incomodá-lo novamente — ela sorriu. — E, vamos lá, você tem de admitir que isso tudo vai render uma boa história quando voltar para Nova Iorque.

Ele a encarou com um olhar incrédulo antes de olhar para Jeremy. — É ela? — ele perguntou.

Jeremy fez que sim com a cabeça.

—Ela é bonita — Alvin observou. — Talvez um pouco autoritária, mas bonita.

—- Melhor ainda, cozinha como uma italiana.

—Tão boa quanto sua mãe?

— Talvez melhor.

Alvin assentiu com a cabeça, em silêncio por alguns instantes.
— Eu imagino que você acha que ela está certa com esse papo de deixar tudo prá lá.
– Eu acho. Ela entende este lugar melhor do que eu ou você, e até agora não me deu qualquer informação que não estivesse correta.
– Então ela é esperta, também, hã?
– Muito.
Alvin exibiu um sorriso cínico. — Imagino que vocês estavam juntos ontem à noite.
Jeremy ficou em silêncio.
– Ela deve ser mesmo uma coisa...
– Eu estou aqui, rapazes! — Lexie finalmente interferiu. — Vocês percebem que estou ouvindo tudo o que estão dizendo?
– Desculpe — Jeremy disse. — Velhos hábitos, só isso.
– Podemos ir agora? — Lexie perguntou.
Jeremy olhou para Alvin, que parecia estar pensando em quais seriam as alternativas.
– Claro — ele respondeu, dando de ombros. — E não é só isso. Pretendo esquecer que tudo isto aconteceu. Com uma condição.
– E qual é? —Jeremy perguntou.
– Toda essa conversa sobre comida italiana me deixou com fome, e não como nada desde ontem à noite. Vocês me pagam um almoço e eu não só vou deixar tudo de lado, como também vou lhes contar tudo o que aconteceu durante a filmagem ontem à noite.
Rodney ficou olhando enquanto eles se afastavam, e depois entrou, cansado devido à falta de sono. Ele sabia que não

devia ter prendido o sujeito; mesmo assim, não se sentia tão mal a respeito disso. Tudo o que queria era fazer um pouco de pressão, e então o cara começou a abrir a boca e a agir como um coitado...

Ele coçou a cabeça, sem querer pensar muito a respeito daquilo. Estava tudo acabado agora. O que não estava acabado era o fato de que Lexie e Jeremy tinham passado a noite juntos. Uma coisa era a suspeita, e outra bem diferente era a prova, e ele viu o modo como estavam agindo agora pela manhã. Havia alguma coisa diferente do modo como tinham se comportado na festa da noite anterior, o que significava que algo havia mudado entre eles. Ainda assim, ele não tivera certeza absoluta até ouvir a resposta enviesada com que ela havia tentado responder sem responder. *Eu não fui com ele, se é isso o que está perguntando.* Não, ele tinha sentido vontade de dizer, ele não tinha perguntado aquilo. Ele tinha perguntado se ela havia passado a noite na praia com Jeremy. Mas a resposta vaga foi suficiente, e não era preciso ser um gênio para descobrir o que tinha acontecido.

A compreensão desse fato quase partiu seu coração, e mais uma vez ele desejou poder entendê-la melhor. Houve algumas ocasiões no passado em que ele chegou a pensar que estava quase conseguindo descobrir o que a fazia vibrar, mas isto... bem, isto mostrava que estava errado, não mostrava? Por que, diabos, ela iria permitir que uma coisa dessas acontecesse de novo? Por que é que ela não tinha aprendido a lição com o primeiro estranho que havia passado pela cidade? Será que ela se lembrava de como tinha ficado deprimida

depois de tudo? Será que não sabia que seria a única a se machucar de novo?

Ela devia saber essas coisas, ele pensou, mas tinha decidido — pelo menos por uma noite, de qualquer forma — que não se importava. Não fazia nenhum sentido, e Rodney estava ficando cansado de se preocupar com isso. Estava ficando cansado de ser ferido por ela. Sim, ele ainda a amava, mas já lhe dera tempo mais do que suficiente para que avaliasse quais eram seus sentimentos por ele. Agora já estava na hora, ele pensou, de Lexie tomar uma decisão, qualquer que fosse ela.

Já quase esquecendo a raiva, Alvin parou na soleira da porta do Herbs ao ver que Jed estava sentado em uma das mesas. Jed lançou um olhar mal-humorado e cruzou os braços assim que viu Alvin, Jeremy e Lexie ocuparem seus lugares em uma mesa de canto, perto da janela da frente.

—Nosso amigável *conderge* não parece muito feliz em nos ver — Alvin sussurrou por cima da mesa.

Jeremy olhou-o de relance. Os olhos de Jed pareciam pequenos botões.

—Puxa, isso é muito estranho. Ele sempre me pareceu tão amigável. Você deve ter feito alguma coisa para deixá-lo contrariado.

– Eu não fiz nada. Só me registrei.

– Talvez ele não goste de sua aparência.

– O que há de errado com a minha aparência?

Lexie ergueu as sobrancelhas, como se dissesse "Você deve estar brincando".

—Eu não sei — ele respondeu em voz alta. — Talvez ele não goste do Metallica.

Alvin olhou rapidamente para a própria camiseta e balançou a cabeça.

—Não importa — ele respondeu.

Jeremy piscou para Lexie; apesar de ter lhe devolvido um sorriso, sua expressão era distante, como se a cabeça dela estivesse longe dali.

—A filmagem de ontem a noite foi ótima — Alvin falou, pegando o *menu.* — Peguei tudo de dois ângulos e assisti no *playback* ontem à noite. O material ficou incrível. As redes de *TV* vão adorar. O que me lembra que preciso telefonar para Nate. Como ele não conseguiu encontrar você, ficou ligando pra mim a tarde inteira. Eu não consigo entender como você agüenta aquele cara.

Diante da expressão de perplexidade de Lexie, Jeremy se inclinou em sua direção. — Ele está falando do meu agente.

– Ele também vem pra cá?

– Não. Ele está ocupado demais, sonhando com o futuro de minha carreira. Além disso, ele não saberia o que fazer fora daquela cidade. Ele é o tipo de cara que acha que a área do Central Park deveria ser ocupada por apartamentos e ruas comerciais.

Ela exibiu um sorriso rápido.

—E quanto a vocês dois? — Alvin quis saber. — Como foi que vocês se conheceram?

Como Lexie não tivesse feito menção de responder, Jeremy voltou a sentar-se de frente para Alvin.

—Ela é bibliotecária e tem me ajudado com a pesquisa que venho fazendo para minha história — ele disse vagamente.

– E você dois têm passado um bocado de tempo juntos, hein? Com o canto do olho, Jeremy viu Lexie desviar o olhar para longe.
– Havia muita coisa para pesquisar — ele disse.
Alvin olhou para seu amigo, percebendo que havia alguma coisa estranha. Era como se tivesse havido uma briga de namorados e eles já tivessem encerrado o assunto, mas ainda estivessem cuidando das feridas. O que era um bocado de coisas para acontecer numa única manhã.
– Bom... tudo bem — ele disse, decidindo deixar esse assunto de lado. Em vez disso, ele resolveu dar uma olhada nas entradas do cardápio, no momento em que Rachel se aproximava da mesa.
– Oi, Lex; oi, Jeremy — ela disse, quando chegou ao lado deles. — Oi, Alvin.
Alvin ergueu os olhos. — Rachel!
– Eu pensei que você tivesse dito que iria aparecer para o café-da-manhã — ela disse. — Eu acabei de desistir de você.
– Me desculpe por isso — Alvin falou, e olhou rapidamente para Jeremy e para Lexie. — Acho que peguei no sono.
Colocando a mão no bolso do avental, Rachel tirou um bloquinho de papel, depois pegou a caneta que levava atrás da orelha. — Então, o que é que vocês vão querer?
Jeremy pediu um sanduíche; Alvin pediu um caldo de lagosta e um sanduíche também. Lexie balançou a cabeça. — Eu não estou com muita fome — ela disse. — A Dóris está por aqui?
—Não, ela não veio hoje. Estava cansada e decidiu tirar o dia para descansar. Ela trabalhou até tarde ontem à noite para preparar todas as coisas para o fim de semana.

Lexie tentou ler a expressão de seu rosto.
-— É verdade, Lex — Rachel acrescentou, a voz séria. — Não há com que se preocupar. Ela parecia bem ao telefone.
—Talvez seja melhor eu ir até a casa dela para ver se está tudo bem, de qualquer forma — Lexie falou, olhando ao redor da mesa antes de se levantar. Rachel mudou de lugar para lhe dar passagem.
– Quer que eu vá com você? — Jeremy perguntou.
– Não, está tudo bem — ela respondeu. — Você tem trabalho a fazer, e eu também tenho coisas para resolver. Quer me encontrar mais tarde na biblioteca? Você queria dar mais uma olhada nos diários, lembra?
– Se você não se importar — ele disse, atônito com a indiferença de seu tom de voz. Ele teria preferido passar o resto da tarde com ela.
– Que tal se nos encontrarmos lá às quatro?
– Pra mim está ótimo — ele disse. — Mas me avise sobre o que está acontecendo, *o.k.!*
– Como disse a Rachel, tenho certeza de que ela está bem. Mas vou pegar o caderno dela no banco do carro, se você não se importar.
– Sim, claro.
Ela olhou para Alvin. — Foi um prazer conhecê-lo, Alvin.
—Meu também.
No minuto seguinte, Lexie tinha ido embora e Rachel estava a caminho da cozinha. Assim que ficaram longe do alcance de qualquer ouvido, Alvin inclinou-se sobre a mesa.
– Tudo bem, meu amigo, vá falando.
– O que você quer dizer?

– Você sabe muito bem do que estou falando. Primeiro você se apaixona por ela. Depois vocês passam a noite juntos. Mas quando vocês apareceram na cadeia, agiram como se mal se conhecessem. E agora ela aproveitou a primeira desculpa que apareceu para sumir daqui.

– Dóris é a avó dela — Jeremy explicou — e Lexie está preocupada. A saúde dela não anda muito bem.

– Não importa — Alvin respondeu, sem esconder seu ceticismo. — O que eu acho é que você passou o tempo todo olhando para ela como um cãozinho solitário, e ela tem feito o possível para fingir que não está vendo. Vocês dois brigaram ou aconteceu alguma coisa desse tipo?

– Não — Jeremy falou. Então, parou, dando uma olhada pelo restaurante. Em uma mesa do canto, ele viu três membros da assembléia da cidade, bem como a senhora que trabalhava como voluntária na biblioteca. Todos acenaram para ele. — Pra falar a verdade, eu não sei o que aconteceu. Num minuto estava tudo bem, e depois...

Como ele tivesse parado de falar, Alvin se inclinou novamente sobre a mesa. — Tá, tudo bem, não ia durar muito, de qualquer forma.

– Mas poderia — Jeremy insistiu.

– Ah, é mesmo? O quê? Você estava pensando em se mudar para a região *Além da Imaginação***.** Ou ela pretendia mudar para Nova Iorque?

Jeremy dobrou e desdobrou o guardanapo sem responder, sem querer que o lembrassem do óbvio.

No silêncio, Alvin ergueu as sobrancelhas. — Eu definitivamente preciso passar mais algum tempo com essa

moça — ele disse. — Eu nunca vi você ficar desse jeito por causa de alguém desde Maria.
Jeremy ergueu os olhos sem dizer uma palavra, sabendo que seu amigo estava certo.

Dóris estava na cama, apoiada na cabeceira, olhando por cima dos óculos de leitura, quando Lexie espiou pela porta do quarto.
– Dóris? — Lexie chamou.
– Lexie, o que está fazendo aqui? Entre, entre ...
Dóris colocou de lado o livro que estava aberto sobre seu colo. Ela ainda estava de pijama, e tirando o tom um pouco acinzentado da pele, parecia estar bem.
Lexie atravessou o quarto. — Rachel disse que você resolveu ficar em casa por hoje, e eu só queria ver se estava tudo bem.
– Ah, eu estou bem. Só um pouco devagar, só isso. Mas, eu pensei que você devia estar na praia.
– Eu estava — ela disse, sentando-se na ponta da cama. — Mas precisei voltar.
– Hã?
– Jeremy apareceu por lá.
Dóris ergueu as mãos como se estivesse se rendendo. — Não me culpe. Eu não contei a ele onde você estava. E também não lhe disse para ir atrás de você.
– Eu sei! — Lexie apertou suavemente o braço de Dóris para tranqüilizá-la.
– Então como é que ele sabia onde encontrar você?
Lexie juntou as mãos sobre o colo. — Eu tinha falado a respeito do chalé para ele outro dia, e ele apenas cruzou as

informações. Você nem acredita a surpresa que foi quando eu o vi caminhando pela praia.

Dóris examinou Lexie atentamente antes de se endireitar um pouco mais. — Então... vocês dois ficaram no chalé da praia a noite passada? Lexie assentiu com a cabeça.

—E...?

Lexie não respondeu imediatamente, mas depois de algum tempo, seus lábios formaram um sorriso leve. — Eu fiz o seu famoso molho de tomate para ele.

—É mesmo?

—Ele ficou impressionado — ela disse. Lexie passou a mão pelos cabelos. — A propósito, eu trouxe o seu caderno de volta. Está na sala.

Dóris tirou os óculos de leitura e começou a limpar as lentes com uma pontinha do lençol. — Mas nada disso explica o fato de você ter voltado.

—Jeremy precisava de uma carona. Um amigo dele de Nova Iorque — um *cameraman* — veio filmar as luzes. Eles também vão filmar hoje à noite.

—Como é o amigo dele?

Lexie hesitou, pensando um pouco a respeito. — Ele parece uma mistura de músico *punk* e membro de uma gangue de motocicletas, mas fora isso... é legal.

Quando ela ficou em silêncio, Dóris esticou o braço e pegou na mão de Lexie. Apertando-a suavemente, ela estudou a expressão de sua neta.

– Você quer conversar sobre o verdadeiro motivo que a trouxe até aqui?

– Não — Lexie respondeu, passando o dedo pelas dobras da colcha da cama. — Pra falar a verdade, não. Acho que vou ter de resolver isso sozinha.

Dóris acenou com a cabeça. Lexie sempre se fazia de forte. Ela sabia que às vezes era melhor não dizer absolutamente nada.



Capítulo DEZESSETE

Parado em pé na varanda do Herbs, Jeremy olhou para o relógio, enquanto esperava que Alvin terminasse sua conversa com Rachel. Alvin estava caprichando na cantada, e Rachel não parecia estar com pressa de se despedir, o que normalmente seria considerado um bom sinal. Mas, para Jeremy, Rachel parecia menos interessada em Alvin do que em ser simplesmente educada, e Alvin não estava percebendo suas indiretas. Como sempre, Alvin tinha uma certa dificuldade para entender indiretas.

Quando Alvin e Rachel finalmente se despediram, Alvin se aproximou de Jeremy, um sorriso cínico no rosto, como se já tivesse esquecido dos acontecimentos da noite anterior. O que era bastante provável.

– Você viu aquilo? — ele cochichou quando estava bem perto. — Acho que ela gosta de mim.

– E por que não gostaria?

– Exatamente — ele concordou. — Cara, ela é mesmo uma coisa. Adoro o jeito dela falar. É tão... *sexy.*

– Você acha tudo *sexy* — Jeremy observou.

– Isso não é verdade — ele protestou. — Só a maioria das coisas.

Jeremy sorriu. — Bem, talvez você encontre com ela esta noite, no baile. Acho que podemos dar uma passada por lá antes de irmos filmar novamente.

—Tem um baile esta noite?

– No velho celeiro de tabaco. Pelo que sei, a cidade inteira comparece. Tenho certeza de que ela vai estar lá.

– Ótimo — Alvin falou, descendo a escada da varanda. Então, como se estivesse falando para si mesmo, ele acrescentou: — Por que será que ela não falou nada?

Rachel folheou o seu talãozinho de pedidos distraidamente, enquanto observava Alvin afastar-se e sair do restaurante com Jeremy.

Ela havia se mostrado um pouco retraída quando ele sentou ao seu lado no Lukilu, mas depois que ele contou o que estava fazendo na cidade e que conhecia Jeremy, engataram uma conversa e ele passou quase uma hora falando de Nova

Iorque. Do jeito que ele falava, parecia o próprio paraíso. Quando ela disse que esperava poder viajar até lá algum dia, ele anotou o número de seu telefone na capa de sua agenda e lhe disse para telefonar. Até prometeu que conseguiria alguns ingressos em musicais da cidade, se ela quisesse.

Por mais lisonjeira que fosse a oferta, sabia que não iria telefonar. Ela jamais havia gostado muito de tatuagens, e apesar de não ter tido muita sorte com os homens ao longo dos anos, já há muito tempo havia decidido que jamais iria namorar alguém que tivesse mais furos na orelha do que ela mesma. Mas, ela tinha de admitir, aquele não era o único motivo para a sua falta de interesse; Rodney também tinha alguma coisa a ver com isso.

Rodney sempre aparecia no Lukilu para se certificar de que ninguém iria tentar sair dirigindo se estivesse embriagado, e praticamente todo mundo que costumava passar por lá sabia que ele poderia aparecer a qualquer hora durante a noite. Ele passeava pelo bar, cumprimentava muita gente, e se achasse que você tinha ido um pouco além da conta, iria lhe dizer isso e avisar que daria uma olhada no seu carro mais tarde. Apesar de parecer intimidativo — e provavelmente era, se você estivesse bebendo demais —, ele também acrescentaria que teria prazer em levá-lo para casa. Era sua maneira de manter os bêbados fora da estrada, e nos últimos quatro anos não tinha havido necessidade de fazer uma única prisão. Nem mesmo o proprietário do Lukilu se importava mais com suas visitas; bem, ele havia reclamado do fato de ter um policial patrulhando o salão no começo, mas como ninguém parecia se importar, acabou se

acostumando, e até passou a chamar Rodney quando achava que havia alguém no salão precisando de uma carona.
Na noite passada, Rodney havia aparecido como sempre fazia, e não levou muito tempo para descobrir Rachel sentada no bar. Normalmente, ele teria sorrido e se aproximado para conversar um pouco, mas, desta vez, ao perceber que Alvin estava ao seu lado, por um momento ela teve a impressão de que ele havia ficado quase magoado. Essa reação foi inesperada, mas desapareceu tão rapidamente quanto havia surgido, e de repente ele pareceu zangado. De certa forma, parecia que ele estava quase com ciúmes, e ela imaginou que tinha sido esse o motivo que a levou a deixar o bar assim que ele saiu. Enquanto voltava para casa, ela ficou relembrando a cena, tentando entender se realmente tinha visto o que achava, ou se estava apenas imaginando coisas. Mais tarde, deitada na cama, chegou à conclusão de que não ficaria nem um pouco chateada se Rodney tivesse sentido ciúmes.
Talvez, ela pensou, ainda houvesse esperança para eles.

Depois de irem até o carro de Alvin, que havia ficado estacionado na rua perto do Lukilu, Jeremy e Alvin foram para o Greenleaf. Alvin tomou um banho rápido, Jeremy trocou de roupa, e os dois passaram as horas seguintes conversando a respeito das descobertas que Jeremy havia feito. Para Jeremy, isso funcionava como uma válvula de escape; a concentração no trabalho era a única maneira que ele conhecia para evitar ficar se preocupando com Lexie.

As fitas de Alvin eram tão extraordinárias quanto ele havia dito, especialmente quando comparadas com as que Jeremy havia gravado. A clareza e a resolução, combinadas com o *playback* em *slow-motion,* faziam com que fosse muito fácil captar detalhes que Jeremy havia deixado escapar na pressa do momento. E o que era melhor, havia alguns enquadramentos que Jeremy poderia isolar e congelar, e ele sabia que isso ajudaria as pessoas a entender o que estava sendo realmente mostrado.

A partir daí, Jeremy colocou Alvin a par dos acontecimentos históricos ao longo do tempo, usando as referências que ele havia descoberto para interpretar o que estava sendo visto. Mas, quando Jeremy continuou a exibir as provas em seus detalhes mais intricados — as três versões da lenda; mapas, anotações sobre as pedreiras, quadros sobre o sistema de águas e tabelas; vários projetos de construções; e aspectos detalhados da refração da luz —, Alvin começou a bocejar. Em nenhum momento ele havia mostrado qualquer interesse pelas minúcias do trabalho de Jeremy, e finalmente conseguiu convencer Jeremy a levá-lo até a fábrica de papel, atravessando a ponte de carro, para que ele pudesse ver o lugar por si mesmo. Eles ficaram alguns minutos olhando ao redor do pátio, vendo a madeira ser carregada para as plataformas, e no caminho de volta pela cidade, Jeremy apontou para o lugar que iriam filmar mais tarde. Dali, eles foram para o cemitério, a fim de que Alvin pudesse gravar algumas imagens com a luz do dia.

Alvin montou a câmera em vários lugares, enquanto Jeremy perambulava por sua própria conta, a tranqüilidade do

cemitério forçando seus pensamentos a se voltarem para Lexie e para suas preocupações em relação a ela. Ele se lembrou da noite que haviam passado juntos e tentou mais uma vez entender o que a teria feito levantar da cama no meio da noite. Apesar de ter negado, ele sabia que ela estava arrependida, talvez até sentisse algum remorso em relação ao que havia acontecido, mas nem isso fazia sentido para ele.

Sim, ele estava indo embora, mas ele havia dito inúmeras vezes que encontrariam um jeito para que tudo desse certo. E, sim, era verdade que eles não se conheciam muito bem, mas diante do pouco tempo que haviam estado juntos, ele havia descoberto o suficiente para saber que poderia amá-la para sempre. Tudo de que precisavam era uma chance.

Mas talvez Alvin estivesse certo, ele pensou. Quaisquer que fossem suas preocupações com Dóris, seu comportamento naquela manhã sugeria que ela estava esperando por uma desculpa para se afastar dele. O que ele não tinha certeza, contudo, era se isso se devia ao fato de ela estar apaixonada, e por causa disso achar que seria mais fácil se distanciar dele agora, ou porque ela não estava, e por isso não queria mais ficar perto dele.

Na noite passada, ele tinha certeza de que ela estava sentindo a mesma coisa que ele. Mas, agora...

Ele gostaria que eles tivessem podido passar a tarde, juntos. Ele queria saber quais eram suas preocupações e tranqüilizá-la; queria abraçá-la e beijá-la, e convencê-la de que encontraria uma maneira de fazer sua relação dar certo, não importava o quanto isso pudesse ser difícil. Ele queria

fazer com que ela ouvisse suas palavras: que ele não conseguia imaginar uma vida sem ela, que seus sentimentos eram verdadeiros. Mas, o mais importante, queria voltar a ter certeza de que ela estava sentindo a mesma coisa que ele.

Mais ao longe, Alvin estava mudando a câmera e o tripé de lugar, perdido em seu próprio mundo e ignorando as preocupações de Jeremy. Jeremy suspirou antes de perceber que tinha ido para a parte do cemitério onde Lexie havia sumido de vista na primeira vez em que a tinha visto ali.

Ele parou por um minuto, hesitante, uma suspeita surgindo em sua mente. Então ele começou a examinar o chão, parando de vez em quando. Levou apenas alguns minutos para que ele descobrisse o óbvio. Caminhando por um sulco estreito, ele parou diante de uma azaléia absolutamente intocada. Ela estava cercada por alguns ramos e galhos, mas o espaço diante dela parecia cuidado. Agachando-se, ele afastou as flores que Lexie devia estar carregando na bolsa, e subitamente entendeu porque nem ela nem Dóris queriam estranhos perambulando pelo cemitério.

Na luz acinzentada, ele olhou fixamente para o túmulo de Claire e de James Darnell, imaginando por que não tinha pensado nisso antes.

No caminho de volta do cemitério, Jeremy deixou Alvin no Greenleaf, para que ele tirasse uma soneca, e depois voltou para a biblioteca, ensaiando as coisas que queria dizer a Lexie.

Ele percebeu que a biblioteca tinha mais gente do que o normal, pelo menos do lado de fora. As pessoas faziam pequenos círculos na calçada, formando grupos de duas ou três, apontando para cima e admirando a arquitetura, como se estivessem ensaiando para o Passeio pelas Casas Históricas. A maioria parecia ter nas mãos o mesmo folheto que Dóris havia enviado para Jeremy e lia em voz alta as informações que ressaltavam as características únicas do edifício.

No lado de dentro, a equipe também parecia estar se preparando. Algumas voluntárias estavam varrendo e limpando; duas outras estavam colocando mais luminárias Tiffany, e Jeremy deduziu que, ao ter início o passeio oficial, as lâmpadas do teto seriam desligadas para dar à biblioteca uma atmosfera mais histórica.

Jeremy passou pela sala das crianças, observando que parecia muito mais desorganizada do que no dia anterior, e continuou pelas escadas. A porta do escritório de Lexie estava aberta, e ele parou por um momento, para se recompor antes de entrar. Lexie estava curvada perto da mesa, que estava quase totalmente limpa. Como todas as outras pessoas da biblioteca, ela estava fazendo o máximo para se livrar da bagunça, fazendo várias pilhas embaixo da mesa.

—Olá! — ele disse.

Lexie ergueu os olhos. — Ei, olá! — ela respondeu, ficando em pé. Ela arrumou a blusa. — Acho que você me pegou tentando tornar este lugar apresentável.

—Vocês realmente vão ter um grande fim de semana pela frente.
—Sim, eu acho que sim. Acho que eu devia ter cuidado destas coisas mais cedo — ela falou, apontando com a mão para o resto da sala —, mas imagino que devo ter sucumbido a um surto de procrastinação.
Ela sorriu, linda mesmo estando um pouco desalinhada.
—Acontece mesmo com as melhores pessoas.
—Sim, bem, normalmente isso não acontece comigo. Em vez de ir na direção de Jeremy, ela pegou outra pilha, e então enfiou a cabeça de novo embaixo da mesa.
—Como está Dóris?
—Bem — ela disse, falando ainda debaixo da mesa. — Como disse a Rachel, ela só está um pouco indisposta, mas amanhã já vai estar novinha em folha — Lexie reapareceu, alcançando outra pilha de papéis. — Se você puder, dê uma passadinha por lá antes de ir embora. Tenho certeza de que ela ficaria contente.
Por um momento, ele ficou simplesmente olhando para ela, mas quando percebeu as implicações do que ela estava dizendo, deu um passo em sua direção. Quando ele fez isso, Lexie deu a volta em torno da mesa, agindo com se não tivesse percebido, mas certificando-se de que a mesa estava entre eles.
—O que está acontecendo? — ele perguntou.
Ela pegou mais algumas coisas de cima da mesa. — Só estou ocupada — ela respondeu.
—Eu perguntei o que está acontecendo conosco — ele disse.

—Nada — a voz dela parecia natural, como se estivesse falando do tempo.
—Você não está nem olhando pra mim.
Diante disso, ela finalmente olhou para cima, encontrando os olhos dele pela primeira vez. Ele podia sentir a hostilidade fervilhando, embora não tivesse certeza se ela estava com raiva dele ou com raiva de si mesma.
—Eu não sei o que você quer que eu diga. Eu já expliquei que tenho muitas coisas para fazer. Acredite ou não, estou na correria por aqui.
Jeremy olhou-a fixamente, sem se mexer, e de repente sentiu que ela estava procurando qualquer desculpa para começar uma briga.
—Posso ajudar em alguma coisa? — ele perguntou.
—Não, obrigada. Eu posso cuidar de tudo — Lexie colocou outra pilha embaixo da mesa. — Como está Alvin? — ela perguntou, sua voz vindo de baixo.
Jeremy coçou a cabeça. — Ele não está mais bravo, se é isso o que está perguntando.
– Ótimo — ela disse. — Vocês dois conseguiram fazer o que queriam?
– A maior parte — ele respondeu.
Ela apareceu de novo, tentando parecer ocupada. — Eu tirei os diários do lugar de novo para você poder olhar. Estão na mesa da sala de livros raros.
Jeremy exibiu um sorriso fraco. — Obrigado.
—E se lembrar de mais alguma coisa que possa precisar antes de sair — ela acrescentou —, vou ficar por aqui durante pelo menos mais uma hora. Mas o passeio começa

às sete, por isso tem de se programar para sair daqui até seis e meia, o mais tardar, pois desligamos as luzes do teto.
—Eu pensei que a sala de livros raros era fechada às cinco.
—Como você está indo embora amanhã, achei que podia ser um pouco mais liberal com as regras só desta vez.
—E porque somos amigos, certo?
—Claro — ela disse, e sorriu automaticamente. — Porque nós somos amigos.
Jeremy saiu do escritório e caminhou até a sala de livros raros, refazendo a conversa em sua cabeça e tentando entender o que havia acontecido. Aquele encontro não tinha sido como ele esperava. Apesar da irreverência do comentário final, ele esperava que ela o seguisse, mas de alguma forma sabia que ela não faria isso. O distanciamento da tarde não tinha ajudado a consertar as coisas entre eles; na verdade, elas haviam piorado. Se antes ela parecia distante, agora dava a impressão de que o achava radioativo.
Por mais que seu comportamento o preocupasse, em alguns aspectos ele sabia que fazia sentido. Talvez ela não precisasse ter sido tão... fria a respeito do assunto, mas tudo girava em torno do fato de que ele morava em Nova Iorque e ela morava ali. No dia anterior, na praia, tinha sido fácil enganar a si mesmo, convencendo-se de que as coisas entre eles iriam dar certo num passe de mágica. E ele havia acreditado nisso. Esse era o problema. Quando as pessoas se importavam umas com as outras, sempre encontravam um jeito de fazer as coisas darem certo.
Ele percebeu que estava alguns passos à frente de si mesmo, mas era assim que ele agia quando tinha de enfrentar um

problema. Procurava soluções, fazia suposições, tentava analisar os acontecimentos a longo prazo, a fim de avaliar cuidadosamente potenciais desdobramentos. E, ele imaginou, era isso o que esperava que ela também fizesse.

O que ele não esperava era ser tratado como um pária. Ou que ela agisse como se não tivesse acontecido absolutamente nada entre eles. Ou que agisse como se acreditasse que a noite anterior tinha sido um erro.

Ele olhou para a pilha de diários em cima da mesa, enquanto sentava na cadeira. Começou separando aqueles pelos quais já tinha dado uma passada de olhos daqueles que não tinha visto, deixando quatro de lado. Até ali, nenhum dos outros sete tinha sido particularmente útil — dois mencionavam funerais familiares que haviam sido realizados em Cedar Creek —, por isso pegou um que não tinha examinado. Em vez de ler a partir da primeira anotação, ele encostou as costas na cadeira e foi virando as folhas para examinar algumas passagens aleatoriamente, tentando determinar se a pessoa que escrevera o diário havia falado a respeito de si mesma ou da cidade em que vivia. Ele havia sido escrito entre 1912 e 1915 por uma jovem adolescente chamada Anne Dempsey, e era, na maior parte, um relato dos acontecimentos pessoais de sua vida no dia-adia daquele período. De quem ela gostava, o que ela comia, pensamentos sobre seus pais e seus amigos, e o fato de que ninguém parecia entendê-la. Se havia alguma coisa notável a respeito de Anne, era que suas angústias e preocupações eram as mesmas que caracterizavam os jovens

de hoje. Apesar de interessante, ele o deixou de lado, junto com os outros que rejeitara.

Os outros dois que ele folheou — ambos escritos durante os anos 20 — eram também em grande parte relatos pessoais. Um pescador havia escrito a respeito de pesca e das marés praticamente nos mínimos detalhes; o segundo, escrito por uma loquaz professora, chamada Glenara, descrevia seu relacionamento amigável com um jovem médico visitante por um período de oito meses, assim como pensamentos a respeito de seus alunos e pessoas que ela conhecia na cidade. Além disso, havia algumas anotações a respeito dos eventos sociais da cidade que pareciam consistir, em grande parte, na observação dos barcos que navegavam pelo rio Pamlico, na ida à igreja, no jogo de bridge, e em passeios pela Main Street nas tardes de sábado. Ele não viu menção alguma a Cedar Creek.

Ele imaginava que o último diário seria mais uma perda de tempo, mas deixar de vê-lo significaria sair, e ele não conseguia se imaginar fazendo isso sem tentar falar com Lexie novamente, nem que fosse apenas para manter as linhas de comunicação abertas. No dia anterior, ele teria irrompido na sala e dito a primeira coisa que lhe viesse à cabeça, mas com as últimas idas e vindas do relacionamento, combinadas com seu estado nitidamente alterado, era impossível imaginar exatamente o que ele deveria dizer ou fazer.

Deveria manter-se distante? Deveria tentar falar com ela, mesmo sabendo que ela estava ansiosa por uma briga? Ou deveria fingir que nem havia notado sua atitude, e

simplesmente agir como se ela ainda quisesse saber como haviam realmente surgido as luzes misteriosas? Deveria convidá-la para jantar? Ou simplesmente tomá-la nos braços?

Está vendo, esse era o problema dos relacionamentos quando a emoção começava a embaçar as águas. Era como se Lexie esperasse que ele fizesse ou dissesse exatamente a coisa certa, exatamente na horta certa, qualquer que fosse ela. E isso, ele decidiu, não era justo.

Sim, ele a amava. E sim, ele também estava preocupado com o futuro deles. Mas enquanto ele queria tentar resolver as coisas, ela estava agindo como se já quisesse jogar a toalha. Ele pensou de novo sobre a conversa que haviam tido.

Se você puder, dê uma passadinha por lá antes de ir embora...

Não "se nós pudermos". Se *você...*

E o que dizer de seu último comentário? *Claro,* ela tinha dito, *porque somos amigos.* Diante disso, tudo o que ele pôde fazer foi morder a própria língua. Amigos?, ele deveria ter dito. *Depois da noite passada, tudo o que você consegue dizer é que somos amigos? Isso é tudo o que eu significo para você?*

Aquele não era jeito de falar com alguém de quem você gostasse. Não era jeito de tratar alguém que você esperava ver novamente, e quanto mais ele pensava nisso, mais ele queria responder na mesma moeda. Você está dando pra trás? *Eu posso fazer isso, também!* Você quer brigar? Pois estou aqui. Ele não tinha feito nada errado, afinal de contas. O que acontecera na noite passada tinha a ver tanto com ela

quanto com ele. Ele havia tentado falar com ela sobre como se sentia; parecia que ela não estava querendo saber. Ele havia prometido que iria tentar fazer com que desse tudo certo; ela parecia ter descartado a idéia desde o começo. E no final das contas, ela é quem o tinha levado para o quarto, e não o contrário.

Ele ficou olhando pela janela, os lábios apertados. Não, ele pensou, ele não ia mais fazer seu jogo. Se ela quisesse falar com ele, ótimo. Mas, se não... bom, então, era dessa maneira que as coisas iriam ficar, e, sinceramente, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Ele não estava disposto a voltar rastejando para lhe implorar e suplicar, por isso estava nas mãos dela o que quer que fosse acontecer. Ela saberia onde encontrá-lo. Ele tomou a decisão de deixar a biblioteca assim que terminasse e seguir para o Greenleaf. Talvez isso desse a ela uma chance para avaliar o que realmente queria, ao mesmo tempo em que lhe mostraria que ele não estava disposto a ficar por perto para ser maltratado.

Assim que ele saiu, Lexie se xingou; gostaria de saber lidar melhor com aquela situação. Tinha imaginado que o fato de ter passado algumas horas com Dóris iria deixar as coisas mais claras, mas tudo o que conseguira fora adiar o inevitável. E então Jeremy tinha aparecido como se nada tivesse mudado. Agindo como se nada fosse mudar no dia seguinte. Como se ele não fosse embora.

Sim, desde o começo ela sabia que ele iria embora, que a deixaria para trás como havia feito o sr. Renascença, mas o

conto de fadas que ele havia começado na noite anterior insistia em permanecer, alimentando fantasias nas quais as pessoas viviam felizes para sempre. Se ele havia conseguido encontrá-la na praia, se havia tido coragem bastante para lhe contar tudo o que havia contado, será que não encontraria também uma razão para ficar?

Lá no fundo, ela sabia que ele alimentava a esperança de que fosse com ele para Nova Iorque, mas não entendia por quê. Será que ele não conseguia entender que ela não dava a mínima para o dinheiro ou para a fama? Ou para compras, ou para os *shows,* ou para o fato de poder comprar comida tailandesa no meio da noite? A vida não era nada disso. A vida era passar o tempo juntos, era ter tempo para caminhar juntos de mãos dadas, conversando calmamente enquanto viam o sol se pôr. Isso não era nada glamouroso, mas era, em muitos aspectos, o melhor que a vida tinha a oferecer. Não era isso que dizia o velho ditado? Quem, já no leito de morte, dissera alguma vez que desejaria ter trabalhado mais? Ou passado menos tempo apreciando uma tarde tranqüila? Ou passado menos tempo com a família?

Ela não era ingênua a ponto de negar que a cultura moderna tinha seus atrativos. Ser famoso, rico e bonito, ir a festas exclusivas: *só assim você será feliz.* Em sua opinião, isso era uma porção de asneiras, a canção dos desesperados. Se não fosse, por que haveria tantas pessoas ricas, famosas e bonitas consumindo drogas? Por que parecia que eles não conseguiam manter um casamento? Por que é que eles viviam sendo presos? Por que pareciam tão infelizes quando não estavam sob os holofotes?

Jeremy, ela suspeitava, sentia-se atraído por esse mundo, embora não quisesse admitir. Ela havia adivinhado isso no instante em que se conheceram, e havia alertado a si mesma para não se envolver emocionalmente. Mesmo assim, lamentava a maneira como se comportara há pouco. Ela não estava preparada para lidar com Jeremy quando ele apareceu no escritório, mas imaginou que devia simplesmente ter dito isso, em vez de manter a mesa entre eles e negar que houvesse alguma coisa errada.

Sim, ela deveria ter lidado melhor com a situação. Quaisquer que fossem suas diferenças, Jeremy merecia pelo menos isso.

Amigos, ele pensou novamente. *Porque somos amigos.*

A maneira como ela havia dito aquilo ainda conseguia deixá-lo irritado, e batendo distraidamente no caderno com a caneta, Jeremy sacudiu a cabeça. Ele precisava terminar o que viera fazer ali. Movimentando os ombros para aliviar a tensão, ele pegou o último diário e puxou a cadeira para a frente. Depois de abri-lo, levou apenas alguns minutos para perceber que este era diferente de todos os outros.

Em vez de conter passagens curtas, relatos pessoais, o diário era composto por um conjunto de ensaios datados, cada um com um título, escritos de 1955 a 1962. O primeiro se referia à construção da igreja episcopal St. Richard, em 1859, e — enquanto o local estava sendo escavado — a descoberta do que parecia ser um antigo acampamento dos índios Lumbee. O ensaio ocupava três páginas e era seguido por um artigo a respeito do Curtume McTauten, construído no litoral de Boone Creek em 1794. O terceiro ensaio, que

fez Jeremy erguer as sobrancelhas, apresentava a opinião do autor a respeito do que teria realmente acontecido aos colonos de Roanoke Island em 1587.

Jeremy, lembrando-se vagamente de que um dos diários tinha pertencido a um historiador amador, começou a folhear as páginas mais depressa... atentando para os títulos, procurando nos artigos alguma coisa óbvia... virando as páginas rapidamente... folheando... parando de repente, quando percebeu que havia encontrado alguma coisa... voltou algumas páginas, e então compreendeu que o que ele havia visto...

Ele se recostou na cadeira, piscando os olhos enquanto passava os dedos pela página.

Resolvendo o mistério das Luzes no Cemitério de Cedar Creek

Durante anos, alguns moradores de nossa cidade afirmaram a existência de fantasmas no Cemitério de Cedar Creek, e três anos atrás foi publicado um artigo relacionado a esse fenômeno no Journal of the South. Apesar de não terem apresentado uma resposta, eu acredito, após ter realizado uma investigação por minha própria conta, ter resolvido o enigma de por que as luzes parecem surgir em determinadas ocasiões e não em outras.

Posso dizer categoricamente que não existem fantasmas. Na verdade, as luzes são da Fábrica de Papel Henrickson e são influenciadas pelo trem ao cruzar a ponte sobre a ferrovia, pela localização de Riker's Hill e pelas fases da Lua.

Enquanto prosseguia com a leitura, Jeremy prendeu a respiração. Embora o autor não tivesse procurado explicar por que o cemitério estava afundando — sem o que as luzes provavelmente não seriam vistas de forma alguma — suas conclusões quanto a tudo o mais eram essencialmente as mesmas de Jeremy.

O escritor, quem quer que fosse, havia descoberto tudo quarenta anos atrás.

Quarenta anos...

Ele marcou a página com um pedaço de papel e fechou o livro, procurando o nome do autor na capa, sua mente relembrando a primeira conversa que tivera com o prefeito. E com isso, ele sentiu suas suspeitas se juntarem como peças de um quebra-cabeça.

Owen Gherkin.

O diário havia sido escrito pelo pai do prefeito. Que, segundo o prefeito Gherkin, "sabia tudo o que havia para saber a respeito deste lugar". Que entendia qual era a causa das luzes. Que, sem dúvida alguma, havia contado para seu filho. Que, então, sabia que não havia absolutamente nada de sobrenatural em relação às luzes, embora tivesse simulado o contrário. Isso significava que o prefeito Gherkin estivera mentindo o tempo todo, acreditando que poderia usar Jeremy para ganhar uns trocados de visitantes incautos.

E Lexie...

A bibliotecária. A mulher que lhe dera a dica de que ele poderia encontrar nos diários as respostas que estava

procurando. O que significava que ela havia lido o relato de Owen Gherkin. O que significava que ela também estivera mentindo, preferindo jogar o joguinho do prefeito.

Ele ficou imaginando quem mais da cidade saberia a resposta. Doris? Talvez, ele pensou. Não, nada disso, ele decidiu rapidamente. Doris *tinha* de saber. Em sua primeira conversa, ela fora direto ao assunto e dissera o que as luzes não eram. Mas, como o prefeito e Lexie, não havia dito o que eram realmente, embora também certamente soubesse.

E isso significava... que tudo aquilo havia sido uma piada desde o começo. A carta. A investigação. A festa. A piada, na verdade, era ele.

E agora Lexie estava se afastando, não sem *antes* haver lhe contado a história de que Dóris a tinha levado até o cemitério para que ela visse o espírito de seus pais. E aquela conversa doce sobre seus pais desejarem que ela os encontrasse.

Coincidência? Ou estava tudo planejado? E agora, o jeito de ela agir...

Como se quisesse que ele fosse embora. Como se não sentisse nada por ele. Como se soubesse o que aconteceria...

Será que tudo havia sido planejado? Mas por quê?

Jeremy pegou o diário e foi até o escritório de Lexie, decidido a conseguir algumas respostas. Ele nem percebeu que, ao sair, batera a porta com força; também não reparou no rosto das voluntárias que se viraram quando o viram passar. A porta de Lexie estava escancarada, e ele a abriu completamente ao entrar no escritório.

Com todas as pilhas de livros e papéis agora escondidas, Lexie tinha nas mãos uma embalagem de lustra-móveis e estava dando lustro no tampo da mesa, fazendo a madeira brilhar. Ela olhou para Jeremy quando ele ergueu o diário.

—Ei, oi — ela disse, forçando um sorriso. — Estou quase acabando por aqui.

Jeremy encarou-a. — Você pode parar de fingir — ele anunciou. Mesmo estando do outro lado da sala, ela conseguiu sentir a raiva, e instintivamente colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Do que é que você está falando?

– Disto — ele disse, mostrando o diário. — Você o leu, não é mesmo?

– Sim — ela disse, reconhecendo o diário de Owen Gherkin. — Eu li.

—Você sabia que há uma passagem que fala sobre as luzes de Cedar Creek?

– Sim — ela disse novamente.

– Por que não me falou a respeito disto?

– Eu falei — ela disse. — Eu lhe falei dos diários na primeira vez em que você veio até a biblioteca. E se me lembro bem, eu lhe disse que poderia encontrar as respostas que estava procurando, lembra?

– Não me venha com joguinhos — Jeremy falou, apertando os olhos. — Você sabia o que eu estava procurando.

– E você encontrou — ela contrapôs, erguendo o tom da voz. — Não estou entendendo qual é o problema.

– O problema é que eu estive perdendo meu tempo. As respostas estavam neste diário desde o começo. Não há

nenhum mistério aqui. Nunca houve. E você estava metida neste esquema o tempo todo.

– Que esquema?

– Não perca seu tempo tentando negar — ele disse, cortando o que ela dizia. Ele ergueu o diário. — A prova está bem aqui, está lembrada? Você mentiu pra mim. Você mentiu bem na minha cara.

Lexie olhou-o fixamente, sentindo a intensidade de sua raiva, sentindo sua própria voz subir de tom. — É por isso que você veio até o meu escritório? Para me acusar?

—Você sabia!

Ela colocou as mãos nos quadris. — Não — ela disse —, eu não sabia.

– Mas você leu o diário!

– E daí? — ela revidou. — Eu também li o artigo do jornal. E li os artigos daquelas outras pessoas. Por que diabos eu deveria imaginar que as suposições de Owen Gherkin eram corretas? Até onde eu sei, ele estava fazendo suposições, como os outros fizeram. E isso, supondo que eu me preocupasse com esse assunto. Você acha, sinceramente, que eu alguma vez gastei mais do que um minuto pensando nessas coisas, até você chegar aqui? Eu não me importo! Nunca me importei! Você é quem está aqui para investigar. E se tivesse lido o diário dois dias atrás, também não teria tanta certeza. Nós dois sabemos que você teria feito suas próprias investigações, de qualquer forma.

– Não é essa a questão — ele falou, ignorando a possibilidade de que ela estivesse certa. — A questão é que

todo esse negócio tem sido uma grande trapaça. O passeio, os fantasmas, a lenda — é uma fraude, pura e simples.

— Do que é que você está falando? O passeio tem a ver com as casas históricas e, é claro, eles acrescentaram o cemitério. Oba-oba. Tudo faz parte de um fim de semana agradável no meio de uma temporada monótona. Ninguém está sendo enganado, ninguém está sendo magoado. E, vamos lá, você realmente acha que as pessoas acreditam que existem mesmo os tais fantasmas? A maioria simplesmente gosta de dizer que sim porque é engraçado.

— Dóris sabia? — ele perguntou, interrompendo-a novamente.

— A respeito do diário de Owen Gherkin? — ela balançou a cabeça, furiosa porque ele se recusava a ouvi-la. — Como é que ela poderia saber?

— Escute — ele disse, levantando o dedo, como um professor que enfatiza uma questão para o aluno. — Essa é a parte que eu não consigo entender. Se você não queria que o cemitério fizesse parte do passeio, e se Dóris não queria que ele fizesse parte do passeio, por que vocês simplesmente não procuraram os jornais para dizer a verdade? Por que vocês quiseram me envolver nesse seu joguinho?

— Eu não quis envolver você. E isso não é um jogo. É um inofensivo fim de semana que você está transformando em algo totalmente despropositado com esse seu exagero.

— Eu não estou exagerando. Você e o prefeito é que fizeram isso.

— Então agora eu sou um dos caras maus nessa história?

Como Jeremy tivesse ficado em silêncio, ela apertou os olhos. — Então por que eu lhe teria dado o diário? Por que eu não o escondi de você?

— Eu não sei. Talvez tenha algo a ver com o caderno de Dóris. Vocês duas ficaram empurrando aquele caderno pra cima de mim desde que cheguei aqui. Talvez tivessem imaginado que eu não viria para cá por causa dele, então vocês armaram tudo isso.

— Você consegue perceber como isso que você está dizendo parece ridículo? — ela se inclinou sobre a mesa, o rosto vermelho.

— Olhe, só estou tentando entender por que é que me trouxeram pra cá, antes de mais nada.

Ela ergueu as mãos, como se estivesse tentando fazer com que parasse. — Eu não quero ouvir isso.

— Aposto que não.

— Saia daqui — ela disse, atirando a embalagem de lustra-móveis na gaveta da mesa. — Você não pertence a este lugar e não quero falar com você nunca mais. Volte para o lugar de onde veio.

Ele cruzou os braços. — Pelo menos você finalmente admitiu o que esteve pensando o dia todo.

— Ah, agora você também consegue ler pensamentos?

— Não. Mas não preciso ler pensamentos para entender por que você está agindo do modo com vem agindo.

— Bem, então me deixe ler seus pensamentos também, está certo? — ela provocou, cansada daquele ar de superioridade, cansada dele. — Deixe-me dizer-lhe o que eu vejo, *o.k.?* — Ela sabia que estava falando alto o bastante

para que toda a biblioteca ouvisse, mas não estava preocupada com isso. — Eu vejo alguém que é muito bom para dizer as coisas certas, mas quando é pra fazer o que tem de ser feito, não diz uma palavra verdadeira.

—E o que você quer dizer com isso?

Ela começou a andar pela sala, a raiva tomando conta de cada músculo de seu corpo.

—O quê? Você acha que eu não sei o que você realmente pensa da nossa cidade? Que não é nada além de uma parada na estrada? Ou que, lá no fundo, você não consegue entender como é que alguém consegue viver aqui? E que, não importa o que tenha dito ontem à noite, a idéia de que você poderia viver aqui é ridícula?

—Eu não disse isso.

—E nem precisava! — ela gritou, odiando aquele tom arrogante. — Essa é a questão. Quando eu estava falando de sacrifício, eu sabia muito bem que você achava que eu é que deveria abrir mão de minhas raízes. Que eu deveria deixar minha família, meus amigos, minha casa, porque Nova Iorque é muito melhor. Que eu deveria ser a boa mulherzinha que segue seu homem para onde quer que ele ache que nós devemos ir. Nunca ocorreu a você a idéia de que você é quem teria de ir embora.

—Você está exagerando.

—Estou, é? Exagerando o quê? Quando disse que você esperava que eu deixasse tudo pra trás? Ou você estava pensando em procurar um corretor de imóveis quando estivesse saindo da cidade? Escute, deixe-me facilitar as coisas pra você — ela disse, alcançando o telefone. — O

escritório da sra. Reynolds fica do outro lado da rua, e tenho certeza de que ela ficaria encantada em lhe mostrar algumas casas esta noite, se estiver interessado.

Jeremy simplesmente a olhou fixamente, incapaz de negar suas acusações.

—Nada a dizer? — ela gritou, batendo o telefone. — O gato comeu sua língua? Então veja se consegue me explicar uma coisa. O que foi que você quis dizer exatamente quando disse que encontraríamos uma forma de fazer as coisas darem certo? Você achou que eu me contentaria em esperar que me visitasse de vez em quando para passar a noite comigo na cama, sem que houvesse a possibilidade de um futuro juntos? Ou você estava pensando em aproveitar essas visitas para me convencer de que eu estava errada, já que acha que estou desperdiçando minha vida aqui e seria muito mais feliz se o acompanhasse em sua vida?

A raiva e a dor em sua voz eram inequívocas; assim como o significado de tudo o que ela estava dizendo. Durante algum tempo, nenhum dos dois disse qualquer coisa.

—Por que você não disse nada disso ontem à noite? — ele perguntou, a voz ficando mais fraca.

– Eu tentei — ela falou. — Mas você não queria ouvir.

– Então, por que...?

Ele deixou a pergunta no ar, as implicações eram claras.

—Eu não sei — ela desviou o olhar. — Você é um cara legal, os dias que passamos juntos foram ótimos. Talvez eu tenha me deixado levar pelo momento.

Ele a encarou. — Foi esse o significado de tudo pra você?

—Não — ela admitiu, vendo a dor estampada em seu rosto. — Não ontem à noite. Mas isso não muda o fato de que acabou, não é?

—Então você está caindo fora?

—Não — ela disse. Consternada, ela sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. — Não jogue a culpa em mim. É você quem está indo embora. Você entrou no meu mundo. E não o contrário. Eu era feliz até você chegar. Talvez não totalmente feliz, talvez um pouco solitária, mas estava satisfeita. Eu gosto da minha vida aqui. Eu gosto de poder visitar Dóris se ela não estiver num bom dia. Gosto de ler para as crianças na hora da história. E gosto inclusive do nosso pequeno Passeio pelas Casas Históricas, mesmo que você pretenda transformá-lo em algo feio para poder causar grande impressão na televisão.

Eles ficaram frente a frente, estáticos e sem palavras. Depois de terem colocado todas as cartas na mesa, depois de terem dito tudo o que havia para dizer, ambos se sentiam esgotados.

– Não faça isso — ele disse por fim.

– Fazer o quê? Dizer toda a verdade?

Em vez de esperar que ele respondesse, Lexie pegou seu casaco e sua bolsa. Colocando-os no braço, ela se dirigiu para a porta. Jeremy deu um passo para o lado, para lhe dar passagem, e ela roçou levemente seu braço, sem dizer uma palavra. Ela estava a alguns passos de distância do escritório quando Jeremy finalmente recuperou a vontade de falar. — Para onde você está indo?

Lexie deu mais um passo antes de parar. Com um suspiro, ela se virou. — Estou indo para casa — ela disse. — Como você vai para a sua — ela completou, enxugando uma lágrima no rosto e endireitando o corpo.



Capítulo

DEZOITO

Mais tarde, naquela noite, Alvin e Jeremy montaram as câmeras perto do passeio de madeira junto ao rio Pamlico. À distância, ouvia-se a música que tocava no celeiro de tabaco do Meyer, onde estava acontecendo o baile. O resto das lojas da cidade havia fechado as portas; até o Lukilu parecia abandonado. Enfiados em seus casacos, eles pareciam estar sozinhos.

– E o que aconteceu depois? — Alvin perguntou.

– Nada — Jeremy falou. — Ela foi embora.

– Você não foi atrás dela?

– Ela não queria que eu fosse.

– Como é que você sabe?

Jeremy coçou os olhos, relembrando a discussão pela milésima vez. Ele havia passado as últimas horas sentindo-se atordoado. Lembrava vagamente de ter voltado para a sala de livros raros; depois, de ter colocado os diários em uma pilha na prateleira, e então fechado a porta atrás de si. Fez o caminho de volta remoendo as palavras que ela havia dito, sentindo-se traído e zangado, e ao mesmo tempo triste e arrependido. Havia passado cerca de quatro horas deitado na cama, no Greenleaf, tentando imaginar o que poderia ter feito para lidar melhor com a situação. Ele não deveria ter irrompido daquela maneira brusca no escritório. Teria ficado assim tão zangado por causa do diário? Com a idéia de ter sido tapeado? Ou estaria simplesmente zangado com Lexie e, como ela, procurando uma desculpa para começar uma briga?

Ele não tinha certeza, e Alvin também não estava conseguindo ajudá-lo a encontrar uma resposta, depois de ter ouvido toda a história. Tudo o que Jeremy sabia era que estava se sentindo exausto e, apesar de ter de fazer a filmagem, estava lutando contra a vontade de ir até a casa de Lexie para ver se conseguia consertar as coisas. Pressupondo que ela estivesse lá. Até onde sabia, ela estava no baile como todo mundo da cidade.

Jeremy suspirou, Alvin sacudiu a cabeça e se afastou. Ele não conseguia entender como é que seu amigo tinha se amarrado desse jeito em tão pouco tempo. Ela nem era tão charmosa, e não se encaixava naquela imagem que ele tinha das mulheres sulistas.

Paciência. Aquilo tinha sido uma aventura, Alvin sabia, e não tinha dúvida de que Jeremy logo iria superar tudo aquilo, assim que entrasse no avião para voltar para casa.
Jeremy sempre havia superado.

No baile, o prefeito Gherkin estava sentado sozinho em uma mesa de canto, a mão no queixo.
Havia contado com a presença de Jeremy, de preferência com Lexie, mas assim que chegou ficou sabendo, através dos cochichos das voluntárias, da discussão na biblioteca. Segundo essas senhoras, tinha sido uma briga feia, e tinha algo a ver com um dos diários e algum tipo de armação.
Pensando nisso agora, concluiu que não deveria ter doado o diário de seu pai à biblioteca; mas, na época, não parecia que fosse tão importante, além de apresentar relatos pouco exatos a respeito da história da cidade. A biblioteca lhe parecera o destino mais óbvio para a doação. Mas quem poderia ter adivinhado o que iria acontecer nos quinze anos seguintes? Quem iria saber que a fábrica têxtil seria fechada ou a mina abandonada? Quem poderia saber que centenas de pessoas ficariam na rua sem trabalho? Quem poderia saber que inúmeras famílias iriam embora para nunca mais voltar? Quem poderia saber que a cidade acabaria tendo de travar uma luta por sua sobrevivência?
Talvez ele não devesse ter incluído o cemitério no passeio. Talvez não devesse ter divulgado que havia fantasmas, quando sabia que eram apenas as luzes do turno da noite na fábrica de papel. Mas o fato era que a cidade precisava de algo para se reerguer, algo que motivasse as pessoas a visitá-

la, algo que fizesse com que as pessoas passassem alguns dias na cidade, para ver como aquele lugar era maravilhoso. Se um número razoável de pessoas passasse por ali, quem sabe eles não pudessem acabar se transformando em outra meca para os aposentados, como Oriental, ou Washington ou New Bern. Essa era, ele pensou, a única esperança para a cidade. Os aposentados gostavam de lugares hospitaleiros para comer e manter suas contas bancárias, eles queriam lugares para fazer compras. Isso não iria acontecer imediatamente, mas era o único plano que ele tinha, e precisava começar por algum lugar. Graças à inclusão do cemitério e suas luzes misteriosas, haviam vendido algumas centenas de ingressos extras para o passeio, e a presença de Jeremy havia lhes dado a oportunidade de uma publicidade em âmbito nacional.

Ah, ele sempre achara que Jeremy era suficientemente esperto para descobrir tudo por sua conta. Essa parte não o preocupava. E daí que Jeremy expusesse a verdade em rede nacional de televisão? Ou até mesmo em sua coluna? As pessoas de todo o país ainda assim iriam ouvir falar de Boone Creek, e alguns poderiam querer conhecê-la. Qualquer publicidade era melhor do que nenhuma publicidade. A menos, é claro, que ele usasse a palavra "armação".

Era uma palavra que soava de maneira tão desagradável, e não tinha nada a ver com o que estava acontecendo. Claro, ele sabia o que eram as luzes, mas ninguém mais sabia; e qual era o problema, de qualquer forma? A questão é que havia uma lenda, havia as luzes e algumas pessoas acre-

ditavam que elas eram fantasmas. Outras simplesmente entravam na brincadeira, achando que isso fazia a cidade parecer diferente e especial. As pessoas precisavam disso agora, mais do que nunca.

Jeremy Marsh, tendo lembranças afetuosas da cidade, entenderia isso. Jeremy Marsh sem essas lembranças, talvez não. E nesse instante o prefeito Gherkin não estava muito certo em relação à lembrança que Jeremy estaria levando com ele no dia seguinte.

—O prefeito está parecendo um pouco preocupado, você não acha? — Rodney observou.

Rachel deu uma olhada, sentindo muito orgulho por terem ficado juntos a maior parte da noite. Nem mesmo o fato de ele algumas vezes ter olhado para a porta, e parecer que estava à procura de Lexie no meio da multidão, conseguiu diminuir essa sensação, pelo simples motivo de que ele também parecia estar feliz ao seu lado.

– Parece. Mas ele está sempre com essa cara.

– Não — Rodney falou —, não é a mesma. Ele está com alguma preocupação séria.

– Quer ir falar com ele?

Rodney pensou no assunto. Assim como o prefeito — como todo mundo, pelo visto —, ele ouvira falar da discussão na biblioteca, mas ao contrário da maioria, ele achava que sabia muito bem o que estava acontecendo. Ele achava que era só juntar as peças, especialmente depois de ver a expressão do rosto do prefeito. O prefeito, ele percebeu de repente, devia estar preocupado com a forma como Jeremy iria apresentar seu pequeno mistério para o mundo.

Quanto à discussão, ele havia tentado avisar Lexie de que isso iria acontecer. Era inevitável. Ela era a mulher mais cabeça-dura que ele já havia conhecido, alguém sempre firme em suas posições. Mas podia ser volátil, às vezes, e Jeremy havia finalmente tido uma amostra. Embora desejasse que ela jamais tivesse se colocado naquela situação mais uma vez, Rodney estava aliviado por saber que o caso já estava encerrado.

—Não, não há muito o que falar — Rodney disse. — Não está mais nas mãos dele agora.

Rachel enrugou a testa. — O que não está nas mãos dele?

—Nada — ele encerrou o assunto com um sorriso. — Nada importante.

Rachel analisou sua expressão por um momento e depois deu de ombros. Eles haviam ficado ali, em pé, enquanto terminava uma música e a banda começava outra. Enquanto aumentava o número de pessoas dançando, Rachel batia com o pé no chão, acompanhando a batida da música.

Rodney nem parecia notar que as pessoas estavam dançando, tamanha era sua preocupação. Ele gostaria de conversar com Lexie. No caminho para cá, ele passara pela casa dela, e visto luzes e o carro na entrada da garagem. Antes disso, ele havia sido informado por um colega da polícia que o Garotão da Cidade e seu amigo de história em quadrinhos estavam montando sua câmera no passeio ao lado do rio. O que significava que a discussão ainda precisaria ser resolvida.

Se as luzes da casa de Lexie ainda estivessem acesas quando tivesse terminado o baile, talvez ele pudesse dar uma

passada por ali antes de ir para casa, como fizera na noite em que o sr. Renascença tinha ido embora. Tinha a sensação de que ela não ficaria completamente surpresa em vê-lo. Calculou que ela provavelmente ficaria olhando para ele antes de abrir a porta. Ela faria um pouco de chá e, como da última vez, ele sentaria no sofá e ficaria ouvindo durante horas, enquanto ela se recriminaria por ter sido tão boba.

Ele acenou com a cabeça para si mesmo. Ele a conhecia melhor do que a si mesmo.

Mesmo assim, ainda não estava preparado para enfrentar essa situação. No que lhe dizia respeito, ela precisava de mais algum tempo sozinha para poder fazer uma avaliação de tudo o que acontecera. Tinha de admitir que estava um pouco cansado de ser visto como uma espécie de irmão mais velho, e ele não tinha certeza de que estava com vontade de ouvi-la. Afinal, ele estava se sentindo muito bem, e naquele instante não estava ansioso para terminar a noite com uma pessoa deprimida.

Além disso, a banda que estava tocando era muito boa. Muito melhor do que a do ano passado. Com o canto do olho, ele conseguia ver Rachel balançando no ritmo da música, satisfeito por ela o ter procurado para lhe fazer companhia, como fizera na festa da noite anterior. Ela sempre fora uma companhia agradável, mas o estranho era que, ultimamente, todas as vezes em que a via, ela parecia ainda mais bonita do que ele lembrava. Sem dúvida, isso era fruto de sua imaginação, mas não conseguia deixar de pensar no quanto ela estava bonita esta noite.

Rachel percebeu que ele estava olhando para ela e sorriu envergonhada. — Desculpe — ela disse —, eu gosto dessa música.
Rodney limpou a garganta. — Gostaria de dançar?
Ela ergueu as sobrancelhas. — Está falando sério?
– Eu não sou um grande dançarino, mas...
– Eu adoraria! — ela interrompeu, pegando na mão dele. Seguindo-a até a pista de dança, ele decidiu, então, que mais tarde iria pensar o que fazer com Lexie.

Dóris estava sentada na cadeira de balanço da sala, os olhos abertos distraidamente na direção da janela, pensando se Lexie iria passar por ali. Sua intuição levava-a a duvidar, mas esse era um daqueles momentos em que desejava estar errada. Ela sabia que Lexie estava abalada — isso era menos uma premonição do que um entendimento do óbvio —, e tinha tudo a ver com o fato de Jeremy estar indo embora.
De certa forma, desejou que não tivesse empurrado Lexie para ele. Relembrando os fatos, percebia agora que deveria ter imaginado que poderia acabar assim. Então, por que havia feito tudo o que podia para que eles se envolvessem um com o outro? Por que Lexie estava sozinha? Por que Lexie havia caído numa rotina e estava assim desde que se apaixonara por aquele jovem de Chicago? Por que chegara a acreditar que Lexie tinha medo da idéia de se apaixonar por alguém novamente?
Por que ela não poderia ter simplesmente aproveitado a companhia de Jeremy? Na verdade, isso era tudo o que havia desejado que Lexie fizesse. Jeremy era inteligente e

charmoso, e Lexie simplesmente precisava ver que existiam homens assim por aí. Ela precisava compreender que nem todos os homens eram como Avery ou como o jovem de Chicago. Como ela o chamava agora? Sr. Renascença? Tentou lembrar como era seu nome verdadeiro, mas sabia que isso não era importante. O importante era Lexie, e Dóris estava preocupada com ela.

Ah, é claro que ela acabaria ficando bem, Dóris sabia disso. Sem dúvida, ela aceitaria o que havia acontecido e encontraria uma maneira de seguir em frente. Com o tempo, ela era até capaz de se convencer de que tinha sido uma coisa boa. Se tinha uma coisa que havia aprendido a respeito de Lexie, era que ela era uma sobrevivente.

Dóris suspirou. Ela sabia que Jeremy havia se apaixonado. Se Lexie estava apaixonada por ele, ele estava ainda mais apaixonado, mas Lexie havia aprendido a arte de deixar os relacionamentos para trás e levar sua vida fingindo que jamais haviam acontecido.

Pobre Jeremy, ela pensou. Isso não era justo com ele.

No Cemitério de Cedar Creek, Lexie estava em pé no meio da densa neblina olhando para o local onde haviam sido enterrados seus pais. Ela sabia que Jeremy e Alvin estariam no passeio filmando a ponte e Riker's Hill, o que significava que poderia ficar sozinha com seus pensamentos esta noite.

Ela não pretendia ficar muito tempo, mas por algum motivo havia sentido necessidade de ir até ali. Tinha feito a mesma coisa depois do fim de seu relacionamento com Avery e também com o sr. Renascença, e ao iluminar com a lanterna

a inscrição com os nomes de seus pais, desejou que eles estivessem ali para conversar com ela.
Sabia que tinha uma visão romantizada em relação a eles, que mudava de acordo com seu estado de espírito. Às vezes gostava de pensar neles como pessoas amorosas e falantes; outras vezes gostava de acreditar que eram ouvintes pacientes. Nesse momento, queria pensar neles como criaturas fortes e sábias, pessoas que dariam a ela o tipo de conselho que tornaria tudo menos confuso. Estava cansada de cometer erros na vida. Era o que sempre fizera, ela pensou melancolicamente, e agora sabia que estava prestes a cometer outro erro, não importava o que fizesse.

Do outro lado do rio, somente as luzes da fábrica de papel eram visíveis através da neblina, e a própria cidade estava perdida em meio a uma cerração sonolenta. Com o trem se aproximando lentamente — de acordo com a programação de Jeremy, de qualquer forma —, Alvin deu uma última verificada na câmera voltada para Riker's Hill. Essa seria a tomada mais difícil. A da ponte seria fácil, mas como Riker's Hill estava distante e coberto pela névoa, ele não tinha certeza absoluta de como a câmera iria registrar a imagem. Ela não havia sido feita para fotografar a longa distância, exatamente o que seria necessário agora. Apesar de ter trazido as melhores lentes e filmes de alta sensibilidade, desejou que Jeremy lhe tivesse falado desse pequeno detalhe antes de ele sair de Nova Iorque.
Jeremy não estava pensando com muita clareza nos últimos dias, por isso concluiu que isso poderia ser perdoado.

Normalmente, numa situação como essa, Jeremy estaria falando e fazendo piadas sem parar, mas desta vez ele não havia falado muito a respeito de nada durante as últimas horas. Em vez de tranqüilas, já que havia esperado que fosse como tirar fotografia nas férias, as últimas horas tinham começado a parecer como se fossem trabalho, principalmente por causa da friagem. Não fora para isso que ele havia se prontificado, mas tudo bem... ele simplesmente aumentaria o pagamento e mandaria a conta para Nate.

Enquanto isso, Jeremy estava em pé junto ao peitoril, de braços cruzados, olhando fixamente para um monte de nuvens.

—Eu lhe contei que Nate telefonou esta tarde? — Alvin perguntou, tentando mais uma vez conversar com seu amigo.

—Telefonou?

—Quando eu estava tirando uma soneca — Alvin falou. — Ele me acordou e começou a gritar comigo porque você não estava com seu celular ligado.

Apesar da expressão preocupada, Jeremy sorriu. — Eu aprendi a mantê-lo desligado o máximo de tempo possível.

– Certo... mas você podia ter me avisado.

– O que ele queria?

—A mesma coisa. As últimas novidades. Mas escute isto: ele perguntou se você poderia conseguir uma amostra.

—Amostra do quê?

—Eu imaginei que ele estivesse falando dos fantasmas. Se havia lama ou algo parecido. Ele achou que você poderia mostrar para os produtores na reunião da semana que vem.

—Lama?
Alvin ergueu as mãos. — Palavra dele, não minha.
—Mas ele sabe que é apenas a luz da fábrica de papel.
Alvin concordou com a cabeça. — Sim, ele sabe. Ele só pensou que poderia ser um toque interessante. Sabe, alguma coisa para impressioná-los de verdade.
Jeremy sacudiu a cabeça, incrédulo. Nate havia tido uma porção de idéias malucas nesses anos todos, mas esta merecia um prêmio. Mas, ele era assim mesmo. Qualquer coisa que lhe viesse à cabeça saía pela boca e, na maioria das vezes, ele nem lembraria de ter dito alguma coisa.
Ele também disse para você telefonar.
– Eu vou — Jeremy falou. — Mas deixei meu celular no Greenleaf. — Ele fez uma pausa. — Você não contou a ele sobre o diário, contou?
– Eu nem sabia que ele existia — Alvin lembrou. — Você só me contou isso mais tarde. Lembra que eu lhe disse que foi ele quem me acordou?
Jeremy fez que sim com um aceno da cabeça. — Se ele telefonar pra você de novo, não diga nada, está bem?
– Você não quer que ele saiba que o prefeito armou essa fraude?
– Não, ainda não.
Alvin olhou para ele. — Ainda não ou nunca?
Jeremy não respondeu imediatamente. Essa era a verdadeira questão, não era? — Eu ainda não decidi.
Alvin deu mais uma olhada pela lente. — É uma decisão difícil — ele falou. — Talvez seja suficiente para fazer a matéria, você sabe. — Quer dizer, as luzes são uma coisa,

mas você tem de entender que a explicação não é assim tão interessante.

—O que você quer dizer?

– Para a televisão. Eu não tenho tanta certeza de que eles vão se interessar pelo fato de que as luzes são causadas pela passagem do trem.

– Não é só a passagem do trem — Jeremy corrigiu. — É a maneira como as luzes da fábrica de papel refletidas no trem são vistas em Riker's Hill, e como a densidade da neblina, sendo maior no cemitério que está afundando, interfere no seu aspecto.

Alvin fingiu um bocejo. — Desculpe, o que você estava dizendo?

—Isso não é tão chato — Jeremy insistiu. — Você não percebe quantas coisas têm de acontecer ao mesmo tempo para criar esse fenômeno? Como as pedreiras provocaram alterações nas camadas de água e fizeram o cemitério afundar? A localização da ponte principal? As fases da Lua, já que em apenas algumas ocasiões está escuro o bastante para que as luzes sejam vistas? A lenda? A localização da fábrica de papel e o horário do trem?

Alvin deu de ombros. — Acredite em mim. É chato com "CH" maiúsculo. Para ser franco, eu ficaria muito mais interessado se você não tivesse encontrado a explicação. O público da televisão adora mistérios. Especialmente em lugares como Nova Orleans e Charleston, ou qualquer outro lugar romântico e tranqüilo. Mas reflexo de luzes em Boone Creek, na Carolina do Norte? Você realmente acha que as

pessoas de Nova Iorque ou de Los Angeles vão se preocupar com isso?

Jeremy abriu a boca para dizer alguma coisa e de repente lembrou que Lexie havia dito exatamente a mesma coisa a respeito do fenômeno, e ela vivia aqui. No silêncio que se seguiu, Alvin ficou olhando para ele.

– Se está pensando seriamente nesse negócio de televisão, vai ter de dar um jeito de apimentar essa história, e o diário que você encontrou talvez possa fazer isso. Você pode fazer uma matéria seguindo a sua pesquisa e revelar o diário no final. Isso talvez seja suficiente para chamar a atenção dos produtores, se você fizer as coisas direito.

– Você acha que devo atirar a cidade aos lobos?

Alvin sacudiu a cabeça. — Eu não disse isso. E, francamente, nem tenho certeza de que o diário seja suficiente. Só estou lhe dizendo que se você não conseguir mostrar um pouco de lama, é melhor você encontrar alguma utilidade para o diário, se não quiser ficar com cara de idiota na reunião.

Jeremy desviou o olhar. O trem, ele sabia, estaria se aproximando em alguns minutos. — Lexie jamais falaria comigo de novo se eu fizesse uma coisa dessas — ele disse. Então sacudiu os ombros. — Isso, imaginando que ela ainda queira falar comigo.

Alvin não disse nada. No silêncio, Jeremy olhou em sua direção.

—O que você acha que eu devo fazer?

Alvin respirou profundamente. — Eu acho — Alvin falou — que tudo se resume ao que é mais importante pra você, você não acha?



Capítulo

DEZENOVE

Jeremy dormiu muito mal na sua última noite no Greenleaf. Ele e Alvin tinham acabado a filmagem — quando o trem passou, Riker's Hill registrou as luzes refletidas de maneira muito fraca — e depois de verem o filme, tanto ele quanto Alvin decidiram que havia ficado bom o bastante para provar a teoria de Jeremy, a menos que se dispusessem a arrumar um equipamento melhor.

Porém, quando estavam no caminho de volta para Greenleaf, o pensamento de Jeremy estava muito distante do mistério ou mesmo do caminho que percorriam. Ao contrário, ele começou mais uma vez a repassar em sua cabeça os acontecimentos dos últimos dias. Lembrou-se da primeira vez que tinha visto Lexie no cemitério, e seu

animado encontro na biblioteca. Pensou no almoço que haviam saboreado em Riker's Hill e sua visita ao passeio que seguia ao longo do rio, lembrou-se de como ficou impressionado com a extraordinária festa em sua homenagem, e de como havia se sentido na primeira vez em que vira as luzes no cemitério. Mas, acima de tudo, ele se lembrava daqueles momentos em que começou a perceber que estava se apaixonando por ela.

Seria realmente possível que tivesse acontecido tanta coisa em apenas alguns dias? Quando chegou ao Greenleaf e entrou em seu quarto, estava tentando definir o momento exato em que tudo tinha começado a dar errado. Ele não tinha muita certeza, mas agora estava com a impressão de que ela havia tentado fugir de seus próprios sentimentos, e não apenas dele. Então, quando é que ela havia percebido que sentia alguma coisa por ele? Na festa, como ele? No cemitério? No início daquela tarde?

Ele não tinha idéia de qual era a resposta. Tudo o que sabia era que a amava e não conseguia imaginar como seria não vê-la nunca mais.

As horas passaram lentamente; seu vôo sairia de Raleigh ao meio-dia, por isso estaria deixando o Greenleaf em breve. Ele se levantou antes das seis, terminou de arrumar suas coisas e as colocou no carro. Depois de se certificar que a luz no quarto de Alvin também estava acesa, ele se dirigiu ao escritório, atravessando o ar gelado da manhã.

Jed, como havia previsto, fez uma cara feia. Seu cabelo estava ainda mais desalinhado que o de costume e as roupas todas amassadas, de modo que Jeremy concluiu que ele

havia acabado de se levantar. Jeremy colocou as chaves em cima da mesa.

—Um lugar e tanto o que você tem aqui — Jeremy falou. — Com certeza vou me lembrar de recomendar para os amigos.

Como se fosse possível, a expressão de Jed ficou ainda mais dura, mas Jeremy apenas devolveu um sorriso amigável. Ao voltar para o quarto, ele viu luzes tremulando em meio à neblina, enquanto um carro subia pela entrada de cascalho. Por um instante, ele pensou que fosse Lexie, e sentiu um sobressalto no peito; quando o carro finalmente pôde ser visto, suas esperanças simplesmente evaporaram.

O prefeito Gherkin, enfiado num casaco pesado e coberto por um cachecol, saiu do carro. Sem a energia que havia mostrado em encontros anteriores, ele caminhou no escuro em direção a Jeremy.

– Fazendo as malas, eu imagino.

– Já arrumei tudo.

– Jed não atirou a conta na sua cara, atirou?

– Não — Jeremy respondeu. — Aliás, obrigado por isso.

—Não tem de quê. Como eu lhe disse, era o mínimo que podíamos fazer por você. Só espero que tenha gostado de sua estada em nossa pacata cidade.

Jeremy fez que sim com a cabeça, observando o ar de preocupação no rosto do prefeito. — Sim, eu gostei.

Pela primeira vez desde que Jeremy o conhecera, Gherkin parecia não saber o que dizer. Enquanto aumentava o desconforto daquele silêncio, ele arrumou o cachecol dentro do casaco. — Bom, eu só passei para lhe dizer que os

moradores da região gostaram de conhecer você. Sei que estou aqui falando pela cidade, pois você causou uma ótima impressão.

Jeremy colocou as mãos nos bolsos. — Por que a enganação? — ele perguntou.

Gherkin suspirou. — Você está perguntando por que incluímos o cemitério no passeio?

—Não. Estou me referindo ao fato de o seu pai ter anotado a resposta em seu diário e de você ter escondido isso de mim.

Uma expressão triste tomou conta do rosto de Gherkin. — Você está coberto de razão — ele falou depois de alguns instantes. Sua voz era hesitante. — Meu pai realmente resolveu o mistério, mas acho que isso fazia parte de seu destino. — Ele olhou Jeremy nos olhos. — Você sabe por que meu pai ficou tão interessado pela história da nossa cidade?

Jeremy negou com a cabeça.

—Na II Guerra Mundial, meu pai serviu no Exército com um homem chamado Lloyd Shaumberg. Ele era tenente, meu pai era soldado. As pessoas hoje em dia parecem que não entendem que, durante a guerra, eles não eram apenas soldados nos campos de batalha. A maioria dos que estavam servindo eram pessoas comuns: padeiros, açougueiros, mecânicos. Shaumberg era historiador. Pelo menos era isso o que meu pai falava dele. Na verdade, ele era apenas um professor de colégio em Delaware, mas meu pai jurava que ele era o melhor oficial do Exército. Ele costumava manter seus homens entretidos, contando histórias do passado, histórias que quase ninguém conhecia, e isso evitava que

meu pai ficasse com medo do que estava acontecendo. De qualquer forma, depois do avanço das tropas na Itália, Shaumberg e meu pai, junto com o restante do pelotão, foram cercados pelos alemães. Shaumberg disse aos homens para recuarem enquanto tentava dar cobertura a eles. — Eu não tenho escolha — ele teria dito. Era uma missão suicida, todos sabiam. Mas assim era Shaumberg. — Gherkin fez uma pausa. — De qualquer forma, meu pai ficou vivo e Shaumberg morreu, e depois da guerra, quando meu pai voltou para casa, ele disse que também iria se tornar um historiador, para prestar uma homenagem ao seu amigo.

Como Gherkin tivesse parado de falar, Jeremy olhou para ele com curiosidade. — Por que está me contando isso?

—Porque — Gherkin respondeu — do modo como vejo as coisas, eu também não tive muita escolha. Toda cidade precisa ter alguma coisa só sua, algo para lembrar as pessoas de que seu lar é especial. Em Nova Iorque, você não precisa se preocupar com isso. Vocês têm a Broadway e Wall Street, e o Empire State Building e a Estátua da Liberdade. Mas, por aqui, depois que tantos negócios fecharam, olhei em volta e percebi que tudo o que nós tínhamos era uma lenda. E as lendas... bem, são apenas relíquias do passado, e uma cidade precisa de mais do que isso para sobreviver. E isso é tudo o que eu estava tentando fazer, procurando um meio de manter esta cidade viva, e então você apareceu.

Jeremy desviou o olhar para longe, pensando nas fachadas de lojas fechadas com tapumes que tinha visto quando chegara, lembrando-se do comentário de Lexie a respeito do fechamento da fábrica têxtil e da mina de fósforo.

– Então veio aqui logo cedo para me apresentar o seu lado da história?

– Não — Gherkin falou. — Eu vim aqui para lhe dizer que tudo isso foi idéia minha. A assembléia da cidade não tem nada a ver com isso, e nem as pessoas que vivem aqui. Talvez eu tenha cometido um erro agindo dessa forma. Talvez não concorde com o que fiz. Mas fiz o que achei que seria bom para este lugar e para as pessoas que vivem aqui. E tudo o que lhe peço é que, ao escrever sua história, você se lembre de que não havia mais ninguém envolvido. Se quiser me sacrificar, eu posso agüentar. E acho que meu pai entenderia.

Sem esperar por uma resposta, Gherkin voltou para seu carro, e rapidamente desapareceu em meio à neblina.

Enquanto o amanhecer tingia o céu com um cinza-escuro e Jeremy ajudava Alvin a carregar as últimas peças de equipamento, Lexie apareceu.

Quando saiu do carro, parecia praticamente a mesma de quando a tinha visto pela primeira vez, os olhos violeta impenetráveis mesmo quando seu olhar encontrou o dela. Trazia nas mãos o diário de Gherkin. Por um momento os dois se olharam como se não soubessem o que dizer.

Alvin, parado perto do porta-malas aberto, quebrou o silêncio.

—Bom dia! — ele disse.

Ela forçou um sorriso. — Ei, Alvin.

—Você levantou cedo.

Ela deu de ombros, os olhos voltando na direção de Jeremy. Alvin olhou de um para outro antes de virar para o outro lado.

—Acho que vou dar uma última olhada no quarto — ele falou, apesar de que ninguém parecia estar prestando muita atenção.

Quando ele se afastou, Jeremy respirou profundamente. — Eu não pensei que você fosse passar por aqui.

– Para ser franca, eu também não tinha muita certeza.

– Fico feliz por ter vindo — ele disse. A luz acinzentada fazia com que se lembrasse do passeio na praia perto do farol, e uma dor forte que o remoía por dentro o advertiu do quanto a amava. Embora seu primeiro impulso fosse no sentido de colocar um fim em tudo o que pudesse separá-los, a postura rígida de Lexie manteve-o a distância.

Ela fez um gesto na direção do carro. — Pelo que vejo você já arrumou tudo e está pronto para partir.

– Sim — ele falou. — Tudo arrumado.

– E terminou de filmar as luzes?

Ele hesitou, odiando aquela conversa banal. — Você realmente veio até aqui para falar do meu trabalho ou para ver se eu já tinha feito as malas?

– Não — ela disse. — Não é nada disso.

– Então, por que veio?

– Para me desculpar pela forma como o tratei ontem na biblioteca. Eu não devia ter agido do modo como agi. Não foi justo com você.

Ele esboçou um sorriso fraco. — Não se preocupe — ele disse. — Eu vou superar. Também peço desculpas.

Ela estendeu a mão com o diário. — Eu lhe trouxe isto. Eu não sabia se ia querer.

– Eu pensei que você não quisesse que eu o usasse.

– Eu não quero.

– Então por que me oferecer?

– Porque eu devia ter lhe contado sobre o que está escrito no diário e não quero que você pense que há alguém envolvido em alguma espécie de acobertamento. Posso entender por que você pode ter pensado que a cidade estava armando alguma coisa, e isto é uma oferenda de paz. Mas posso lhe garantir que não havia nenhum grande esquema...

—Eu sei — Jeremy interrompeu. — O prefeito passou por aqui agora há pouco.

Ela assentiu com a cabeça, abaixando os olhos antes de encará-lo novamente. Nesse instante, achou que ela ia dizer alguma coisa, mas o que quer que fosse, ela se conteve. — Bem, acho que é isso — ela falou, enfiando as mãos nos bolsos do casaco. — É melhor eu deixar você terminar de arrumar suas coisas para poder ir embora. Eu nunca gostei de despedidas longas.

—Então isto é uma despedida? — ele perguntou, procurando sustentar seu olhar.

Ela parecia quase triste ao jogar a cabeça de lado. — Tem de ser, não tem?

—Então, é assim. Você só passou por aqui para dizer que acabou tudo? — ele passou os dedos agitados pelo cabelo, franzindo a testa. — A minha opinião não conta nada?

Ela tinha a voz muito calma ao responder. — Nós já discutimos tudo o que devia ser discutido, Jeremy. Eu não

vim aqui para brigar, e também não vim para deixar você zangado. Vim apenas para me desculpar pela forma como o tratei ontem. E porque eu não queria que você pensasse que esta semana não significou nada para mim. Pois significou.
Suas palavras tiveram o efeito de golpes físicos, e ele precisou se esforçar para falar. — Mas você pretende acabar com tudo.
– Eu pretendo tratar a situação de maneira realista.
– E se eu dissesse que te amo.
Ela olhou para ele longamente antes de virar os olhos. — Não diga isso. Ele deu um passo em sua direção. — Mas é verdade — ele disse. — Eu te amo. Não posso evitar o que sinto.
—Jeremy... por favor...
Ele foi se aproximando dela, sentindo que estava finalmente derrubando as barreiras, sua coragem aumentando a cada passo. — Eu quero fazer isto dar certo.
—Não podemos.
—É claro que podemos — ele disse, contornando o carro. — Podemos dar um jeito.
– Não — ela disse, a voz ficando mais dura. Ela deu um passo atrás.
– Por que não?
– Porque eu vou me casar com Rodney, entendeu?
Suas palavras o deixaram paralisado. — Do que é que você está falando?
—Ontem à noite, depois do baile, ele passou em casa e nós conversamos. Conversamos durante muito tempo. Ele é honesto, trabalhador, ele me ama e está por aqui. Você não.

Ele a olhou fixamente, atônito com a notícia. — Eu não acredito em você.

Ela também o encarou, o rosto impassível. — Pode acreditar — ela falou.

Jeremy não conseguiu dizer mais uma palavra; então ela lhe entregou o diário e fez um breve aceno com a mão em sinal de despedida, depois começou a andar de costas olhando para ele, como fizera no dia em que se conheceram no cemitério.

—Adeus, Jeremy — ela disse, antes de se virar para entrar no carro.

Ainda paralisado com o choque, Jeremy ouviu o barulho do motor do carro sendo acionado, e a viu olhar por cima do ombro enquanto dava a ré para sair. Ele correu e colocou as mãos no capô, tentando pará-la. Mas quando o carro começou a ir para a frente, deixou que seu dedos escorregassem pela superfície lisa e finalmente deu um passo para trás, enquanto o carro seguia para o caminho de cascalho.

Por um instante, Jeremy pensou ter visto o reflexo de lágrimas nos olhos dela. Mas quando ela olhou para a frente, teve certeza de que nunca mais a veria.

Ele sentiu vontade de gritar, mandar que parasse. Queria dizer-lhe que ele poderia ficar, que queria ficar; que se ir embora significasse perdê-la, então não valia a pena ir para casa. Mas as palavras ficaram presas na garganta, e o automóvel se afastou lentamente, sumindo na entrada de carros.

Em meio à neblina, Jeremy continuou de pé, olhando enquanto o carro se transformava numa sombra e apenas as

luzes da traseira ainda eram visíveis. Por fim, quando desapareceu completamente, restou apenas o barulho do motor, que também se perdeu na vegetação.



Capítulo

VINTE

O resto do dia passou como se ele o estivesse assistindo com os olhos de outra pessoa. Ferido e zangado, mal se lembrava de ter seguido Alvin pela estrada até Raleigh. Mais de uma vez ele olhou pelo espelho retrovisor, vendo o asfalto negro que ia ficando para trás, observando os carros que vinham na mesma direção, esperando que um deles fosse o de Lexie. Ela havia deixado perfeitamente clara sua vontade de terminar o relacionamento; mesmo assim, ele sentia aumentar a adrenalina no sangue cada vez que via um carro parecido com o dela, e até diminuía a velocidade para ver melhor. Alvin, enquanto isso, ia aumentando a distância entre eles. Jeremy sabia que devia prestar mais atenção à estrada diante do pára-brisa; porém, passou a maior parte do tempo olhando para trás.

Depois de entregar o carro alugado, caminhou pelo terminal do aeroporto até o portão de embarque. Ao passar pelas lojas cheias de gente, desviando das pessoas que se interpunham em seu caminho, voltou a pensar no motivo que teria levado Lexie a querer desistir de tudo o que haviam vivido juntos.

No avião, seus pensamentos foram interrompidos quando Alvin se sentou ao seu lado.

– Obrigado por ter dado um jeitinho para que eu sentasse do seu lado — Alvin falou, sua voz derramando sarcasmo. Ele guardou a mala no bagageiro acima deles.

– Ah?!

– Os lugares. Eu pensei que você iria avisar para reservarem o lugar ao seu lado quando fizesse o *check-in.* Ainda bem que eu perguntei quando fui pegar meu cartão de embarque. Se não tivesse falado nada, iria sentar na última fileira.

– Desculpe — Jeremy disse. — Acho que esqueci.

– É, eu acho que sim. — Alvin se atirou no assento ao lado de Jeremy e olhou para ele. — Você quer conversar a respeito?

Jeremy hesitou. — Eu não sei se há alguma coisa sobre a qual possamos conversar.

– Foi o que você falou da outra vez. Mas, pelo que sei, pode ser bom para você. Você não tem acompanhado os programas de entrevistas ultimamente? Não ouviu falar de coisas como expressar seus sentimentos, expurgar as suas culpas, coisas do tipo "procure e poderá encontrar"?

– Talvez mais tarde — ele resmungou.

– Faça como quiser — Alvin falou. — Se não quer conversar, tudo bem. Vou aproveitar pra tirar uma soneca. — Ele se inclinou no assento e fechou os olhos.
Jeremy ficou olhando pela janela, enquanto Alvin passou praticamente toda a viagem dormindo.

Já dentro do táxi que pegara no Aeroporto de La Guardia, Jeremy foi bombardeado com o barulho e o ritmo febril da cidade: homens de negócios correndo com suas pastas, mães puxando crianças pequenas enquanto tentavam equilibrar sacolas de compras, o cheiro dos escapamentos dos carros, buzinas, sirenes de polícia. Era perfeitamente normal, o mundo no qual ele havia crescido e que conhecia bem; o que o surpreendeu é que, ao olhar pela janela do carro, tentando se adaptar à realidade da vida, ele pensou no Greenleaf e no silêncio profundo que havia encontrado ali.
No prédio onde morava, sua caixa de correspondência estava cheia de folhetos de propaganda e contas; pegou tudo e subiu as escadas. Dentro do apartamento, as coisas continuavam do jeito que deixara. Havia revistas espalhadas pelo chão da sala, seu escritório estava bagunçado como sempre, e ainda havia três garrafas de Heineken na geladeira. Depois de colocar a mala no quarto, ele abriu uma garrafa de cerveja e levou o computador e a mochila até a mesa.
Estava com todas as informações que havia reunido nos últimos dias: suas anotações e cópias de artigos, a câmera digital com as fotos que havia tirado do cemitério, o mapa e o diário. Quando começou a tirar as coisas da mochila, um

conjunto de cartões-postais caiu sobre a mesa, e levou algum tempo para que ele se lembrasse de que os havia adquirido em seu primeiro dia na cidade. O primeiro cartão era uma vista da cidade a partir do rio. Retirando o plástico, ele começou a examiná-los, um por um. Encontrou cartões que mostravam a prefeitura da cidade, uma vista enevoada de uma garça azul, em pé nos bancos de areia de Boone Creek, e barcos se reunindo em uma tarde festiva. Na metade do pacote, ele parou diante de uma imagem da biblioteca.

Ele se sentou, imóvel. Pensou em Lexie e, mais uma vez, percebeu o quanto a amava.

Mas isso tudo havia acabado, ele lembrou a si mesmo, e continuou a remexer nos cartões-postais. Viu uma fotografia do Herbs estranhamente granulada e outra da cidade como era vista de Riker's Hill. O último cartão-postal era uma foto da área central da cidade de Boone Creek, e aí ele parou de novo.

O cartão-postal, uma reprodução de uma antiga foto preto-e-branco, exibia a imagem da cidade por volta de 1950. No primeiro plano, estava o teatro, com freqüentadores muito bem vestidos esperando na fila perto da bilheteria; ao fundo, havia uma árvore de Natal decorada na pequena área verde junto à avenida principal. Nas calçadas, podiam ser vistos casais observando as janelas decoradas com luzes e guirlandas, ou caminhando de mãos dadas. Estudando a imagem, descobriu-se imaginando como seria a celebração das festas em Boone Creek cinqüenta anos atrás. No lugar de fachadas cobertas com tapumes, ele viu calçadas

ocupadas por mulheres usando estolas e homens de chapéu, com crianças apontando para um pingente feito de gelo, pendurado em um poste de luz.
Enquanto olhava, Jeremy começou a pensar no prefeito Gherkin. O cartão-postal retratava não apenas o estilo de vida de Boone Creek meio século atrás, mas também a vida que Gherkin esperava que a cidade tivesse novamente. Seria uma existencia parecida com a das pinturas de Norman Rockwell, mas com um jeitinho sulista. Ele segurou o cartão-postal na mão durante muito tempo, pensando em Lexie e imaginando mais uma vez o que iria fazer com aquela história.

A reunião com os produtores de televisão estava marcada para terça-feira à tarde. Antes, Nate foi encontrar-se com Jeremy em seu restaurante favorito, o Smith and Wollensky. Nate era a animação em pessoa, emocionado por encontrar Jeremy e aliviado por ele estar novamente na cidade, sob sua atenta vigilância. Assim que se sentou, ele começou a falar das imagens que Alvin havia feito, descrevendo-as como fantásticas, como "aquela casa mal-assombrada de *Amityville,* mas de verdade", e garantindo que os executivos da televisão iriam adorar. Na maior parte do tempo, Jeremy ficou em silêncio, ouvindo enquanto Nate tagarelava. Mas quando viu uma mulher de cabelos escuros saindo do restaurante, o comprimento do cabelo exatamente igual ao de Lexie, sentiu um nó na garganta e de repente se desculpou e disse que precisava ir ao banheiro.

Quando voltou, Nate estava analisando o *menu.* Jeremy colocou adoçante no chá gelado que havia pedido. Ele também passou os olhos pelo *menu* e disse a Nate que estava pensando em pedir o peixe-espada. Nate ergueu os olhos.

—Mas este é um restaurante especializado em grelhados — Nate protestou.

—Eu sei. Mas estou com vontade de comer alguma coisa mais leve. Nate colocou a mão instintivamente no meio de seu peito, enquanto

pensava se devia fazer a mesma coisa. Por fim, franziu a testa ao colocar o *menu* de lado. — Acho que vou pedir mesmo o bife de tira — ele disse. — Passei a manhã inteira pensando em comer um. Mas onde é que nós estávamos?

—A reunião — Jeremy lembrou, e Nate se inclinou para a frente.

—Então não tem nenhum fantasma, certo? — Nate falou. — Você disse ao telefone que tinha visto as luzes, mas tinha uma explicação muito boa para elas.

– Não, não são fantasmas — Jeremy confirmou.

– Então o que é?

Jeremy pegou suas anotações e passou os minutos seguintes contando a Nate tudo o que havia encontrado, começando com a lenda e descrevendo em detalhes todo o processo da descoberta. Até ele conseguia perceber a monotonia do seu tom de voz. Enquanto escutava, Nate acenava continuamente com a cabeça, mas quando Jeremy terminou de falar, pôde ver as rugas de preocupação se formando na testa de Nate.

– A fábrica de papel? — ele disse. — Eu estava esperando alguma espécie de teste do governo ou algo parecido. Como o teste de um novo avião militar ou coisa assim — ele fez uma pausa. — E tem certeza de que não é um trem militar? O pessoal do noticiário adora revelar qualquer coisa da área militar. Programas de armas secretas, coisas do gênero. Ou talvez você tenha ouvido alguma coisa que não consiga explicar.

– Desculpe — Jeremy falou, a voz apática. — Trata-se apenas da luz do trem que ricocheteia. Não havia rumor algum.

Ao observar Nate, Jeremy conseguia ver os pensamentos em movimento. Quando se tratava de avaliar as matérias, o instinto de Nate, Jeremy já havia compreendido há muito tempo, era muito melhor do que o de seus editores.

—Não é muita coisa — ele disse. — Você descobriu qual das versões da lenda seria a verdadeira? Talvez se pudesse fazer alguma coisa sob o ângulo da questão racial.

Jeremy balançou a cabeça. — Eu não tive condições de confirmar nem mesmo a existência de Hettie Doubilet. Tirando essas lendas, não encontrei qualquer registro a respeito dela em qualquer documento oficial. E Watts Landing acabou faz tempo.

—Olhe, eu não quero bancar o chato, mas você precisa dar uma realçada na mercadoria, se quer mesmo conseguir esse trabalho. Se você não mostrar algum entusiasmo, eles também não vão ficar muito animados. Estou certo ou estou certo? É claro que eu estou certo. Mas vamos lá, seja

honesto comigo. Você descobriu mais alguma coisa, não descobriu?
—Do que é que você está falando?
—Alvin — Nate falou. — Quando ele passou para deixar as fitas, eu lhe perguntei a respeito dessa história, só para sentir a opinião dele, e ele falou que você havia descoberto mais alguma coisa e que era interessante.
A expressão de Jeremy não se alterou. — Ele disse isso?
—Palavras dele, não minhas — Nate falou, parecendo satisfeito consigo mesmo. — Mas ele não me disse o que era. Ele falou que só você poderia contar. O que deve significar que é importante.
Olhando para Nate, ele quase conseguia sentir o diário fazendo um buraco através do tecido da mochila. Sobre a mesa, Nate brincava com seu garfo, virando-o para cima e para baixo, esperando.
— Muito bem — Jeremy começou, sabendo que seu tempo para tomar uma decisão tinha finalmente acabado.
Como ele tivesse parado de falar, Nate se inclinou para a frente. — Então?

Naquela noite, depois de terminada a reunião, Jeremy se sentou sozinho em seu apartamento, observando distraidamente o mundo lá fora. Tinha começado a nevar, e os flocos de neve formavam uma massa hipnótica, que girava sob o brilho das luzes da rua.
A reunião havia começado bem; Nate instigara os produtores de tal forma que eles ficaram paralisados com as imagens que viram. Nate havia feito o melhor que podia.

Depois disso, Jeremy lhes falou da lenda, observando seu interesse crescente enquanto falava de Hettie Doubilet, e da maneira cuidadosa com que conduzira a investigação. Ele intercalou a história de Boone Creek com os outros trabalhos investigativos envolvendo o mistério, e mais de uma vez reparou que os executivos se entreolhavam, certamente tentando imaginar como iriam encaixá-lo no programa.

Mas quando se sentou sozinho, mais tarde naquela noite, com o diário no colo, ele sabia que não iria trabalhar com eles. Sua matéria — o mistério do cemitério de Boone Creek — estava mais para um romance excitante com final fraco. A solução era muito simples, muito conveniente, e ele sentiu o desapontamento deles no momento em que se despediram. Nate havia prometido manter contato, assim como eles, mas Jeremy sabia que não haveria mais telefonema algum.

Quanto ao diário, ele não contaria a ninguém, como não tinha contado para Nate antes.

Mais tarde, fez um telefonema para o prefeito Gherkin. A proposta de Jeremy era simples: Boone Creek não iria mais prometer aos visitantes que participassem do Passeio às Casas Históricas uma chance de ver os fantasmas no cemitério. A palavra "mal-assombrado" seria retirada do folheto, assim como qualquer afirmação de que as luzes tinham qualquer relação com fenômenos sobrenaturais. Em vez disso, a história da lenda seria contada na íntegra, e os visitantes poderiam ser informados de que teriam a chance de testemunhar algo espetacular. Embora alguns turistas

pudessem achar que as luzes tinham alguma ligação com os fantasmas da lenda, os voluntários que estivessem servindo de guias no passeio deveriam ser instruídos a jamais fazer tal sugestão. Finalmente, Jeremy pediu ao prefeito que retirasse as camisetas e as canecas da loja de departamentos do centro da cidade.

Em troca, Jeremy prometeu que jamais iria falar qualquer coisa a respeito do Cemitério de Cedar Creek na televisão, em sua coluna, ou em qualquer artigo. Ele não revelaria o plano do prefeito para transformar a cidade em uma versão fantasmagórica de Roswell, no Novo México. E também não contaria a ninguém da cidade que o prefeito sabia de toda a verdade desde o começo.

O prefeito Gherkin aceitou a proposta. Depois de desligar, Jeremy telefonou para Alvin, que jurou guardar segredo.



CAPÍTULO

VINTE E UM

Nos dias seguintes à malfadada reunião com os produtores, Jeremy concentrou sua atenção na tentativa de retomar sua

rotina anterior. Ele foi conversar com seu editor da *Scientific American.* Consciente de que estava atrasado em relação ao prazo para entregar alguma matéria para a revista, e lembrando vagamente o que Nate havia sugerido, ele concordou em colocar em sua coluna um texto sobre os possíveis perigos de uma dieta baseada no baixo consumo de carboidratos. Passou horas na internet, pesquisando em inúmeros jornais, procurando por outras matérias que pudessem ser de algum interesse. Ficou desapontado ao saber que Clausen — com a ajuda de uma grande empresa da área de publicidade, em Nova Iorque — havia conseguido acalmar a tempestade causada pela participação de Jeremy no *Primetime* e ainda estava negociando seu próprio programa de televisão. A ironia da situação não escapou a Jeremy, e ele passou o resto do dia lamentando a ingenuidade dos crédulos.

Pouco a pouco, ele estava fazendo as coisas entrarem nos eixos novamente. Ou, pelo menos, pensou que estivesse. Embora ainda pensasse em Lexie com freqüência, imaginando se ela estaria muito ocupada preparando seu casamento com Rodney, fez o possível para afastar esses pensamentos de sua cabeça. Eram dolorosos demais. Em vez disso, procurou fazer um balanço da vida que havia vivido antes de conhecer Lexie. Na sexta-feira à noite, foi a uma boate. Não deu muito certo. Em vez de se enturmar e tentar atrair a atenção da mulher que estava mais próxima, ele sentou no balcão do bar e passou a maior parte da noite acariciando uma única garrafa de cerveja, saindo muito antes do que sairia normalmente. No dia seguinte, foi visitar

sua família no Queens, mas ao ver seus irmãos com as mulheres, brincando com as crianças, voltou a desejar uma coisa que para ele seria impossível.

Na segunda de manhã, quando se aproximava outra tempestade de inverno, ele se convenceu de que realmente estava tudo acabado. Ela não havia telefonado e nem ele. Às vezes, tinha a impressão de que aqueles poucos dias passados com Lexie não tinham sido outra coisa senão uma ilusão, como a que havia investigado. Não podia ter sido real, dizia a si mesmo, mas ao se sentar diante da mesa, via-se remexendo nos cartões-postais novamente, até finalmente pregar na parede o da biblioteca.

Ele pediu o almoço do restaurante chinês que ficava perto de sua casa pela terceira vez naquela semana, e então se encostou na cadeira, pensando nas escolhas que havia feito. Por um instante, imaginou se Lexie também estaria comendo naquela mesma hora, mas esse pensamento foi interrompido pelo barulho do interfone.

Ele pegou a carteira e andou até a porta. Em meio à estática do aparelho, ouviu uma voz feminina.

-— A porta está aberta. Pode subir.

Ele remexeu as notas, pegou uma de vinte, e virou a maçaneta no momento em que ouviu a batida.

—Hoje foi rápido — ele disse. — Normalmente, demora...

Sua voz ficou no ar quando abriu a porta e viu quem estava diante dele.

No silêncio, ele e sua visitante ficaram se olhando, até que Dóris abriu finalmente um sorriso.

—Surpresa!!! — ela disse.

Ele piscou. — Dóris?
Ela sacudiu a neve de seus sapatos. — Está caindo uma nevasca lá fora — ela falou —, e está tão frio que eu não tinha certeza se iria conseguir chegar até aqui. O táxi veio escorregando por todo o caminho.
Ele continuou olhando para ela, tentando entender sua visita repentina.
Ela tirou a bolsa do ombro e olhou-o nos olhos. — Você vai me deixar aqui, em pé no corredor, ou vai me convidar a entrar?
—Sim... claro. Por favor... — ele falou, indicando-lhe que entrasse.
Dóris passou por ele e colocou sua bolsa sobre a mesinha de canto que estava junto da porta. Examinou o apartamento com os olhos e tirou o casaco. — É agradável — ela disse, caminhando pela sala. — É maior do que eu imaginava. Mas essas escadas me mataram. Você realmente precisa mandar consertar o elevador.
—É... eu sei.
Ela parou junto à janela. — Mas a cidade é bonita, mesmo com a tempestade. E tão... movimentada. Posso entender porque algumas pessoas gostariam de viver aqui.
– O que você está fazendo aqui?
– Vim falar com você, é claro.
– A respeito de Lexie?
Ela não respondeu imediatamente. Em vez disso, suspirou, e então falou calmamente. — Entre outras coisas. — Ao perceber um vinco se formar na testa de Jeremy, ela sacudiu

os ombros. — Por acaso você teria um chá? Ainda estou com um pouco de frio.

—Mas...

—Temos muito o que conversar — ela disse, a voz mantendo-se firme. — Sei que você tem muitas perguntas, mas vai ser uma conversa longa. Por isso, que tal um chá?

Jeremy foi até a pequena cozinha e esquentou uma xícara de água no micro-ondas. Depois de colocar um saquinho de chá, levou a xícara para a sala, onde encontrou Dóris sentada no sofá. Ele lhe deu a xícara, e ela tomou um gole quase que imediatamente.

– Desculpe por não ter telefonado. Sei que deveria ter feito isso. Você deve estar assustado. Mas eu queria falar com você pessoalmente.

– Como você soube onde me encontrar?

– Falei com seu amigo Alvin. Ele me disse.

– Você falou com Alvin?

– Ontem — ela disse. — Ele deixou o número do telefone com Rachel, por isso telefonei para ele, e ele foi muito gentil me fornecendo seu endereço. Gostaria de ter tido a oportunidade de conhecê-lo quando esteve em Boone Creek. Ele me pareceu um perfeito cavalheiro.

Jeremy sentiu que a conversa trivial era sinal de muito nervosismo, por isso não disse nada. Sabia que ela estava apenas tentando achar as palavras para dizer o que quer que tivesse para dizer.

O interfone tocou novamente e Dóris olhou para a porta. — É meu almoço — ele disse, aborrecido com a interrupção. — Espere só um minuto, está bem?

Ele se levantou, atendeu o interfone e apertou o botão para abrir a porta; enquanto esperava, viu que Dóris passava a mão pela blusa para ficar mais arrumada. Um minuto depois, ela repetiu o gesto, e por algum motivo o fato de ela estar nervosa ajudou-o a controlar seu próprio nervosismo. Ele respirou profundamente e saiu para o corredor, encontrando o entregador no alto da escada.

Jeremy voltou e estava prestes a colocar o pacote com a comida no balcão da cozinha, quando ouviu a voz de Dóris às suas costas.

– O que você pediu?

– Carne com brócolis e arroz com carne de porco frita.

– O cheiro é bom.

O jeito como ela disse aquilo, com toda a certeza, foi o que fez com que ele sorrisse. — Que tal se eu preparasse dois pratos para nós comermos?

—Eu não quero tirar sua comida.

—Aqui tem bastante para nós dois — ele disse, alcançando dois pratos. — Além disso, não foi você quem me disse que gostava de conversar diante de uma boa refeição?

Ele dividiu a comida, depois a trouxe para a mesa; Dóris sentou-se perto dele.

Mais uma vez, ele decidiu que deveria deixá-la falar primeiro, e eles comeram em silêncio durante alguns minutos.

—Isso está delicioso — ela disse finalmente. — Eu não comi nada de manhã, e acho que não percebi o quanto estava com fome. Foi uma viagem e tanto para chegar até aqui. Tive de sair quando amanhecia e meu vôo atrasou. O tempo

segurou todos os vôos, e eu cheguei a pensar que nunca sairia de lá. Eu também estava nervosa. Foi a primeira vez na vida que andei de avião.

—Sério?

—Nunca tive motivo para isso. Lexie me pediu para vir visitá-la quando morou aqui, mas o meu marido não estava bem de saúde e nunca tive muita vontade de fazer isso. E aí ela voltou. Ela estava um trapo. Eu sei que você deve achar que ela é forte e durona, mas isso é exatamente o que ela quer que as pessoas pensem. No fundo, ela é como todo mundo, e ficou muito abalada com o que aconteceu com Avery. — Dóris hesitou. — Ela lhe falou a respeito dele, não falou?

—Sim.

—Ela sofreu em silêncio, manteve a fachada de forte, mas eu sei o quanto ficou abalada. Não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Ela se manteve ocupada para esconder, andando de um lado para outro, conversando com todo mundo e tentando garantir que tivessem a impressão de que ela estava bem. Você não imagina o quanto eu me senti impotente.

– Por que está me contando isso?

– Porque ela está fazendo a mesma coisa agora.

Jeremy mexeu na comida com o garfo. — Não fui eu quem terminou tudo, Dóris.

– Eu sei disso também.

– Então por que conversar comigo?

– Lexie não me ouve.

Apesar da tensão, Jeremy riu. — Acho que isso significa que você me acha um galinha morta.
– Não — ela disse. — Mas o que espero é que você não seja tão teimoso quanto ela.
– Mesmo que eu estivesse disposto a tentar de novo, ainda depende dela.
Dóris o olhou atentamente. — Você realmente acredita nisso?
—Eu tentei falar com ela. Eu disse que queria encontrar um modo de fazer nosso relacionamento dar certo.
Em vez de responder a esse comentário, Dóris perguntou: — Você já foi casado, não foi?
—Muito tempo atrás. Lexie lhe contou isso?
—Não — ela disse. — Eu sei disso desde a primeira vez que conversamos.
—Habilidades mediúnicas de novo.
—Não, não é nada disso. Tem mais a ver com a maneira como você interage com as mulheres. Você demonstra um tipo de confiança que muitas mulheres acham atraente. Ao mesmo tempo, tive a sensação de que você entende o que as mulheres querem, mas por algum motivo você não quer se entregar completamente.
—E o que é que isso tem a ver com a nossa conversa?
—As mulheres gostam do conto de fadas. Nem todas as mulheres, é claro, mas a maioria das mulheres cresce sonhando com o tipo de homem que arriscaria tudo por elas, mesmo sabendo que poderia se machucar. — Ela fez uma pausa. — Coisas como a que você fez quando foi atrás

de Lexie na praia. Foi por isso que ela se apaixonou por você.

– Ela não está apaixonada por mim.

– Sim, ela está.

Jeremy abriu a boca para negar, mas não conseguiu. Em vez disso, sacudiu a cabeça. — Isso não importa mais, de qualquer forma. Ela vai casar com Rodney.

Dóris o encarou. — Não, não vai. Mas antes que pense que esse foi o jeito que ela encontrou para afastá-lo, precisa saber que ela só disse isso porque achou que assim não ficaria rolando na cama acordada todas as noites, pensando por que você nunca voltou para ela, caso realmente tivesse ido embora. — Ela parou de novo, deixando que ele assimilasse aquilo. — Além disso, você não acreditou mesmo nessa história, acreditou?

A maneira de Dóris falar lembrou-o de qual tinha sido sua primeira reação, quando Lexie lhe falara pela primeira vez a respeito de Rodney. Não, ele compreendeu subitamente, ele não havia acreditado.

Dóris esticou o braço por cima da mesa e pegou sua mão.

—Você é um bom homem, Jeremy. E merecia saber a verdade, foi por isso que vim até aqui.

Ela se levantou. — Preciso pegar o avião. Se não voltar esta noite, Lexie vai saber que aconteceu alguma coisa. Eu prefiro que ela não saiba que eu vim até aqui.

– É uma viagem e tanto. Você podia simplesmente ter telefonado.

– Eu sei. Mas precisava ver seu rosto.

– Por quê?

—Queria saber se você também estava apaixonado por ela. — Ela deu um tapinha com a mão no ombro dele antes de voltar para a sala de estar, onde pegou sua bolsa.

– Dóris? —Jeremy chamou.

Ela se virou. — Sim?

– Você encontrou a resposta que esperava encontrar?

Ela sorriu. — A verdadeira questão é se você encontrou.



Capítulo

VINTE E DOIS

Jeremy ficou andando pela sala. Precisava pensar, avaliar suas opções, para saber o que fazer.

Passou a mão pelo cabelo antes de sacudir a cabeça. Não havia tempo para a indecisão. Não agora, sabendo o que sabia. Precisava voltar. Pegar o primeiro avião e ir ao encontro dela novamente. Falar com ela, tentar convencê-la de que nunca havia dito algo tão sério em toda a sua vida, como quando disse que a amava. Dizer-lhe que não conseguia imaginar a vida sem ela. Dizer-lhe que faria o que fosse preciso para que eles pudessem ficar juntos.

Antes mesmo que Dóris tivesse feito sinal para um táxi ao chegar na rua, ele estava pegando no telefone e ligando para a companhia aérea.

Foi deixado na espera durante o que pareceu uma eternidade, ficando mais irritado a cada minuto que passava, até finalmente conseguir falar com um atendente.

O último vôo para Raleigh iria partir em uma hora e meia. Mesmo com tempo bom, só a viagem de táxi tomaria pelo menos meia hora desse tempo, mas ou pegava esse vôo ou teria de esperar até o dia seguinte.

Ele tinha de andar depressa. Pegando uma mochila no *closet,* colocou duas calças *jeans,* algumas camisetas, meias e cuecas. Vestiu sua jaqueta e enfiou o celular no bolso. Pegou o carregador que estava em cima da mesa. Laptop? Não, não iria precisar dele. Que mais?

Ah, sim. Correu para o banheiro e conferiu se a *nécessaire* tinha tudo o que precisava. Lembrou do barbeador e da escova de dentes. Apagou as luzes, desligou o computador e pegou sua carteira. Deu uma examinada e verificou que tinha dinheiro suficiente para chegar até o aeroporto — era o que bastava, por enquanto. Com o canto do olho, viu o

diário de Owen Gherkin meio escondido embaixo de uma pilha de papéis. Enfiou o diário e a *nécessaire* na mochila, tentou pensar se precisava de mais alguma coisa, mas desistiu. Não tinha tempo para isso. Pegou as chaves na mesa de canto perto da porta, deu uma última olhada em volta, então trancou a porta e desceu as escadas.

Fez sinal para um táxi, disse ao motorista que estava com pressa, e sentou no banco de trás, suspirando profundamente, esperando que acontecesse o melhor. Dóris estava certa: por causa da neve, o trânsito estava péssimo, e quando pararam sobre a ponte que cruza o East River, ele praguejou baixinho. Para facilitar a passagem pela segurança do aeroporto, tirou o cinto e guardou-o na mochila, junto com suas chaves. O motorista olhou-o pelo espelho retrovisor. Sua expressão era de tédio, e embora dirigisse com rapidez, não demonstrava qualquer noção de urgência. Jeremy mordeu a língua, sabia que não adiantava nada irritá-lo.

Os minutos passavam. A neve, que havia parado temporariamente, voltou a cair, diminuindo ainda mais a visibilidade. Quarenta e cinco minutos para o vôo.

O trânsito piorou de novo, e Jeremy soltou outro suspiro enquanto olhava para o relógio novamente. Trinta minutos para o vôo. Dez minutos depois, chegaram na saída que levava para o aeroporto e seguiram até o terminal.

Finalmente.

No instante em que o táxi parou, ele abriu a porta e atirou duas notas de vinte para o motorista. No interior do terminal, parou por apenas um segundo diante do painel

que indicava as partidas, para descobrir o número do portão de embarque. Pegou uma fila misericordiosamente pequena para obter seu cartão eletrônico, e então se dirigiu à área de segurança. Sentiu o coração desfalecer quando viu o tamanho das filas, mas achou uma brecha quando abriram uma nova. As pessoas que estavam esperando começaram a mudar para a fila nova; na corrida, Jeremy passou por três delas.

O avião iria fechar as portas em menos de dez minutos, e depois de passar pela segurança, Jeremy começou a andar mais depressa, e depois correu. Abrindo caminho entre as pessoas, pegou a carteira de motorista e foi com ela na mão contando os portões.

Respirava com dificuldade quando chegou no portão de embarque e sentiu que estava começando a transpirar.

—Consegui? — ele perguntou, ofegante.

—Somente porque tivemos um pequeno atraso — disse a mulher do balcão, digitando no teclado do computador. A atendente que estava perto da porta olhou para ele.

Depois de pegar seu cartão, a atendente fechou a porta assim que Jeremy começou a descer a rampa. Ele ainda estava tentando recuperar o fôlego quando entrou no avião.

—Estaremos deixando o portão daqui a pouco. O senhor é o último, por isso pode escolher qualquer lugar — disse a comissária de bordo, ao abrir passagem para ele.

—Obrigado.

Ele seguiu pelo corredor, atônito por ter conseguido, e notou um assento vazio perto de uma janela no meio do

corredor. Estava guardando sua mochila no maleiro quando avistou Dóris, três fileiras atrás dele.
Devolvendo-lhe o olhar, ela não disse nada; apenas sorriu.

O avião aterrissou em *Raleigh* às três e meia, e Jeremy caminhou ao lado de Dóris pelo terminal. Perto da saída, ele fez um sinal por cima do ombro.
—Preciso alugar um carro — ele falou.
—Terei o maior prazer em levá-lo — ela disse. — Estou indo para aqueles lados.
Quando viu sua hesitação, ela sorriu. — E vou deixar que vá dirigindo — ela disse.
Ele foi o tempo todo acima de oitenta, e com isso conseguiu reduzir quarenta e cinco minutos da viagem de três horas; estava anoitecendo quando chegaram nos arredores da cidade. Com lembranças aleatórias de Lexie flutuando em sua mente, ele não havia percebido a passagem do tempo, e também não lembraria muita coisa do percurso. Ele tentou pensar no que queria dizer e também imaginar o que ela poderia responder, mas percebeu que não tinha idéia do que poderia acontecer. Não importava. Mesmo que estivesse voando só por voar, não conseguia imaginar-se fazendo qualquer outra coisa.
As ruas de Boone Creek estavam tranqüilas quando eles chegaram no centro da cidade. Dóris virou-se para ele.
—Você se importa de me deixar em casa?
Ele a olhou de relance, percebendo que mal haviam se falado desde que haviam deixado o aeroporto. Com a mente fixa em Lexie, ele nem havia percebido.

—Você não vai precisar do carro?
—Não até amanhã de manhã. Além disso, está muito frio pra ficar andando a pé esta noite.
Seguindo as instruções de Dóris, Jeremy chegou na casa dela e parou o carro. Diante da pequena casa pintada de branco, reparou no jornal jogado na porta. A lua crescente aparecia bem acima da linha do telhado, e, sob a pouca claridade, ele deu com sua imagem no espelho retrovisor. Sabendo que dali a poucos minutos iria encontrar-se com Lexie, passou a mão pelos cabelos.
Dóris percebeu seu gesto de nervosismo e deu-lhe um tapinha na perna. — Vai dar tudo certo — ela disse. — Confie em mim.
Jeremy forçou um sorriso, tentando ocultar suas dúvidas. — Algum conselho de última hora?
—Não — ela falou, mexendo a cabeça. — Além disso, você já se apossou do que eu tinha para dar. Você está aqui, não está?
Jeremy assentiu com a cabeça, e Dóris se inclinou no banco para dar-lhe um beijo no rosto.
—Seja bem-vindo ao lar — ela sussurrou.

Jeremy manobrou o carro, cantando os pneus quando largou em direção à biblioteca. Lexie havia dito que a biblioteca ficava aberta para as pessoas que apareciam depois do trabalho, não havia? Em uma de suas conversas? Sim, ele pensou, tinha certeza que sim, só não conseguia se lembrar quando. Tinha sido no dia em que se conheceram? No dia seguinte? Ele suspirou, reconhecendo que a

necessidade compulsiva de relembrar a história deles era apenas uma tentativa para acalmar os nervos. Deveria ter vindo? Ela ficaria feliz em vê-lo? Toda a sua confiança ia evaporando à medida que se aproximava da biblioteca.

O centro da cidade surgiu nitidamente à sua frente, contrastando com as imagens indistintas, nebulosas, de que se lembrava. Ele passou pelo Lukilu e viu meia dúzia de carros estacionados na frente, viu também outro grupo de carros perto da pizzaria. Um grupo de adolescentes matava o tempo na esquina, e se a princípio achou que estivessem fumando, logo percebeu que era apenas o ar quente da respiração em contato com o ar frio.

Ele virou de novo; do outro lado do cruzamento, viu as luzes da biblioteca brilhando nos dois andares. Estacionou o carro e saiu para o frio da noite. Respirando profundamente, caminhou a passos largos até a porta da frente e a abriu.

Não havia ninguém na recepção, então ele olhou pelas portas de vidro que davam para o interior da área que ficava no térreo. Nenhum sinal de Lexie entre os freqüentadores. Ele passou novamente os olhos pela sala para ter certeza.

Imaginando que Lexie estivesse em seu escritório ou na sala principal, ele correu pelo corredor e subiu as escadas, olhando de novo ao redor, antes de se dirigir para o escritório. De longe, percebeu que a porta estava fechada, sem nenhuma luz saindo pela fresta de baixo. Ele foi conferir, mas a porta estava trancada, então procurou nos outros corredores enquanto seguia na direção da sala de livros raros.

Trancada.
Ele andou em ziguezague pelo salão principal, caminhando apressadamente, ignorando os olhares das pessoas que sem dúvida o estavam reconhecendo, e depois desceu as escadas correndo. Ao dirigir-se para a porta da frente, percebeu que deveria ter verificado se o carro de Lexie estava por ali, e então ficou pensando por que não estaria.
Nervosismo, respondeu uma voz dentro de sua cabeça.
Não importava. Se ela não estava ali, provavelmente estava em casa.
Uma das voluntárias mais velhas apareceu carregando uma porção de livros, e seus olhos brilharam quando o viram aproximar-se.
—Sr. Marsh! — ela falou alto com a voz melodiosa. — Eu não esperava vê-lo novamente! O que está fazendo por aqui?
—Estou procurando por Lexie.
—Ela saiu há mais ou menos uma hora. Acho que estava indo para a casa de Dóris, para ver se estava tudo bem. Sei que ela já havia telefonado, mas Dóris não estava atendendo.
Jeremy manteve sua expressão inalterada. — É mesmo?
– E Dóris não estava no Herbs, pelo que sei. Tentei dizer a Lexie que Dóris podia ter saído para dar uma volta, mas você sabe como Lexie fica preocupada. Parece uma mãezona. Às vezes Dóris fica maluca, mas sabe que esse é seu jeito de mostrar que se importa. — Ela fez uma pausa, percebendo, subitamente, que Jeremy não havia dado

qualquer explicação para o fato de ter reaparecido. Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Jeremy falou.
— Escute, eu adoraria ficar e conversar um pouco, mas eu realmente preciso falar com Lexie.
— Sobre aquela história de novo? Talvez eu possa ajudar. Tenho a chave da sala de livros raros, se precisar.
— Não, não é preciso. Mas, obrigado.
Ele já havia passado por ela quando ouviu sua voz pelas costas.
— Se ela voltar, quer que eu lhe diga que esteve aqui?
— Não — ele falou por cima do ombro. — É uma surpresa.
Ele tremeu quando saiu de novo no frio e correu para o carro. Pegou a estrada principal, fez a curva no sentido dos arredores da cidade, e observou o céu que estava ainda mais escuro. Por cima das árvores, podia ver as estrelas, milhares delas. Milhões. Por um instante, imaginou como seria vê-las do alto de Riker's Hill.
Ele entrou na rua de Lexie, viu a casa, e sentiu um vazio ao perceber que não havia luzes acesas no interior ou na entrada de carro. Relutando em acreditar no que viam seus olhos, passou pela casa lentamente, esperando estar enganado.
Se não estava na biblioteca, se não estava em casa, onde estaria?
Será que tinha passado por ele quando estava indo para a casa de Dóris? Ele tentou pensar. Teria passado por alguém? Não que lembrasse, mas realmente não tinha prestado atenção. Estava certo, porém, de que teria reconhecido seu carro, de qualquer forma.

Decidiu voltar até a casa de Dóris só para ter certeza, e — cruzando a cidade em alta velocidade enquanto procurava o carro dela — chegou à casinha branca.
Precisou apenas de uma olhada rápida para ver que Dóris já tinha ido para a cama.
Mesmo assim, parou diante da casa, tentando imaginar para onde Lexie poderia ter ido. A cidade não era tão grande e as opções eram poucas. Ele pensou imediatamente no Herbs, mas se lembrou de que não ficava aberto à noite. Não tinha visto seu carro no Lukilu — ou em qualquer outro lugar da cidade. Calculou que ela talvez estivesse fazendo alguma coisa rotineira: compras na mercearia, devolvendo uma fita de vídeo ou pegando a roupa na lavanderia... ou... ou...
E então ele compreendeu onde é que ela estava.

Jeremy agarrou o volante, procurando fortalecer-se para o final de sua jornada. Sentia um aperto no peito e podia perceber que sua respiração estava acelerada, igual ao que havia sentido naquela tarde, quando ocupara seu lugar no avião. Era difícil acreditar que havia começado o dia em Nova Iorque pensando que nunca mais iria ver Lexie de novo, e agora ali estava ele em Boone Creek, preparando-se para fazer o que ele achava que fosse impossível. Ele dirigiu pelas estradas escuras, ainda nervoso em relação à reação de Lexie quando o visse.
O luar tingia o cemitério com uma cor quase azulada, e as lápides pareciam brilhar como se estivessem sendo iluminadas por uma luz fraca que vinha do interior. A cerca de ferro batido dava um toque fantasmagórico ao cenário

etéreo. Quando Jeremy se aproximou da entrada do cemitério, viu o carro de Lexie parado perto do portão.

Estacionou atrás dele. Desceu do carro de Dóris ouvindo o barulho do motor desaquecendo. Folhas secas faziam barulho sob seus pés e ele respirou profundamente. Colocou a palma da mão sobre o capô do carro de Lexie e sentiu o calor irradiando através de sua mão. Ela havia chegado há pouco tempo.

Ele atravessou o portão e viu a magnólia, suas folhas pretas e brilhantes, como se tivessem sido mergulhadas em óleo. Pulou um galho e se lembrou da dificuldade que teve para andar pelo cemitério naquela noite nebulosa com Lexie, quando ele não conseguia enxergar absolutamente nada. Quando já estava no meio do cemitério, ouviu o barulho de uma coruja, escondida no meio das árvores.

Saiu do caminho principal e contornou uma cripta caindo aos pedaços, caminhando lentamente para fazer o mínimo de barulho, acompanhando a ligeira inclinação. Acima dele, a lua brilhava no céu como se estivesse pregada em veludo escuro. Ele pensou ter escutado um murmúrio; e quando parou para ouvir, sentiu uma injeção de adrenalina acelerar o batimento cardíaco. Ele tinha vindo para encontrá-la, para encontrar a si mesmo, e seu corpo o estava preparando para o que viria em seguida. Ele subiu pela pequena colina, sabendo que os pais de Lexie estavam enterrados do outro lado.

Já não era sem tempo. Iria ver Lexie num minuto e ela o veria. Iriam acertar tudo de uma vez por todas, exatamente ali onde tudo havia começado.

Lexie estava no lugar em que ele havia imaginado que estaria, banhada por uma luz prateada. Seu rosto tinha uma expressão aberta, quase melancólica, e seus olhos eram de uma luminosa cor violeta. Estava preparada para enfrentar o frio — um cachecol em volta do pescoço, luvas pretas que faziam suas mãos parecerem apenas sombras.

Falava com suavidade, mas ele não conseguia entender suas palavras. Enquanto estava ali observando, ela parou de repente e ergueu o olhar. Por um momento que pareceu interminável, seus olhares se encontraram.

Lexie parecia congelada, enquanto sustentava seu olhar. Finalmente, desviou os olhos. Ela voltou a olhar para os túmulos, e Jeremy percebeu que não tinha idéia do que ela poderia estar pensando. Subitamente, ele sentiu que tinha sido um erro vir até ali. Ela não o queria ali, ela não o queria de modo algum. Sentiu um aperto na garganta, e estava prestes a se virar quando percebeu que Lexie tinha um leve sorriso no rosto.

—Você sabe que não devia encarar as pessoas desse jeito — ela disse. — As mulheres gostam dos homens que sabem ser sutis.

O alívio tomou conta de seu corpo, e ele sorriu ao dar um passo para a frente. Quando chegou perto o bastante para tocá-la, estendeu o braço e colocou a mão em suas costas. Ela não se afastou; em vez disso, encostou-se nele. Dóris estava certa.

Ele estava em casa.

—Não — ele sussurrou em seu cabelo —, as mulheres gostam de homens que as sigam até o fim do mundo, ou até Boone Creek, se for preciso.

Puxando-a mais para perto, ele levantou seu rosto e a beijou, sabendo que nunca mais a deixaria.



Epílogo

Jeremy e Lexie estavam sentados, abraçados debaixo de uma coberta, olhando para a cidade, abaixo de onde estavam. Era uma quinta-feira à noite, três dias depois do retorno de Jeremy a Boone Creek. No meio das bruxuleantes luzes brancas e amarelas da cidade, intercaladas ocasionalmente por verdes e vermelhas, Jeremy podia ver a fumaça saindo das chaminés. A água do rio corria preta como se fosse carvão líquido, espelhando o céu. Além dele, as luzes da fábrica de papel se espalhavam em todas as direções, iluminando a ponte sobre a ferrovia.

Nos últimos dias, Lexie e ele haviam passado muito tempo conversando. Ela se desculpou por ter mentido a respeito de Rodney e confessou que sair dirigindo enquanto Jeremy

ficava parado na entrada de cascalho do Greenleaf tinha sido uma das coisas mais difíceis que ela já havia feito. Ela revelou o mistério da semana em que estiveram separados, sentimento bem compreendido por Jeremy. De sua parte, ele contou que Nate não havia ficado muito animado com sua mudança, mas seu editor da *Scientific American* estava disposto a permitir que ele enviasse seus trabalhos de Boone Creek, desde que aparecesse em Nova Iorque regularmente.

Entretanto, Jeremy não contou que Dóris tinha ido visitá-lo em Nova Iorque; em sua segunda noite na cidade, Lexie o havia levado para jantar na casa de Dóris, e esta o tinha puxado para o lado e lhe pedira para não contar nada.

—Eu não quero que Lexie fique pensando que eu me intrometi na vida dela — Dóris disse, os olhos brilhando. — Acredite ou não, ela acha que eu sou invasiva.

Às vezes, achava difícil de acreditar que realmente estava ali com ela; por outro lado, era ainda mais difícil acreditar que algum dia ele tivesse partido. Estar com Lexie parecia a coisa mais natural do mundo, como se ela fosse o lar que ele estivera procurando. Embora Lexie parecesse sentir a mesma coisa, ela não deixou que ele ficasse em sua casa. — Eu não gostaria de dar a essas pessoas motivo para qualquer fofoca. — Mas ele até que se sentia razoavelmente confortável no Greenleaf, mesmo que Jed ainda não tivesse dado um sorriso sequer.

– Então você acha que é sério entre Rodney e Rachel? — Jeremy perguntou.

– Parece que sim — Lexie falou. — Eles têm passado muito tempo juntos ultimamente. Ela parece iluminada

cada vez que ele aparece no Herbs, e sou capaz de jurar que ele fica ruborizado. Acho que vão ser realmente bons um para o outro.

—Eu ainda não acredito que você me disse que iria se casar com ele. Ela encostou seu ombro no dele. — Eu não quero voltar a falar disso.

Já pedi desculpas. E gostaria que não ficasse me lembrando disso para o resto da vida; muito obrigada.

—Mas é uma história tão boa.

—Você acha isso porque fica parecendo que você é o cara legal e eu sou a má da história.

—Eu fui um cara legal.

Ela o beijou no rosto. — E, você foi.

Ele a puxou para perto, observando uma estrela cadente que cruzava o céu. Ficaram em silêncio durante algum tempo.

– Você vai estar muito ocupada amanhã? — ele perguntou.

– Depende — ela respondeu. — O que você está planejando?

—Telefonei para a sra. Reynolds, e vou dar uma olhada em algumas casas. Gostaria que você viesse junto. Num lugar como este, não gostaria de ficar no meio da vizinhança errada.

Ela o abraçou mais forte. — Eu adoraria ir junto.

– E eu também gostaria de levar você para Nova Iorque. Algum dia nas próximas semanas. Minha mãe está insistindo que precisa conhecer você.

– Eu também gostaria de conhecê-la. Além disso, sempre gostei daquela cidade. Algumas das melhores pessoas que conheci são de lá. — Jeremy olhou para cima. Pequenos

flocos de nuvens passavam flutuando diante da lua, e, no horizonte, ele pôde ver que uma tempestade se aproximava. Dentro de poucas horas certamente iria cair uma chuva, mas aí Lexie e ele já estariam bebericando vinho na sala de estar, escutando as gotas da chuva batendo no telhado.

Nesse momento, ela se virou para ele. — Obrigada por ter voltado. Por se mudar para cá... por tudo.

– Eu não tive escolha. O amor faz coisas engraçadas com as pessoas. Ela sorriu. — Eu também te amo, sabe?

– Sim, eu sei.

– O quê? Você não vai dizer?

– Tenho mesmo?

—Pode apostar que sim. E também use o tom certo. Tem de dizer como se estivesse sentindo.

Ele sorriu, pensando se ela iria dirigir o seu "tom" para sempre. — Eu te amo, Lexie.

O apito de um trem soou ao longe, e Jeremy viu um pontinho de luz na paisagem escura. Se aquela fosse uma noite com neblina, as luzes logo estariam aparecendo no cemitério. Lexie parecia ter acompanhado seus pensamentos.

—Então me diga, sr. Jornalista Científico, ainda duvida da existência de milagres?

—Eu já lhe disse. Você é meu milagre.

Ela encostou a cabeça em seu ombro por um minuto, antes de procurar sua mão. — Estou falando de milagres de verdade. Quando acontece uma coisa que você jamais acreditou que fosse possível.

—Não — ele disse. — Acho que existe sempre uma explicação para quem realmente procurar bastante.
—Mesmo que um milagre estivesse para acontecer conosco?
Sua voz era tranqüila, quase um sussurro, e ele olhou para ela. Podia ver o reflexo das luzes da cidade brilhando em seus olhos.
—Do que é que você está falando?
Ela respirou profundamente. — Dóris me confidenciou uma notícia hoje de manhã.
Jeremy examinou seu rosto, incapaz de entender o que ela estava dizendo, mesmo quando sua expressão mudou de hesitante para animada e, depois, para esperançosa. Ela continuava olhando para ele, esperando que ele dissesse algo, e sua mente ainda se recusava a registrar o que ela havia dito.
Havia a ciência e havia o inexplicável, e Jeremy passara a vida tentando conciliar os dois. Ele lidava com a realidade, zombava da magia e sentia pena dos crédulos. Mas ao olhar para Lexie, tentando entender o que ela estava dizendo, percebeu que sua velha sensação de certeza se desfazia.
Não, ele não conseguia explicar e, no futuro, jamais conseguiria. Desafiava as leis da biologia, derrubava as certezas sobre o homem que acreditava ser. Era simplesmente impossível, mas quando ela pegou sua mão e a colocou suavemente sobre sua barriga, ele acreditou, com certeza súbita e eufórica, nas palavras que jamais pensou que pudesse ouvir algum dia.
— Aqui está o nosso milagre — ela sussurrou. — É uma menina.